



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOSÉ DA SILVA OLIVEIRA NETO

**RELAÇÕES ENTRE COLONIALIDADE E HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UM
ESTUDO COM JOVENS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS**

FORTALEZA

2022

JOSÉ DA SILVA OLIVEIRA NETO

RELAÇÕES ENTRE COLONIALIDADE E HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UM
ESTUDO COM JOVENS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social. Vulnerabilidades sociais e processos psicossociais.

Orientador: Prof. Dr. James Ferreira Moura Júnior.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

-
- O47r Oliveira Neto, José da Silva.
Relações entre colonialidade e homofobia internalizada : um estudo com jovens universitários brasileiros / José da Silva Oliveira Neto. – 2022.
2003. f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. James Ferreira Moura Jr.

1. Colonialidade. 2. Homofobia internalizada. 3. Juventude. 4. Universidade. I. Título.

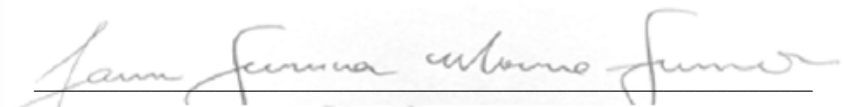
JOSÉ DA SILVA OLIVEIRA NETO

RELAÇÕES ENTRE COLONIALIDADE E HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UM
ESTUDO COM JOVENS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social. Vulnerabilidades sociais e processos psicossociais.

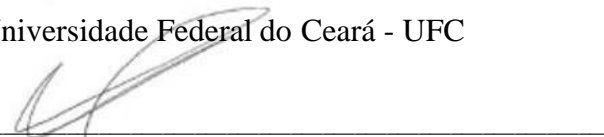
Aprovada em: 03 de março de 2022.

BANCA EXAMINADORA



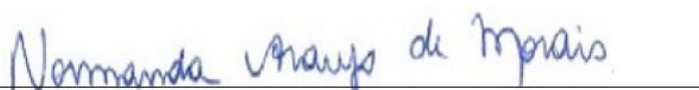
Prof. Dr. James Ferreira Moura Júnior (Orientador)

Universidade Federal do Ceará - UFC



Prof. Dr. Angelo Brandelii Costa

Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS



Prof. Dr^a. Normanda Araujo De Moraes

Universidade de Fortaleza - UNIFOR

“Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome a glória, por amor da tua benignidade e da tua verdade.”

(Salmos 115:1)

AGRADECIMENTOS

A Deus (ou à Deusa), com quem me conecto de forma tão pessoal e particular. A Ela (ou a Ele), com quem pude ressignificar minha relação com a espiritualidade e a fé para além dos ditames dos limites impostos pelo colonialismo histórico e por sua herança, a colonialidade.

À minha mãe, que, em memória, reina em mim. A essa pessoa que, em meio ao processo de construção do mestrado, precisei deixar ir. A ela que tanto se implicou em me amar, me defender e guiar por um caminho que me permitisse romper com os destinos “já traçados” para um jovem gay, negro e periférico. Muito obrigado!

À periferia onde cresci, a Comunidade Rosalina. Muito obrigado por ter sido um espaço de afetos e desafetos, de encontros e desencontros. Em você, eu vivenci em meu corpo as primeiras marcas da violência racial e de gênero, as quais ora se manifestavam na violência policial, ora na impossibilidade e na não aceitação da existência de um corpo masculino fora dos padrões da cisheteronormatividade. Muito obrigado, pois você me apontou a urgência e a necessidade das palavras que se esboçaram aqui.

Às igrejas e comunidades por que eu passei. Algumas me ensinaram que minha sexualidade e minha expressão de gênero estavam erradas, o que me conectou com minha primeira experiência e compreensão do que, mais tarde, eu viria a entender como homofobia internalizada. Muito obrigado, pois vocês acabaram por se tornar um dos motivos da minha resistência, seja como psicólogo, pesquisador, professor ou drag queen. Mais uma vez, muito obrigado!

Ao meu esposo, Marcos Bruno. Você é esperança e alento em meio a dias tão sombrios e tão áridos. Gratidão por toda sua ternura e, à semelhança da minha mãe, que reina em memória, ter enxergado potência e luz onde eu não enxerguei, tendo em vista os múltiplos rebatimentos e ecos da homofobia internalizada em mim.

Aos meus queridos amigos e companheiros do Núcleo de Psicologia Histórico-Cultural do Ceará (NPHC) pelas conversas, trocas e afetos. Ter vocês ao longo da pandemia da Covid-19 foi como estar preso debaixo d'água e, de repente, recobrar a respiração. Gratidão em especial às minhas queridas amigas Aline Melo e Ana Ignez.

Gratidão às minhas queridas amigas (e pastoras) Diana Moreira e Selly Fiúza, vocês têm acompanhado meu crescimento pessoal, profissional e espiritual com muita atenção. É muito

bom saber que há pessoas que se importam e que estão aqui para celebrar cada vitória e conquista comigo! Vocês colorem meu dia a dia com risadas, conselhos e companhia.

À Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências (ReaPODERE), um grupo de jovens pesquisadores e pesquisadoras tão potente que nem sequer consigo expressar em tão poucas palavras. Muito obrigado pelas contribuições e tensionamentos sempre precisos e necessários. Gratidão pelo acolhimento e pela força que nosfazem olhar para além das nuvens tempestuosas, exerngando o sol que está por vir. Muito obrigado!

Ao meu querido e potente orientador, James Moura Ferreira Junior, que, antes de tudo, acreditou no potencial da pesquisa que viria a se tornar este estudo de mestrado. Gratidão por ter topado caminhar comigo esse caminho de tantos desafios, aprendizados e percalços. Como é bom olhar pra você e enxergar, na sua forma de ser e de atuar, esperança para a produção de uma ciência não cisheteronormativa, o que é característico do produtivismo científico e da modernidade-colonialidade. Muito obrigado pelas eternas e contínuas lições, além do afeto dispensado em momentos tão difíceis, como a perda da minha mãe.

Às vozes subalternizadas pelo agulhão da colonialidade. Vocês me inspiram em suas feridas e em seus machucados, os quais são expressão da resistência para ser, para saber e para poder. Obrigado pelos aprendizados transmitidos pela oralidade que, na perspectiva da metrópole, não têm valor algum. Obrigado pela ancestralidade e pelos caminhos, ainda no passado, abertos. Obrigado, muito obrigado pelo anonimato de cada um e cada uma de vocês!

A mim mesmo, que, em meio a tantos sentimentos contraditórios e doloridos, cheguei até aqui, podendo ainda ir além. Gratidão por ter aprendido a perceber o quão incrível, promissor e forte sou. Gratidão por não me calar frente aos impactos da homofobia internalizada e do racismo, conseguindo criar vida a partir do que deveria ser apenas morte e dor. Muito obrigado pela coragem, determinação e empenho com que encaro a vida, em seus prazeres, obstáculos e desafios. Muito obrigado!

Ad infinitum.

Old pirates, yes, they rob I
Sold I to the merchant ships
Minutes after they took I
From the bottomless pit

But my hand was made strong
By the hand of the Almighty
We forward in this generation
Triumphantly

Won't you help to sing
These songs of freedom?
'Cause all I ever have
Redemption songs
Redemption songs

Emancipate yourselves from mental slavery
None but ourselves can free our minds
Have no fear for atomic energy
'Cause none of them can stop the time
How long shall they kill our prophets
While we stand aside and look?
Ooh Some say it's just a part of it
We've got to fulfill the book

Won't you help to sing
These songs of freedom?
'Cause all I ever have
Redemption songs
Redemption songs
Redemption songs

How long shall they kill our prophets
While we stand aside and look?
Yes, some say it's just a part of it
We've got to fulfill the book

Won't you help to sing
These songs of freedom?
'Cause all I ever had
Redemption songs
All I ever had
Redemption songs
These songs of freedom
Songs of freedom

(Redemption Song – Bob Marley)

RESUMO

A modernidade impôs diversos desafios à maneira como os seres humanos se relacionam, inaugurando novas formas de cada ser humano se relacionar consigo e com a realidade na qual está inserido. A colonialidade de gênero é um dos agulhões que compõem o funcionamento da modernidade, garantindo que as relações sociais coloniais se mantenham intactas. Nesse cenário, a homofobia é um mecanismo de ação da colonialidade de gênero, atuando na promoção de homofobia internalizada em e por cada pessoa que é exposta ao contexto homofóbico. A universidade é um espaço fundamental para a construção de alternativas frente aos rebatimentos da homofobia, pois ela é responsável pela formação de base dos profissionais e líderes da sociedade, entretanto a universidade também é capturada pela lógica moderno-colonial, havendo a necessidade de que pesquisas entendam os efeitos da colonialidade e da homofobia na produção de homofobia internalizada entre jovens estudantes. Pensando nessas inquietações, chegamos à pergunta de partida deste estudo: “Como a homofobia internalizada afeta o comportamento de jovens universitários brasileiros em relação a gays e lésbicas?”, a qual foi operacionalizada através dos seguintes objetivos: geral: a) analisar as relações entre homofobia internalizada e colonialidade; específicos: a) descrever as manifestações da homofobia internalizada no Brasil colônia; b) compreender as narrativas de jovens universitários sobre as suas vivências promotoras de homofobia internalizada a partir da colonialidade; e c) identificar os impactos da colonialidade na homofobia internalizada através de elementos autoetnográficos. Tomou-se como base teórico-analítica desta dissertação: a) os Estudos Decolônias; b) a Psicologia Histórico-Cultural e c) a literatura de base sobre homofobia internalizada em jovens universitários. Os estudos que compuseram esta dissertação foram de natureza eminentemente qualitativa, diferenciando-se a partir das estratégias metodológicas empregadas. Assim, foram realizados cinco estudos, a saber: I) um estudo de revisão sistemática de literatura acerca da produção sobre homofobia internalizada entre jovens universitários ao longo dos últimos vinte anos; II) um estudo empírico qualitativo, analisando as narrativas de jovens universitários brasileiros quanto a experiências homofóbicas; III) um estudo teórico-bibliográfico analisando as relações entre colonialidade de gênero e homofobia internalizada; IV) um ensaio teórico-bibliográfico propondo avanços para o conceito de colonialidade de gênero; e V) uma autoetnografia. Conclui-se que a homofobia internalizada é um campo de estudo-intervenção em crescimento apesar da descontinuidade no que tange às produções da área nos últimos anos; ademais, percebeu-se que a homofobia internalizada é um processo psicossocial com raízes profundas

localizadas na dinâmica colonial, tendo um imbricamento com a colonialidade do gênero e com seus impactos na sexualidade. Nesse sentido, alguns caminhos de pesquisa se mostraram efetivos para elucidar certas faces da homofobia internalizada, a saber: a autoetnografia e o estudo de narrativas. Em ambos os processos de pesquisa, foram acessados os afetos, as contradições e os vieses coloniais internalizados na relação de jovens com a homofobia internalizada. Os estudos realizados contribuíram para o desvelamento da homofobia internalizada no contexto universitário com jovens, possibilitando a construção de estratégias conscientes frente aos rebatimentos da homofobia internalizada, bem como o fortalecimento de jovens homossexuais universitários.

Palavras-chave: Colonialidade. Homofobia internalizada. Juventude. Universidade.

ABSTRACT

Modernity has imposed several challenges to the way human beings relate to each other, inaugurating new ways for each human being to relate to himself and to the reality in which he is inserted. Gender coloniality is one of the stings that make up the functioning of modernity, ensuring that colonial social relations remain intact. In this scenario, homophobia is a mechanism of action of gender coloniality, acting to promote internalized homophobia in and by each person who is exposed to the homophobic context. The university is a fundamental space for the construction of alternatives to the repercussions of homophobia, since it is responsible for the basic formation of professionals and leaders of society. However, the university is also captured by the modern-colonial logic, and there is a need for research to understand the effects of coloniality and homophobia in the production of internalized homophobia among young students. With these concerns in mind, we arrived at the starting question of this study: "How does internalized homophobia affect the behavior of young Brazilian college students towards gays and lesbians? ", which was operationalized through the following objectives: general: a) to analyze the relations between internalized homophobia and coloniality; specific: a) to describe the manifestations of internalized homophobia in the colonial Brazil; b) to understand the narratives of young college students about their experiences promoting internalized homophobia from coloniality; and c) to identify the impacts of coloniality on internalized homophobia through autoethnographic elements. This dissertation was theoretically and analytically based on: a) Decolonial Studies; b) Cultural-Historical Psychology and c) the literature on internalized homophobia in college students. The studies that composed this dissertation were eminently qualitative in nature, differentiating themselves from the methodological strategies employed. Thus, five studies were conducted, namely: I) a systematic literature review study about the production on internalized homophobia among young college students over the last twenty years; II) a qualitative empirical study analyzing the narratives of young Brazilian college students regarding homophobic experiences; III) a theoretical-bibliographical study analyzing the relationships between gender coloniality and internalized homophobia; IV) a theoretical-bibliographical essay proposing advances for the concept of gender coloniality; and V) an autoethnography. It is concluded that internalized homophobia is a growing field of study-intervention despite the discontinuity in terms of productions in the area in recent years; moreover, it was perceived that internalized homophobia is a psychosocial process with deep roots located in the colonial dynamics, having an imbrication with gender coloniality and its

impacts on sexuality. In this sense, some research paths proved to be effective to elucidate certain faces of internalized homophobia, namely: autoethnography and the study of narratives. In both research processes, the affections, contradictions, and colonial biases internalized in the relationship of young people with internalized homophobia were accessed. The studies contributed to the unveiling of internalized homophobia in the university context with young people, enabling the construction of conscious strategies to face the repercussions of internalized homophobia, as well as the empowerment of young college homosexuals.

Key words: Coloniality. Internalized homophobia. Youth. High school. LISTA DE FIGURAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLA

LGBT	Gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travesti, queer, intersexuais e assexuais
HI	Gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travesti, queer, intersexuais e assexuais.
HSH	Homens que fazem sexo com homens.
ISTs	Infecções sexualmente transmissíveis
UECE	Universidade Estadual do Ceará.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO- CULTURAL	25
2.1	Introdução	25
2.2	Método	27
2.3	A homofobia internalizada como um processo psicossocial	30
2.4	A vivência de homofobia (internalizada) de jovens universitários brasileiros ...	36
2.5	Os sentidos produzidos por jovens homossexuais brasileiros na universidade ..	41
2.6	Considerações finais.....	47
3	HOMOFOBIA INTERNALIZADA NAS TRAMAS COLONIAIS: NOTAS PARA UMA RELAÇÃO	49
3.1	Introdução	49
3.2	Método	52
3.3	O gênero como uma invenção social colonial	53
3.4	Colonialidade de gênero e homofobia internalizada: uma relação não tão explorada, mas muito antiga.....	59
3.5	Efeitos da homofobia internalizada sobre o comportamento humano: quem ganha com essa relação?	64
3.6	Considerações finais.....	71
4	RETONALIZANDO A COLONIALIDADE DE GÊNERO: NOVOS APORTES DECOLONIAIS PARA A COMPREENSÃO DA HOMOFOBIA INTERNALIZADA	72
4.1	Introdução	72
4.2	Método	74
4.3	O pecado nefando da sodomia: a produção histórica da narrativa acerca da homossexualidade pelo Tribunal da Santa Inquisição.....	75
4.4	Colonialidade de gênero e sexualidade: avançando nos Estudos Decoloniais	80
4.5	A homofobia internalizada como um problema colonial.....	84
4.6	Considerações finais.....	89
5	COMO NASCE UMA RAINHA? NOTAS AUTOETNOGRÁFICAS DE UM PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO FRENTE À HOMOFOBIA	

	INTERNALIZADA	91
5.1	Introdução	91
5.2	Método	93
5.3	A homofobia não escolhe idade.....	95
5.4	“Você é a aparência do mal!”	99
5.5	Afeto materno, conhecimento e arte: meus fatores de proteção frente à homofobia internalizada.....	105
5.6	Considerações finais	111
6	DIÁLOGOS FINAIS	113
	REFERÊNCIAS	118
	APÊNDICES A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	145
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	148
	APÊNDICE C – TABELA DA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA SOBRE HOMOFOBIA INTERNALIZADA NOS ÚLTIMOS 20 (VINTE) ANOS	150
	APÊNDICE D – TABELA DOS CONCEITOS DE HI UTILIZADOS NOS ARTIGOS ENCONTRADOS.....	152
	APÊNDICE E – TABELA DOS IMPACTOS DA HI SOBRE JOVENS UNIVERSITÁRIOS RELATADOS NOS ARTIGOS ENCONTRADOS.....	154
	APÊNDICE F – APLICAÇÃO DA LINHA DO TEMPO EM JOVENS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS	156

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação é a composição de diversos processos pessoais, políticos e do campo da produção do conhecimento, envolvendo motivos, necessidades e interesses. À semelhança da música, que é composta por momentos alternados entre agitação e silêncio, este texto é expressão da relação entre continuidades e discontinuidades. É preciso também dizer que ele não começou no adentrar à pós-graduação, mas se iniciou nas relações sociais das quais enquanto pessoa pude participar e, nesse sentido, destaco minha vivência como um homem gay, preto e periferizado.

Castanho (2013), ao tratar sobre os processos psicossociais da aprendizagem quanto ao gênero e à sexualidade, diz-nos que existe uma expectativa social de que meninos se comportem de uma forma, e meninas, de outra. É comum, por exemplo, que esperemos que meninos, em suas brincadeiras e jogos, sejam mais agressivos, explorem ambientes externos à casa e experienciem seus corpos de forma mais livre quando comparados a meninas. Destas, por sua vez, é esperado um comportamento menos expansivo, e que seus jogos e brincadeiras reflitam os papéis que ocuparão no futuro, como boas mães e esposas.

De acordo com Eliot (2013), existe um momento na vida de pessoas homossexuais (gay e lésbicas), geralmente na infância ou na adolescência, em que o tecido social percebe que tal pessoa não está cumprindo com as expectativas de gênero e sexualidade. Nesse momento, Castanho (2013) aponta que punições as mais variadas (físicas, verbais, gestuais etc.) costumam ser direcionadas a essas pessoas, com o objetivo de corrigir um “comportamento disfuncional”, o qual é entendido como uma real ameaça à “normalidade”. É esperado que meninos sejam masculinos, brinquem de carrinho e gostem de meninas; é esperado que meninas sejam femininas, brinquem de casinha e gostem de meninos.

Lembro-me¹, por exemplo, de uma situação curiosa da época de escola ainda no que se conhecia como Jardim de Infância, os anos escolares que antecedem o que conhecemos hoje como Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Era uma manhã, recordo-me de que as aulas e as atividades do dia tinham se encerrado; enquanto os pais das crianças não chegavam, podíamos ficar brincando com toda sorte de jogos e brinquedos dispostos na sala de espera (era uma escola bem pequena, éramos poucas crianças). Eu e outro garoto tínhamos um fascínio pelas bonecas e por tudo aquilo que correspondia ao universo do feminino, sempre brincávamos juntos. Apesar de nunca ter-me sido comunicado verbalmente, sabia que

¹ Em alguns momentos, autorizo-nos a falar na primeira pessoa do singular a fim de retratar experiências de caráter pessoal em sua relação com as reflexões aqui abordadas.

precisava brincar escondido das professoras e da minha mãe, porque elas iriam brigar comigo por estar brincando com algode menina.

Como sinaliza Hardin (2000), cenas como essas por que passei são comuns a gays e lésbicas. O autor evidencia que muitas das sensações, pensamentos e comportamentos que gays e lésbicas performam na vida adulta se relacionam diretamente com as mensagens homofóbicas que são ouvidas e internalizadas durante os períodos sensíveis da infância e da adolescência. Para ilustrar esse processo, continuamos a narrativa: lembro-me – e com bastante clareza, corese tons – do olhar de reprovação da minha mãe ao me ver brincando de boneca; mais uma vez nenhuma palavra me foi dita, mas me foi direcionado um olhar que me dizia que o que eu estava fazendo não era correto nem apropriado. Rapidamente, lembro-me de ter largado a boneca e corrido para, com minha mãe, ir para casa.

É nesse sentido que destacamos que esta dissertação não começou com a entrada na pós-graduação, mas foi forjada nos nossos primeiros anos de vida, especificamente nas situações em que acreditamos na violência homofóbica como verdade, incorporando, ainda que sem muita consciência, padrões de autopercepção como também de apreensão das relações sociais de gênero e de sexualidade. Esse breve relato da nossa experiência pessoal não tem como propósito ser um reflexo do que todas as pessoas homossexuais passaram; muito pelo contrário, trata-se da partilha de uma vivência muito singular, a qual pode se conectar (ou não) com a história de vida de todas as pessoas subalternizadas (ou não) que irão percorrer estas páginas.

Taylor e Peter (2011) e Baker (2013) evidenciam como episódios de violência na infância colaboram para a produção de problemas emocionais ao longo do desenvolvimento de crianças homossexuais. Nesse mesmo esteio de compreensão, Blais, Gervais e Hérbert (2014) mostram como os efeitos da violência a crianças gays e lésbicas se mantêm e se expressam ao longo da juventude de pessoas homossexuais, produzindo fatores de risco para o desenvolvimento de transtornos psicológicos e outras práticas de autodano, tais como escarificação (automutilação) e suicídio, além do envolvimento com comportamento de risco para uso abusivo de álcool e outras drogas, bem como do não uso de preservativo em relações sexuais (CEARÁ e DALGALLARONDO, 2010).

Borrillo (2015) chama de homofobia os sentimentos e as atitudes ligadas ao medo, à aversão e ao ódio por pessoas homossexuais, sendo estas, conforme Jesus (2015), aquelas que vivem a experiência de atração afetiva e/ou sexual por pessoas do seu mesmo gênero. Entretanto, Borrillo (2015) aponta para o fato de que a homofobia não pode ser entendida e localizada no âmbito da individualidade e da particularidade, assim sendo confundida como

um problema do sujeito, uma psicopatologia. Desse modo, como bem aponta o autor, a homofobia precisa ser compreendida e situada no âmbito das relações sociais e da produção dessas relações no seio das instituições sociais (famílias, escolas e universidades, equipamentos jurídicos e de saúde e locais de trabalho).

De acordo com Vigotski (1994), é inviável pensar a constituição subjetiva das pessoas fora da realidade concreta, ou seja, descontextualizada da herança cultural e material da qual dispuseram ao longo da vida. Para o autor, os seres humanos se constituem no seio da cultura, aprendendo formas de pensar, sentir e agir. Conforme os dados dos dois últimos relatórios da Associação Internacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais (ILGA), a homofobia ainda impacta a vida de milhares de pessoas no mundo, de maneira que há países que criminalizam e/ou punem relações afetivo-sexuais entre pessoas de um mesmo gênero (CARROL e MENDOS, 2017; MENDOS e PEÑA, 2019).

Mendos e Peña (2019) mostram que, dentre os 123 estados que participam da Organização das Nações Unidas (ONU), 36% deles criminalizam relações afetivo-sexuais consensuais entre pessoas de um mesmo gênero. Esse dado revela que uma parte significativa dos países possui leis e regulamentos para restringir o direito à liberdade de expressão sexual, o que pode variar sob muitas formas, desde aquelas que restringem que pessoas homossexuais vivenciem livremente sua sexualidade até aquelas que proíbem quaisquer campanhas midiáticas que veiculem a homossexualidade de forma positiva.

No caso da América Latina, altos índices de violação a pessoas homossexuais também se expressam, contendo os dois países que mais matam pessoas LGBT² no mundo, a saber, respectivamente, Brasil e México (CARROL e MENDOS, 2017). Em um relatório recente, o Grupo Gay da Bahia (2020) aponta para o crescimento de homicídios de pessoas homossexuais no Brasil, o que é um fator indicativo de que gays e lésbicas brasileiros estejam submetidos a fatores estressores e ansiosos vinculados ao medo de livre expressão da sua orientação afetivo-sexual.

Borrillo (2015) discute que a homofobia é um mecanismo de vigilância das fronteiras de gênero e de sexualidade, o que significa que as práticas de violação a gays e lésbicas foram pensadas para que os marcos de gênero e de sexualidade não fossem ultrapassados. Nesse sentido, há uma forte expectativa de que as pessoas sejam heterossexuais, ou seja, que se sintam atraídas sexual e/ou afetivamente por pessoas do gênero oposto ao seu.

² É importante denunciar que, apesar de gays e lésbicas sofrerem violência letal via homofobia, são as pessoas trans (travesti e transexuais) as que mais morrem nessa dinâmica de violência. Entretanto, tendo em vista o escopo deste trabalho, não nos aprofundaremos nesse debate. Para uma melhor compreensão sobre o tema consultar (JESUS, 2015; 2019).

Quaisquer desvios dos caminhos traçados pela heteronormatividade são punidos pelas várias formas de expressão da homofobia: preconceito e discriminação, sutil ou flagrante, interno ou externo (COSTA e NARDI, 2015).

As relações sociais atuais são marcadas pela necessidade de divisão das pessoas entre um grupo dominante e um grupo dominado. Nesse ínterim, o grupo dominante é aquele que detém as plataformas de expressão do ser, do saber e do poder; em contrapartida, o grupo dominado é aquele que nada tem e, além disso, é expropriado de sua memória (SANTOS, 2019). A construção das desigualdades sociais, entretanto, possui uma narrativa, a qual se expressa em profundos episódios de violência, genocídio e etnocídio, o que significa que as formas de existência de coexistir de diversos povos foi dizimada em nome de uma norma.

Chamamos de colonialismo histórico os processos de invasão, destruição e genocídio perpetrados pela Europa em relação aos territórios africanos, sulamericanos e asiáticos ao longo dos anos compreendidos entre o século XVI e o século XX (CASTRO-GÓMEZ, 2005). De acordo com Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2019), as práticas de colonização fizeram com que a forma como povos milenares se organizavam fosse despedaçada. Formas de pensar a vida em sociedade (regras, leis etc.), de crer-acreditar e de performar o gênero e a sexualidade foram subsumidas à moratória dicotômica e excludente do homem branco, europeu, cristão e heterossexual (ZIZEK, 2013).

Apesar de o colonialismo histórico ter acabado oficialmente em meados do século XX, seus efeitos ainda podem ser ouvidos sob o que conhecemos hoje como colonialidade. Maldonado-Torres (2019) aponta que a colonialidade é a herança e o modus operandi do colonialismo histórico, ela diz respeito aos anos de aprendizagem com o homem branco e europeu, o que implicou na desconfiguração da economia, da espiritualidade, do bem-estar pessoal e da memória dos povos africanos, originários da América e asiáticos. A colonialidade se expressa na forma de pensar, sentir e ser de cada indivíduo localizado na dinâmica moderno-colonial.

Na colonialidade, há uma divisão entre os corpos que são possíveis, e aqueles que não são. Nessa lógica de funcionamento, a referência de sucesso e possibilidade na colonialidade é o homem branco e heterossexual (LUGONES, 2014). Como bem aponta Spivak (2010), o escalonamento e a hierarquização da vida impostos pelos limites da colonialidade fazem com que sujeitos subalternos sejam criados. Todos aqueles que fogem à normativa branca, masculina e heterossexual passam a ser lidos como menos valoráveis, mais exploráveis e menos dignos de possibilidades (de afeto, educação, saúde, trabalho etc.), como homossexuais, por exemplo.

É nesse contexto em que gays e lésbicas, em todo o mundo, tornam-se sujeitos, pessoas. Suas vidas são classificadas como aquelas que não importam. Vigotski (2008), refletindo sobre o papel da cultura na constituição do sujeito, mostra que a subjetividade se dá no seio dos processos histórico-culturais, ou seja, responde às leis sócio-históricas do desenvolvimento humano, superando as dicotomias e os limites da nossa biologia. No que diz respeito às relações de produção da vida na colonialidade, Unger (2018) aponta que a colonialidade implica uma mudança na forma como as pessoas se relacionam com a realidade e entre si.

Isso significa que, dentro de um cenário homofóbico, é impossível não pensar acerca dos impactos da homofobia sobre a forma como as pessoas se organizam e se comportam. De acordo com a literatura de base (PEREIRA e LEAL, 2002; SOUZA *et al*, 2019), a homofobia tem efeitos amplos na forma como pensamos, sentimos ou agimos, sejamos heterossexuais ou homossexuais. Todavia, estudos (CERQUEIRA-SANTOS *et al*, 2016; PERUCCHI, BRANDÃO e VIEIRA, 2014) colocam que gays e lésbicas estão mais vulneráveis aos efeitos deletérios da homofobia. Assim, é necessário que pesquisas se dediquem à compreensão dos impactos que a homofobia tem na vida de gays e lésbicas.

Na modernidade-colonialidade, a homofobia assume algumas formas específicas, dentre elas a homofobia internalizada. Pereira e Leal (2005) descrevem a homofobia internalizada como as parcelas da homofobia de que nos apropriamos ao longo da vida social, de modo que os conteúdos homofóbicos são direcionados para a compreensão de que a pessoa tem de si, afetando a maneira como se percebe e se coloca nas interações sociais. Antunes (2017), por sua vez, mostra que a homofobia internalizada é construída sobre normas rígidas de gênero, sendo alimentada por noções como a de que homens devem ser masculinos e heterossexuais, e mulheres devem ser femininas e heterossexuais.

Vigotski (1994) explica que psiquismo e subjetividade são construídos na relação que estabelecemos com o mundo ao nosso redor, o qual tem uma história objetiva, concreta e material. Nesse esteio de compreensão, Borrillo (2015) e Trevisan (2018) sinalizam que a história do mundo moderno é marcada pela homofobia, tendo esta sido nutrida ao longo dos séculos, assumindo formas cada vez mais complexas. Para Vigotski, todo processo que se apresenta, nas pessoas, de forma interna outrora já foi relação social. Assim, para o autor bielorrusso, a realidade psíquica aparece primeiro como aspecto interpsicológico e, somente depois, como elemento intrasubjetivo.

Nesse sentido, a homofobia internalizada é uma produção psicossocial. Alguns estudos apontam que índices mais ou menos elevados de homofobia internalizada atuam

como preditivos para o adoecimento psicológico (CEARÁ e DALGALLARONDO, 2010; PAVELTCHUK, BORSA e DAMÁSIO, 2019). Sobre a produção da homofobia internalizada, Piñeda-Roa (2019) mostra que a juventude é um período crítico para a elaboração da experiência de gays e lésbicas, de forma que, caso a pessoa homossexual encontre amparo da sua sexualidade, há maior possibilidade de que sua identidade se desenvolva em um sentido mais saudável, o que não é esperado quando gays e lésbicas se defrontam com muitas barreirashomofóbicas ao se reconhecerem homossexuais.

De acordo com Martins, Abrantes e Facci (2016), partindo de uma perspectiva histórico-cultural, a juventude é um período em que mudanças significativas se processam na dinâmica psíquica dos jovens. Nesse sentido, Vigotski (2008) explica que muitos dos padrões cognitivo-emocionais das relações a serem desempenhadas na vida adulta são gerados durante a juventude, uma vez que é nesse momento em que a relação do ser humano salta de uma organização e de uma leitura espontâneas da realidade para uma interpretação mais elaborada do mundo. Vale, entretanto, lembrar que a juventude não é um período do desenvolvimento que se dá de igual modo para todos os grupos, uma vez que fatores como raça, classe e orientação sexual podem mudar profundamente a maneira como o desenvolvimento da juventude acontecerá (NEGREIROS *et al*, 2018). Nesse ínterim, com amparo em Barros (2017), aponta-se a existência de juventudes, inclusive da juventude homossexual, negra e pobre.

Martins, Abrantes e Facci (2016) explicam que a juventude é o período do desenvolvimento psíquico em que uma série de mudanças acontecem, promovendo uma reorganização na maneira como o jovem se relaciona com o mundo e consigo mesmo. Apoiadas na Psicologia Histórico-Cultural, as autoras lembram que os conceitos com os quais operamos se transformam nesse período do desenvolvimento, incluindo os conceitos que temos acerca de quem somos. No caso de pessoas homossexuais, a experiência de reorganização dos conceitos e de toda a vida psíquica é perpassada pela homofobia, podendo gerar índices elevados de homofobia internalizada em gays e lésbicas, produzindo, assim, impactos psicossociais na vida de pessoas homossexuais e no tecido social (LOZANO-VERDUZCO, FERNÁNDEZ-NIÑO e BARUCH-DOMÍNGUEZ, 2017).

Tais aspectos expressam o contexto de desenvolvimento de gays e lésbicas na modernidade, que é o espaço-tempo em que colonialismo e colonialidade se conjugam. Na colonialidade, conforme já apontado, as pessoas são distribuídas entre quem pode e quem não pode, entre quem é e quem não é, entre quem sabe e quem não sabe. Em consonância com o exposto por Grosfoguel (2016), a colonialidade possui formas de atuação sobre a realidade a fim de garantir que as coisas se mantenham funcionando conforme o interesse das elites. O autor

define alguns mecanismos da colonialidade, a saber: colonialidade do poder, colonialidade do ser e colonialidade do saber.

A modernidade está relacionada à ideia de descoberta de um novo mundo que pode ser conquistado e explorado, de modo que ela se processa em uma lógica sistêmica, que difere qualitativamente do mundo anterior à “descoberta”. Como bem expõe Maldonado-Torres (2019), antes os estados-nação mantinham relações muito estreitas uns com os outros, configurando relações mais imediatas e não articuladas com um projeto de dominação que representasse o homem hegemônico. Com a complexificação dos processos sociais via colonialismo/colonialidade, é erigido um projeto de dominação-exploração com identidade própria, assim se passa da compreensão de países distantes para a noção de sistema-mundo moderno-colonial.

Grosfoguel (2016) explica que a colonialidade do poder diz respeito à divisão dos mecanismos de poder da realidade; nesse cenário, algumas poucas pessoas os detêm, o que lhes permite definir, por exemplo, as regras de mercado. A colonialidade do poder permite que alguns povos tenham primazia sobre as riquezas e os recursos de povos subalternizados; sobre estes, em um movimento contraditório de luta e resistência, recaem-lhes as imposições dos países dominantes, uma vez que podem sofrer sanções internacionais as mais variadas, como as de mercado e as ideológicas. Quanto à colonialidade do ser, Žižek (2013) explica que algumas formas de existir, na colonialidade e na modernidade, são celebradas em detrimento de outras. Como já apontado anteriormente, a forma de vida exaltada é a do homem branco heterossexual, assim todos os corpos que fogem à regra são marginalizados: mulheres, pessoas negras, gays, lésbicas etc. Por sua vez, a colonialidade do saber é o sistema de classificação e qualificação daquilo que é válido como conhecimento. Formas milenares de conhecimento são escrachadas em prol do racionalismo científico que põem o conhecimento produzido na Europa e nos Estados Unidos da América como a lente da veracidade e da precisão (QUIJANO, 2000). Algumas autoras, tais como Lugones (2020), evidenciam que o funcionamento da colonialidade não para por aí. Para as autoras, existe mais uma ramificação da atuação da colonialidade sobre a vida e sobre os corpos: a colonialidade do gênero. Lugones (2014) evidencia que, nas relações estabelecidas na colonialidade, existe uma drástica diferença em como corpos femininos são tratados em comparação aos corpos masculinos. De acordo com Borrillo (2015), a homofobia é um problema de gênero, uma vez que ela está alicerçada na expectativa normativa da performance da sexualidade de homens e mulheres.

Entretanto, para além dos mecanismos que sustentam a colonialidade já apontados pelos Estudos Decoloniais, parece haver mais um aspecto que, por muito, ficou colocado de

lado: a relação entre colonialidade de gênero e sexualidade, a qual diz respeito à normatização das fronteiras que regulam a sexualidade humana na modernidade, de modo que, superando a problemática da expressão do masculino e do feminino como comportamentos socialmente esperados, concentra-se na rigidez da funcionalidade da sexualidade heterocentrada.

Nesse sentido, a colonialidade não se arboriza de forma abstrata. Ela necessita, na verdade, de plataformas e instituições sociais que reproduzem seus ideais e seus valores. De acordo com Grofoguel (2016), a universidade é uma dessas instituições. Para o autor, o surgimento da universidade está ligado ao embrião da colonialidade. Para que o poder, o saber e o ser fossem definidos como norma era necessário haver uma estrutura que garantisse, através da veiculação do conhecimento, suas verdades como absolutas. Conforme aponta, a universidade criou currículos e discursos que foram produzindo mudanças fundamentais na maneira como diversos setores da sociedade pensam, sentem e se comportam.

A universidade tem um papel importante na constituição do sujeito moderno (CASTRO-GÓMEZ, 2005), é nela que são produzidas as formas de pensar que habitarão o funcionamento de uma série de profissionais (educadores, trabalhadores da saúde, da assistência etc.). A universidade tem uma gramática própria, a qual corresponde, como evidencia Louro (2019), às expectativas da heteronormatividade. Segundo a autora, existe uma tentativa de silenciamento das discussões sobre gênero e sexualidade em todos os níveis educacionais, o que inclui a universidade.

Louro (2014), entretanto, aponta que é impossível não falar sobre gênero e sexualidade nos ambientes de educação, uma vez que gênero e sexualidade atravessam a experiência de cada homem e mulher, sejam eles heterossexuais ou homossexuais. Sobre essa relação, estudos (OSORIO e ROUSELL, 2015; RULL *et al*, 2013) sugerem haver ainda predomínio de práticas homofóbicas contra gays e lésbicas nas universidades, inclusive nas universidades brasileiras (SAMPAIO e VIANA, 2014; SILVA FILHO e KOEHLER, 2011). Ainda que haja movimentos de resistência e de combate aos rebatimentos da homofobia na universidade, os efeitos da homofobia internalizada em jovens universitários são inegáveis, o que pode contribuir desde um menor desempenho ao longo da graduação e da pós-graduação até, em casos mais extremos de violência, a evasão da universidade.

Considerando a problemática exposta e entendendo que a homofobia internalizada é um fator operante na modernidade-colonialidade, fazemo-nos a seguinte pergunta, a qual orientará as reflexões e as buscas efetuadas ao longo deste estudo de dissertação: “Como a homofobia internalizada afeta o comportamento de jovens universitários brasileiros em relação a gays e lésbicas?”. A fim de que essa pergunta fosse respondida, foram traçados os

seguintes objetivos: geral: a) analisar as relações entre homofobia internalizada e colonialidade; específicos: a) descrever as manifestações da homofobia internalizada no Brasil colônia; b) compreender as narrativas de jovens universitários sobre as suas vivências promotoras de homofobia internalizada a partir da colonialidade; e c) identificar os impactos da colonialidade na homofobia internalizada através de elementos autoetnográficos.

Esta dissertação, objetivando alcançar os objetivos descritos, dividiu-se em alguns estudos/momentos, a saber: a) o primeiro estudo “Homofobia internalizada: um estado da arte (2000-2020)” se trata de uma revisão sistemática de literatura acerca da produção literária sobre homofobia internalizada ao longo dos últimos vinte anos, integrando artigos em português, espanhol e inglês. Cabe ressaltar, entretanto, que, apesar de o estudo de revisão ter sido feito como uma das etapas de pesquisa deste estudo de mestrado, decidimos não elencá-lo na versão final do documento, tendo esse estudo já sido submetido a uma revista científica da área, pela qual será compartilhado. Apesar disso, optamos por deixar veiculados alguns materiais de consulta produzidos a partir do estudo de revisão, os quais podem ser conferidos integralmente nos Apêndices C, D e E.

O b) segundo estudo refere-se a uma pesquisa empírica realizada com jovens universitários brasileiros, campo para o qual os capítulos teóricos posteriores são assoalho, sobre as experiências promotoras do que se conhece como homofobia internalizada. O c) terceiro momento, “A homofobia internalizada nas tramas coloniais: notas para uma relação”, caracteriza-se como um estudo teórico bibliográfico que descreve as relações existentes entre colonialidade e homofobia internalizada; e d) avançando nas contribuições desta dissertação, temos: o quarto estudo, “Retonalizando a colonialidade de gênero: novos aportes decoloniais para a compreensão da homofobia internalizada”, o qual figura como um estudo ensaístico, de natureza teórico-bibliográfica, propondo novas contribuições aos Estudos Decoloniais. O último estudo, e) “Como nasce uma rainha? Notas autoetnográficas de um processo de subjetivação frente à homofobia internalizada”, insere-se como um estudo de natureza qualitativa, dentro das perspectivas autoetnográficas, neste caso, a cerca da homofobia internalizada. Por fim, seguimos com; f) as “Notas conclusivas”, as quais retomarão os principais pontos discutidos ao longo dos estudos que compuseram esta dissertação, sinalizando também as implicações práticas dos achados.

Vale destacar que, com o objetivo de maior e mais rápida circulação dos achados deste estudo de dissertação, seus capítulos foram organizados em estudos menores, contendo cada um deles fundamentação teórica, aspectos metodológicos, resultados e conclusões específicos. Esperamos que este estudo de dissertação contribua para o dismantelamento da

colonialidade, do seu modus operandi e da homofobia internalizada. Ademais, esperamos que os achados aqui presentes se constituam em lentes para revisitar práticas de saúde e de educação no Brasil. Sem mais delongas, deixamos o convite à leitura deste texto para todos aqueles que, ao longo da sua vida, tenham sido perpassados pela homofobia internalizada.

2 NARRATIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A HOMOFOBIA INTERNALIZADA: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO- CULTURAL

2.1 Introdução

Variados estudos apontam a presença de processos homofóbicos nas relações universitárias, sejam estas entre alunos, alunos e professores e com os equipamentos da universidade (AMARAL, 2013; NEVES *et al*, 2019; SAMPAIO e VIANA, 2014; SANTOS *et al*, 2007). De maneira geral, a homofobia diz respeito ao conjunto de comportamentos e emoções que denotam aversão, medo, raiva, ódio etc. em direção a pessoas homossexuais (gays e lésbicas) (BORRILLO, 2015), de maneira que essas respostas frente a homossexuais podem se manifestar na relação destes com seus pares, isto é, nas relações interpessoais, e/ou no contato que esses indivíduos têm com a cultura como um todo, por meio de mensagens indiretas (HARDIN, 2000).

De acordo com Severino e Tavares (2020), a universidade, em seu processo histórico de construção, cumpriu e cumpre os interesses da classe dominante. Conforme explicam os autores, as universidades foram construídas, durante a Idade Média, sobre dois objetivos de classe: 1) afastar o conhecimento das classes populares, de maneira que somente um grupo seletivo teria acesso a esse espaço; 2) investir na capacitação dos filhos daqueles que detinham domínio político-financeiro. Corroborando com essa exposição, Maldonado-Torres (2016) aponta que a universidade ocidental está fechada com os interesses coloniais modernos, a saber: a manutenção e o aprofundamento das desigualdades sociais, refletindo as assimetrias originadas nos primeiros processos de conquista, os quais, posteriormente, tornaram-se complexos processos de colonização.

A juventude é o período do desenvolvimento humano durante o qual as pessoas acessam à universidade no mundo todo, realidade que também se reflete em solo brasileiro. Em termos psicológicos, a juventude é um momento do desenvolvimento difícil de definir e caracterizar, uma vez que abarca uma gama de experiências de desenvolvimento as quais, ainda que tenham características em comum, diferem drasticamente (TRANCOSO e OLIVEIRA, 2016). Aspectos como raça, classe social e orientação sexual estartam formas diferentes de se viver a juventude (DIAS e SILVA, 2010). Na verdade, alguns autores (ABRAMOVAY, ANDRADE e ESTEVES, 2007; CARRANO, 2000) sugerem o uso do

termo no plural (juventudes) para se referir à pluralidade de elementos psicossociais que promovem guinadas no desenvolvimento do(a) jovem.

Para Vigotski (2006a), em linhas gerais, a juventude se caracteriza como um período do desenvolvimento em que profundas mudanças cognitivo-emocionais se processam na vida do ser humano. O autor revela que, nesse momento do ciclo vital, a forma como pensamos, percebemos e sentimos deixa de ser organizada por conceitos espontâneos, cujo funcionamento reflete uma lógica elementar e não estruturada, e passa a se organizar mediante conceitos científicos, os quais permitem que a pessoa opere relações formais, realizando sínteses e abstrações na sua relação com a realidade. À medida que a consciência do jovem se reorganiza a fim de dar conta dos novos desafios da realidade social, sua vivência também se altera. De acordo com Vigotski (2010), as vivências são as experiências atribuídas de sentido. Elas são produzidas nas relações que os indivíduos estabelecem com o meio físico e simbólico no qual estão inseridos.

Quando falamos na juventude homossexual, estamos diante de um período fundamental do desenvolvimento humano que é atravessado por elementos psicossociais de violência (a homofobia), trazendo prejuízos sobre os conceitos que formam sobre si e sobre a vida como um todo, além de afetar também a integridade dos processos afetivo-emocionais (VIGOTSKI, 2004b). Por vezes, conforme estudos retratam (AMARAL, 2013; NEVES *et al*, 2019; SAMPAIO e VIANA, 2014; SANTOS *et al*, 2007), a universidade, como contexto de inserção de alguns jovens, figura como um locus despotencializador das vivências de gays e lésbicas, afetando a forma como esses jovens enxergam a si e a realidade com a qual se relacionam, produzindo medo, ansiedade e desengajamento (ALVES *et al*, 2017; ANTÔNIO *et al*, 2012; MATOS *et al*, 2020).

A homofobia é um processo psicossocial de carácter estrutural, o que significa que ela está presentes nas relações executadas no tecido social (BORRILLO, 2015); nesse sentido, é coerente apontarmos sua presença também em espaços educacionais como as universidades. Antônio *et al* (2012), por exemplo, relatam que, no contexto universitário, as relações de ensino-aprendizagem são afetadas pela homofobia, no sentido de que heterossexuais com maiores níveis de interiorização de homofobia assistem seu desempenho acadêmico diminuir e homossexuais, além de sofrerem o mesmo efeito, tornam-se mais propensos à evasão do ensino superior, bem como ao desenvolvimento de transtornos psicológicos nesse contexto. Pesquisas com amostras brasileiras (FERREIRA *et al*, 2013; MARINHO *et al*, 2004; MENDES, 2012; OLIVEIRA, 2012) também apontam para uma forte incidência de homofobia no contexto universitário.

Experiências homofóbicas universitárias acabam contribuindo para o fortalecimento da homofobia em estudantes universitários homossexuais, que, além de terem de lidar com a homofobia direta e indireta do cotidiano heteronormativo, passam a ter de lidar com ela em um ambiente que deveria figurar como proteção (SAMPAIO e VIANA, 2014). Nesse sentido, urge a necessidade de estudos que investiguem as narrativas de jovens universitários brasileiros acerca de eventos promotores de homofobia internalizada. Este estudo se propõe a lançar contribuições para a compreensão dessa realidade específica, dialogando, especificamente, com os seguintes objetivos desta dissertação: descrever as manifestações da homofobia internalizada no Brasil colônia e compreender as narrativas de jovens universitários sobre as suas vivências promotoras de homofobia internalizada a partir da colonialidade. A seguir, seguem as estratégias metodológicas utilizadas para dar conta das necessidades postas frente à problemática descrita.

2.2 Método

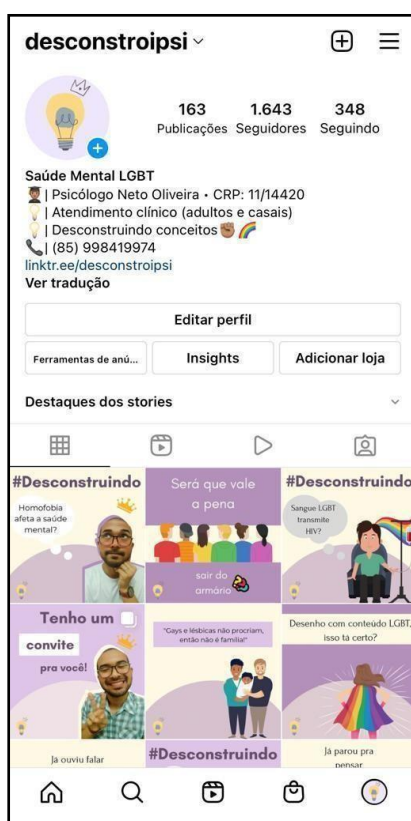
Este estudo se caracteriza como uma contribuição especificamente qualitativa em Psicologia (MINAYO, 1993). E, como tal, privilegia a compreensão das particularidades e das singularidades do processo estudado em detrimento do entendimento das leis gerais do processo em questão (YIN, 2006). Nesse sentido, como estudo qualitativo, dedica-se ao detalhamento da problemática apresentada mediante uma aproximação de carácter intencional do pesquisador em relação ao interesse de pesquisa. Ademais, trata-se de uma pesquisa de campo, tendo sido realizada com interlocutores específicos.

A pesquisa está consubstanciada pelo parecer nº 5.068.667 do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Convém apontar que os dados aqui discutidos fazem parte de uma pesquisa maior a qual está submetida junto à Plataforma Brasil sob o título “Relações entre colonialidade e homofobia internalizada: um estudo com jovens universitários brasileiros”. Assim, este estudo discute dados parciais da pesquisa, especificamente aqueles de carácter qualitativo, cujas características foram descritas anteriormente.

A pesquisa de campo implica desafios específicos para a relação do pesquisador com a realidade social, uma vez que o campo se movimenta durante o processo de pesquisa, não sendo controlável; assim, ancorados em Montero (2002), compreendemos que a pesquisa de campo é de natureza dialética, de modo que seus achados são produzidos no diálogo entre

pesquisador e realidade, guardando elementos de intencionalidade. No caso deste estudo, a pesquisa foi realizada com quatro interlocutores: jovens universitários homossexuais, três deles sendo jovens gays (idades: 22, 23 e 27 anos) e o último uma jovem lésbica (idade: 23 anos). Os participantes da pesquisa foram contatados por meio da rede social Instagram, através do perfil profissional do pesquisador, a saber: @desconstroipsi, que é voltado para o debate acerca da saúde mental de pessoas LGBTQIA+. A seguir o perfil utilizado para divulgação da pesquisa:

Figure 1 - Perfil utilizado para a divulgação da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para efeitos de sigilo de pesquisa, não serão utilizados os nomes dos interlocutores, mas sim pseudônimos escolhidos por eles próprios (a saber: Turing; Anna K.; Lil Na X; e Marsha), bem como não apontaremos as cidades e as universidades onde, respectivamente, moram e estudam, optando por descrições mais amplas como: uma cidade do sudeste do Brasil ou uma universidade privada do nordeste do Brasil. Todos os interlocutores se declararam homossexuais, sendo três deles pessoas cisgêneras e um deles uma pessoa trans não-binária.

Turing é um homem gay, casado, de 23 anos, estudante do último período do

curso de Psicologia de uma universidade privada do centro-oeste brasileiro. Anna K. é uma mulher lésbica, de 23 anos de idade e atualmente está em um namoro com uma outra jovem; é estudante do 8º semestre do curso de Psicologia de uma universidade privada do centro-oeste do Brasil. Lil Na X é um homem gay, de 22 anos, solteiro e mora em uma cidade do interior de São Paulo, no sudeste brasileiro; está no 5º ano do curso de Engenharia Ambiental de uma instituição pública de sua cidade. Por fim, Marsha é uma pessoa não-binária, autodeclarada gay, de 27 anos de idade. Marsha já é licenciada em Letras e atua como professor. Atualmente, está entre o 3º e o 4º ano do curso de Psicologia de uma universidade privada do sudeste brasileiro.

Durante o mês de novembro de 2021, foi realizado um *post* na rede social do pesquisador convidando jovens universitários brasileiros a participarem da pesquisa, de modo que ao convite foram obtidas 12 (respostas) afirmativas. A seguir o *post* de divulgação da pesquisa:

Figure 2 - Post de divulgação da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir do interesse dos possíveis participantes, entramos em contato com cada um(a) através do canal de mensagens do Instagram, o *inbox*. A esse contato inicial, responderam 08 participantes, ao passo que solicitamos o email de cada um(a) a fim de enviarmos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCE) (o TCLE pode ser consultado

na íntegra no Apêndice B). Após a assinatura do TCLE e do seu recebimento por parte do pesquisador, foram marcadas as entrevistas, as quais foram realizadas por meio da plataforma Zoom, sendo, com o consentimento dos participantes de pesquisa, gravadas e, depois transcritas. O conteúdo das entrevistas pode ser consultado integralmente no Apêndice F.

Para a entrevista, realizamos, além do momento inicial de *rapport*, a aplicação de dois instrumentos: um questionário sociodemográfico (Apêndice A) e a Linha do Tempo. Esta, de acordo com Lima e Oliveira Neto (2020), trata-se de um recurso clínico da Psicologia Histórico-Cultural o qual permite a construção de uma sucessão (nem sempre linear) dos eventos significativos (positivos e negativos) da história de vida (ciclo vital ou ontogênese) da pessoa. Um aspecto interessante da linha do tempo é que ela pode ser adaptada para a compreensão de um processo específico, não devendo necessariamente se referir ao fluxo da história de vida como um todo. No caso deste estudo, aplicamo-la no sentido de compreender os eventos possivelmente ligados à promoção de homofobia internalizada entre os jovens universitários interlocutores desta pesquisa. Os achados sociodemográficos e os registros da Linha do Tempo estão disponibilizados nas seções “Se é estrutural, ninguém se livra dessa relação: a homofobia internalizada em jovens universitários brasileiros” e “Chagas abertas e feridas curadas: a experiência de jovens homossexuais universitários brasileiros”.

No que diz respeito à análise das entrevistas e da Linha do Tempo, a Psicologia Histórico-Cultural de L. S. Vigotski será utilizada como referencial de leitura dos achados da pesquisa. Nesse sentido, em uma compreensão de que o psiquismo humano é forjado no seio das relações sociais, as quais complexificam nossas funções psicológicas, alterando a forma como nos relacionamos com o mundo e com nós mesmos, duas categorias teóricas da teoria de Vigotski serão centrais durante a interpretação do corpus da pesquisa; a saber: sentido e vivência (TOASSA, 2004; VIGOTSKI, 1994; 2006b; 2008). Entretanto, antes de passarmos às análises, cabem algumas relações quanto à forma como a homofobia internalizada pode ser entendida a partir do referencial teórico da Psicologia Histórico-Cultural (PHC).

2.3 A homofobia internalizada como um processo psicossocial

L. S. Vigotski sempre foi enfático ao dizer que o ser humano se forma inserido na cultura e no movimento dos processos históricos. Sua Teoria Histórico-Cultural surge, inclusive, como resposta à sua insatisfação com as matrizes psicológicas de sua época, na primeira metade do século XX. O autor bielorrusso chegou a afirmar que a Psicologia, como ciência, encontrava-se em uma grave crise quanto à construção de seu saber, assim, conforme

Vigotski (2004a), tendo em vista o carácter determinista e abstrato das abordagens psicológicas e de seus métodos de investigação, seria impossível avançar na compreensão do ser humano e de seu funcionamento psíquico.

Seguindo L. S. Vigotski, Leontiev (1978) destaca que houve um salto qualitativo na história do ser humano, o qual permitiu o desenvolvimento de formas superiores da conduta e do comportamento. Vigotski *et al.* (2005) evidenciam que o atravessamento da cultura e o desenvolvimento da linguagem permitiram a estruturação de um sistema psicológico unificado chamado por ele de consciência. A consciência, que tem natureza social, é escolhida por ele como o objeto de estudo de sua Psicologia (Vigotski, 2006b).

Vieira, Gherardi e Severo (2018) destacam que muitos processos de mudança qualitativa acontecem na organização do psiquismo quando nos apropriamos da herança cultura e material criada e acumulada pela humanidade ao longo dos séculos. Os autores evidenciam ainda que, nessa relação de apropriação, o psiquismo se expressa como o reflexo subjetivo da realidade concreto-objetiva, a qual não acessamos de maneira direta, mas de forma mediada (Martins *et al.*, 2020).

Vigotski (1994) entende que a mediação diz respeito à interposição de um elo intermediário entre o ser humano e o mundo. Nesse sentido, Braga (2010) exemplifica que a relação com o mundo se dá mediada por um sistema simbólico: a linguagem, a qual permite a organização do mundo externo sob o formato de elementos internos. Sendo assim, a natureza social e mediada do psiquismo permite um novo tipo de relação entre sujeito e mundo, para além das relações primárias de transformação do mundo pelo homem, apontadas por Engels (2009).

Vigotski (1994) identifica que as primeiras formas de intervenção e de relação mediadas com o mundo se deram através dos instrumentos, os quais são objetos concretos que permitem o ser humano alterar sua realidade material, tais como a lança e o lápis, por exemplo; contudo, a necessidade de organização social e de comunicação entre pares fomentou a criação de novos instrumentos, permitindo o desenvolvimento da linguagem e dos signos. Tuleski (2019) articula como o encontro com o outro foi central para a evolução do sistema simbólico e mediado utilizado para nos conectarmos com o contexto em que estamos inseridos.

Vigotski (2008) entende os signos como “os instrumentos do meio simbólico”. Para o autor, signos e instrumentos se assemelham por permitirem a ação dos seres humanos sobre o mundo, com a diferença para o fato de que os instrumentos alteram a realidade concreta; os signos, por sua vez, a realidade psicológica. Nessa perspectiva, conforme o autor,

os signos permitem ainda: a) a regulação do comportamento do outro com quem estamos em relação e do nosso próprio comportamento (autorregulação) e b) a comunicação (linguagem). Notamos que as formas de relação social se complexificam à medida que o psiquismo humano assume natureza mediada e à medida que a comunicação passa de forma exterior para forma interior. Contudo, como essa dinâmica interno-externo é operada?

Vigotski (1994) chama de internalização o processo de apropriação-transformação dos elementos externos presentes no meio (contexto) em elementos internos. Antes de haver uma realidade intrapsicológica (interna), existe uma realidade interpsicológica (externa), caracteristicamente presente nas relações sociais. Ao transformarmos o mundo, nos transformamos simultaneamente, ou seja, nos complexificamos, passamos de formas inferiores de organização psíquica para formas superiores.

Vigotski e Luria (1996) destacam que existem alguns níveis de organização do desenvolvimento humano, dentre eles a filogênese. Esta compreende o substrato biológico (anátomo-fisiológico) característico ao ser humano como espécie, é ela que possibilita a organização básica da vida humana, organizando a possibilidade de responder às necessidades imediatas na nossa relação com o meio, tais como fome, proteção, sexo etc. A filogênese também porta consigo um conjunto de funções nomeadas por Vigotski (2006a) de funções psicológicas inferiores.

O autor revela que, com a internalização da cultura, se processa um profundo processo de reconfiguração qualitativa dessas funções, passando à forma de funções psicológicas superiores, as quais, como destaca Abrantes e Eidt (2019), serão fundamentais na estruturação do reflexo da realidade no nosso psiquismo, funcionando, inclusive, como processos psicológicos integrados. Ao processo de mudança qualitativa da natureza das funções psicológicas Vigotski (1994) chama de conversão.

Entendemos que é nos movimentos de internalização e de conversão em que se processa a subjetivação. Assim, compreendemos que nos tornamos sujeitos à medida que nos apropriamos do mundo, de maneira que essa apropriação implica em mudanças qualitativas que redefinam a organização das funções psicológicas inferiores em superiores e o próprio psiquismo. Todavia, não podemos identificar o processo de internalização com uma assimilação passiva do meio e das relações que estabelecemos nele. Corroborando com o exposto em Prestes (2021), entendemos que o sujeito em Vigotski é eminentemente ativo, não sendo encerrado pelas determinações do contexto; o sujeito histórico-cultural não só transforma o meio com que se conecta, mas também constrói cadeias de significados em sua experiência social e reveste seu contexto de sentidos caracteristicamente seus.

Pensando especificamente sobre os processos de subjetivação de homossexuais na cultura, percebemos que há elementos singulares que perpassam a sua experiência e a sua constituição como sujeitos. Borrillo (2015) fala de uma construção sistemática de discursos e práticas de perseguição e violação contra homossexuais, o que contribuiu para estruturação de uma imagem negativa e depreciada das identidades homossexuais, o que pode ser observado no relato da Linha do Tempo feito por Marsha:

Uma vez, uma professora de letras olhou para mim na frente da sala. Era uma sala pequena de 10 pessoas, e disse: — É um desperdício você ser gay porque as mulheres poderiam... Você é tão bonito e as mulheres poderiam... Enfim... Ela falou isso na frente de várias pessoas, ela chegou a falar na frente da minha antiga orientadora de letras, a minha orientadora ficou extremamente desconfortável com isso e eu diante dessa situação, dessa violência porque que eu considerei isso uma violência, apesar de eu conseguir confrontar... Há certas violências que agente realmente fica estagnada que a gente não consegue a gente se pergunta: — Isso está acontecendo mesmo em um ambiente universitário? Isso partiu mesmo da professora para mim?(Marsha, 27 anos, estudante de Psicologia).

Em Psicologia Histórico-Cultural, chamamos de mediadores os elementos presentes nas relações sociais e nos processos sócio-históricos que incidem sobre a forma como percebemos o mundo e nos percebemos. Apropriamo-nos dos mediadores na dinâmica da internalização. Dependendo da natureza do mediador, diferentes são os efeitos sobre o desenvolvimento humano. Em consonância com o que apontam Green (2018) e Trevisan (2018) a violência e, aqui em específico, a homofobia se configuram como elementos presentes durante o desenvolvimento de homossexuais. São mediadores que incidem de forma particular sobre a dinâmica psicológica de homossexuais, geralmente contribuindo para o empobrecimento do autoconceito e da vida afetivo-emocional desses sujeitos.

Homossexuais se subjetivam na homofobia e a internalizam durante os múltiplos episódios sistemáticos de violência que os atravessam e dos quais não são protegidos, o que se exemplifica no relato da Linha do Tempo de Turing sobre sua vivência universitária quando conta sentir falta de ações que minimizem os impactos da homofobia nesse ambiente:

Se tivesse uma matéria no início da faculdade ou no meio apenas para falar sobre acolhimento de minorias sociais como pessoa indígenas, pretas, LGBTQIA+ Se tivesse essa matéria pelo menos para conscientizar as pessoas e quebrar algumas barreiras porque existem algumas pessoas que estão com um pé aqui e outro lá e elas de certa forma podem ser conscientizadas. (Turing, 23 anos, estudante de Psicologia).

Às parcelas de homofobia internalizadas por esses sujeitos em direção à sua personalidade e ao seu self, Antunes (2017) denomina homofobia internalizada (HI). Conforme destaca o autor, a HI ecoa sob os mais variados campos da vida de homossexuais,

podendo aparecer sob a forma de: autoimagem negativa, dificuldade para estabelecer relações sexuais, problemas com a manutenção de relações afetivo-sexuais permanentes, bloqueios quanto à exploração do próprio corpo, dentre outras formas de conduta e de comportamento.

A HI tem uma marca eminentemente psicossocial uma vez que se realiza no contato que o sujeito homossexual estabelece com contextos homofóbicos, assimilando ativamente os mediadores aos quais é sistematicamente exposto nas suas relações. Tendo entendido que a internalização é o processo de assimilação e de transformação da realidade externa em realidade interna e que a internalização está intimamente conectada com os processos de subjetivação, inclusive de homossexuais, como elaboramos anteriormente, podemos compreender que existe uma complexa relação de construção de significados e de atribuição de sentidos durante esse processo.

Vigotski (2008) nos mostra que a palavra é a unidade básica da vida consciente, uma vez que congrega em si a evolução das formas psíquicas de vida. Segundo Paes (2020), um dos elementos que permite a conversão das funções psicológicas inferiores em superiores é o atravessamento pela palavra. De acordo com Vigotski *et al.* (2005), a palavra traz às funções psicológicas novos elementos funcionais, como a capacidade de síntese, de generalização e de abstração. As funções psicológicas adquirem o status simbólico da linguagem.

Vigotski (2008) entende que a palavra tem basicamente duas dimensões centrais: o significado e o sentido. O significado é a dimensão mais estável da palavra, aquela que se localiza na convenção social da comunidade sobre um dado objeto ou questão, porém, à medida que os processos históricos se operam, os significados podem mudar; o sentido, por sua vez, é expresso como a dimensão mais fluida e pessoal da palavra, diz respeito à maneira como um sujeito específico reveste um objeto ou questão simbolicamente.

Vigotski (2008) explicita ainda que a palavra influencia diretamente a organização de processos psicológicos como pensamento e linguagem, e que isso se dá no nível da formação de conceitos. O autor elenca a formação de conceitos dentre as funções psicológicas superiores, tendo sua expressão máxima a partir da adolescência, por volta dos 13 anos de idade, período em que a capacidade de síntese, abstração e generalização se efetivam sobre os conceitos formados. Agora as formas primitivas de organização dos conceitos, a saber, os conceitos sincréticos, dão lugar às formas superiores e elaboradas: os conceitos científicos propriamente ditos.

Contudo, não são somente elementos cognitivos que estão envolvidos na internalização, na formação de conceitos e na organização da palavra, há também as

configurações afetivo- emocionais. Vigotski (2004c) entende que as emoções possuem status de função psicológica assim como processos tais quais linguagem, memória e atenção. Assim, as emoções também são mediadas pela cultura e são enriquecidas na internalização e na conversão. Estudos contemporâneos (SILVA, 2021) compreendem que os eventos emocionais que atravessamos se constituem em potentes mediadores da nossa vida psíquica, podendo alterar diretamente a nossa relação com o mundo; exemplo disso são as experiências de abandono, de desconfiguração dos vínculos sociofamiliares, de violência física e simbólica por que passam homossexuais (SILVA *et al.*, 2021; MENDANHA E BERNARDES, 2018). Lil Na X ilustra, por exemplo, como eventos homofóbicos dentro do contexto universitário podem, por exemplo, contribuir para a produção de uma vida emocional despotencializada tendo em vista episódios de discriminação e exclusão:

[...] quando uma menina queria um amigo gay para parecer descolada eu era aceito, mas em outras situações nem tanto. Sim, quando não era uma coisa ligada a parte acadêmica, de estudos, uma amiga minha recorria a mim convidando para ir a festas e quando eu a procurava para fazer grupos de estudos ela dizia que já tinha. Teve situações que eu fui retirado do grupo dela sem ser informado. Esses certos boicotes por parte dela e outras pessoas foi muito significativo, pois eu acabava restando principalmente em atividades em grupo. (Lil Na X, 22 anos, estudante de Engenharia Ambiental).

Caminhos afetivo-emocionais também são percorridos na internalização. Cognition e afeto são expressões indivisíveis de uma mesma realidade psíquica. Apoiadas na perspectiva Histórico-Cultural, Solovieva *et al.*, (2019) descrevem que o desenvolvimento humano é marcado por crises, as quais correspondem a períodos em que a consciência se reconfigurando em vista as novas necessidades que se impõem na relação do sujeito com o mundo. As autoras mostram que os eventos emocionais afetam diretamente a constituição da personalidade, positivamente ou negativamente, dependendo da natureza do evento emocional. Sobre a personalidade, Leontiev (1978) a define como um sistema de registros das vivências (*pereživânie*), sendo estas a maneira como eventos externos e internos se combinam sob o formato de tons emocional no psiquismo. De acordo com Vigotski (2010), nossa personalidade tem forte conexão com o meio em que estamos inseridos, sendo produzida nos embates e nos obstáculos que se interpõem entre nós e o mundo. O processo de internalização se objetiva no movimento da personalidade e nas vivências (*pereživânie*), as quais são o ponto de conexão entre o externo e o interno. Sobre esse aspecto, Anna K. revela como a exposição sistemática a elementos de homofobia contribui para a constituição de uma personalidade marcada pela homofobia:

Uma coisa que percebo é uma questão super compensatória da inteligência. No

início era comum demais as pessoas duvidarem da minha capacidade intelectual pela minha orientação sexual. Teve uma professora que eu admirei muito e ela por estar passando por esse processo de perceber que as pessoas achavam que se você fala que fica com mulher parece que é uma “desvalidação” como se não vamos escutar nada a partir daí, ou fica parado, chocado com a informação ou que nada que falar depois é interessante. É igual posicionamento político como alguém dizer que é bolsonarista, já não dar pra escutar, deve ser algum merda... Então acho que as pessoas fazem muito isso em relação à sexualidade. (Anna K., 23 anos, estudante de Psicologia).

Elementos psicossociais da homofobia, com seus componentes cognitivos e afetivo- emocionais, contribuem para a produção de feridas psicológicas profundas na subjetividade de homossexuais, de forma que atravessamentos bruscos de violência se efetivam sob a forma de homofobia internalizada no campo da personalidade e das vivências de homossexuais, empobrecendo sua vida psíquica e os sentidos produzidos. Os processos de subjetivação e de internalização de homossexuais são marcados por mediadores singulares, como o da homofobia. A homofobia traz uma série de implicações sobre a saúde psicológica de sujeitos homossexuais, reconfigurando, inclusive, a maneira como se relacionam com o mundo e nas relações sociais. Para fins de exemplificação dessa relação, seguimos para a análise das entrevistas e da Linha do Tempo dos interlocutores da pesquisa.

2.4 A vivência de homofobia (internalizada) de jovens universitários brasileiros

De acordo com Vigotski (2010), a vivência é a unidade de análise que expressa de forma integral a relação da pessoa com o meio, pois ela aponta para o movimento dialético e de síntese em que o ser humano se localiza em sua relação com o mundo e com a cultura. Para o autor bielorrusso, o meio abarca os aspectos físicos e simbólicos com os quais interagimos mediados pela cultura e pela linguagem, de modo que a interpessoalidade, gradativamente, vai imprimindo marcas muito específicas na pessoa, a qual, por sua vez, devolve essas impressões para o meio de forma significativa. Corroborando com essa ideia, Toassa (2004) sinaliza que a vivência é o próprio movimento de relação da pessoa com os aspectos do meio, de forma que esse contato vai produzindo a formação da personalidade.

No caso de gays e lésbicas, inclusive universitários, como já denotamos, a vivência acontece sob e atravessada por uma plataforma homofóbica (FERREIRA *et al*, 2013; MARINHO *et al*, 2004; MENDES, 2012; OLIVEIRA, 2012). Assim, a maneira como homossexuais se desenvolvem afeta a vivência desse grupo, trazendo implicações, por vezes despotencializadoras, da forma como se portam frente à realidade, o que pode ser observado no relato da Interlocutora 2 sobre suas impressões acerca da segurança/insegurança por ela sentida

em sua relação com a universidade:

Acho que seguro não, mas eles vivem um processo de menos estranhamento e, por exemplo, eu não sei se eu me sinto sempre segura na sala de aula para falar tudo, mas eu também já não sintomais esse medo de que se caso tem alguém lá perdido que vá se sentir ofendido, que vai falar alguma atrocidade... Eu já não tenho mais esse medo. Mas sei que é muito provável que aconteçacomentários homofóbicos, perguntas que você pensa: – Meu Deus porque eu estou passando por isso? (Anna K., 23 anos, estudante de Psicologia).

Para Vigotski, a vivência não é um desdobramento abstrato. O autor (VIGOTSKI, 2006b) coloca que a subjetividade só pode ser pensada na sua relação com a realidade concreta, a qual possui uma história; assim, é correto pensarmos os impactos da homofobia sobre estudantes universitários a partir do entendimento de que, historicamente, a homofobia se enraiza no tecido social, inclusive em espaços educacionais como as universidades (DINIS, 2011). No caso da Linha do Tempo de Anna K., ela analisa que, apesar de se sentir, no geral, protegida dentro do ambiente da sala de aula do curso de Psicologia, tem a sensação de que, a qualquer momento, poderá precisar ter de lidar com algum comentário homofóbico.

De acordo com Hardin (2000) e Antunes (2017), a exposição sistemática a mensagens homofóbicas contribui para com que gays e lésbicas sintam, na maior parte do tempo, que estão em perigo, o que, de acordo com Ceará e Dalgalarrodo (2010), constitui-se em um dos fatores de risco para a produção de transtornos ansiosos e depressivos entre a população homossexual. O relato de Turing sobre sua vivência enquanto um homem gay na universidade corrobora para com a discussão realizada:

Por volta do quinto semestre teve algo que não aconteceu comigo, mas com meu marido. Logo, me impacta diretamente. Essas mesmas pessoas que estavam no fundão comentando, dessa vez estavam saindo da sala, mas o meu marido estava esperando uma colega nossa que ia junto com a gente para parada de ônibus. Ele estava na porta, encostado, e essas pessoas elas falaram mais ou menos assim: — Olha aquele lá, eu nem vou passar perto desse tipo de gente. Então, eles não saíram da sala porque ele estava na porta e, assim que meu marido saiu, eles saíram da sala também. Então teve essa questão de que eles não quiseram nem passar perto dele justamente por ser gay... E aí já vem toda a questão de estresse de minorias. A gente já fica tão chateado na próxima supervisão já tem essa expectativa que ela fale alguma coisa e aí você fica a semana inteira pensando no que falar para conseguir debater com ela. Isso também se configura como um estresse porque a gente não precisaria disso. Uma pessoa heterossexual não precisa se preocupar com que ela vai falar na supervisão em relação a debater com outra pessoa sobre sua sexualidade, não acontece, mas com a gente acontece e acaba que o meu marido já tem um ódio enorme por essa mulher. Apenas dela está na supervisão ele já fica chateado, o humor dele já baixa porque tem ela falando essas coisas. (Interlocutor 1, 23 anos, estudante de Psicologia, uiversidade privada).

O Interlocutor 1 nos lembra de um componente presente na experiência de gays e lésbicas: o estresse minoritário. Cerqueira-Santos, Azevedo e Ramos (2020) definem o estresse minoritário como um conjunto de fatores psicossociais aos quais minorias sociais (pessoas LGBTQIA+, mulheres, negros, indígenas etc.) estão expostas;

dentre esses fatores, destacam os autores, está a homofobia internalizada, a qual se manifesta como as parcelas interiorizadas da violência homofóbica por parte de gays e lésbicas em sua relação com o cenário social (PEREIRA e LEAL, 2002; 2005).

Algumas pesquisas apontam que a homofobia internalizada costuma ser um mediador das relações desenvolvidas por homossexuais. Em termos histórico-culturais, mediação significa a interposição de um elo intermediário entre pessoa e mundo, como lentes mediante as quais passamos a nos enxergar, enxergar o mundo, bem com as relações na qual estamos implicados (ZANELLA, 1994). Vigotski (2016) amplia essa compreensão quando nos explica que a mediação diferencia a experiência humana das demais; uma vez que, para o autor, sendo seres ontologicamente sociais, não é possível pensar em humanidade fora da mediação da cultura e da linguagem. No caso de gays e lésbicas, a mediação cultural também aparece carregada pela homofobia e pela homofobia internalizada.

Ao contrário do que a literatura tradicional aponta sobre mediação, Lima (2020) explica que nem sempre ela tem um caráter apaziguador; na verdade, mediar significa a intermediação do psiquismo por novos elementos presentes na cultura. Caso, conforme aponta a autora, esses elementos sejam patológicos – como a homofobia, por exemplo –, a qualidade da mediação é despotencializadora. Lil Na X reconhece que, no trato com seus pares universitários, costuma se sentir rejeitado e discriminado tendo em vista possível homofobia:

Acho que um pouco, pois em diversos momentos, por exemplo, quando tinha alguma festa na faculdade, se fosse para contar com a minha presença as pessoas me procuravam, mas se fosse algo mais sério como estudar ninguém me procurava. De certa forma me contatava apenas quando percebiam que teriam vantagem com isso, por exemplo, caso eu estivesse mais avançado em alguns tópicos da matéria. Mas depois ninguém procurava... Como: - Ah! Vamos resolver uma lista de exercícios juntos? E isso acontece até hoje próximo de concluir o curso. Na minha turma tinham dois rapazes bissexuais, mas eles não demonstravam isso. Tanto que um deles faz bullying comigo por eu ser abertamente homossexual e o outro sempre foi super tranquilo, inclusive até ficamos uma vez, mas tinha que ser algo escondido, pois ele tinha recebido reações de outras pessoas – porque poderiam perseguir ele por ter beijado outro menino ainda mais na faculdade. Então, não são pessoas que expõem isso. O que é totalmente respeitável e entendível. Mas acho que da minha sala a única pessoa com uma orientação sexual diferente de heterossexual... as pessoas olhariam para mim de alguma forma (Lil Na X, 22 anos, estudante de Engenharia Ambiental).

Apesar de, em sua Linha do Tempo, Lil Na X não relatar percepção flagrante de homofobia, Turing retrata um episódio que ilustra como a homofobia, em sua manifestação estrutural, coloca-se como um elemento mediador das relações de gays e lésbicas na universidade, prejudicando sua experiência acadêmica e aprofundando muitos estigmas internalizados ao longo de sua experiência de vida:

Antes aconteciam coisas que eu não percebia como discriminação, por exemplo, eu e

meu marido nos conhecemos nas primeiras aulas da graduação em psicologia e estamos juntos até hoje. Ele relatava olhares, comentando... mesmo que nossa sala tivesse muito público LGBT, existiam pessoas também que não eram parte do público LGBT. Eles faziam essa discriminação velada de não de chegar e cometer um ato agressivo, mas sim aquela agressividade velada com um olhar, um comentário no fundo da sala, algo do tipo. Eu não percebia isso e hoje eu vejo meu marido me falando eu fico percebendo: — Nossa é mesmo né? Isso acontecia. Na última vez que ela falou alguma coisa em relação à discriminação - não vou lembrar exatamente o que é que era- eu infelizmente tava lavando roupa e meu marido estava na supervisão e ele foi lá e bateu de frente. Falou com ela e educou. Mudou? Não, não vai mudar a pessoa porque muitas vezes isso é do caráter, mas pelo menos a gente educa a pessoa um pouquinho em relação a isso. (Turing, 23 anos, estudante de Psicologia).

Algumas pesquisas discutem que a ausência de políticas de educação que estimulem maior conhecimento por parte do corpus universitário sobre diversidade sexual podem contribuir para posturas de menor abertura quanto às vivências gays e lésbicas no contexto universitário (CAMPOS, 2015; SARTORI, 2021; SILVA, 2011). Ancorados em Louro (2014), lembramos que falar sobre educação é apontar para a sexualidade humana, uma vez que o indivíduo que aprende é também o indivíduo da sexualidade; assim, retirar de gays e lésbicas a liberdade de expressarem seus afetos, o que aconteceu no último relato de Turing, é retirar-lhe uma parte integrante da sua vida. Vigotski (2005), ainda na primeira metade do século XX, já apontava para o fato de que aspectos ligados à sexualidade também precisam ser de interesse da educação, caso contrário sua intervenção educacional será incompleta.

Como já mencionado, Vigotski e Luria (2005) explicam que a atividade humana, incluindo-se nela o comportamento humano, é constituída por quatro níveis *genéticos* (no sentido de *raiz*, de *gênese*). Os dois primeiros níveis são compartilhados pela humanidade com outras espécies, são eles: a filogênese (a herança anátomo-fisiológica) e a ontogênese (o ciclo vital desempenhado por todo organismo vivo). Em contrapartida, os dois últimos são fruto do processo evolutivo que somente a humanidade percorreu, sendo eles: a sociogênese (a história das relações sociais de produção de um povo em um contexto e em um determinado tempo histórico) e a microgênese (a produção de sentidos). Para os autores, cada um desses níveis implica em mudanças na dinâmica da atividade e do comportamento.

A microgênese é o nível genético que tem uma relação mais estreita com as vivências. Toassa (2009) explica que, no original russo, vivência (*pereživânie*) tem conotação de *movimento*. Nessa compreensão, a autora sugere até que utilizemos o termo *vivenciamento* ao invés de vivência, a fim de dar destaque ao carácter processual da construção das vivências. Pensando que as vivências se produzem em meio à transformação que cada ser humano efetua em sua relação com a realidade, gays e lésbicas que encontram elementos

mediadores de homofobia no contexto universitário acabam por se relacionar com ela de forma reificada, alienada (OKITA, 2015). Um exemplo disso é um relato feito por Lil Na X em sua Linha do Tempo ao ser indagado sobre como é ser um estudante gay em uma universidade brasileira contemporaneamente:

Eu não posso falar que é extremamente difícil. Até porque eu tive acesso a muitas coisas, meus pais sempre me incentivaram a estudar. Então, ingressar na faculdade não foi algo com muitos obstáculos. Mas acho que a carga psicológica de estar dentro de um ambiente como a universidade por si só já é densa. Principalmente para mim que concluí o ensino médio e, em seguida, ingressei na faculdade e por às vezes não sentir que existam pessoas que se assemelham a mim de alguma forma. Isso é triste até para construção de laços, de entendimento em várias nuances dentro da faculdade. (Interlocutor 3, 22 anos, estudante de Engenharia Ambiental, universidade pública).

Ora, a literatura aponta elementos psicossociais vulnerabilizadores da vivência de gays e lésbicas na universidade (FERREIRA *et al*, 2013; MARINHO *et al*, 2004; MENDES, 2012; OLIVEIRA, 2012), é muito provável que essa percepção esteja alicerçada no afastamento emocional que a homofobia provoca naquele(a) que a sofre em sua relação com o mundo (BORGES, 2009; 2013). Entretanto, a vivência entra no campo da singularidade (TOASSA, 2004); assim, a depender dos elementos mediadores dos quais um(a) estudante homossexual dispõe, sua existência poderá ser potencializada e acolhida ou não (ALVES *et al*, 2017, CERQUEIRA-SANTOS, AZEVEDO e RAMOS, 2020; LOZANO-VERDUZCO, 2017).

Em uma mirada histórico-cultural, Fleer, González-Rey e Veresov (2017) reiteram que a vivência se dá na vida concreta, ou seja, contextualizada em cada processo psicossocial em que estamos inseridos. Para uma ilustração do conceito de vivência em Vigotski, imaginemos dois carros indo de encontro um ao outro: um dos carros é o meio; o outro é o ser humano; assim como os carros estão em movimento, meio e pessoa também, nenhum deles é estático. Quando eles se encontram, acontece uma colisão, cujo resultado pode se expressar nas faíscas, na destruição dos carros, nos ferimentos das pessoas envolvidas na colisão etc. As vivências são o fruto dessa colisão, o fruto desse impacto.

No caso de gays e lésbicas universitários, elementos homofóbicos colidem com essas pessoas, produzindo ecos já discutidos pela literatura especializada (FERREIRA *et al*, 2013; MARINHO *et al*, 2004; MENDES, 2012; OLIVEIRA, 2012). Dentre esses ecos, destacamos a estigmatização do(a) estudante homossexual por parte dos pares universitários e dos professores, o desengajamento da relação de ensino-aprendizagem, bem como a sensação de insegurança dentro do contexto universitário. Para ilustração das implicações

psicossociais da homofobia e o seu papel na promoção de homofobia internalizada, segue um relato da Linha do Tempo de Anna K:

Uma coisa que percebo é uma questão super compensatória da inteligência. No início era comum demais as pessoas duvidarem da minha capacidade intelectual pela minha orientação sexual. Teve uma professora que eu admirei muito e ela por estar passando por esse processo de perceber que as pessoas achavam que se você fala que fica com mulher parece que é uma “desvalidação” como se não vamos escutar nada a partir daí, ou fica parado, chocado com a informação ou que nada que falar depois é interessante. É igual posicionamento político como alguém dizer que é bolsonarista, já não dar pra escutar, deve ser algum merda... Então acho que as pessoas fazem muito isso em relação à sexualidade (Anna K., 23 anos, estudante de Psicologia).

Lil Na X também nos dá pistas para pensarmos a relação de estudantes gays e lésbicas com o ambiente universitário:

[...] quando tinha alguma festa na faculdade, se fosse para contar com a minha presença as pessoas me procuravam, mas se fosse algo mais sério como estudar ninguém me procurava. De certa forma me contactava apenas quando percebiam que teriam vantagem com isso, por exemplo, caso eu estivesse mais avançado em alguns tópicos da matéria. Mas depois ninguém procurava... Como: - Ah! Vamos resolver uma lista de exercícios juntos? E isso acontece até hoje próximo de concluir o curso. (Interlocutor 3, 22 anos, estudante de Engenharia Ambiental, universidade pública).

Dafermos (2018) e Vigotski (2010) destacam que as vivências correspondem à produção da subjetividade e da personalidade, inrompendo como a experiência revestida de sentio. Assim, o indivíduo pode produzir sentidos saudáveis ou patológicos, os quais correponderão a uma dinâmica de atividade mais ou menos saudável. Agora enfatizando o papel dos sentidos para o desenvolvimento de gays e lésbicas universitários, passamos à análise dos sentidos produzidos por jovens homossexuais brasileiros na universidade.

2.5 Os sentidos produzidos por jovens homossexuais brasileiros na universidade

De acordo com Vigotski (2008), a palavra é o microcosmo da consciência humana, ou seja, a menor partícula do psiquismo capaz de sintetizar a evolução da história da humanidade, uma vez que a palavra é o reflexo das conquistas filogenéticas, ontogenéticas e sociogenéticas da espécie humana. Analisando a arena da palavra, conforme o autor, esta possui basicamente duas dimensões: uma mais estável, chamada de significado, representando os acordos sociais em torno de um objeto, processo ou fenômeno; e outra mais instável, o sentido, o qual diz respeito à produção microgenética (subjetiva) de cada ser humano.

Os sentidos refletem os processos vivenciais – portanto, singulares – de cada indivíduo, abrindo-nos a possibilidade de compreensão das emoções e da constituição da identidade singular de cada ser humano (DELARI JÚNIOR, 2013). Em sua relação com a

realidade, o ser humano vai atribuindo sentido ao mundo e a sua própria experiência, tonalizando as relações intra e interpessoais com o colorido das emoções e da subjetividade (VIGOTSKI, 2010). Assim, nos sentidos, nós seres humanos podemos experimentar a possibilidade de ir para além dos limites do determinismo, existindo com liberdade em nossa relação com o meio (TOASSA, 2004).

Nesse esteio de compreensão, apontamos para o fato de que os sentidos produzidos por gays e lésbicas em sua relação com o contexto universitário são embebidos por fatores mediadores despotencializadores da vivência universitária ligados à homofobia e à homofobia internalizada. Um exemplo dessa complexa relação é um dos eventos que apareceram na Linhado Tempo de Turing:

Por volta do quinto semestre teve algo que não aconteceu comigo, mas com meu marido. Logo, me impacta diretamente. Essas mesmas pessoas que estavam no fundão comentando, dessa vez estavam saindo da sala, mas o meu marido estava esperando uma colega nossa que ia junto com a gente para parada de ônibus. Ele estava na porta, encostado, e essas pessoas elas falaram mais ou menos assim: — Olha aquele lá, eu nem vou passar perto desse tipo de gente. Então, eles não saíram da sala porque ele estava na porta e, assim que meu marido saiu, eles saíram da sala também. Então teve essa questão de que eles não quiseram nem passar perto dele justamente por ser gay. (Turing, 23 anos, estudante de Psicologia).

O relato de Turing aponta para um contexto universitário caracteristicamente homofóbico, com manifestações flagrantes de preconceito e discriminação. Tendo em vista que a produção de sentidos é um desdobramento da experiência concreta da pessoa, os sentidos atribuídos por parte de Turing poderão caminhar para elementos despotencializadores. Corroborando com essa ideia, Guimarães (2009) sinaliza que a experiência de homofobia costuma implicar em uma visão negativa da pessoa homossexual sobre si mesma e sobre as possibilidades de vida que pode ter, levando esse indivíduo a acreditar, por exemplo, que não conseguirá ter um relacionamento afetivo-amoroso feliz, que não terá sucesso profissional etc. (HARDIN, 2000).

Nesse sentido, a experiência universitária aprofunda a homofobia internalizada desenvolvida ao longo da vida de gays e lésbicas universitários (BLAIS, GERVAIS e HÉRBERT, 2014; KUBICEK *et al*, 2009; RZONDZINSKI, 2019; SOUZA *et al*, 2019). Gays e lésbicas, na universidade, estão propensos a ter que lidar com a homofobia na relação com seus pares, afetando a produção de sentidos saudáveis. Turing também ilustra a forma como um cenário universitário homofóbico pode contribuir para a produção de sentidos não saudáveis:

[...] E aí já vem toda a questão de estresse de minorias. A gente já fica tão chateado

na próxima supervisão já tem essa expectativa que ela fale alguma coisa e aí você fica a semana inteira pensando no que falar para conseguir debater com ela. Isso também se configura como um estresse porque a gente não precisaria disso. Uma pessoa heterossexual não precisa se preocupar com que ela vai falar na supervisão em relação a debater com outra pessoa sobre sua sexualidade, não acontece, mas com a gente acontece e acaba que o meu marido já tem um ódio enorme por essa mulher. Apenas dela está na supervisão ele já fica chateado, o humor dele já baixa porque tem ela falando essas coisas. (Turing, 23 anos, estudante de Psicologia).

Turing, em sua Linha do Tempo, revela que ser um homem gay no cenário universitário traz desafios peculiares, uma vez que, em sua vivência, gays e lésbicas estão submetidos a situações de estresse a que seus pares heterossexuais não estão, o que passa a mediar as relações que homossexuais têm dentro desse contexto, contribuindo para a produção de sentidos não saudáveis. Como exposto, nem sempre o processo de atribuição de sentidos será potencializador de elementos mediadores de saúde; antes, alguns processos psicossociais apontam para a potencialização de sentidos adoecidos, reflexos de uma atividade adoecida.

De acordo com Leontiev (1978) a atividade é o movimento de transformação da realidade por parte do ser humano, de maneira que, ao transformar o mundo, a pessoa é transformada também, estabelecendo-se uma relação dialética entre pessoa e meio (concreto e simbólico). Para o autor, é a atividade intencional que nos diferencia das demais espécies. Em sua organização, a atividade se movimenta sempre a partir de uma base volitivo-motivacional, o que significa que ela tenta satisfazer necessidades; assim, a atividade sempre tem um motivo para acontecer. Entretanto, algumas situações específicas de desenvolvimento, contribuem para o adoecimento das necessidades e dos motivos sobre os quais a atividade humana está alicerçada.

Quando esse movimento patológico se efetiva, a atividade se torna patológica, não correspondendo a necessidades e motivos saudáveis (SILVA, 2021). Nesse ínterim, se a atividade se torna adoecida, os sentidos também se manifestarão adoecidos, pois eles se formam no curso da nossa atividade, ou seja, no movimento de transformação e subjetivação que se processa na relação pessoa-meio (VIGOTSKI, 2010). Quando tratamos sobre o processo de atribuição de sentidos por gays e lésbicas no contexto universitário devemos lembrar que a atividade de estudo e de se relacionar interpessoalmente pode se apresentar mediada por componentes estressores como a homofobia nas suas mais diversas formas de manifestação, contribuindo para o aumento dos níveis de homofobia internalizada (LEAL, 2002; 2005). Ratificando essa construção, Lil Na X expõe que:

Na minha turma tinham dois rapazes bissexuais, mas eles não demonstravam isso. Tanto que um deles faz bullying comigo por eu ser abertamente homossexual e o outro sempre foi super tranquilo, inclusive até ficamos uma vez, mas tinha que ser

algo escondido, pois ele tinha recebido as reações de outras pessoas – porque poderiam perseguir ele por ter beijado outro menino ainda mais na faculdade. Então, não são pessoas que expõem isso. O que é totalmente respeitável e entendível. Mas acho que da minha sala a única pessoa com uma orientação sexual diferente de heterossexual... as pessoas olhariam para mim de alguma forma. [...] parece que às vezes me enxergam como uma pessoa “descomportada”: que fala alto o tempo todo, leva tudo na brincadeira e eu vejo que tem gente com um viés muito mais sério. (Lil Na X, 22 anos, estudante de Engenharia Ambiental).

De acordo com Pereira, Varela e Silveira (2015), cenas de bullying homofóbico em contextos educacionais costumam contribuir para um desengajamento do estudante frente às atividades acadêmicas, facilitando que haja maior evasão escolar, bem como menor identificação (atribuição saudável de sentidos) com o espaço em questão. Do mesmo modo, Marsha nos explica como elementos adoecedores da dinâmica subjetiva de estudantes homossexuais se manifestam no cenário cotidiano da universidade, citando eventos por ele percebidos como homofóbicos na universidade onde estuda:

Uma vez, uma professora de letras olhou para mim na frente da sala. Era uma sala pequena de 10 pessoas, e disse: — É um desperdício você ser gay porque as mulheres poderiam... Você é tão bonito e as mulheres poderiam... Enfim... Ela falou isso na frente de várias pessoas, ela chegou a falar na frente da minha antiga orientadora de letras, a minha orientadora ficou extremamente desconfortável com isso e eu diante dessa situação, dessa violência porque que eu considerei isso uma violência, apesar de eu conseguir confrontar... Há certas violências que agente realmente fica estagnada que a gente não consegue a gente se pergunta: — Isso está acontecendo mesmo em um ambiente universitário? Isso partiu mesmo da professora para mim?(Marsha, 27 anos, estudante de Psicologia).

Em sua Linha do Tempo, Marsha evidencia uma outra faceta da violência homofóbica universitária que afeta o processo de produção e atribuição de sentidos: a homofobia por parte de professores. Estudos relatam muitos temores e receios possuídos por gays e lésbicas universitários com relação à forma como seus professores irão lidar com sua orientação afetivo-sexual (MENDES, 2012; OLIVEIRA, 2012), o que pode, como no relato já descrito de Anna K., contribuir para uma postura de ocultação da própria sexualidade na tentativa de evitar, por exemplo, que não seja estigmatizada como uma aluna menos competente.

Zeigarnik (1979), psicóloga lituana continuadora da obra de L. S. Vigotski e responsável pelo maior fomento da compreensão de adoecimento na abordagem, explica que o adoecimento psíquico se produz dentro de uma situação social de desenvolvimento. Assim, a depender de como o cenário se configura, determinados arranjos psíquicos são mais ou menos presentes. Vigotski (1999) retrata que nossos processos cognitivos e afetivos se produzem em articulação com o cenário e na relação com os personagens presentes nesse cenário, o qual é marcado por elementos contraditórios, os quais, por sua vez, manifestam-se na nossa vida

psíquica.

De acordo com Zeigarnik (1988), no adoecimento psíquico ou em situação de sofrimento mais pontuais, experimentamos a desorganização do sistema funcional. Sobre este, Luria (1981) explica que nosso psiquismo é composto por funções psicológicas as quais funcionam de forma hierárquica, dinâmica e integrada; assim, caso experimentemos a desagregação de um processo psicológico, os demais também, em certa medida, serão comprometidos. Retomando Zeigarnik (1979), essa desagregação afeta a maneira como intervimos sobre a realidade (a atividade), alterando a hierarquia dos motivos e das necessidades e, portanto, a produção de sentidos saudáveis.

Quando falamos do desenvolvimento de gays e lésbicas dentro de uma sociedade heterossexista, devemos olhar necessariamente para os efeitos deletérios desse processo psicossocial sobre a saúde desse grupo, inclusive dentro do contexto universitário, tendo em vista que este tem se apresentado um cenário potencializador de homofobia internalizada (ALBUQUERQUE e WILLIAMS, 2015; CERQUEIRA, AZEVEDO e RAMOS, 2020). Um dos relatos presentes na Linha do Tempo de Lil Na X ilustra essa dinâmica de adoecimento mediada pela homofobia.

[...] Por exemplo: quando uma menina queria um amigo gay para parecer descolada eu era aceito, mas em outras situações nem tanto.

Sim, quando não era uma coisa ligada a parte acadêmica, de estudos, uma amiga minha recorria a mim convidando para ir a festas e quando eu a procurava para fazer grupos de estudos ela dizia que já tinha. Teve situações que eu fui retirado do grupo dela sem ser informado. Esses certos boicotes por parte dela e outras pessoas foi muito significativo, pois eu acabava restando principalmente em atividades em grupo. [...] Em momentos que eu estava muito descarregado emocionalmente, por vezes eu faltava com mais frequência. Eu sentava para estudar e não conseguia focar, estudava para as provas e tinha crises de ansiedade. Das 8 horas que precisamos dormir por dia, ficava 6h acordado durante a noite e no dia seguinte ter provas finais... Então, isso sempre me prendeu muito na questão do desenvolvimento e eu sempre pensava que esse momento fosse chegar e geralmente era quando as coisas acirravam como em períodos de encerramento de notas, semestre... muitas vezes eu eu desaparecia da faculdade ou chegava muito atrasado, parecendo um “caco” dentro da sala de aula e foi assim por um bom tempo. (Lil Na X, 22 anos, estudante de Engenharia Ambiental).

Em conformidade com Almeida (2018), os sentidos patológicos são resultado de processos de alteração da natureza da atividade humana. Assim, explica a autora, que, quando a atividade, seja ela qual for, não contribuir para transformação e apropriação consciente da realidade, tomará configurações adoecidas. Nesse sentido, apontamos para o fato de que a homofobia promove arranjos emocionais despotencializadores da dinâmica psíquica de jovens universitários homossexuais, aumentando a presença de sentimentos como medo, ansiedade, isolamento social, desproteção, dentre outros, como também pode ser observado na Linha do

Tempo de Marsha, quando narra como é ser homossexual em uma universidade brasileira:

Existem dias que eu consigo ir maquiada e, caso alguém fale algo, nem ouço e está tudo bem, mas há dias que se eu for minimamente maquiada e uma pessoa olhar um pouco estranho para mim isso já me desmorona e eu não tenho condições de ficar naquele ambiente, pois eu começo a me sentir incomodado. [...] Então, eu vou maquiada, mas sempre que eu saio de casa é sabendo que tudo pode acontecer. Logo, eu vou preparado para isso. E como eu disse, depende do dia. Tem dia que eu posso sair maquiado e nem perceber se alguém olhou estranho para mim ou não ou de alguma forma diferente e tem dia que cada olhar parece que é para mim, acho que é uma defesa natural de uma pessoa LGBT, principalmente da pessoa que é afeminado ou que usa dessa performatividade feminina. (Marsha, 27 anos, estudante de Psicologia).

Entretanto, cabe notar que a universidade também pode se configurar em um ambiente de proteção, estimulando o desenvolvimento integral de estudantes homossexuais nesse contexto. Dinis (2011) aponta que ambientes educacionais, quando organizados para terem maior abertura e maior veiculação de conhecimento quanto à diversidade sexual, podem ser um ambiente protetor e estimulante para o desenvolvimento pessoal de gays e lésbicas. Nesse sentido, estudos apontam ser fundamental que políticas educacionais nacionais e locais viabilizem a implementação de ações em diversidade sexual que sensibilizem a comunidade acadêmica para a temática. Corroborando com essa perspectiva, Turing diz que:

Se tivesse uma matéria no início da faculdade ou no meio apenas para falar sobre acolhimento de minorias sociais como pessoa indígenas, pretas, LGBTQIA+... Se tivesse essa matéria pelo menos para conscientizar as pessoas e quebrar algumas barreiras porque existem algumas pessoas que estão com um pé aqui e outro lá e elas de certa forma podem ser conscientizadas. (Interlocutor 1, 23 anos, estudante de Psicologia, universidade privada).

Nesse cenário, uma universidade com mais conhecimento sobre diversidade sexual é também uma universidade que facilita o engajamento e a permanência de gays e lésbicas nesse espaço (LUIZ JÚNIOR, SILVA E ALMEIDA, 2019). Sobre o assunto, Pavelchuk e Borsa (2019) chamam de conectividade comunitária a experiência de percepção de que temos laços sociais recíprocos em relação a um grupo ou ambiente do qual fazemos parte, o que pode contribuir para bem-estar, engajamento social e posturas de enfrentamento da violência. De acordo com as autores, quanto maiores forem os níveis de conectividade comunitária, menores serão os níveis de homofobia internalizada. Assim, relações de engajamento comunitário podem contribuir para uma produção saudável da atividade e dos sentidos de jovens universitários homossexuais. Por fim, para ilustrar o papel de intervenções que aprofundem relações potencializadoras para gays e lésbicas no contexto universitário, Marsha, ao falar sobre a sensação de segurança no contexto universitário, afirma que:

[...] têm amizades que me auxiliam nessa proteção e que, de certa forma, protegem. A universidade em si, não sinto, não é que a universidade também vai estar conivente com alguma forma de preconceito, LGBTfobia, mas eu não sinto uma prática, uma política voltada para o conhecimento e reconhecimento de pessoas LGBT tanto que como eu disse ainda existem docentes que usam do termo homossexualismo. (Marsha, 27 anos, estudante de Psicologia).

2.6 Considerações finais

A experiência de jovens homossexuais brasileiros universitários é eminentemente marcada por elementos psicossociais de homofobia, os quais contribuem para maiores índices de homofobia internalizada entre esse público. Nesse sentido, a homofobia internalizada se configura como um elemento estressor para jovens gays e lésbicas no contexto universitário, desintegrando elementos importantes de sua vivência universitária, como engajamento com a comunidade universitária, desempenho acadêmico, autoestima etc. Os achados deste estudo corroboram com a literatura nacional e internacional quanto à presença e à incidência de processos homofóbicos no cenário das universidades.

A homofobia é um fenômeno estrutural, dessa forma ela acaba por fazer parte dos processos de subjetivação de pessoas heterossexuais e homossexuais na contemporaneidade, expressando-se em seus comportamentos, pensamentos e emoções. Por vezes, essa manifestação acontece sob o formato de homofobia internalizada, que é a forma interiorizada da homofobia, a qual, em seus efeitos, empobrece a dinâmica psíquica da pessoa em questão, seja ela hétero ou homossexual. No caso de indivíduos homossexuais, a homofobia internalizada pode deflagrar danos ou desintegrações do sistema psíquico, uma vez que incide sobre a função psicológica emoções, a qual perpassa todos os demais processos do psiquismo humano, como: linguagem, pensamento, memória, consciência de si etc.

Nesse contexto de produção de violência, jovens homossexuais universitários podem ficar à mercê de ambientes acadêmicos que não contam com uma estrutura adequada para seu acolhimento, não tendo, por exemplo, políticas educacionais voltadas para compreensão e promoção de respeito à diversidade sexual. Os achados deste estudo ratificam as discussões feitas pela literatura de base sobre homofobia internalizada entre universitários: na ausência de fatores protetores, a homofobia internalizada afeta toda experiência universitária de gays e lésbicas.

Nesse esteio de contribuições, apontamos também para o fato de que a Psicologia Histórico-Cultural pode se apresentar como uma teoria alternativa para as leituras abstratas e descontextualizadas presentes como instrumentos de análise nos estudos sobre homofobia internalizada, inclusive no contexto universitário com jovens hétero e homossexuais.

Por fim, vislumbrando complementações, consideramos importante que futuros estudos sobre homofobia internalizada em jovens universitários brasileiros investiguem, com delineamentos quantitativos, a manifestação desse processo, objetivando, para além de descrever as particularidades e as singularidades, investigar os componentes compartilhados quanto a essa problemática pelo grupo em questão. Do mesmo modo, acreditamos que estudos qualitativos e quantitativos que triangulem mais de uma estratégia metodológica possam contribuir para um entendimento mais integral das facetas da homofobia internalizada entre jovens universitários brasileiros.

3 HOMOFOBIA INTERNALIZADA NAS TRAMAS COLONIAIS: NOTAS PARA UMA RELAÇÃO

3.1 Introdução

1492. Este é o ano apontado por Dussel (1993) como o marco para a mudança das relações sociais nas Américas e em todo mundo, uma vez que os processos de exploração e colonização dos povos não europeus se tornaram sistemáticos e foram estruturados como nova forma de acúmulo de poder; nesse momento, conforme o autor, a noção de outro foi estabelecida e fortalecida a fim de criar povos e corpos passíveis de exploração material, cultural e espiritual. A modernidade é inaugurada sob o genocídio e o etnocídio dos povos africanos, asiáticos e originários da América.

A modernidade é o período histórico em que o colonialismo se processou. Em seu interior, as relações de poder e as interações sociais são marcadas pela compreensão de que há pessoas cujas vidas têm mais valor (SPIVAK, 2010). Conforme aponta Dussel (1993), a criação do “outro” foi fundamental para que a violência a determinados grupos e povos fosse justificada, um exemplo disso foi a percepção de que os povos nativos da América do Sul e da América central não tinham alma, o que abria caminho para as monarquias europeias escravizarem seus povos, exterminarem sua cultura e lhes violarem as mulheres e as crianças (BOSI e CAPINHA, 1992).

Em conformidade com perspectivas decoloniais (MALDONADO-TORRES, 2019), a modernidade se inicia com o advento das grandes caravelas, as quais tinham por interesse central a expansão das riquezas e do poder das nações europeias. Enquanto desdobramento dessa nova forma de organização, o mundo passa a se organizar considerando a divisão entre o que é metrópole e o que é periferia. Nessa equação, a metrópole é sinônimo de racionalidade, de equilíbrio e de sucesso; em contrapartida, a periferia é assemelhada à desorganização e ao fracasso social. É importante considerar, como aponta Santos (2019), a existência de uma linha social que divide a experiência das pessoas que estão na periferia da experiência de quem vivem na metrópole, de forma que os esquemas sociais são pensados para que não haja porosidade entre esses dois lugares-estados.

A modernidade é o período histórico em que a exploração se torna sistemática, o que significa que mecanismos sociais foram criados para que as coisas beneficiassem a metrópole em detrimento da periferia. Alguns autores (BALLESTRIN, 2013; MIGNOLO, 2005; MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2020) sugerem que a modernidade também polariza os

povos entre aqueles que fazem parte de um norte global e aqueles que constituem o sul do globo. Essa classificação não se refere à simples divisão dos países em hemisférios geográficos, mas a uma divisão geopolítica. Nesse ínterim, em consonância com o exposto por Mignolo (2005), o norte diz respeito ao conjunto de países que detém a hegemonia do poder, seja ele expresso pelas riquezas, pela legitimação da sua forma de vida ou pela validação das suas maneiras de conhecimento.

Tendo isso esclarecido, é necessário entendermos que a modernidade não é um tempo abstrato; ao contrário: ela corresponde ao percurso de processos de violação, extermínio e etnocídio fincados nos arranjos sócio-históricos. Cástro-Gomez (2005) chama de colonialismo histórico os processos de invasão, destruição e genocídio perpetrados pela Europa e pelos Estados Unidos da América (EUA) em relação aos territórios africanos, americanos e asiáticos ao longo dos anos compreendidos entre o século XVI e o século XX. Durante esse período, estes últimos territórios tiveram suas riquezas e bens naturais expropriados, além de terem visto serem dizimados seus rituais, formas de organização social e econômica, maneiras de desempenhar sua sexualidade, dentre outros aspectos particulares à sua cultura.

De acordo com Grosfoguel (2016), formas contemporâneas de discriminação e preconceito, tais como o racismo, foram geradas nesse cenário, fértil das mais variadas formas de violência. O colonialismo histórico produziu feridas profundas em diversos setores da vida dos povos africanos, asiáticos e originários da América, dentre eles: economia, política, cultura, religião, sexualidade etc. (CANO, 1996; CHAMPLIAU, 2008). Basta que lembremos episódios como a “Partilha da África” para que fiquem claros a hegemonia e o controle que Europa e EUA obtiveram em relação aos territórios localizados para além da metrópole (TRAUMANN e MENDES, 2015). Kilomba (2020), inclusive, aponta para o fato de que ecos significativos do colonialismo histórico perduram até os dias atuais, ainda que se apresentem sobre novas formas, atualizadas e contextualizadas nas novas demandas do capitalismo.

Maldonado-Torres (2019) chama os ecos e as implicações contemporâneas do colonialismo histórico de colonialidade. O autor discute que a colonialidade é a herança social das práticas primeiras de exploração colonial, é a sua estrutura em pleno funcionamento, a qual se expressa na forma de pensar, sentir e ser de cada indivíduo localizado nesse cenário de desigualdade social. Acerca dessa dinâmica, Spivak (2010) coloca que, na colonialidade, há uma divisão entre os corpos que são possíveis, e aqueles que não são. É um sistema configurado para que relações desiguais de poder se mantenham e, continuamente, fortaleçam-se.

Modernidade e colonialidade são dois lados de uma mesma moeda, de forma que

não é possível falar de modernidade sem colonialidade e vice-versa. A modernidade-colonialidade³ é a conjugação de fatores temporais e sócio-históricos de vituperação de vidas e povos, a qual instaura formas modernas de escravidão e de exploração, contribuindo para processos de subjetivação baseados nas dinâmicas explorador-explorado, agressor-vítima, valorável-sem-valor, rico-pobre, sábio-ignorante etc.

Nessa lógica de funcionamento, como referenciado anteriormente (SPIVAK, 2010), há vidas que valem mais que outras. Aquelas que valem menos se tornam alvo da violência social, a qual opera com o objetivo de aprofundar a desigualdade social e de gerar pessoas que funcionem dentro dos limites esperados pela colonialidade. Nesse sentido, Unger (2018) destaca que a colonialidade é uma plataforma onde nos tornamos pessoas, de modo que não é possível pensar a subjetivação das pessoas na colonialidade sem que levemos em consideração suas implicações sobre o comportamento humano, assim é esperado que a colonialidade promova comportamentos passivos diante da realidade social. Para ilustrar, são inúmeras as contribuições da Psicologia brasileira que demonstram as implicações psicossociais desse tipo de sociabilidade colonial (CIDADE, MOURA JÚNIOR e XIMENES, 2017; MOURA JÚNIOR e XIMENES, 2016; XIMENES, 2019).

Há práticas de violação que se processam dentro desse recorte histórico de tempo, dentre elas a homofobia. Apesar de haver estudos que indicam a presença de práticas homofóbicas desde a antiguidade (ANTUNES, 2017; BORRILLO, 2015), há evidências de que a homofobia ganhou novos contornos na modernidade (GREEN, 2018; TREVISAN, 2018). Apoiados em Jesus (2015), entendemos homofobia como o conjunto de comportamentos, expressos em pensamentos, atitudes e emoções, ligados à raiva, ao medo e à aversão a pessoas que se relacionam sexual e/ou afetivamente com pessoas do mesmo gênero com o qual se identificam. Entretanto, o autor chama atenção para o fato de que a compreensão sobre homofobia não pode estar alicerçada em um psicologismo da questão, ou seja, como um processo irracional interno que acomete algumas pessoas e que não tem causa explícita.

Em consonância com os apontamentos de Borrillo (2015), estudos (PERUCCHI e CORRÊA, 2013; PERUCCHI, BRANDÃO e VIEIRA, 2014; MOURA e EMÉRITO, 2014) sugerem que a homofobia é um problema psicossocial, tendo suas raízes e explicações nas leis sócio-históricas do desenvolvimento humano. Assim, a homofobia é um fenômeno histórico e social que se processa na dinâmica das instituições e da cultura. De acordo com

³ Para efeitos de alinhamento e de economia textual, neste estudo, a partir de então, o termo colonialidade será utilizado como sinônimo da expressão colonialidade-modernidade. Amparados nas discussões expressas na literatura de base sobre o tema (BALLESTRIN, 2013; SANTOS, 2019; MALDONADO-TORRES, 2019), também nos utilizaremos desse recurso de economia textual.

Borrillo (2015), a homofobia funciona como um vigilante das relações sociais de gênero e de sexualidade, de modo que seu objetivo é não permitir que expressões dissonantes com a norma social se expressem livremente. A homofobia é um elemento estruturante da vida social (ANTUNES, 2017) e se apresenta também sob um formato interiorizado, a homofobia internalizada, a qual, como revelam estudos (PEREIRA e LEAL, 2002; 2005), tem impactos negativos sobre a saúde mental dos seres humanos.

Homofobia é uma questão de gênero e, pensando na problemática apresentada, este estudo se conecta com dois objetivos desta dissertação: analisar as relações entre colonialidade e homofobia internalizada; e descrever as manifestações da homofobia internalizada no Brasil colônia, utilizando-se da noção de gênero e de colonialidade de gênero para efetuar as aproximações entre essas duas categorias, revelando por que a homofobia internalizada é mantida como mecanismo social na modernidade-colonialidade e quais seus impactos nas interações sociais entre pessoas nesse momento histórico. Para tal, este estudo é dividido em três momentos:

- a) O gênero como uma invenção social colonial;
- b) Colonialidade de gênero e homofobia internalizada: uma relação não tão explorada, mas muito antiga; e
- c) Efeitos da homofobia internalizada sobre o comportamento humano: quem ganha com isso? Tendo sido esclarecido o percurso que trilharemos, passamos aos aspectos metodológicos deste estudo.

3.2 Método

Este estudo se inscreve dentro do espectro das pesquisas qualitativas em Psicologia. Em conformidade com o exposto por Yin (2016), a pesquisa qualitativa permite ao pesquisador aproximar-se do processo de interesse com mais acuidade e sensibilidade, notando as contradições e iminências presentes no processo analisado. Apesar de não permitir a generalização dos achados encontrados, possibilita um entendimento minucioso das leis que regem as relações, sejam estas teóricas ou empíricas.

Ademais, este estudo é também de natureza teórico-bibliográfica, uma vez que sua preocupação não foi a de examinar uma relação empírica, mas uma possibilidade de aproximação teórica entre duas categorias, a saber: colonialidade e homofobia internalizada. Para isso, contamos com a literatura de base acerca das categorias supracitadas. De acordo com Creswell (2014), a pesquisa teórico-bibliográfica permite ao pesquisador a construção de

novas relações teóricas, as quais poderão servir não só para a reflexão sobre um dado problema ou questão, mas também que poderá alimentar novos olhares para pesquisas empíricas, podendo suas contribuições se tornarem lentes de contato para a realidade de pesquisa.

De forma mais específica, utilizamos a Revisão Narrativa de Literatura (RNL) como caminho dentro do processo de apropriação da literatura de base acerca das temáticas indicadas. A RNL é uma técnica que consiste na seleção do material teórico-bibliográfico em conformidade com o processo de descoberta e apropriação das leituras por parte do pesquisador, o que revela a aproximação pessoal do pesquisador acerca de uma temática específica, por isso narrativa (ROTHER, 2007).

Por fim, este estudo se insere dentro do campo de reflexões dos Estudos Decoloniais, os quais dizem respeito ao conjunto de contribuições teórico-práticas das ciências sociais que objetivam o desmantelamento das relações herdadas do colonialismo histórico e manifestas na colonialidade, tentando deslocar a naturalização da pobreza, do poder e da classificação das existências entre aquelas que compõem a metrópole e as que compõem a periferia (MIGNOLO, 2005; SANTOS, 2019). Além disso, de forma particular, chamamos atenção para a produção teórica da Psicologia Decolonial, esse ramo do saber psicológico que tem nos Estudos Decoloniais sua base de crítica e proposição (ALVES e DELMONDEZ, 2015; CASTRO e MAYORGA, 2019; ORELLANO e GONZÁLEZ, 2015).

3.3 O gênero como uma invenção social colonial

Como já expusemos, a colonialidade é um sistema complexo que opera no sentido de estabelecer, promover e aprofundar relações de desigualdade social. Nesse sentido, seu funcionamento precisa ser compreendido como a ramificação de diversos mecanismos que funcionam para que as relações coloniais se mantenham operantes e sólidas. Santos (2019) explica que, para que a colonialidade garanta efeitos eficazes, é necessário que ela esteja presente em todos os âmbitos e aspectos da vida humana. Em consonância com o autor, Mignolo (2005) descreve que a colonialidade tem uma gramática própria, expressando-se não só na lógica de exploração das relações econômicas, mas também nos domínios das formas de vida e das formas de conhecimento.

A colonialidade é como uma árvore com galhos, cada um destes sendo uma configuração específica de exploração e de domínio. Dentre essas forças da colonialidade,

Castro-Gomez (2005) revela haver um mecanismo que garante, sob a lógica histórica da exploração dos bens e das riquezas, a divisão entre povos e nações entre aqueles que podem, isto é, detêm o poder, e aqueles que pouco ou nada podem, ou seja, não detêm os meios de produção e de sobrevivência. O autor chama esse mecanismo de colonialidade do poder. Conforme Quijano (2020), é a colonialidade do poder que objetiva a polarização das nações entre norte e sul. Quanto a essa divisão, Castro-Gómez (2005) nos lembra de que não se trata de uma mera divisão geográfica dos países entre hemisférios, mas de uma categorização geopolítica. Assim, fazem parte do norte global aqueles países que historicamente enriqueceram e enriquecem às custas do empobrecimento e da exploração de outros povos; estes, por sua vez, explorados, localizam-se dentro da impossibilidade de se colocarem ativamente e autonomamente nas relações de mercado e de produção.

Todavia, não só do domínio sobre as relações de produção e sobre os recursos naturais vive a humanidade. Como bem aponta Grosfoguel (2016) existe um projeto de domínio que se estende sobre as formas de saber e de conhecer as pessoas, a realidade e as relações entre elas; é o que autor chama de colonialidade do saber. Podemos compreendê-la como a força da colonialidade que classifica e define aquilo que é válido como saber e conhecimento. De acordo com Lander *et al* (2005), existem formas específicas de conhecimento as quais são negligenciadas e marginalizadas ao longo da história da humanidade. Silva, Baltar e Lourenço (2018) discutem que a marginalização desses saberes se dá via processo de racionalização do conhecimento e no positivismo, os quais são as âncoras desse processo de estigmatização. Nesse sentido, Santos (2019) denuncia que os saberes dos povos não ocidentais foram exotizados e marginalizados em detrimento do conhecimento racional do norte global.

Há também outro enraizamento da colonialidade, a saber: a colonialidade do ser. Esta se define como a hierarquização das formas de vida e de existência, o que quer dizer que há uma régua que valora as vidas que têm valor e aquelas que não o têm (ZIZEK, 2013). Nessa equação, as vidas que valem menos ou que nada valem são puníveis, marginalizáveis e matáveis; assim, instaura-se uma postura sobre a vida que autoriza algumas vidas morrerem e outras não, como bem explica Mbembe (2020). Sobre essa relação, Spivak (2010) destaca que a vida do homem branco heterossexual europeu é a balizadora dessa avaliação, de modo que, quanto mais uma pessoa se afastar desses marcadores sociais, mais vulnerável estará dentro do sistema moderno-colonial.

São múltiplos os processos de desigualdade social que se desdobram na colonialidade, dentre eles aqueles que dizem respeito à construção e à percepção social do

gênero, o qual, dentro dos limites da experiência colonial, tornou-se orientado pela compreensão de que existem estereótipos de sexualidade-gênero que devem ser seguidos por homens e mulheres (LUGONES, 2014). Scott (1995) define gênero como toda e qualquer performance humana ligada às representações sociais de masculino e de feminino. De acordo com a autora, masculino e feminino são, respectivamente, ligados à experiência de ser homem e de ser mulher. Castanho (2013) explica que, ainda na mais tenra infância, somos ensinados de que meninos devem se comportar de forma masculina e que, quando crescerem, devem se sentir atraídos sexual e afetivamente por mulheres; ademais, também aprendemos que meninas devem ser femininas e que, ao se tornarem mulheres, devem se sentir atraídas sexual e afetivamente por homens. Como bem aponta Eliot (2013), processos de ensino-aprendizagem sobre gênero podem impactar negativamente a vida de pessoas que venham a não se identificar dentro dos padrões impostos na pela colonialidade.

Devemos notar, entretanto, que, apesar de o gênero ser uma lente para a leitura social, ele mesmo é uma construção social, ou melhor, uma invenção social. De acordo com Lugones (2014) são muitos os riscos assumidos quando naturalizamos a experiência social com o gênero, podendo promover uma essencialização e naturalização dos comportamentos impostos a homens e mulheres dentro da dinâmica moderno-colonial. A autora ressalta que nem sempre a compreensão social de gênero esteve alicerçada no binômio masculino-feminino, homem- mulher, de modo que, nessa relação, masculino e feminino são colocados como elementos opostos, contrários, como, por exemplo, as famílias tribais (gens) que se organizavam antes do período medieval na Europa ou ainda algumas formas de família presentes nas ilhas da Oceania. Em consonância com essa discussão, Castanho (2013) nos lembra de que, às vezes, há pessoas que se expressam nessa dinâmica de gênero de forma disruptiva, desadequada às expectativas coloniais. Assim, nem sempre meninos são masculinos; assim como, nem sempre, meninas são femininas. Gênero diz respeito a um espectro de expressões (OLIVEIRA NETO *et al*, 2018). Para uma melhor compreensão, basta imaginarmos que em uma das nossas mãos está a cor azul (masculinidade) e, na outra, a cor rosa (feminilidade). É inadequado pensar que todas as pessoas se expressarão em uma dessas duas possibilidades; na verdade, as pessoas podem transitar entre vários matizes de azul e rosa, aproximando-se ou distanciando-se desse padrão binário de gênero.

Jesus (2015) define sexualidade como a experiência de atração afetiva e/ou sexual por pessoas do mesmo gênero com o qual alguém se identifica (homossexualidade), por pessoas do gênero diferente do qual alguém se identifica (heterossexualidade) ou ainda por

pessoas de ambos os gêneros (bissexualidade)⁴. Como assinalado anteriormente, existe uma expectativa social de que meninos e meninas sejam heterossexuais, devendo ainda serem homens heterossexuais masculinos e mulheres sexuais femininas.

Chamamos de genderização da sexualidade o processo pelo qual sexualidade e gênero são associados estreitamente na dinâmica moderno-colonial. Louro (2014) nos lembra de que é inevitável falarmos sobre gênero e sexualidade quando o assunto é a experiência humana, porque gênero e sexualidade são elementos que constituem a experiência de homens e mulheres na colonialidade. Ademais, como explica Lugones (2020), é necessário que tenhamos essa construção social do gênero e da sexualidade em vista para que práticas para além dos limites impostos pela colonialidades sejam construídas.

Santos (2019) destaca haver alguns operadores sociais que garantem junto ao colonialismo-colonialidade, a manutenção das barreiras de gênero e de sexualidade. O autor expõe que capitalismo e patriarcado atuam em conjunto com a colonialidade para que haja uma lógica heterossexual e masculina a ser seguida na colonialidade. Sobre essa relação, Engels (2012) explica que o patriarcado se une ao capitalismo para o fomento da noção de propriedade privada e família, o que ensaia toda a nova dinâmica de individualismo a ser criada. Assim, colonialismo-capitalismo-patriarcado expressam a tríade que controla a experiência social de gênero. Enquanto a colonialidade é o período histórico fruto da exploração colonial, o capitalismo é a máquina que executa a exploração no âmbito das relações de trabalho, e o patriarcado, expressão da migração de formas de gestão focadas na comunidade para a centralização na figura do homem, o sistema que garante que homens masculinos dominem sobre mulheres femininas (SANTOS, 2019).

De acordo com Lugones (2020), a referência de sucesso e possibilidade na colonialidade é o homem branco, heterossexual, masculino e europeu. Sobre essa relação, Spivak (2010) nos conta que a colonialidade escalona e a hierarquiza a vida, fazendo com que sujeitos subalternos sejam criados. Todos aqueles que fogem à normativa heterossexual, branca, masculina e europeia passam a ser lidos como menos valoráveis, mais exploráveis e menos dignos de possibilidades de vida.

Engels (2012) discute que a experiência social de gênero e de sexualidade tem na família patriarcal sua célula-máter, ou seja, seu núcleo de força e referência. Conforme o autor, a organização da família passou por profundas transformações tendo em vista a

⁴ Há também, conforme a autora, outros padrões de interação afetivo-sexual, todavia, pensando no escopo deste estudo, nós nos deteremos nas possibilidades acima descritas. Para maior aprofundamento, consultar a obra “Homofobia: identificar e prevenir”, de Jaqueline Gomes de Jesus.

exigência de, no capitalismo, a noção de propriedade privada reger as relações interpessoais e a relação das pessoas com os recursos materiais. O autor explica que a família nuclear heterossexual – composta por um homem, o patriarca, uma mulher e filhos – é expressão da propriedade privada e o bem mais precioso dentro do capitalismo. Nesse esteio de compreensão, Schwarcz (2019) expõe que o capitalismo é um sistema de imperativos os mais variados: ideológicos, políticos, econômicos etc, estabelecendo formas autoritárias de relacionamento social; nesse cenário, destacamos a moratória de gênero e sexualidade.

Entretanto, precisamos perceber que nem sempre as coisas foram organizadas a partir de noções fixas de gênero, sexualidade e família. Como apontam alguns estudos (ARIÈS, 1981; CANZI, 2019; GALAO, 2006), houve outros modelos de família, como também de relações de gênero e sexualidade. Engels (2012), por exemplo, discute que a ideia de família nuclear é moderna, uma vez que as configurações de cuidado, no passado, assemelhavam-se muito mais a grandes tribos, nas quais o poder geralmente estava concentrado na figura de uma grande matriarca, de modo que os filhos não pertenciam a um casal, mas a uma tribo ou gem, como descreve o autor.

Assim, a institucionalização da família nuclear heterossexual corresponde às expectativas da invenção social do gênero, uma vez que pensar essa configuração familiar como norma é repartir e atribuir papéis de gênero mais rígidos aos pares familiares, o que, por sua vez, alimenta e constrói as expectativas sociais de gênero, inclusive aquelas que tocam na dimensão da sexualidade humana (OLIVEIRA, 2011). De acordo com Bento (2012), a família heterossexual possui razões históricas para existir enquanto padrão social, e tais motivos se relacionam com os jogos de poder, domínio e exploração que se processam na modernidade-colonialidade. Como exposto anteriormente, Lugones (2020) afirma que, na colonialidade, o sujeito revestido de racionalidade e equilíbrio é o homem branco, europeu, masculino e heterossexual.

Quando são criadas instituições sociais, tais como a família nuclear heterossexual, garante-se também a transmissão de valores rígidos de gênero e sexualidade, os quais permitem que o sujeito detentor de poder continue se estabelecendo nesse tipo de relação de exploração e domínio. Como explica Louro (2019), muitas são as instituições sociais que garantem o funcionamento das normas de gênero e de sexualidade, dentre elas a autora cita o discurso médico, o direito, a educação e religião, por exemplo. Assim, perpetua-se uma política de genderização dos corpos e das sexualidades.

Chamamos de heteronormatividade a ideologia que prega a superioridade da heterossexualidade em relação às demais expressões da sexualidade humana, como a

homossexualidade, por exemplo (JESUS, 2015). Nascimento (2010) discute que a heteronormatividade estabelece a heterossexualidade como o único caminho saudável e correto para a expressão da sexualidade, e tal expressão deve ainda estar conformada a expectativas de gênero rígidas relacionadas à masculinidade e à feminilidade. Dessa forma, estudos apontam que pessoas que não se encaixam nessas correspondências estão mais expostas a situações de violência e de vulnerabilização, o que pode impactar significativamente a maneira como tal pessoa se vê, se relaciona com os outros e com o mundo ao seu redor (BAKER, 2013).

Caminhando nessa compreensão, a colonialidade possui um mecanismo de opressão- dominação ligado ao gênero. Ancorados em Segato (1998), entendemos por colonialidade de gênero a disposição desigual dos corpos nos termos das expectativas de gênero (masculino e feminino), o que acarreta profundas desigualdades sociais entre corpos normativos e não normativos. Lugones (2020) exemplifica que a experiência de mulheres em todo o mundo é refratada a partir das lentes da colonialidade de gênero, colocando-as em desvantagem, por exemplo, na busca por oportunidades de engajamento em cenários formais de trabalho, além de terem sua autonomia social tolhida.

A colonialidade de gênero é a força da colonialidade que garante a manutenção das assimetrias entre os eixos do masculino e do feminino, estruturando também imbricamentos rígidos de gênero e sexualidade (SEGATO, 1998). Ela tem na heteronormatividade uma das arborizações do seu funcionamento. Para que haja uma norma menos flexível das performances de gênero, é necessário haver um esquema de cobranças relacionados a como as pessoas executam e performam sua sexualidade. De acordo com Sousa (2018), a heteronormatividade se apresenta como violência de gênero dentro das tramas coloniais modernas, empobrecendo a experiência social das pessoas que não atendem às expectativas de gênero estabelecidas.

Saffioti (2015) explica que a desigualdade de gênero produz feridas emocionais profundas, muitas destas, por vezes, irreparáveis, constituindo-se, assim, em elementos importantes da dinâmica subjetiva da pessoa em questão. Pensar sobre colonialidade de gênero implica necessariamente refletir acerca de suas implicações psicossociais sobre os sujeitos subalternizados na relação binarizada masculino-feminino, em que o masculino é colocado como superior ao feminino. Nesse sentido, importa que estratégias decoloniais teórico-práticas sejam produzidas frente aos rebatimentos da colonialidade de gênero.

É notória, entretanto, a escassez de produção sobre a temática da sexualidade e dos aspectos psicossociais que a envolvem dentro dos Estudos Decoloniais e da Psicologia

Decolonial. Algumas vezes, quando levada em consideração, a temática da sexualidade dentro da perspectiva das relações coloniais é apenas citada, sem uma discussão ainda que breve acerca do tema (BERNARDINO-COSTA, MALDONADO-TORRES e GROSGOUEL, 2019;

LUGONES, 2014; 2020). Quando pensamos em formas específicas da violência de gênero, tais como a homofobia, conseguimos mensurar seus impactos negativos sobre o comportamento humano (ANTUNES, 2017; BLAIS, GERVAIS e HÉRBET, 2014; BORRILLO, 2015; CASTANHO, 2013; CEARÁ e DALGALLARONDO, 2010).

A homofobia é um problema de carácter social (CARROLL e MENDOS, 2017; GRUPOGAY DA BAHIA, 2020), o qual desorganiza a vida das pessoas dentro do sistema moderno-colonial. Nessa equação, gays e lésbicas são alvos diretos desse tipo de produção de violência, tendo que lidar com os múltiplos rebatimentos da violência homofóbica sobre suas vidas, inclusive com o seu formato interiorizado, a homofobia internalizada. Tendo sido compreendido que o gênero é uma invenção moderno-colonial e que sua sistematização guarda uma profunda relação com a homofobia, passamos à compreensão de uma relação mais aprofundada entre colonialidade de gênero e homofobia internalizada.

3.4 Colonialidade de gênero e homofobia internalizada: uma relação não tão explorada, mas muito antiga

Santos (2019) explica que todas as pessoas no sistema moderno-colonial ou ocupam a posição de exploradores (componentes da metrópole) ou de explorados (componentes da periferia); entre esses loci de trânsito social, há uma camada que os divide, chamada pelo autor de linha abissal. A linha abissal, conforme o autor, não é permeável; ao contrário, ela garante que qualquer tentativa de atravessamento seja denunciada, com o objetivo de manter as relações intactas. Nesse sentido, Spivak (2010) define que, nessa dinâmica de exploração e dominação, aqueles que são explorados se tornam subalternizados, ou seja, cativos dos limites impostos pela colonialidade.

Já entendemos que gays e lésbicas sofrem esquemas muito violentos na modernidade (ALMEIDA NETO, 2003; CARRARA e VIANA, 2004; SIQUEIRA *et al.*, 2009). Frente a essa questão, perguntamo-nos por que os Estudos Decoloniais não se interessam pela construção de narrativas decolonizantes da experiência de gays e lésbicas? Percebemos haver um olhar heteronormativo no seio dos Estudos Decoloniais, o qual pode se dever ao desinteresse pela temática tendo em vista que a produção acadêmica é

majoritariamente heterossexual ou ainda à falta de sensibilidade para a questão tendo em vista a percepção de que esse problema não os(as) atravessa. Não seriam gays e lésbicas subalternos?

As questões gays e lésbicas tiveram maior visibilidade a partir das décadas de 70 e 80 com o advento da epidemia de HIV/AIDS (SOBRINHO e CURTOLO, 2020; SZWARCWAŁDE CASTILHO, 2011). Antes disso, as discussões que eram feitas em torno da questão se pautavam em categorias nosológicas que patologizavam as experiências gays e lésbicas (ANTUNES, 2017; BORRILLO, 2015). Antunes (2017) destaca, por exemplo, que houve um árduo caminho até a despatologização e a retirada da homossexualidade dos manuais diagnósticos que orientavam a conduta de psiquiatras e psicólogos, de maneira que a homossexualidade só foi desincorporada desses manuais em 1990.

A homofobia é um fenômeno social multifacetado. Borrillo (2015) a define como o conjunto de pensamentos e sentimentos de ódio, medo e aversão a pessoas que se relacionam afetivamente e/ou sexualmente com pessoas do mesmo gênero com o qual se identificam, de maneira que o homofóbico é aquele que desenvolve pensamentos e sentimentos irracionais por tais indivíduos. Alguns autores discutem que a homofobia (COSTA, BANDEIRA e NARDI, 2015; COSTA e NARDI, 2015) pode se expressar internamente ou externamente. Em culturas nas quais há o desincentivo a comportamentos de agressão e violência, a homofobia costuma ficar reclusa à sua forma interna ou implícita (pensamentos e sentimentos, por exemplo); entretanto, contextos que são marcados por menos tolerância tendem a ter a sua expressão externa mais presente. Notemos, contudo, que, apesar de haver uma prevalência desses formatos em um ou outro contexto, casos de homofobia externa ou explícita podem acontecer também em contextos mais protetivos para pessoas homossexuais, ainda que sua incidência seja menos provável (FREITAS, 2019; MURTA, DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2013; SALAZAR *et al*, 2008).

A homofobia é ainda um componente estruturante das relações sociais modernas, devendo ser encarada como um aspecto presente na dinâmica subjetiva do sujeito moderno (ADAID, 2016). É o que chamamos de homofobia estrutural. Por esse termo, compreendemos a presença da homofobia como um fator mediador das relações sociais. Assim, o sujeito moderno aprende a ser homofóbico ao longo da sua vida, podendo desenvolver níveis mais ou menos elevados de homofobia. Alguns estudos (BORGES e MEYER, 2008; NATARELLI *et al*, 2015; OLIVEIRA JÚNIOR e MAIO, 2013) apontam, por exemplo, que contextos mais ricos em termos de diversidade sexual costumam atuar como fator protetivo para a presença de comportamentos homofóbicos.

Nesse sentido, a homofobia se expressa, para além das relações interpessoais, nas dinâmicas institucionais, o que significa que ela, possivelmente, também medeia os ambientes de saúde, os espaços de educação, além dos locais de trabalho, dificultando a experiência de vida de gays e lésbicas (PADRO, MARTINS e ROCHA, 2009; VERDUZCO, 2016). Tendo em vista que a homofobia está presente na maneira como nos relacionamos, é correto dizer que se processa um desmantelamento da experiência social de gays e lésbicas na modernidade, o que afeta inclusive a relação dessas pessoas consigo mesmas (BLAIS, GERVAIS e HÉRBET, 2014; CAMINO e QUENTREQUEO, 2015; MORELL-MENGUAL *et al*, 2020).

Entendemos por homofobia internalizada as parcelas de violência homofóbica das quais nos apropriamos no trato social, fazendo-as nossas (ANTUNES, 2017). Pereira e Leal (2002; 2005) especificam que a homofobia internalizada prejudica a imagem que o indivíduo homossexual tem de si mesmo, uma vez que à sua identidade é incorporado o estigma social ligado ao feminino e à homossexualidade. Nessa equação, ser homossexual é uma experiência de subalternização, pela qual não se deve nutrir orgulho, mas vergonha (TAKAKURA, 2016). A literatura (BORGES, 2009; 2013) indica que o desenvolvimento da identidade gay e lésbica é mediado por esses fatores, o que contribui, por exemplo, para o adoecimento mental.

Sobre esse aspecto, Vigotski (1994) chama de internalização a experiência psíquica de apropriação da realidade que se processa no contato da pessoa com o meio, o que significa que não existe sensação, pensamento ou comportamento que, antes de ser uma realidade interna (intrapsicológica), não tenha sido externa, do campo das relações sociais (interpsicológica). Dessa forma, assim como o nosso psiquismo é forjado nessa relação, as aprendizagens ligadas à homofobia também acontecem mediadas pelo nosso contato com o outro e com a cultura. Em outro momento, o autor (VIGOTSKI, 2008) nos lembra de que nossa experiência é marcada pela história da cultura onde estamos inseridos, implicando em comportamentos e formas de ser particulares. Autores contemporâneos (ANDRÊO *et al*, 2016; WELZER-LANG, 2001) corroboram com o entendimento de que práticas de agressão, como a homofobia, são ensinadas, tratando-se de uma experiência de socialização, enfraquecendo a noção de que a homofobia se trata de um ódio patológico localizado estritamente no sujeito (JUNQUEIRA, 2007). Nesse sentido, a homofobia internalizada é um processo psicossocial, ou seja, cuja história se relaciona com a própria história social da homofobia.

A homofobia e os seus efeitos, entretanto, não datam de tempos recentes, mas têm uma história longa, irrigada por uma série de metamorfoses sociais, as quais contribuíram para a construção de conceitos como pecado, doença e crime em torno da homossexualidade

(BORRILLO, 2015). A homofobia é um fenômeno que remonta à Idade antiga, mas que se tornou diferente na modernidade, adquirindo novas formas de expressão bem como novos contornos de violência.

De acordo com Santos (2013), três foram as instituições que contribuíram para as construções estigmatizadas em torno da homossexualidade, a saber: a Igreja, a Medicina e o Direito. Concordando com essa exposição, Borrillo (2015) descreve que nem sempre homossexuais, gays e lésbicas, foram discriminados ao longo da história. O autor revela algumas experiências interessantes, tais como a dos romanos e dos gregos. No caso daqueles, acreditava-se que o amor entre homens fortalecia e aprimorava as habilidades de batalha; assim, para que seu exército tivesse o máximo de desempenho, os amantes eram postos para lutar um ao lado do outro. No caso dos gregos, por sua vez, o amor por pessoas do mesmo sexo era veiculado como a expressão plena do afeto e do erótico, sendo atribuída ao sexo heterossexual a procriação (ANTUNES, 2017; CORINO, 2006; FERNANDES, 2014).

Borrillo (2015) afirma que é com o advento do estabelecimento do cristianismo como norma durante o império romano que a homossexualidade ganha contornos de discriminação e preconceito. A literatura (CECCARELLI, 2008; MESQUITA e PERUCCHI, 2016) endossa o fato de que, antes dessa experiência, a homossexualidade costumava ser interpretada como mais uma variante da sexualidade humana, sendo, em algumas tribos e alguns povos, encarada até como inspiração do divino (FERNANDES, 2015; 2016). Green (2019) comenta que o cristianismo tem na sua base uma forte ideologia heteronormativa, relegando a toda e qualquer expressão da sexualidade para além da heterossexualidade um carácter de marginalização e de subalternidade. Borrillo (2015) reforça esse fato ao explicar que uma verdadeira caça às bruxas passou a ser travada contra homossexuais a partir do estabelecimento do cristianismo como religião oficial de Roma.

A Medicina também teve um papel importante na construção da homofobia tal qual a conhecemos hoje (CANGUÇU-CAMPINHO, 2009; MOITA, 2006). De acordo com Marques (2014), o saber médico estruturou a ideia de que existem algumas experiências em sexualidade que não são naturais, inscrevendo-as no campo das patologias e das perversões sexuais. Antunes(2017) mostra como a homossexualidade foi definida por muito tempo pelos conhecimentos médicos como uma patologia, expressão da anormalidade e conduta sexual inadequada. Além de reforçar os estereótipos da homossexualidade como desvio da conduta sexual saudável e adequada, a Medicina constrói categorias nosológicas que capturam a homossexualidade como transtornos e inadequações (DAMETTO e SCHMIDT, 2015; SILVA *et al*, 2021).

Por sua vez, o Direito atuou no processo de criminalização das experiências homossexuais, classificando-as como crime, vadiagem e sinônimo de uma vida aquém dos limites legais (GREEN, 2018). De acordo com Trevisan (2018), por exemplo, no Brasil, até meados do século XX, expressões públicas de afeto entre pessoas de um mesmo gênero poderiam implicar em prisão e encarceramento. Em consonância com o autor, Borrillo (2015) descreve que a experiência civil de homossexuais em todo o mundo é mediada, com maior ou menor força, pela noção de crime, de modo que, mesmo quando as experiências gays e lésbicas são cobertas pelas legislações locais, a noção de vadiagem e crime paira sobre o imaginário social quando pensamos sobre a homossexualidade (MORAES, 2017; PRETES e VIANNA, 2007). Ademais, como bem aponta Green (2019), gays e lésbicas precisaram descobrir sua afetividade e sua sexualidade em guetos urbanos ou rurais, tendo em vista o pouquíssimo ou quase nenhum apoio às expressão afetivo-sexuais não heterossexuais.

Tais campos do saber forjaram a organização da experiência social que temos hoje com o conceito de homossexualidade. Antunes (2017) discute que a construção do estigma em torno de gays e lésbicas contribui para a produção da internalização da homofobia por parte de homossexuais. O autor define como homofobia internalizada o conjunto de sensações e pensamentos depreciativos e estigmatizantes acerca da homossexualidade que absorvemos nas relações que desempenhamos socialmente, de maneira que tais processos reordenam a forma como enxergamos a nós, os outros e o mundo. Entretanto, devemos nos lembrar de que, tendo em vista seu carácter estrutural, a homofobia está disposta para todos. Assim, não só homossexuais como também heterossexuais, internalizarão componentes homofóbicos, havendo, todavia, efeitos diferentes sobre cada um desses públicos (HARDIN, 2000; ISAY, 1998).

Entendendo que a homofobia internalizada tem implicações significativas sobre a saúde mental de gays e lésbicas (ANTUNES, 2017; PEREIRA e LEAL, 2002; 2005), apontamos que esse fenômeno cumpre uma função reguladora dentro da colonialidade-modernidade, sendo expressão também da colonialidade de gênero. Já entendemos que o ocidente moderno é homofóbico (DAVI, 2005) e que a homofobia é um dos pilares do funcionamento da colonialidade de gênero, articulando-se também com os alvejamentos produzidos pelas colonialidades do poder, do saber e do ser, o que produz o alocamento de gays e lésbicas à margem da vida social. Ademais, também compreendemos que a homofobia tem expressões públicas e privadas, externas e internas. Nesse sentido, a homofobia internalizada é, por sua vez, uma expressão privada da homofobia, atuando sobre a maneira como as pessoas (homossexuais ou não) pensam, sentem e se comportam em relação à

homossexualidade.

Precisamos caminhar no sentido de entender que, além de a homofobia garantir que as relações sociais públicas sejam atravessadas por elementos de discriminação e preconceito (MOTT, 2015), ela também cumpre o objetivo de estruturar as subjetividades, os discursos, os pensamentos e as emoções. Unger (2018) afirma que a colonialidade é um aspecto presente na conformação das subjetividades modernas, conduzindo ao estreitamento do pensamento ligado à libertação e à emancipação. Estudos (CERQUEIRA-SANTOS *et al*, 2016; CONDE, 2016) apontam para as consequências psicossociais da homofobia internalizada, evidenciando o desmantelamento integral que esse processo produz.

Entendemos que a homofobia internalizada é uma expressão necessária dentro da colonialidade, uma vez que é do interesse das práticas de colonização o domínio sobre as formas de (se) pensar bem como conhecer a realidade. Para melhor visualização dessa relação, basta que retomemos o exemplo da construção da família nuclear heterossexual. Na fixação da família heterossexual como norma, reforça-se a supremacia do grupo colonizador, o qual tem sua expressão e identificação máximas no homem branco, heterossexual, masculino e europeu, como bem descrevem Rea e Amâncio (2018). Dessa forma, esquemas de pensamento e sensação que implicam estigma em torno da homossexualidade contribuem para a conformação dos corpos nesse modelo de relação afetivo-sexual (ALVES *et al*, 2017; MOURA e EMÉRITO, 2014; PERUCCHI, BRANDÃO e VIEIRA, 2014).

A homofobia internalizada, nesse cenário, passa a atuar como um regulador e um mediador da conduta e do comportamento humanos, comportamentos públicos e privados, os quais podem ser reais preditores de atitudes mais ou menos abertas frente à homossexualidade. Por hora, é importante nos aprofundarmos nos efeitos da homofobia internalizada sobre o comportamento humano, entendendo a quem esses efeitos beneficiam.

3.5 Efeitos da homofobia internalizada sobre o comportamento humano: quem ganha com essa relação?

São diversos os efeitos da homofobia internalizada sobre o comportamento humano (ANTUNES, 2017; BLAIS, GERVAIS e HÉRBERT, 2014; BLAKER, 2013; BORRILLO, 2015; CASTANHO, 2013; CERQUEIRA-SANTOS *et al*, 2016; CONDE, 2016; PAVELTCHUK, BORSA e DAMÁSIO, 2019; PEREIRA e LEAL, 2002; 2005). Tendo já compreendido que a homofobia internalizada é um fenômeno psicossocial, ou seja, que ela se processa na relação da pessoa com o mundo, e que ela se forma ao longo do

desenvolvimento humano, precisamos caminhar no sentido do aprofundamento de como essa relação interna se estabelece e quais seus efeitos sobre o comportamento de pessoas homossexuais e heterossexuais. Nesse sentido, vale a pena lembrar, como já destacamos, que a homofobia internalizada responde ao funcionamento da lógica colonial, a qual objetiva manter o grupo colonizador, que se identifica com o homem branco, masculino e heterossexual, como referencial de poder, conhecimento e existência.

Já apontamos também que significados e sentidos negativos acerca da homossexualidade foram forjados e estimulados por três grandes instituições sociais: a Religião, a Medicina e o Direito. Entretanto, devemos nos atentar para o fato de que há outras plataformas sociais importantes quando o assunto é a gênese do estigma homossexual. De acordo com Hardin (2000), a mídia cumpriu e cumpre um papel fundamental na proposição de caricaturas negativas sobre homossexuais ao longo do último século no Brasil e no mundo (ANDRADE, 2012; LEAL e CARVALHO, 2012; LOPES, 2019; MOLINA, 2013). Hardin (2000) explica que mensagens negativas sobre ser gay e lésbica são constantemente transmitidas em filmes, em novelas e demais programações, despotencializando modelos positivos sobre ser homossexual.

Ademais, além das mensagens midiáticas, a relação da pessoa com a comunidade na qual está situada é deveras importantes, podendo ser um fator protetor para o desenvolvimento de níveis mais elevados de homofobia internalizada ou um fator de risco para tal (PINHEIRO, 2019; SOUZA, 2019). Neste último caso, destacamos o papel que as comunidades religiosas têm na vida de crianças, adolescentes e adultos ao longo de suas vidas. Em conformidade com Barreto e Ribeiro (2014), religiões, sobretudo aquelas de matriz judaico-cristã, ensinam muitos sentidos e significados negativos sobre a homossexualidade, os quais variam desde a noção de pecado e promiscuidade à noção de abominação. Tendo em vista que o Brasil é um país cuja grande parte da população é cristã (ALENCAR, 2019), é inevitável que nos deparemos com as mensagens negativas acerca da homossexualidade. Borrillo (2015) expõe algumas das mensagens sociais que recebemos sobre a homossexualidade:

Crime abominável, amor vergonhoso, gosto depravado, costume infame, paixão ignominiosa, pecado contra a natureza, androgamia, androfilia, homofilia, inversão, pederastia, pedofilia, socratismo, uranismo, androfobia, lesbianismo, safismo, tribadismo. [...] gay, homófilo, pederasta, veado, salsinha, michê, boiola, bicha louca, tia, sandalhinha, invertido, sodomita, travesti, lésbica, maria homem, homaça, hermafrodita, baitola, gilete, sapatão, bissexual (BORILLO, 2015, p. 15).

Tais processos formativos influenciam a maneira como nos relacionamos e

lidamos com a realidade; um exemplo disso são as práticas parentais. Hardin (2000) aponta que é muito provável que uma família com valores religiosos mais tradicionais, por exemplo, pratique sanções mais rígidas sobre o comportamento de seus filhos quando eles não cumprirem as expectativas sociais de gênero e sexualidade. Tais experiências podem conduzir a comportamentos futuros de eliminação da diferença ou ainda a comportamentos de autolesão, estes últimos especificamente em gays e lésbicas que tenham internalizado mais fortemente a homofobia (ANTÓNIO et al, 2012; CEARÁ e DALGALLARONDO, 2010; GUAREZI, 2018; MENDANHA e BERNARDES, 2018).

A colonialidade atua na forma como os corpos estão dispostos nas relações sociais, de modo que, como já apontamos outrora, alguns corpos são legitimados em detrimento de outros; assim, algumas existências importam, outras não (ZIZEK, 2013). Nessa dinâmica, elementos de violência, como a homofobia internalizada, são nutridos socialmente para que o sujeito subalternizado acredite profundamente em cada uma das mensagens negativas com as quais teve contato ao longo da vida e as quais internalizou, fazendo-as suas, incorporando-as à dinâmica da sua identidade. O comportamento que expressamos passa, assim, a ser respostas à norma da colonialidade do ser.

O comportamento não pode ser visto nem entendido como uma expressão abstrata da vida humana, mas como um desdobramento de uma série de fatores psicossociais que se conjugam na história de vida de uma dada pessoa e da cultura em que está inserida. Nesse sentido, Vigotski e Luria (1996) nos lembram de que o comportamento se expressa em alguns níveis de organização, os quais são denominados planos genéticos. De acordo com Leontiev (1974) são quatro os planos genéticos (no sentido de gênese) que constituem o comportamento, a saber: filogênese, ontogênese, sociogênese e microgênese. A filogênese diz respeito à herança anátomo- fisiológica que herdamos como espécie, o que nos garante algumas habilidades, como a pré- disposição para a fala, por exemplo. A ontogênese, por sua vez, conecta-se com o ciclo vital de cada ser vivo, durante o qual são feitos registros mecânicos da realidade, o que nos garante uma série de reações reflexas, como querer fugir ao avistar um predador. Ademais, o autor explica que a sociogênese também influencia nosso comportamento, sendo ela a história da cultura em que estamos inseridos, a qual pode ser perpassada por vários elementos históricos, inclusive a homofobia. Por fim, a microgênese está relacionada com o que é propriamente do humano, a atribuído de sentido sobre a experiência, que se expressa no encontro dos aspectos filogenéticos, ontogenéticos e sociogenéticos.

Pensar o papel que a homofobia internalizada cumpre dentro da colonialidade e,

especificamente, em sua relação com a colonialidade de gênero, é entender que o processo sociogenético, em seus fluxos e influxos, promoveu o fomento de representações e noções homofóbicas acerca das expressões de sexualidade e de gênero que não se encaixam na matriz heterossexual e masculina. Assim, a homofobia internalizada é um aguilhão da colonialidade de gênero, atuando na conformação dos corpos, das existências e das possibilidades de igualdade no tecido social.

Entender a homofobia como um comportamento é levar em consideração a multideterminação desse fenômeno, compreendendo como cada um desses níveis genéticos contribuem para a sua expressão. Estudos contemporâneos (DAVI, 2005; KOEHLER, 2013; LASAITIS, 2009) confirmam esse ponto de vista ao relatarem a diferente expressão da homofobia a depender dos múltiplos fatores que afetam o comportamento.

Como bem vimos, a colonialidade do ser tem profundas implicações sobre a forma comonos organizamos no tecido social, ela está articulada com processos de violência que se expressam em cada um dos seres humanos (ZIZEK, 2013). Quando pensamos na temática do comportamento, também não podemos deixar de notar que a maneira como nossos corpos se comportam está perpassada pelas implicações psicossociais da colonialidade do ser. Já vimos que cognição e afetividade estão imbricadas uma na outra e que essa relação reverbera sobre a forma como nos relacionamos (VIGOTSKI, 2008). Nesse sentido, Unger (2018) mostra como a colonialidade se arboriza na maneira como pensamos, sentimos e nos comportamos; essa relação é o cenário de docilização dos nossos comportamentos, a fim de que estes também correspondam às expectativas normativas da colonialidade.

Assim como nós nos constituímos socialmente (não podemos ser pensados fora da nossa relação com os elementos sócio-históricos), o comportamento também deve ser visto assim. Cavazza (2008), no que diz respeito à expressão do comportamento, explica que ele pode incorrer basicamente de duas formas, uma forma explícita e uma implícita. Os comportamentos explícitos são aqueles que são observáveis, podendo ser desde uma mensagem verbal até uma ação frente a alguém ou a algum contexto. Os comportamentos implícitos, por sua vez, são aqueles do campo do privado, os quais se processam na dinâmica intrapsicológica da pessoa, podendo ser pensamentos ou sentimentos não compartilhados, por exemplo. Outros estudos que tratam sobre essa caracterização são (COSTA e NARDI, 2015; FARIA, 2011; GOMES e SERÔDIO, 2014; MARINHO et al, 2004).

Nesse cenário, as atitudes são tendências comportamentais que se expressam em uma avaliação favorável ou desfavorável em relação a uma pessoa ou a uma entidade. (CAVAZZA, 2008). Costa e Nardi (2015) revelam haver especificamente atitudes negativas

face à homossexualidade. Os autores chamam atenção ainda para o fato de que as atitudes são crivos avaliativos, podendo incorrer em uma avaliação positiva ou negativa. Dessa forma, nosso comportamento se perfaz em atitudes as quais são a síntese de fatores biológicos, ontogénicos e sociais.

Algumas expressões do comportamento humano são, sobretudo, significativas para compreendermos o efeito da homofobia internalizada sobre as pessoas. De acordo com Vigotski(2008), o pensamento é uma função psicológica que irriga toda nossa vida subjetiva, coordenando e ordenando os conceitos que formamos na nossa vivência com o mundo. O pensamento não é abstrato, mas está localizado nas relações de ensino-aprendizagem da cultura, podendo ter mais ou menos qualidade a depender do tipo de relação que estabelecemos com nossos pares ou contextos. De acordo com o autor (VIGOTSKI, 2008), não existe pensamento que esteja separado das emoções. Vigotski (2004b) explica que as emoções têm o papel de integrar a vida psíquica, dando-lhe tonalidades singulares, contribuindo para a construção de sentidos por cada pessoa.

Nesse sentido, a homofobia internalizada é uma expressão do comportamento humano que pode se expressar de forma implícita ou implícita, de modo que as atitudes, os pensamentos e as emoções da pessoa são mediados por elementos estigmatizantes da homossexualidade, o que implica em comportamentos de risco para a saúde. Já compreendemos que a homofobia internalizada tem efeitos diferentes sobre a vivência de heterossexuais e homossexuais; passamos, assim, a um entendimento mais aprofundado das idiosincrasias da sua manifestação em gays, lésbicas e heterossexuais.

Estudos (ANTÔNIO, 2012; SANTOS e SILVA, 2017; NIGRO e BARACT, 2018) indicam que pessoas heterossexuais, apesar de não costumarem serem vítimas das atitudes orientadas pela homofobia internalizada, sofrem prejuízos significativos na internalização desse componente da violência. Um exemplo é o estudo realizado por Antônio *et al* (2012) com adolescentes portugueses. Os autores aplicaram instrumentos de mensuração da homofobia internalizada e compararam os índices ao desempenho acadêmico dos alunos homossexuais e heterossexuais, descobrindo que alunos heterossexuais violadores tendiam a ter um desempenho acadêmico inferior aos alunos heterossexuais com habilidades para o reconhecimento e respeito das diferenças sexuais.

A homofobia internalizada é expressão e mecanismo da colonialidade de gênero. Esta configura um prisma de avaliação sobre a experiência de gênero na colonialidade moderna, de modo que corpos masculinos passam a ser mais válidos do que femininos, sendo estes últimos relegados ao status de subalternos (LUGONES, 2000). Nesse esteio de

compreensão, ancorados em Lugones (2014), entendemos que a homofobia internalizada atua na manutenção e no aprofundamento das feridas de gênero com as quais gays e lésbicas são feridos na sua experiência social em um contexto heteronormativo, internalizando padrões autodepreciativos.

Cabe lembrar, como apontou Vigotski (1994), que a internalização não é um movimento de apreensão somente de aspectos cognitivos, mas de fatores também emocionais; assim, pessoas heterossexuais aprendem a desenvolver a sua identidade a partir da violência homofóbica, o que contribui para uma compreensão inadequada de si e da relação com o outro. No campo das relações interpessoais, há indícios de que o processo de subjetivação na violência homofóbica tem trazido efeitos deletérios sobre as relações conjugais heterossexuais. Ademais, é importante que lembremos que pessoas heterossexuais que não performam o gênero tradicionalmente também podem ser vítimas de investidas diretas da homofobia e da homofobia internalizada (CARRARA e SAGGESE, 2011; TAKAKURA, 2016; WELZER-LANG, 2001).

No que tange a gays e lésbicas, por sua vez, são muitos os estudos (ALVES *et al*, 2017; CERQUEIRA-SANTOS e AZEVEDO, 2020; PAVELCHUCK e BORSA, 2017) que têm

analisado a homofobia internalizada como um fator preditivo para adoecimento psicológico e desenvolvimento de comportamentos autodanosos. De acordo com Ceará e Dalgallarondo (2010), homossexuais tendem a desenvolver transtornos de ansiedade e transtornos de humor três vezes mais quando comparados aos seus pares heterossexuais, bem como tendem a cometer comportamentos autodanosos, tais como escarificação e suicídio, cinco vezes mais. Alguns autores (OLIVEIRA e MAGNATIVA, 2017; SANTOS, FRANCA e MENEZES, 2021) comentam que a população homossexual está submetida a fatores específicos e sistemáticos de estresse, o que, por sua vez, contribui para a redução do bem-estar pessoal e psicológico.

Outros estudos efetuados (BUESSO, 2020; GARCÍA e ORTEGA, 2017; HERNÁNDEZ e TORRES, 2005) apontam que a homofobia internalizada está correlacionada positivamente com o uso abusivo de álcool e outras drogas, tanto em lésbicas como em homens gays. Blais *et al* (2015) explicam que gays e lésbicas sofrem um processo de empobrecimento e adoecimento emocional desde a infância e a adolescência, o que resulta em uma baixa habilidade para lidar com conflitos emocionais de forma saudável. Nesse cenário, o uso abusivo de álcool e outras drogas se expressa como uma tentativa de regular a dor psíquica e o desequilíbrio emocional gerado nas relações sociais homofóbicas.

A homofobia internalizada guarda ainda uma forte relação com o desenvolvimento do autoconceito. Carreiras (2014) aponta que níveis elevados ou moderados de homofobia internalizada podem atuar como fator preditivo de um autoconceito negativo. Assim, gays e lésbicas com autoestima reduzida podem acabar por se envolver com mais facilidade em relacionamentos violentos e abusivos, uma vez que a imagem que tem de si é uma imagem depreciada. Nesse mesmo sentido, há estudos (BLAIS, GERVAIS e HÉRBET, 2014; FIGUEIRA, 2020; GREGÓRIO, 2015) que apontam que homossexuais com níveis mais altos de homofobia internalizada costumam ter mais comportamentos sexuais de risco, tais como fazer sexo sem preservativo e usar drogas durante o coito com pessoas desconhecidas.

A colonialidade provocou e provoca profundas transformações na experiência de vida de pessoas subalternas em todo o mundo (SPIVAK, 2010), como gays e lésbicas, por exemplo. Reconhecemos, assim, a existência de limites para a vivência integral de homossexuais dentro dos marcos da colonialidade moderna, no sentido, por exemplo, de que se instaura um universo simbólico de significados e sentidos despotencializadores sobre a homossexualidade, afetando a experiência de gays e lésbicas. A internalização da homofobia é uma expressão do desmantelamento ao qual pessoas heterossexuais, bissexuais e homossexuais estão expostas no mundo colonial-moderno, o que implica em prejuízos os mais variados em sua dinâmica de vida.

A internalização da homofobia se relaciona ainda com o empobrecimento da capacidade de gays e lésbicas de se relacionarem de forma saudável nas relações interpessoais (LEITE e CATELAN, 2020; SOUZA *et al*, 2017). Uma vez que a homofobia é sua plataforma de subjetivação e desenvolvimento pessoal, padrões agressivos de reconhecimento da realidade e de resposta ao outro acabam por ser as estratégias sociais mais utilizadas por esse grupo, o que pode minar a capacidade de fazer novos amigos e ampliar a rede comunitária (PAVELCHUCH e BORSA, 2019), desempenhar relações de trabalho mais funcionais (SOUZA, HONORATO e BEIRAS, 2021), além do engajamento mais duradouro em relações afetivo-amorosas (CERQUEIRA-SANTOS *et al*, 2016). Trata-se, assim, de um desmantelamento integral da vivência de gays e lésbicas na modernidade-colonialidade.

A homofobia é uma ferramenta estratégica e violenta da colonialidade de gênero. Aquela possui ainda, para além da sua manifestação pública, uma manifestação interna, a homofobia internalizada, que, por sua vez, atua como um vigilante constante das fronteiras de gênero e sexualidade, garantindo que os padrões da colônia se mantenham atualizados no indivíduo. Precisamos entender que a orquestração desses padrões de pensamento, atitude e

emoções minam internamente a capacidade de transformação do sujeito subalternizado pela colonialidade. Assim, e somente assim, torna-se possível que o homem branco, masculino e heterossexual continue no topo das relações sociais de gênero e de sexualidade.

3.6 Considerações finais

A colonialidade implica novas formas de relacionamento social. Na modernidade-colonialidade, as relações sociais são perpassadas por elementos de violência os quais tem o objetivo de manter os limites e os marcos de desigualdade social. Nesse cenário, a colonialidade de gênero figura como um dos mecanismos mantenedores do status quo colonial. A homofobia, como uma questão de gênero, é uma das formas da colonialidade de gênero processar seu controle sobre os corpos subalternos, afetando a vivência de sexualidade de homens e mulheres, homossexuais e heterossexuais. Nessa relação, a homofobia se fixa como elemento da subjetividade humana, assumindo o formato do que conhecemos como homofobia internalizada.

O gênero é uma construção social. Foi criado socialmente para servir de prisma de avaliação dos corpos na modernidade, de modo que corpos masculinos valem mais que corpos femininos. O gênero carrega consigo um sistema de crenças e expectativas quanto à sexualidade, promovendo uma aproximação entre gênero e sexualidade, de modo que haja convergência entre ser homem, masculino e heterossexual, bem como entre ser mulher, feminina e heterossexual. A colonialidade de gênero encontra na homofobia internalizada uma forma de garantir que as pessoas aperformem sua identidade sexual a partir da heteronorma, o que reforça a ideia de que homens devem se interessar afetivo-sexualmente por mulheres, e mulheres, por homens. Trata-se de uma relação antiga que se inscreve na gramática da colonialidade.

Por fim, a homofobia internalizada é um comportamento multifacetado, para cuja compreensão precisamos levar em considerações aspectos biológicos, ontogenéticos e sociais. Ela é um dispositivo social que afeta a vivência de homens e mulheres homossexuais e heterossexuais. Os seus efeitos são os mais diversos sobre as pessoas, podendo se expressar em dificuldades de aprendizagem, transtornos psicológicos, tendência ao desenvolvimento de comportamentos agressivos direcionados ao outro, comportamento autodanosos, uso abusivo de álcool e outras drogas bem como comportamentos sexuais de risco.

4 RETONALIZANDO A COLONIALIDADE DE GÊNERO: NOVOS APORTES DECOLONIAIS PARA A COMPREENSÃO DA HOMOFOBIA INTERNALIZADA

4.1 Introdução

1613. Este é o ano apontado por Mott (1995) como o momento da história do Brasil em que a primeira pessoa homossexual foi morta por homofobia, evento que se passou no Maranhão. Tratava-se de um índio tupinambá, tibirá, acusado de cometer de forma corriqueira o terrível e nefando pecado da sodomia. Conforme relata o autor, com o objetivo de se limpar a terra de um costume tão antinatural e desviante, o corpo do silvícola foi amarrado na boca de um canhão, de modo que, quando este disparou, seu corpo foi espalhado pela então chamada Baía São Marcos, configurando o primeiro martírio de um homem gay no Brasil.

A história humana é movimento, sendo marcada por fluxos e influxos, os quais garantem certa porosidade para transformações e mudanças, estas, por sua vez, respondendo aos interesses sociais e aos conflitos de poder (MARTINS, 2003). Como bem expõem Martín-Baró Lacerda Jr (2014), existe uma polarização de forças no tecido social, a qual pende para o lado do grupo que detém maior poder político-ideológico-econômico e que, por tê-lo, tem interesse em mantê-lo, ainda que isso signifique a produção de domínio, conquista e morte. Quando direcionamos nosso olhar mais especificamente para a homossexualidade no Brasil (no Ocidente, na verdade), damos-nos conta dos interesses envolvidos na produção da marginalização e da estigmatização de pessoas homossexuais (DAVI, 2005).

Os olhares sobre a homossexualidade em todo o mundo organizam formas específicas de lidar com ela. Atualmente, 69 países criminalizam e/ou punem a homossexualidade, de modo que as penas podem variar desde restrições mais brandas como trabalhos comunitários até penalizações mais severas, como a pena de morte (MENDOS *et al*, 2020). Nesse caminho de compreensão, é interessante notar que os países que punem a homossexualidade com a morte assassinam esses sujeitos de forma que muitos desses rituais de execução figuram como reais expurgos, tal como a cena que Mott (1995) descreve ter acontecido no Brasil ainda no século

XVII. Contemporaneamente, países como a Arábia Saudita, por exemplo, jogam do alto de um prédio pessoas homossexuais presas em sexo flagrante (MENDOS *et al*, 2020).

Nas terras invadidas e saqueadas por Cabral, a situação é diferente, mas não menos perversa. O Brasil é o país que mais mata pessoas LGBT+ no mundo, situando-se

dentre essas pessoas indivíduos homossexuais, de modo que o Brasil mata o triplo que o segundo colocado, a saber, o México (CARROLL e MENDOS, 2017). Apesar de haver avanços significativos na legislação brasileira no tocante aos direitos de gays e lésbicas, como a criminalização da homofobia e a legalização do casamento homossexual, o país continua apresentando índices alarmantes de assassinato de pessoas LGBTQ+, o que nos revela o quanto a homofobia é um componente psicossocial presente na identidade de brasileiros e brasileiras.

Estudos (ALMEIDA, 1986; RAGO, 1997; STOLKE, 2006) apontam forte influência dos processos de colonização no Brasil sobre a compreensão sexualidade nesse território. Conforme Lima e Silva (2013), essas influências estavam calcadas em um eminente preconceito religioso e em condutas morais religiosas caracteristicamente cristãs. Corroborando com o exposto, Mott (2008) sinaliza que, durante o período colonial, sobretudo entre os séculos XVI e XVIII, a Igreja, corporificada no fantasma da Santa Inquisição, deu um lugar importante para os pecados que implicassem desvios sexuais. Nesse mesmo sentido, Borrillo (2015) afirma que a ideia de pecado que foi vinculada à homossexualidade é um dos pilares centrais da perseguição colonial, cujos ecos podemos escutar até hoje.

Frente à necessidade de problematização das relações sobre gênero, sexo e sexualidade e das influências que os limites da colonização impuseram sobre esses componentes da vida humana, os Estudos Decoloniais têm empreendido esforços no sentido de compreender que o projeto de colonização é também um projeto de domínio do gênero (LUGONES, 2014; 2020; SEGATO, 1998), uma vez que o colonialismo e a colonialidade agem no sentido de regular e ditar quais vidas importam, e quais não importam. Nesse ínterim, Segato (1998) indica que, na colonialidade moderna, o feminino é preterido em relação ao masculino e aos sentidos e significados que a ele foram sendo associados. Assim, o sujeito colonizador é homem, branco, heterossexual, masculino, cisgênero e cristão (BERNARDINO-COSTA, MADONADO TORRES e GROSGOUEL, 2019).

Entretanto, apesar dos esforços teóricos decoloniais, sentimos haver uma lacuna no que diz respeito aos processos que envolvem a sexualidade dentro dos Estudos Decoloniais, o que acreditamos se dever ao fato de os teorizadores das perspectivas decoloniais não serem atravessados por marcadores de sexualidade divergentes à heteronorma. Ora, a heteronormatividade é a ideologia que prega a desvalorização dos corpos não heterossexuais, de forma que, em uma balança em que de um lado está um corpo heterossexual e do outro, um corpo homossexual, o corpo heterossexual é sempre legitimado (JESUS, 2015). Além disso, a heteronormatividade provoca um efeito de invisibilidade em qualquer expressão de sexo e de sexualidade que não se encaixe em seus limites (JUNQUEIRA, 2007).

Cientes de que a colonialidade de gênero tem se constituído, desde o Brasil colônia, como um mecanismo de controle da sexualidade, este estudo representa a tentativa inicial de aportar elementos teórico-reflexivos que deem conta de trazer para a arena dos debates decoloniais a sexualidade. De forma mais ampla, este ensaio se relaciona com dois objetivos desta dissertação: a) analisar as relações entre colonialidade e homofobia internalizada; e b) descrever as manifestações da homofobia internalizada no Brasil colônia. A seguir, estão dispostos os elementos metodológicos sobre os quais este estudo se assentou a fim de promover, dentro dos Estudos Decoloniais, a discussão pretendida, a qual entendemos ser fundamental, pois compreendemos que a luta decolonial é também uma luta na arena da sexualidade.

4.2 Método

Este estudo se insere dentro das perspectivas qualitativas de pesquisa em Psicologia. Minayo (1993) explica que a investigação qualitativa tem por objetivo o aprofundamento nas particularidades da realidade ou do processo estudado; assim, em Psicologia, a pesquisa qualitativa buscar descrever e perscrutar as idiossincrasias daquilo que resolvemos estudar, não tendo interesse em generalizar os achados e os sentidos produzidos ao longo do processo de pesquisa, mas sim de apontar para a particularidade e para a singularidade (YIN, 2016). Outro aspecto deste estudo é que ele é um ensaio teórico-exploratório, o que significa que as relações propostas entre colonialidade de gênero e sexualidade são iniciais, objetivando diminuir a lacuna de análise sobre sexualidade nos Estudos Decoloniais.

Conforme sinalizado anteriormente, as reflexões aqui propostas correspondem à tradição dos Estudos Decoloniais, os quais, em síntese, compreendem que o colonialismo histórico, expresso na conquista e no domínio dos povos do Sul por parte dos povos do Norte, deflagrou uma nova forma de organização social, a saber: baseado em uma lógica de exploração não só econômica, mas também política e do âmbito da regulação da vida, valorou-se, nessa dinâmica, quais vidas são legítimas e quais não são (SPIVAK, 2010; ZIZEK, 2013). Assim, este estudo se insere dentro das perspectivas decoloniais em Ciências Sociais e em Psicologia (ALVEZ e DEMONDEZ, 2015; BERNARDINO-COSTA e GROSGOUEL, 2016; CASTRO e MAYORGA, 2019; GROSGOUEL, 2016).

De forma mais específica, referindo-nos à estratégia metodológica utilizada para o levantamento dos materiais tomados como base para a reflexão, utilizamos da Revisão Narrativa de Literatura (RNL), que, de acordo com Rother (2007), trata-se de um movimento

de aproximação da literatura científica não orientado pela necessidade de esgotar as produções acerca de um tema a partir de critérios específicos de inclusão e de exclusão; antes, a RNL aponta para o processo pessoal de apropriação do pesquisador sobre uma temática, revelando a caminhada e o percurso de acesso à literatura utilizada. Assim, utilizando essa ferramenta teórico-bibliográfica, este estudo bebeu das contribuições dos Estudos Decoloniais para produzir reflexões que dessem conta de ampliar a compreensão de que os processos de opressão social por orientação sexual estão imbricados na história social do gênero; tendo, apesar disso, um caminho mais específico de eventos sociais que foram produzindo as normativas coloniais de sexualidade.

4.3 O pecado nefando da sodomia: a produção histórica da narrativa acerca da homossexualidade pelo Tribunal da Santa Inquisição

Castigos como o descrito por Mott (1995) eram temidos por todas as pessoas que experimentavam desejos e/ou afetos homoeróticos durante o período colonial brasileiro, o que nos denuncia que a vivência mais tarde conhecida como homossexualidade não era bem-vinda em solo brasileiro (MENDONÇA, 2021). Mott (2001b) nos relata, entretanto, que, a despeito das proibições, perseguições e castigos perpetrados contra pessoas homossexuais na colônia, não era incomum haver lugares e contextos específicos para vivência do desejo nefando, afirmação esta que pode ser comprovada em estudos de relatos históricos escritos por (GOMES, 2015; MOTT, 2001a; SANTOS, 2013).

Relações homossexuais sempre estiveram presentes na história da cultura ocidental e, desse modo, também se fizeram presentes nos relacionamentos entre pessoas de um mesmo gênero no Brasil. Entretanto, como observa Fry (1982), a homossexualidade não pode ser tomada como um processo/fenômeno abstrato, mas antes deve ser observada de modo contextualizado considerando o território e o período histórico específicos de análise, uma vez, que a depender da territorialidade e do tempo histórico, encontramos variações acerca da compreensão de relações entre pessoas de um mesmo gênero.

Como destaca Borrillo (2015), terminologias como homofobia e homossexualidade são muito recentes e modernas, tendo surgido somente no século XIX como uma resposta à influência da ciência médica no tecido social. Quando falamos sobre o período de colonização, estamos nos referindo a outra topografia da vivência do homoerotismo, uma vez que as restrições eram outras, bem como eram diferentes os significados e os sentidos construídos em torno dessa experiência e atribuídos a ela. Durante o

período colonial, a homossexualidade assumia a alcunha de *sodomia*.

Sodomia era um termo guarda-chuva que dava conta de classificar todo e qualquer comportamento sexual compreendido como desviante da forma moral e pura de se viver a sexualidade, incluindo-se nesta as práticas sexuais (PRETES e VIANNA, 2007), e essa perspectiva sobre moralidade era influenciada pelos dogmas e pela compreensão da Igreja Católica, a qual detinha controle sobre as representações compartilhadas pelas pessoas socialmente (TORRES, 2006). Porém, apesar de ser um termo guarda-chuva, o termo sodomia ficou vinculado às práticas homoeróticas, sobretudo àquelas que preconizavam a relação entre dois homens (GOMES, 2015; MOTT, 2001a; 2001b; 2008). É importante considerar que o homem masculino e heterossexual é a máxima expressão do poder colonial (LUGONES, 2020), o que justifica maior atenção às práticas homossexuais entre homens (FRY, 1982). Corroborando com essa noção, Borrillo (2015) explica que, em uma sociedade heterossexista, o homoerotismo masculino representa abrir mão da vantagem concedida pela natureza, que é ser um homem heterossexual.

Como relatamos anteriormente, a Igreja detinha forte poder sobre as perspectivas compartilhadas pelas pessoas que habitavam a colônia portuguesa, e isso não seria diferente no que diz respeito à forma como a homossexualidade era tratada. Basta que nos lembremos rapidamente da origem cristã do termo. Juntamente com Gomorra, Sodoma se constituía como um centro comercial dos tempos bíblicos, marcado por comportamentos, rituais e costumes distantes daqueles que adoravam Jeová (Deus). Nesse emaranhado de comportamentos, os relatos bíblicos (Gênesis 19: 1-29) apontam para o interesse sexual que homens tinham por outros homens, interesse este ilustrado na passagem em que os habitantes de Sodoma (os sodomitas) pedem para que Ló lhes desse seus convidados para que com eles tivessem relações sexuais a força. De acordo com interpretações tradicionais do texto bíblico (HELMINIAK, 1998), Sodoma e Gomorra foram destruídas por Deus com fogo tendo em vista a sodomia, contemporaneamente conhecida como homossexualidade.

A despeito de análises histórico-críticas desse episódio (HABOWSKI e SANTOS, 2017), as quais afirmam ter havido processos homofóbicos de tradução, interpretação e veiculação do texto ao longo da história, neste momento, nosso interesse de análise é sobre as representações que ficaram sobre as relações homoeróticas, a saber: a de que a sodomia (homossexualidade) é um pecado castigado com morte pelo próprio Deus. Essa noção historicamente construída se somou às práticas de colonização no Brasil, reverberando na forma como a experiência homoerótica foi enxergada e tratada pelo poder colonial.

Quando vertemos um olhar mais específico para esses processos de colonização

da sexualidade, identificamos múltiplos efeitos sobre como as pessoas se organizaram e até hoje se organizam. De acordo com Unger (2018), o colonialismo e a colonialidade são estratégias não só de conquista territorial com fins de expansão comercial-financeira, mas também de controle dos corpos, no sentido do estabelecimento de consciências que se resignam aos abusos e ao autoritarismo do colonizador. Acontece que, como mencionam Butler (2018) e Lugones (2020), o colonizador é o homem branco, heterossexual, masculino e cristão, de forma que tudo que se afasta dessa imagem deve ser subjogado, para que seu projeto de conquista-domínio continue se efetivando.

Como nos explica Wirth (2013), desde os primórdios, a religião foi um instrumento usado na conformação das relações coloniais assimétricas. Estudos contemporâneos (BINGEMER, 2002; LAPA, 2018) corroboram com essa afirmação ao evidenciarem que a relação com uma religião mais dogmática pode implicar em comportamentos de aceitação e de não transformação da realidade social. Nessa perspectiva, no caso da colônia portuguesa, foram veiculadas perspectivas marginalizantes das identidades não heterossexuais, uma vez que a igreja as compreendia como desvios morais e sexuais, o que representava um forte perigo para sua visão de organização social saudável. De acordo com Vainfas (2011), a igreja sempre se mostrou preocupada com assuntos de foro sexual, estabelecendo limites muito rígidos quanto às práticas que podiam ser vividas sem penalização e investigação. E, para que práticas de controle efetivas fossem executadas, a Igreja criou o Tribunal da Santa Inquisição.

Referindo-se a casos importantes do Brasil colonial, Mott (2001b) nos conta, por exemplo, do envolvimento de dois padres que, durante alguns meses, além de se encontrarem para a prática da sodomia, trocaram cartas de amor apaixonadas, as quais, em um rompante de temor de um dos amantes, foram entregues como prova para a Inquisição. De acordo com o autor, a Igreja estabelecia punições diferentes para quem confessasse o pecado de sodomia e para quem fosse nele descoberto, uma vez que a depender do nível de consciência identificado quanto ao pecado, estabeleciam-se avaliação e punição diferentes. No caso dos padres em questão, houve o afastamento da parte descoberta de suas funções eclesiásticas; enquanto que, no que diz respeito à parte delatora, houve excomunicação. No caso de não clérigos, era costume a Igreja desapropriar o sodomita de seus bens pessoais, como em um caso de sodomia entre senhor e escravo relatado por Mott (1995).

Entretanto, a Santa Inquisição nunca contou com sede no Brasil colonial. Suas ações se limitavam à construção de tribunais de inquisição no trópico brasileiro quando a junta clériga era informada de pecados como a sodomia e a heresia (VAINFAS, 2011). De acordo com o autor, a maior parte dos casos de sodomia que foram registrados nos autos da

Inquisição eram noticiados pelos próprios sodomitas, uma vez que tinham medo de o assunto vir à público sem sua confissão, o que, como aponta Mott (2001b), daria munição para o Tribunal. Assim, excetuando-se casos extremos, casos atestados como sodomia eram encaminhados para a Metrópole, Portugal.

Como relatado anteriormente, a sodomia, pelo menos em termos gerais, não era uma conduta associada somente a indivíduos homossexuais. Práticas sexuais como o sexo sem fins procriativos (sexo oral hetero e homossexual, sexo anal heterossexual, ejaculação interrompida na atividade sexual heterossexual etc.) eram também interpretadas como sodomia, ainda que a Santa Inquisição não tivesse tanto interesses nesses últimos. Em consonância com o relatado por Vainfas (1988), era com as práticas sexuais entre pessoas de um mesmo gênero com que a Igreja se preocupava, e isso pode ser visto na riqueza de detalhes com a qual os crimes de sodomia (homossexual) eram descritos. Mott (2001a) revela, por exemplo, que, nos autos do Tribunal da Santa Inquisição, os registros contavam com informações como posições sexuais, palavras utilizadas durante o coito, reincidência da atividade sexual, presença ou não da ejaculação etc.

Nesse sentido, havia uma diferenciação na atividade sodomita. De acordo com Gomes (2015), para o clero português, a sodomia se dividia, oficialmente, em duas expressões: sodomia perfeita e sodomia imperfeita. Em linhas gerais, a primeira consistia na emissão de sêmen durante a relação sexual entre dois homens *in vas* (no canal anal); mesmo quando havia ejaculação no canal anal durante uma relação heterossexual, em vias de regra, a penalidade era mais branda, sendo na maioria das vezes dispensada quando os envolvidos confessam não serem hereges. Já a segunda, dizia respeito a qualquer prática sexual que não objetivasse a reprodução e que envolvesse a ejaculação (coito interrompido, masturbação, sexo oral etc.). Além delas, chama-nos atenção outra prática sexual pela qual a Santa Inquisição demonstrava interesse: as molícies, as quais figuravam trocas afetivo-sexuais que não utilizavam os canais sexuais (pênis, vagina e, no caso do sexo homossexual, ânus). Estas últimas acabavam por representar risco para o exercício da sodomia perfeita, sendo encaradas como corrigíveis desde que o inquirido se engajasse em confissão e disciplina.

Alguns casos emblemáticos conseguem ilustrar com mais detalhes essas diferenças. Gomes (2015) descreve o envolvimento afetivo-sexual vivido entre o frei Mathias de Matos e o jovem corista Francisco da Ilha da Madeira, os quais, além de se encontrarem repetidamente para cometer o nefando, também trocavam entre si cartas apaixonadas. Conforme apontado, muitos eram os medos associados à possibilidade de descoberta do envolvimento sodomita na colônia; assim, no caso dos referidos clérigos, uma das partes

confessa junto ao Tribunal o envolvimento, apontando, contudo, não derramamento *intra vas*, isto é, sem emissão de sêmen no canal anal, o que fez com que ambos os clérigos fossem absolvidos. Em outros casos, atestando-se a consumação da sodomia perfeita, castigos como excomunhão, prisão e expurgo (geralmente consumado em assassinato) eram facilmente observados, como na tratativa que se dispensou ao índio Tibira, que teve seu corpo estraçalhado, tendo ele sido colocado amarrado na boca de um canhão (MOTT, 1995).

Essa compreensão estruturou práticas de estigmatização sobre o sexo anal na sociedade brasileira, bem como contribuiu para a construção de narrativas subalternizantes sobre a homossexualidade no Brasil (GREEN, 2018). Em matéria de Brasil, Fry (1982) nos lembra de que a sodomia/homossexualidade não pode ser tomada fora dos processos históricos que a constituíram. Dessa forma, falar sobre homossexualidade é compreender as implicações psicossociais que a colonização portuguesa trouxe para a experiência de sexualidade no trópico brasileiro, reverbeando até hoje em práticas de discriminação e estigmatização baseadas em um pensamento religioso que toma a homossexualidade como pecado (BORRILLO, 2015; TREVISAN, 2018). Os enraizamentos do processo de colonização são observados nas posturas, nas narrativas e nos destinos reservados à homossexualidade (BUTLER, 2018), manifestando-se nas relações que indivíduos homossexuais desempenham com seus pares heterossexuais e nas relações com instituições de saúde, educação etc. (ALBUQUERQUE *et al*, 2013; DINIS, 2011).

Pensar sobre as narrativas acerca da homossexualidade ao longo da história do Brasil significa mergulhar em elementos regulatórios da sexualidade (incluindo-se nela as práticas sexuais), uma vez que, como bem apontam Lykes e Fariña (2017), existe uma relação dialética entre os discursos e a vida concreta, o que significa que as condições objetivas de vida produzem as narrativas, as quais, por sua vez, incidem nas relações materiais. Corroborando com esse pensamento, Vigotski (2008) aponta para a gênese social das narrativas e do pensamento compartilhado socialmente mediante os significados acordados.

Avançando nessa construção, apesar de encontramos menos relatos sobre a homossexualidade feminina, o que aponta menor preocupação do Tribunal da Santa Inquisição com essa temática/situação, o Brasil colônia também assistiu à *sodomia faeminarum*, isto é, a relações afetivo-sexuais entre mulheres. De acordo com Vainfas (2011), o Tribunal dificilmente compreendia experiências afetivo-sexuais entre mulheres como sodomia perfeita, uma vez que elas não detinham pênis, não podendo derramar o sêmen *in vas*. Talvez como uma extensão do pagamento sistemático da sexualidade intencional da mulher ao longo da história ocidental (OLIVEIRA *et al*, 2021), a Santa Inquisição tendia a interpretar esses eventos como

extensão da expressão “natural” dos afetos entre mulheres. Excetuando-se alguns casos que podemos contar nas mãos, os quais geralmente envolviam o uso de instrumentos penetrantes durante o sexo, o Tribunal não costumava condenar mulheres por crime de sodomia perfeita.

A sodomia também assumia um carácter de perseguição religiosa, como explica Mott (2001a). Durante o período que vai do século XVI ao século XVII, havia um projeto de fortalecimento da hegemonia e da expansão católicas, de modo que qualquer outra profissão de fé que não o Catolicismo era fortemente reprimida (VAINFAS, 2011), dentre elas o judaísmo, cujos praticantes ficaram conhecidos como *semitas*, um termo próximo filologicamente de *sodomita*. Ademais, em conformidade Gomes (2015), a perseguição aos sodomitas também tinha um interesse financeiro; de acordo com o autor, os sodomitas mais facilmente condenados eram cristãos novos (judeus) ricos; de modo que seus bens, na ocasião de condenação, eram incorporados à Igreja Católica. Esses trâmites históricos contribuíram para a criação de narrativas estigmatizantes acerca da homossexualidade: situação frente à qual precisamos pensar categorias analíticas com potencial social transformador.

4.4 Colonialidade de gênero e sexualidade: avançando nos Estudos Decoloniais

Tendo em vista o complexo cenário em que estão inseridos gays e lésbicas na sua relação com os componentes do colonialismo, urge que pensemos elementos analíticos que propiciem leitura e intervenção sobre a realidade a fim de transformá-la. Montero (2002) nos lembra que a Psicologia deve se inserir de forma intencional através de suas ações, objetivando fortalecimento do sujeito colonial frente à realidade social e as opressões que dela participam. Nesse esteio, entendemos que o primeiro passo para que isso seja possível é a reflexividade, a qual, como explica Ballestrin (2013), implica na construção de categorias que, produzidas na relação do pesquisador com o campo, aproximem-se da realidade na qual o sujeito está inserido. Quando direcionamos nosso olhar para os Estudos Decoloniais, algumas considerações precisam ser feitas. A primeira delas é de carácter conceitual: em conformidade com Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2019), os Estudos Decoloniais dizem respeito a um conjunto de contribuições teórico-práticas, as quais denunciam a assimetria produzida entre o Norte Global e o Sul Global mediante profundos e complexos processos de subalternização e vulnerabilização da vida; de maneira que as contribuições decoloniais visam, em última instância, o desmantelamento da herança do colonialismo sobre as relações humanas.

Tais processos de vulnerabilização-subalternização, explica Ballestrin (2013), são sustentados por forças que despotencializam os corpos, as quais são: colonialidade do ser, colonialidade do saber; colonialidade do poder; e colonialidade de gênero.

Em resumo: a colonialidade do poder, segundo Castro-Gómez (2005), reflete a disposição desigual dos recursos e das agências entre o Norte Global e o Sul Global, de modo que, enquanto aquele tem as ferramentas e o domínio político-financeiro, este fica submetido à influência ideológica daquele a fim de conseguir acesso aos recursos. Caminhando nessa compreensão, é a colonialidade do saber que, nessa dinâmica desigual de poder, estabelece o que é conhecimento e o que não é, quais formas de conhecer a realidade e suas relações são legítimas e efetivas, e quais não são (MIGNOLO, 2005). Por fim, a colonialidade do ser, conforme expressa Zizek (2013), define, também em uma perspectiva de desigualdade, quais existências importam e quais são marginais. Em suma, a colonialidade garante mecanismos regulatórios que mantenham a hegemonia do homem branco, de classe média, heterossexual, masculino e do norte sobre a vida e suas relações.

A colonialidade de gênero, enfim, como bem explica Segato (2012), reflete a disposição assimétrica dos corpos de homens e mulheres nas relações sociais, de forma que os corpos masculinos são valorizados e legitimados em detrimento dos corpos femininos. A colonialidade de gênero implica ainda o domínio do homem sobre a mulher, do masculino sobre o feminino, garantindo que este só possa existir em sua relação com aquele, como sua posse e extensão (LUGONES, 2014). As relações de gênero estabelecidas dentro dos limites da colonialidade incidem de forma efusiva sobre as relações interpessoais, inclusive naquelas do campo da experiência afetivo-sexual de pessoas homossexuais (BELIZÁRIO, 2016).

Avançando nessa ideia, Louro (2014) explica que, quando falamos sobre sexualidade, falamos também sobre gênero, uma vez que existem expectativas de gênero frente à sexualidade humana. Eliot (2013) e Castanho (2013) descrevem, por exemplo, que, desde a mais tenra infância, projeções sobre nossa sexualidade são feitas a partir do nosso sexo biológico e do gênero que nos atribuem no nascimento; entanto, como expõem os autores, nem sempre essas expectativas são cumpridas, o que faz com que um cenário de violações se abra na experiência de gays e lésbicas (CASTELAR e AGUIRRE, 2012).

A homofobia internalizada é um dos processos de vulnerabilização a que homossexuais estão submetidos ao longo do seu ciclo de vida. Pereira e Leal (2002; 2005) a definem como as parcelas da violência homofóbica que interiorizamos na nossa relação com o mundo, seja de forma direta em nossas relações interpessoais (relações intrafamiliares, escola, igreja, trabalho etc.) ou de forma indireta por meio das mensagens que recebemos mediante

veículos da cultura (filmes, livros, novelas, propagandas etc.) (HARDIN, 2000). Alguns estudos (ORTIZ- HERNÁNDEZ, 2005; ORTIZ-HERNÁNDEZ e TORRES, 2005) apontam que, quando

performamos comportamentos de gênero dissidentes da heteronorma, episódios de violência, promotores de homofobia internalizada, podem ser observados, como sanções verbais e físico no contato com nossos pares sociais, o que aponta para uma forte relação entre homofobia e componentes de gênero.

Assim, a colonialidade de gênero, a qual tem como objetivo manter e aprofundar as assimetrias entre masculino e feminino, entre homem e mulher, conta com a homofobia internalizada como um mecanismo de perseveração interna da opressão. De acordo com Tocabens (2013), as relações sociais por nós vividas se tornam discursos interiores, os quais passam a regular nosso comportamento no cenário social e a forma como nos relacionamos com quem somos. No caso dos impactos psicossociais da homofobia internalizada, pesquisas apontam que sua incidência pode contribuir para a despotencialização da experiência de gays e lésbicas (BLAIS, GERVAIS e HÉRBERT, 2014; CROSBY *et al*, 2016; DAWSON *et al*, 2019; DELONGA *et al*, 2011; INGLOGIA *et al*, 2019; LOZANO-VERDUZCO, FERNÁNDEZ e BARUCH-DOMÍNGUEZ, 2017; OKUTAN, SUNAL e UGURLU, 2017; PETERSON e GERRITY, 2006; PIÑEDA-ROA, 2019; PUCKET *et al*, 2016a; 2016b; 2017; RUBIA *et al*, 2013a, 2013b; RUBIA e O., 2013; WARRINER, NAGOSHI e NAGOSHI, 2013).

Pensando, entretanto, na história social da sexualidade, convém apontarmos que não podemos reduzir esses dois componentes aos limites do gênero e dos mecanismos coloniais que o estruturam, tendo em vista eventos e processos singulares presentes na sua construção (RIBEIRO, 2005). É nesse sentido que propomos uma revisitação dos Estudos Decoloniais de modo a convocá-los ao tensionamento na e para produção de uma categoria analítica que nos permita efetuar uma nova leitura sobre as experiências homossexuais no Brasil, bem como da homofobia internalizada, interesse direto deste estudo ensaístico-exploratório. Nesse sentido, compreendemos que existem mecanismos regulatórios da experiência da sexualidade ao longo da história humana, os quais, em sua (in) evolução, estabeleceram processos de controle sobressobre a sexualidade humana.

No cenário de produção dos Estudos Decoloniais, encontramos uma escassez quanto à abordagem de problemáticas que, em seu bojo, reflitam questões relacionadas às opressões por orientação sexual. De modo geral, poucas são as contribuições decoloniais que problematizam processos ligados à sexualidade humana e, quando o fazem, fazem-nos em um carácter de sinalização e enumeração, ou seja, citam haver uma opressão por orientação

sexual, mas não desenvolvem a ideia, somente sugerem sua existência (BERNARDINO-COSTA, MALDONADO-TORRES e GROFOGUEL, 2019; LUGONES, 2020; SANTOS, 2019). Duas

são as possíveis causas para esse fenômeno: 1) dentro da heteronormatividade, qualquer experiência afetivo-sexual dissidente da heterossexualidade não tem caráter de importância, assim vivências homossexuais são invisibilizadas, mesmo em produções mais críticas; 2) estudos (MOSCHETA, FÉBOLE e ANZOLIN, 2016) sugerem que a vivência heterossexual é uma experiência de ensimesmamento. Considerando que a ciência moderno-contemporânea é, por fatores históricos, um locus heterossexual, mesmo em perspectivas críticas, pesquisadores(as) não tem em seu radar de percepção a homossexualidade como questão.

Ao longo da história humana, entretanto, são variados os eventos sociais e culturais que tiveram na sexualidade seu interesse (BUTLER, 2018). Sempre apontando a influência da Igreja sobre a percepção social sobre a sexualidade, Borrillo (2015) narra que é com os conselhos feitos pela Igreja Católica ao longo da Idade Média e do período das caravelas, que, de um lado foram postas experiências sexuais e expressões da sexualidade consideradas válidas, e, de outro lado, aquelas inválidas, sendo estas ainda responsáveis pela degradação moral humana. De acordo com Engels (2012), após o estabelecimento da família nuclear heterossexual como célula-mãe da vida social, intercursos sexuais que objetivassem somente o prazer e/ou que não expressassem a união afetivo-sexual heterossexual, restrições foram fincadas quando à experiência da sexualidade.

Precisa haver um movimento de desnaturalização dos padrões sexuais reforçados socialmente. Quando olhamos a experiência afetivo-sexual para além da Europa Ocidental – a qual foi a protagonista dos processos de colonização modernos –, encontramos vivências as mais variadas em todo o mundo (ENGELS, 2012). Mott (2001a; 2015) e Vainfas (2011) contam, por exemplo, que, quando os portugueses chegaram aos trópicos, especificamente ao Brasil, deparam-se com uma forma diferente de lidar com a nudez, com o sexo e com a sexualidade; formas estas que abarcavam também o sexo por prazer e vivências afetivo-sexuais não heterossexuais. Do mesmo modo, a África também sinalizou para os portugueses outras possibilidades de expressão da sexualidade e da identidade de gênero, de modo que indivíduos dissidentes da heteronormatividade ocidental-europeia detinham lugares importantes dentro de suas aldeias e comunidades (GOMES, 2015; MOTT, 2008; REA, 2018), o que também acontecia entre os povos nativos brasileiros, ainda que com suas peculiaridades (FERNANES, 2016; 2017).

Assim, a colonialidade de gênero não retonalizada só pode se apresentar como uma resposta parcial a problemáticas que envolvem questões que tenham a orientação sexual enquanto base, como a homofobia internalizada. Nesse sentido, é necessário que avancemos na revisitação de categorias de análise, como colonialidade do gênero. Destacamos, entretanto, que não se trata de deslegitimar o poder heurístico do conceito de colonialidade de gênero, mas sim de, em um processo de avanço, mergulhar na compreensão dos mecanismos específicos que envolvem a sexualidade dentro das tramas coloniais, entendendo a colonialidade de gênero como um importante enraizamento da colonialidade na explicação da homofobia internalizada, assim como as colonialidades do poder, do saber e do ser.

Tendo isso em vista, são três as grandes instituições que, servindo de assaolho para os processos colonizadores, legitimaram a perseguição, a morte e a subalternização de homossexuais desde a colônia até a contemporaneidade, a saber: a Religião, a Ciência Positivista e o Direito (BORRILLO, 2015). Trevisan (2018) nos conta como que os discursos dessas instituições corroboraram para com os interesses político-ideológicos e financeiros do colonizador, não só ratificando que vivências não heterossexuais eram pecaminosas, patológicas e criminosas, mas também munindo a Inquisição – e seus tribunais modernos, cujos ecos até hoje podemos escutar –, no que tange ao extermínio de sodomitas e homossexuais ao longo da história do Brasil.

Tais plataformas funcionaram (e funcionam) como agulhões da experiência de homofobia internalizada no Ocidente, uma vez que suas representações não só reforçaram noções como pecado, patologia e crime, mas também se presentificaram nos diálogos interiores e exteriores de gays e lésbicas (DAVI, 2005). Assim como o gênero, a experiência de sexualidade possui uma história social, a qual deve ganhar carácter de importância dentro dos Estudos Decoloniais, servindo como prisma de análise. Nesse sentido, a retonalização da categoria colonialidade do gênero surge como uma alternativa à escassez de produções que tomem a sexualidade como importância em si. Apontamos a necessidade e a potência desse novo olhar para a compreensão da homofobia internalizada como um problema colonial, desvelando elementos que irrompem como herança dos processos históricos de colonização.

4.5 A homofobia internalizada como um problema colonial

Entendemos a homofobia internalizada como um problema colonial, isto é, 1) sua gênese está pautada no fomento de assimetrias entre os corpos do colonizador e do colonizado; 2) sua razão de existir é a manutenção do projeto de domínio do sujeito colonizador (o homem

branco, heterossexual, rico e do Norte Global); e 3) sua função é, além de manter o *status quo* colonial, aprofundar cotidianamente as diferenças impostas pelos limites da colonialidade. Nesse ínterim, reconhecemos também que a homofobia internalizada é regulada por complexos mecanismos da colonialidade, em especial pela colonialidade de gênero e pela história social da sexualidade, conjugando-se em um complexo aparato de controle das narrativas e das subjetividades.

Ancorados em estudos historiográficos sobre as vivências não heterossexuais durante o período de colonização brasileiro (GREEN, 2018; TREVISAN, 2018; MOTT, 1995; 2001a; 2001b; 2008; 2015; VAINFAS, 2011), compreendemos que a homofobia internalizada é uma expressão contemporânea do colonialismo histórico. Este é definido por Maldonado-Torres (2019) como as ações de colonização, domínio e exploração que se iniciaram com as grandes caravelas, partindo da Europa em direção às Americas e à África, de modo que tais ações incidiram sobre os recursos materiais, políticos, interpessoais, sexuais e culturais dos povos colonizados, desestruturando modos de vida e subjulgando-os. Por sua vez, os ecos do colonialismo histórico sobre a modernidade e a contemporaneidade são chamados de colonialidade.

Situamos a homofobia internalizada como um desses ecos. Quando mergulhamos na caracterização da topografia da homofobia, descobrimos, basicamente, duas formas de incidência desse processo de violação psicossocial: uma externa e outra interna. (COSTA e NARDI, 2015). Costa, Bandeira e Nardi (2015) mostram que existem componentes homofóbicos que atuam externamente sobre a forma como gays e lésbicas vivem suas vidas e componentes homofóbicos que atuam internamente. Conforme os autores, enquanto componentes externalizantes se manifestam nas relações interpessoais por meio de piadas, assédio, violência física, sanções legais etc., os componentes internos atuam regulando a imagem que gays e lésbicas têm sobre si, despotencializando sua experiência de vida. Sobre a despotencialização da vida emocional de homossexuais, Lira e Morais (2018) apontam que experiências emocionais esperadas entre pessoas heterossexuais, como resiliência, assumem uma realidade diferente em gays e lésbicas.

A homofobia internalizada aparece, assim, como um mecanismo regulatório e mantenedor dos limites coloniais. Ora, a Metrópole, referenciada na ideia de sodomia, disseminou perspectivas criminalizantes e moralistas acerca das homossexualidades, e isso conduziu a um *modus operandi* no trópico brasileiro. Esse modo de funcionamento está vinculado a processos emocionais internos como sentimento de vergonha e antecipação de cenários de humilhação e violência, processos estes observados em populações vulneráveis

socialmente (ESTANISLAU *et al*, 2018; MOURA JR e SARRIERA, 2020; MOURA JR, XIMENES e SARRIERA, 2013). No caso de pessoas homossexuais, há relatos de pesquisa que apontam para uma vivência de profundo desconforto com a própria orientação sexual, o que costuma implicar em desfechos negativos na saúde mental dessa população e no empobrecimento de comportamentos ativos frente à realidade social opressora (CEARÁ e DALGALARRONDO, 2010; CERQUEIRA e AZEVEDO, 2020; PEREIRA e LEAL, 2002; SOUZA *et al*, 2019).

Jesus (2019) explica que o colonialismo, no que tange à experiência dos sujeitos subalternos e colonizados, foi produzindo encontros despotencializadores da potência de ação, os quais o autor chama de maus encontros. Estes acabam por se tornar o modo de subjetivação dos colonizados e dos colonizadores, ambos sendo dirimidos pelo moinho da violência colonial. Focando na experiência dos sujeitos subalternos e colonizados, Spivak (2010) relata que tais corpos têm negado, sistematicamente, um conjunto de direitos fundamentais, o que lhes faz, progressivamente, perder dignidade em sua relação com o colonizador contemporâneo.

No caso de pessoas homossexuais, a homofobia internalizada é o formato interiorizado dessas relações de violência e de vulnerabilização da vida (ANTUNES, 2017), o que lhes faz acreditar que há algo de errado com sua experiência, sentindo-se deslocados dentro do tecido social. Hardin (2000) e Baker (2013) explicam que as mensagens homofóbicas com as quais gays e lésbicas lidam e se relacionam durante suas vidas fazem com que desenvolvam formas adoecidas de lidar com sua própria identidade. Obviamente, entretanto, precisamos denotar que essa relação não é passiva; antes, é ativa, assim, homossexuais internalizam em maior ou menor grau a homofobia. Paveltchuk e Borsa (2019) afirmam que é fundamental que cenários protetores contra a homofobia sejam construídos a fim de que garantamos condições dignas de vida para gays e lésbicas, enfraquecendo a homofobia internalizada.

Retomando a ideia de Jesus (2019), os maus encontros são a plataforma de subjetivação e individuação de homossexuais na modernidade-colonialidade. Vigotski (2006a) afirma que a imagem subjetiva que criamos de nós mesmo e da realidade na relação com esta última, que é concreta e tem uma história, está pautada na realidade objetiva; caminhando nessa compreensão, se a homofobia desponta como um elemento estrutural, isto é, se ela está presente na base da vivência ocidental e moderna, ela incindirá sobre gays e lésbicas, geralmente, despotencializando sua potência de agir. Jesus (2019) denuncia os maus encontros como mecanismos de manutenção coloniais e, nesse sentido, apontamos a

homofobia internalizada como um desses processos de maus encontros.

É necessário compreendermos profundamente as estruturas em que a homofobia internalizada está localizada como mecanismo para que consigamos dismantelar as relações que se expressam na dívida colonial de gays e lésbicas como grupo subalternizado. Como defendido anteriormente, a homofobia internalizada é alimentada pela colonialidade do gênero, esta retonalizando-se a partir da história social da sexualidade. Em nossa compreensão, essa relação incide na construção de expectativas rígidas de gênero frente à sexualidade humana: assim, por exemplo, é esperado que um indivíduo nascido com sexo biológico masculino seja um homem heterossexual e tenha uma expressão de gênero (comportamentos e maneirismos) tradicionalmente masculinos. Além, essa relação também implica na delimitação de quais intercursos sexuais são morais ou desviantes, bem como aqueles que são possíveis e evitáveis. Kollontai (1982) aponta que, com a revolução sexual a partir da década de 70, estamos assistindo a dissolução de alguns paradigmas mais fixos da sexualidade, ainda que a situação esteja longe de ser solucionada.

Olhando especificamente para as implicações da homofobia internalizada sobre o sujeito colonial, ela contribui basicamente para a internalização de dois componentes por parte da pessoa: 1) a noção de que existe algo de errado na experiência de ser homossexual, de maneira que essa percepção costuma estar vinculada à ideia de que a homossexualidade é pecado, doença ou crime, contribuindo para o fomento de práticas violentas homofóbicas; 2) a perspectiva de que, caso se seja homossexual, essa experiência, quando vivida, deve ser experienciada de forma resignada e passiva dentro do cenário social (NASCIMENTO, 2010; TONELI e BECKER, 2010).

Continuando nessa compreensão, esses mediadores presentes na vida social colonial acabam por incidir na construção de um sujeito que varia entre comportamentos homofóbicoexternalizantes e internalizantes. No que diz respeito à homofobia com expressão nas relações interpessoais, pesquisas relatam que contextos mais homofóbicos costumam contribuir para práticas homofóbicas como assédio, violência sexual, bullying, agressão verbal e física, os quais, conforme os achados, prejudicam tanto pessoas homossexuais na possibilidade de vivência integral da sua sexualidade, bem como pessoas heterossexuais no seu desempenho acadêmico, profissional e emocional (ANTÔNIO *et al*, 2012; CASSAL, 2013; MOREIRA e BASTROS, 2012; SIQUEIRA *et al*, 2009).

No que diz respeito aos componentes internalizantes (pensamentos, percepções, emoções etc.), cuja gênese está na homofobia internalizada, encontramos, por exemplo, estudos que apontam uma correlação positiva entre homofobia internalizada e defechos

negativos na saúde mental de gays e lésbicas, como: maior presença de transtornos psiquiátricos; menor desempenho na vida acadêmico-profissional; menor *coping* para lidar com relações interpessoais; maior exposição a situações sexuais de risco; maior baixa autoestima etc. (ALVES *et al*, 2017; BLAIS, GERVAIS e HÉRBERT, 2014; GARCÍA, ORTEGA e ARIA, 2017; LOZANO-VERDUZCO, 2017). Ademais, posturas mais resignadas e passivas costumam também ser mais presentes em indivíduos homossexuais com maiores índices de homofobia internalizada (PAVELTCHUK e BORSA, 2019; RZONDZINSKI, 2019).

A homofobia internalizada, como um processo colonial, interfere na possibilidade de uma compreensão integral da realidade. Vigotski (2008) nos afirma que não existem processos cognitivos que não sejam atravessados por elementos afetivo-emocionais e vice-versa; assim, a vida psíquica saudável se expressa na unidade cognição e afeto. Entretanto, dentro dos limites coloniais, vivenciamos um processo de cisão dessa unidade fundamental da vida psíquica. Sobre esse aspecto de cisão, Santos (2019) aponta para o fato de que, na experiência colonial, existe uma forte desvalorização dos componentes emocionais que fazem parte da vida humana, de modo que as emoções não são compreendidas como um caminho adequado para a compreensão assertiva da realidade. Assim, as práticas coloniais promovem espaços de ensino-aprendizagem que empobrecem as emoções, cindindo-as da vida psíquica.

Um exemplo de cisão entre cognição e afeto na vivência homoerótica são os caminhos que foram traçados por homossexuais no período de colonização. Fry (1982) descreve que as vivências homoeróticas na colônia tomaram as mais variadas formas: desde contatos homoeróticos mais pontuais até vivências mais duradouras, as quais foram equiparadas ao pecado de heresia, cuja pena era a morte pela Coroa Portuguesa. O autor descreve, por exemplo, que, a despeito de haver indivíduos que, de fato, se identificavam com a sodomia e, por vezes, tinham performances de gênero (comportamentos e maneirismos) atribuídas ao gênero oposto, suas vidas afetivo-sexuais só eram possíveis em espaços de marginalização; assim, ainda que tivessem consciência de suas inclinações eróticas e se identificassem com elas, vivam-nas escondidos, com vergonha e com medo perene (VAINFAS, 2011).

Desde então, discursos interiorizados, como a homofobia internalizada, acerca do que mais tarde, no século XIX, viria a ser conhecido como homossexualidade (GREEN, 2018), foram se fortalecendo no tecido social e, aqui em especial, na vivência de gays e lésbicas. Entendemos que a homofobia internalizada é a voz do colonizador interiorizada, a qual comunica valores, percepções, pensamentos e estados emocionais baseados na

heteronormatividade e na homofobia. Nesse sentido, pensando nos interesses coloniais de manutenção das assimetrias e desigualdades, a homofobia internalizada garante que homossexuais não se desenvolvam integralmente como pessoas, diminuindo seu potencial de engajamento e de enfrentamentos sociais, o que é de interesse do colonizador.

Por fim, reiteramos a necessidade de compreendermos a gênese social da homofobia internalizada e a força que os processos de colonização tiveram e têm sobre esse processo psicossocial. Apesar de os maus encontros terem sido estabelecidos como possibilidades imediatas de constituição da identidade de gays e lésbicas na modernidade, apontamos para a construção de perspectivas teórico-práticas de desafiem os limites impostos pela colonialidade.

4.6 Considerações finais

Uma análise histórica e contextual crítica sobre a colonialidade de gênero nos permite perceber que a sexualidade sempre estiveram na mira dos interesses coloniais. Desde muito cedo, os processos de colonização foram construindo uma gramática normativa da sexualidade, visando uniformizar as experiências humanas a partir da performance de sexualidade do norte global, o qual tem na heterossexualidade, na monogamia e no casamento cristão sua máxima expressão. Assim, podemos observar, ao longo da história, intervenções da Colônia e da Igreja sobre o domínio da sexualidade, de forma que, nesse cenário, fizeram-se presentes desde orientações sobre o carácter reprodutivo – não de prazer – do sexo até proibições de comportamentos sexuais não heterossexuais.

.Compreendendo o carácter histórico da construção da homossexualidade no Brasil e as transformações que se processaram na área da homossexualidade desde o Brasil Colônia, retonalizar a colonialidade de gênero com a sexualidade nos parece uma estratégia teórica que pode promover avanços dentro dos Estudos Coloniais, uma vez que nos mune de mais ferramentas de análise para compreender a vivência de pessoas homossexuais na modernidade. Apesar de, quando olhamos para a vida cotidiana, sexualidade e gênero acontecerem simultaneamente, apontamos para a necessidade de que as categorias de análise dos Estudos Decoloniais vertam atenção mais específica para o papel da sexualidade dentro das tramas coloniais do gênero.

Nesse esteio teórico, a homofobia internalizada cumpre papel angular na colonialidade. Ela atua na regulação e na reificação das subjetividades e das identidades de gays e lésbicas, conduzindo-os a posturas de resignação e de passividade frente o cenário

social. Ademais, a homofobia internalizada, do ponto de vista emocional, garante o desmantelamento da potencialidade psíquica de indivíduos homossexuais, minando-lhes as possibilidades de fortalecerem suas relações sociais (inserção comunitária, amizades e relacionamentos afetivo- amorosos significativos) e sua vida concreta (trabalho, saúde, educação etc.).

Concluimos que a sexualidade possui uma história social própria, diferente dos elementos que configuram o gênero, ainda que gênero e sexualidade sejam filhos de uma mesma mãe, a colonialidade do gênero. Em estudos futuros, acreditamos ser necessário olhar de forma mais específica para as particularidades da sexualidade no sentido de entender se, de fato, trata-se somente de um aspecto da colonialidade de gênero ou se, afastando-se das construções sobre gênero, configurar-se-ia em um mecanismo de violência colonial específico. Nesse sentido, a nossa sensação é que há mecanismos específicos em cada um desses elementos (gênero e sexualidade), mas que, tendo em vista o caráter exploratório deste estudo, não foram alcançados em sua inteireza. Por fim, reiteramos a importância de retonalizar a colonialidade do gênero a partir dos tensionamentos da sexualidade e de sua história social, auxiliando no desvelamento da herança do colonialismo, a saber: a colonialidade.

5 COMO NASCE UMA RAINHA? NOTAS AUTOETNOGRÁFICAS DE UM PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO FRENTE À HOMOFOBIA INTERNALIZADA

5.1 Introdução

A narrativa pessoal é um processo que não acontece de forma uníssona, mas que varia em conformidade com a experiência concreta de quem se narra. A depender dos elementos concretos que medeiam a vivência daquele e daquela que se propõe a uma autonarrativa, barreiras ou pontes podem se contrapor a essa tentativa (OSTETTO e KOLB-BERNARDES, 2015). Existe uma lógica de autorização-silenciamento que viabiliza algumas vozes e escritas em detrimento de outras, dessa forma uma infinidade de experiências ricas e particulares são invisibilizadas, sendo-lhes renegada a possibilidade de serem lembradas, ou seja, de serem humanas.

Narrar-se não é uma experiência autorizada para todas as pessoas. De acordo com Spivak (2010), a experiência de colonização promoveu a construção de abismos de desigualdade social entre corpos. Como resultado dessa equação que não é nada linear, alguns corpos refletem a norma social, sendo aceitos e permitidos; outros corpos caem em um processo de vulnerabilização e mitigação, tornando-se subalternizados. Estudos apontam que indivíduos que fazem parte de grupos em eixos de opressão social costumam não se sentir autorizados para se posicionar de forma ativa diante da realidade e para narrar sua própria história (NASCIMENTO, 2010; SOUZA e PEREIRA, 2013; TAKAKURA, 2016).

Para uma compreensão mais aprofundada acerca da potência da autonarrativa e do carácter político que lhe é inerente, vale a pena lembrar-se de que existe uma assimetria social no processo de valoração entre linguagem escrita e linguagem oral. De acordo com Santos (2019), a cultura ocidental considera a transmissão oral do conhecimento inferior à transmissão escrita, sendo esta uma expressão da necessidade de registro do conhecimento positivista e normativo, enquanto que aquela não está estritamente associada a grupos que passaram por processos de escolarização. Nesse sentido, estudos como os de Pereira e Bahia (2011) e Oliveira e Porto (2016) corroboram com essa perspectiva ao sinalizarem que grupos subalternizados historicamente costumam não acessar mecanismos formais de comunicação e de registro da experiência.

Resta-lhes, assim, a comunicação oral, a qual, por sua vez, é relegada à qualidade de ser primitiva. Entretanto, ao mesmo tempo em que lhes sobra a experiência oral de

transmissão da vida e do conhecimento, suas vozes e expressões não são bem-vindas em contextos de poder, como a ciência, por exemplo. Nesse sentido, Grosfoguel (2016) revela que a ciência e a institucionalização do conhecimento se tratam de um projeto de poder; assim, nessa dinâmica, é necessário que condições ideológicas e concretas sejam dispostas como elementos de uma vida subalternizada a fim de que a possibilidade de ser e de poder não estejam alcançáveis por parte de grupos historicamente vulnerabilizados mediante relações intencionais de opressão.

A literatura (JUNQUEIRA, 2007; PAVELTCHUK e BORSA, 2020; SILVA e BARBOSA, 2016) sugere que pessoas que fazem parte de grupos minoritários, tais como homossexuais, costumam cultivar uma vida de reclusão e dificuldade de espontaneidade nas relações sociais, porquanto se sentem pressionadas por um sistema de expectativas pautado na heterossexualidade como comportamento normativo da experiência humana. Nesse esteio de compreensão, Delgado *et al* (2016) aponta que, no geral, homens gays não se sentem seguros para se expressar livremente quanto à sua orientação sexual, uma vez que temem repressão, por exemplo, quanto a possíveis comportamentos que fujam à regra da masculinidade heterossexual ou ainda quanto a manifestações públicas de afeto (COSTA e NARDI, 2015). Outras situações que costumam implicar medo da violência homofóbica são a autodeclaração como homossexual no trabalho, na família e na escola (ALBUQUERQUE e WILLIAMS, 2015; PERUCCHI, BRANDÃO e VIEIRA, 2014; SIQUEIRA *et al*, 2009), conduzindo a processos de silenciamento das vozes das pessoas que compõem esse grupo.

De acordo com Costa, Machado e Prado (2008) e Dutta *et al* (2021), falar é um processo potencialmente curativo e restabelecedor de autonomia, sobretudo para indivíduos que tiveram seu direito à expressão sistematicamente negado ao longo da sua história de vida, processo este que pode contribuir com a construção de posturas passivas e reificadas frente ao cenário social. Assim, como aponta Cury (2020), é necessário que sejam construídas práticas que mediem e facilitem processos de empoderamento e crescimento em direção à retomada do direito quanto à própria história. Alguns poucos estudos do campo da diversidade sexual (GONÇALVES, 2017; OLIVEIRA e SOARES, 2017) apontam a potencialidade da autonarrativa como estratégia de enfrentamento a processos psicossociais de violação como a homofobia e a homofobia internalizada.

Entende-se por autonarrativa o conjunto de possibilidades de expressão mediante as quais uma pessoa outorga a si a produção dos sentidos centrais sobre e da sua história (FERNÁNDEZ *et al*, 2021). A modernidade produz narrativas hegemônicas acerca de quem o ser humano é, devendo este submeter-se à produção subjetiva coisificadora e normativa, a

qual, quando não obedecida, abre espaço para sanções as mais diversas. Assim, falar sobre si e tomar para si a autonomia de sua história é um movimento político que quebra com os elementos colonizadores do ser (ZIZEK, 2013). Cabem como ilustração os castigos perpetrados a homossexuais que, ao longo dos séculos, bravamente ousaram não esconder da vida pública quem eram e como se sentiam (DAVI, 2005; PRETES e VIANNA, 2007).

Contribuições mais contemporâneas no seio da Psicologia apontam para a estruturação de práticas profissionais e de pesquisa que refletem a necessidade de o subalterno produzir sua própria narrativa (CASTRO e MAYORGA, 2019; PAVÓN-CUÉLLAR, 2021). Assim, caminhos metodológicos têm sido pensados para mediar processos psíquicos mais autônomos, sinalizando a possibilidade de uma organização pessoal e de vida que aponte para além dos ditames historicamente estabelecidos pela colonialidade, pelo capitalismo e pelo patriarcado (BERNARDINO-COSTA, MALDONADO-TORRES e GROSFUGUEL, 2019). Nesse

cenário, estratégias etnográficas, mais especificamente, autoetnográficas têm despontado como uma opção com potência para ressignificar relações e restabelecer lugares, levando a pessoa, em uma relação concreta com esse mundo em que ela se produz, a encará-lo como passível de mudança, ou seja, para além da estaticidade e da naturalização que é veiculada pela modernidade-colonialidade.

5.2 Método

Este estudo se trata de uma contribuição situada no campo das produções qualitativas em Psicologia, as quais, como expõe Yin (2016), objetivam a descrição de processos em sua singularidade e minuciosidade, atentando-se para a forma como as partes que compõem o todo se relacionam entre si e como elas, nessa relação, afetam-se e se expressam. Ademais, estudos qualitativos em Psicologia têm contribuído para o entendimento da particularidade de realidades idiossincráticas, não permitindo, entretanto, a generalização dos achados. Nesse cenário, de acordo com Chizzotti (2003), a pesquisa qualitativa, tendo em vista sua gramática, potencializa um movimento de crítica, uma vez que permite envolvimento e engajamento políticos com a realidade na qual o pesquisador se insere, com foco na intervenção sobre o contexto e na sua transformação.

Ademais, este estudo se insere dentro de perspectivas etnográficas e, de modo mais específico, autoetnográficas (SANTOS, 2017). De acordo com Rocha e Eckert (2008), a etnografia é um método de pesquisa que privilegia o olhar e o escutar em direção à alteridade,

àquilo que é estranho, isto é, que provoca um deslocamento no olhar daquele que pesquisa, o qual, apesar de estar na postura de quem conhece, mistura-se na vivência com o campo para conhecê-lo e aprofundar-se nas suas leis particulares de funcionamento. Na pesquisa etnográfica, os temas são escolhidos na perspectiva do encontro entre pesquisador e campo provocado pelo deslocamento do olhar, ou seja, pela implicação e pela afetação; assim, não há etnografia que seja objetiva, mas sim um processo etnográfico orientado pelo ponto de vista de quem narra; privilegiando, assim, os sentidos expressos por quem pesquisa em seu encontro com a realidade.(BITTENCOURT, 1999)

De modo mais específico, a autoetnografia, de acordo com Versiani (2002), é uma estratégia de pesquisa que permite ao pesquisador ou à pesquisadora refletir acerca da realidade tomando seu corpo e sua própria história como fontes e canais de conhecimento válido. Criticando uma tradição positivista de conhecimento, a autoetnografia sinaliza ser impossível a separação entre quem pesquisa e o processo que é pesquisado, não encontrando, assim, justificativa para não tomar a história do pesquisador como fonte de conhecimento para a descrição da realidade (MARALDI *et al*, 2020). Neste estudo em específico, as vivências do pesquisador, que é um homem gay, negro e periférico, relacionadas ao que a literatura chama de homofobia internalizada, serão tomadas como espaço político-pessoal de reflexão. Ademais, em consonância com o que sinalizam Rea e Amâncio (2018), situamos a autoetnografia como pesquisa queer, corroborando para o destrinchamento de contextos esquecidos e marginalizados vinculados à diversidade sexual.

Objetivando compreender os cenários mediadores de homofobia internalizada ao longo da trajetória do pesquisador, este estudo se conecta com os três objetivos específicos desta dissertação; assim, além de auxiliar na descrição das manifestações da homofobia internalizada, possibilita também compreender as narrativas de jovens universitários sobre as suas vivências promotoras de homofobia internalizada a partir da colonialidade, como também identificar os impactos da colonialidade na homofobia internalizada através de elementos autoetnográficos

Os relatos autoetnográficos serão divididos em três blocos temáticos nomeados a partir da vivência do pesquisador com a homofobia internalizada, a saber:

- a) A homofobia não escolheidade;
- b) “Você é a aparência do mal!”; e
- c) Afeto materno, conhecimento e arte: meus fatores de proteção frente à homofobia internalizada.

Serão utilizados como referenciais de análise os Estudos Decoloniais e a Psicologia Histórico-Cultural, além da literatura de base sobre diversidade sexual e homofobia internalizada. Explicita-se que a partir de então o texto deixará de ser redigido na voz impessoal, incorporando pessoalidade e particularidade na primeira voz do singular, a voz direta do pesquisador, com todas as cores, texturas, potencialidades e vulnerabilidades que consigo carrega.

5.3 A homofobia não escolhe idade

Eu tenho uma memória turva: era meados de 1998 ou 1999, e eu estava na escola, matriculado na série que na época era conhecida como Jardim IV ou Jardim V. Como de costume, as aulas eram mediadas e inundadas por jogos, brinquedos e brincadeiras o tempo inteiro, e aquele dia não foi diferente. Eu me lembro de que sempre tive um forte interesse por elementos mais próximos do que reconhecemos tradicionalmente como feminino. Assim, nas atividades com meus colegas de turma, eu preferia, por exemplo, brincar de boneca ao invés de brincar de carrinho.

Couto Júnior, Pocahy e Oswald (2018) nos explicam que gênero não pode ser tomado como uma realidade natural; ao invés disso, deve ser encarado como uma convenção social. Nesse sentido, os autores evidenciam que aprendemos a ser masculinos e femininos via experiência social. Ao mesmo tempo, como sinaliza Castanho (2013), nem todos os indivíduos correspondem às expectativas sociais de gênero, abrindo-se um caminho de violações.

Era o fim da aula, estava aguardando minha mãe chegar a fim de me levar para casa depois daquela manhã intensa de atividades. Eu a estava aguardando brincando de boneca com um colega, também menino. Não tenho memória de como, mas, de alguma forma, eu já sabia aos quatro ou cinco anos de idades que não deveria estar brincando de boneca, pois era coisa de menina; assim, havia um misto de felicidade e empolgação (por estar brincando de algo com que me identificava) e de medo e receio (por saber que, se minha mãe me visse brincando de boneca, poderia sofrer alguma sanção ou reprovação).

Palveltchuk e Borsa (2020) são enfáticas ao mostrarem como um padrão de vida ansioso e emocionalmente instável pode ser deflagrado em uma pessoa a partir da exposição sistemática à homofobia. Sensações como essas da minha infância foram comuns a diversos outros momentos da minha vida: preocupação, medo e ansiedade não são emoções estranhas à vivência de gays e lésbicas em uma teia social regida pela homofobia (CEARÁ e

DALGALARRONDO,2010; FRANCISCO *et al*, 2020).

Seguindo o fluxo de eventos, minha mãe chegou à escola. Quando ela chega, eu estava muito concentrado na brincadeira com as bonecas e, assim, não me apercebi enquanto ela se aproximava. Quando me dei conta, ela já estava diante de mim, meneando a cabeça de um lado para o outro e fazendo sinais de reprovação, o que me conduziu a uma sensação de vergonha. Eu lembro também que meu colega ficou muito assustado quando percebeu que se tratava da minha mãe, talvez porque temesse ser delatado também. Quando tento linearizar minha memória, talvez essa seja a primeira experiência da minha vida em que eu senti profundamente que quem eu era estava em dissonância com as expectativas sociais; de certo modo, eu não cabia naquelas expectativas.

Como a homofobia está na base da vida social (BORRILLO, 2015; GREEN, 2019), a experiência com minha mãe não seria a última experiência de homofobia. Eu me recordo de um dia na escola, por volta dos meus oito anos de idade, que me marcou de forma incisiva: estávamos no intervalo, era uma escola protestante de pequeno porte, com pouquíssimos alunos até onde minha percepção consegue alcançar. Eu costumava brincar e passar meu intervalo/recreio com as meninas. Ao longo de alguns dias, criamos uma brincadeira: eu entrava no banheiro masculino como “Netinho” – era assim que me chamavam na época – e saía como “Netinha”, uma versão atualizada e feminina de mim. E assim brincamos por uns três dias, eu recordo que as meninas ficavam eufóricas e eu me divertia muito.

Até que em dada feita, talvez por sinalização da coordenação pedagógica da escola, uma professora veio de encontro a mim me repreendendo e me advertindo que poderia ser que “desse algo no meu coração e eu, de fato, quisesse ser”, essas foram as exatas palavras; enquanto as escrevo, parece que eu as escuto com a riqueza de detalhes da situação, tudo ainda muito vivo. Louro (2014) precisa os porquês desses comportamentos na escola. A autora explica que a escola é uma instituição reguladora do tecido social, o que significa que ela se ocupa em moldar os (as) estudantes em padrões socialmente determinados.

De acordo com Baker (2013), cada uma dessas experiências desumaniza os indivíduos envolvidos nessa relação, uma vez que tanto embrutece o agressor como a vítima, implicando no desenvolvimento de pessoas inseguras e com dificuldade de estabelecer relações transformadoras frente à realidade. A homofobia é um processo psicossocial de violência que não escolhe idade (BORGES e MEYER, 2008; OLIVEIRA SANTOS e ARAÚJO, 2021), podendo acontecer desde a mais tenra infância até a velhice; basta apenas um sinal de que aquele indivíduo está fugindo das normativas de gênero, para que todo um sistema de

vigilância seja acionado, e essa pessoa seja sancionada com as mais diversas penas: chamadas verbais de atenção, expulsão de casa, perda do trabalho, violência na saúde, assassinato etc. (GREEN *et al.*, 2001).

É como vejo essa situação particular da repreensão da professora, uma tentativa de que eu mesmo não pudesse agenciar meu próprio corpo. Outro fator curioso que emanou daquele situação foi o aprendizado que a homossexualidade é algo que brota, que é algo “que dá no coração”. Estudos mostram que a ideia de que a homossexualidade não é algo natural, mas sim da ordem de uma aprendizagem social desvirtuada, é um dos pilares para a nutrição e a manutenção de práticas de preconceito e discriminação contra gays e lésbicas (COSTA *et al.*, 2017; LIRA e MORAIS, 2018). É provável ainda que a orientação religiosa protestante da escolatena inferido na maneira como os (des) educadores concebiam a homossexualidade. Cézár (2013) explica as nuances da relação que as religiões de matriz judaico-cristã estabelecem com as experiências gays e lésbicas.

A homofobia internalizada é a forma interiorizada ou subjetiva da violência homofóbica com a qual lidamos diariamente, a forma social incorporada aos pensamentos, às emoções e aos comportamentos da pessoa (ANTUNES, 2017; PEREIRA e LEAL, 2005). Como nasce a homofobia internalizada? Nas práticas cotidianas; às vezes, quando todos estão vendo (como na situação com minha mãe na escola ou com a professora, por exemplo); às vezes, quando ninguém está vendo (quando não nos vemos presentes em novelas e filmes, acreditando a partir desses nãocontatos que não somos possíveis e reais). Penso também que a experiência da homofobia internalizada medeia uma profunda sensação de alienação e isolamento subjetivo. De acordo com Hardin (2000), há um processo de ocultamento da homossexualidade da vida social, assim não é raro que gays e lésbicas não se vejam representados nos cenários sociais, levando-nos a acreditar que estamos sozinhos e solitários em mundo que não nos aceita.

Além da vivência escolar da homofobia, tais práticas de opressão me acompanharam em outros espaços também ao longo da minha infância e da minha adolescência: a rua sempre foi um espaço de muita descoberta na minha vida, sobretudo durante a infância. Nesse entre-lugar, que não era casa, mas que era embebido de afetos potencializadores e despotencializadores, eu tinha encontros com amigos, me implicava em brincadeiras que demandavam imaginação e me via também em jogos que me permitiram, ainda que de forma muito primitiva, compreender que eu não me interessaria eroticamente por meninas, mas sim por meninos, como eu.

Entretanto, como disse, a rua nem sempre me trouxe encontros felizes, como bem

colocaria Spinoza (2009), mas também eventos que me marcaram negativamente. Eu me lembro que, mesmo em momentos do meu ciclo de vida, em que eu não tinha consciência da minha performance de gênero (masculinidade-feminilidade) e da minha orientação afetivo-sexual, meus pares de rua já notavam algo que era divergente, que não se encaixava nos aprendizados veiculados por seus pais, pelas comunidades religiosas das quais faziam parte etc. Assim, não era raro escutar deles interpelações como “viado”, “viadinho”, “bixa”, “princesa”, “Abelardo”, “Ladir”, “Crô”; essas últimas três expressões fazendo alusão a personagens de telenovelas brasileiras identificados pelo público como homossexuais.

De acordo com Vidarte (2019), a identidade de gays e lésbicas se dá mediante o reconhecimento negativo do outro, o que se significa, em último termo, que antes de nós, gays e lésbicas, sabermos integralmente quem somos, entendermos nossos interesses afetivo-sexuais e compreendermos as implicações de sermos dissidentes da heterossexualidade em um mundo heteronormativo, somos informados pelos outros de que existe algo de muito errado conosco: com nosso comportamento, nossos trejeitos e nossa tonalidade de voz (para quem vivencia essa experiência); com a forma como nosso afeto e nosso desejo se movimenta; e com cada um dos nossos interesses. Na minha vivência, cada uma das palavras descritas me atravessou com muita violência, e talvez o mais violento tenha sido não saber o motivo pelo qual eu estava sendo oprimido. Afinal, eu não tinha condição nem maturação para intuir aos oito anos de idade complexas relações sociais e seus impactos.

Vigotski (1994) nos ensina que a constituição do ser humano é social. Com relação a essa afirmação, dois elementos precisam ser explicitados: 1) é social porque tem na história das relações sociais de produção plataforma e cenário; 2) é social porque se dá na interpessoalidade, ou seja, na relação que nós estabelecemos com a cultura e com seus instrumentos, bem como com nossos pares seres humanos. Assim, reafirmo que falar sobre desenvolvimento humano é realizar uma análise dos fatores mediadores presentes na dinâmica de vida das pessoas. Quando falamos de gays e lésbicas, estamos falando necessariamente da iniquidade contingente na homofobia, a qual em sua forma internalizada me parece funcionar como uma concha acústica dos episódios e cenários de violência homofóbica que atravessamos.

Para uma última compreensão sobre os significados e os sentidos que a epígrafe deste subtópico (A homofobia não escolhe idade) carrega, urge-me a necessidade de compartilhar uma derradeira vivência: era tudo muito novo, eu tinha onze anos de idade, estava transicionando dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental. Antes, poucos professores; agora, muitos. Antes, uma escola de pequeno porte; agora, uma escola de médio-

grande porte. Eu me lembro de estar muito empolgado com as novas pessoas que eu iria conhecer e com os conteúdos que eu poderia aprender, só não estava inteirado de que era muito provável que a homofobia do espaço escolar iria me acompanhar, e foi exatamente o que aconteceu.

Entretanto, um elemento diferenciou ambas as experiências: apesar de a homofobia ser uma realidade em ambos os contextos, na primeira escola, eu tinha algumas relações de proteção. Lembro, por exemplo, que, na segunda e na terceira série, tive uma professora que não admitia agressões homofóbicas, o que contribuía para uma maior sensação de segurança (BAKER, 2013; ELIOT, 2013). Na nova escola, eu não conhecia ninguém. Eu tenho memória de que foi muito rápida a percepção por parte de alguns adolescentes quanto a meu comportamento divergente e, assim, iniciou-se o que a literatura chama de bullying homofóbico ou homofobia escolar (ANTÔNIO et al, 2012; ALBUQUERQUE e WILLIAMS, 2015). Foram muitos os xingamentos e palavras utilizados para denunciar negativamente o que mais tarde eu viria a entender como minha orientação afetivo-sexual.

As palavras não são vazias de significado. Pelo contrário, como aponta Delari Júnior (2013), a palavra é um cenário de disputas sociais, porquanto nelas podemos encontrar sínteses históricas de processos que foram socialmente convencidos. Para além dessa dimensão cognitiva que a palavra carrega, Vigotski (2008) discute que elas também são impregnadas de afeto, o que as faz potenciais mobilizadoras de sentidos, afetando, assim, a maneira como nos narramos e nos apropriamos da nossa história. Nesse sentido, apontamos o quanto que a autonarrativa é um processo revolucionário, porquanto ela permite um movimento dificilmente autorizado: a fala do (a) subalterno (a) sobre quem ele (ela) é (SPIVAK, 2010).

5.4 “Você é a aparência do mal!”

Ser cristão-protestante e fazer parte de uma comunidade religiosa com esse tipo de declaração de fé sempre foram elementos característicos e presentes da e na minha narrativa pessoal. Já compartilhei que a partir dos meus seis anos de idade comecei a estudar em uma escola próxima ao meu bairro a qual era protestante, assim, todos os dias, antes de entrar para as salas, fazíamos filas, as quais eram organizadas por turmas. Cotidianamente, cantávamos alguns louvores e orávamos, agradecendo a Deus e lhe pedindo coisas.

De acordo com Silva e Barros (2009), a religião sempre esteve presente em projetos de domínio e de conquista de povos e culturas, sendo ela talvez, conforme expõe

Maldonado-Torres (2016), a responsável pela produção de uma das primeiras formas sistematizadas de preconceito e de discriminação, a saber: o racismo religioso, o qual, mais tarde, iria tomar caminhos de generalização para as práticas sexuais e de gênero dos povos não europeus. No Brasil, é complexa a relação que se estabelece entre Estado e Religião, de modo que, ainda que tenhamos uma constituição que nos garante uma educação laica (sem influência religiosa), é comum vermos escolas orientadas por valores religiosos específicos, sobretudo cristãos (CUNHA, 2009).

Seguindo a história, em uma dada feita, foi feito um convite por parte da coordenadora: “Quem gostaria de aceitar a Jesus?”. Ora, de forma muito “natural”, lembro que todas as crianças levantaram suas mãos, afinal somos ensinados desde pequenos e pequenas que Deus é bom e que, fazendo uma alusão às histórias em quadrinho que nós lemos e aos filmes a que assistimos, ele é o super herói, pronto para vencer as forças do mal. Eu tenho uma imagem muito nítida daquele dia, o dia em que eu aceitei a Jesus.

Cheguei a minha casa, contei para a minha mãe e me recordo de tomar uma bronca, uma vez que, apesar de a minha família nuclear ser católica, não partilhava de uma declaração de fé evangélica ou protestante. Malgrado o acontecimento, nada de negativo aconteceu, além de uma chamada de atenção por parte da minha mãe tendo em vista ter passado a seguir uma religião diferente da sua. Na verdade, a formação de feridas emocionais oriundas do meu envolvimento com uma matriz religiosa tradicional de pensamento e conduta acerca da sexualidade estaria para se iniciar. Nesse sentido, Natividade (2006) aponta que processos de adoecimento emocional podem ser desencadeados na relação de gays e lésbicas com matrizes cristãs tradicionais, tendo em vista a forte influência da homofobia na sua interpretação sobre o que é moral e pecaminoso. Pouco tempo depois da minha conversão, comecei a frequentar uma igreja, uma Assembleia de Deus, que se caracteriza, dentro das igrejas protestantes brasileiras, como uma igreja pentecostal, o que significa uma baixa abertura à diversidade sexual e de gênero (MACHADO, 2013). Até hoje, lembrar-me desse espaço é contraditório, pois me vêm memórias muito positivas e memórias muito negativas, simultaneamente. Tendo em vista que meu objetivo é verter um olhar mais acurado sobre as vivências promotoras de homofobia internalizada ao longo da minha história de vida, eu me aterei a estas últimas.

É importante principiar por eventos sem muito impacto psicológico imediato, mas que a longo prazo, produziram profundas crenças disfuncionais acerca da homossexualidade: exposição ano após anos aos sermões da igreja da qual eu participei dos meus sete anos de idade até os dezenove. Borillo (2015) nos lembra de que as religiões de matriz judaico-cristã

acreditam profundamente que qualquer conduta sexual que se estenda para além da heterossexualidade procriadora não são morais, de forma de que experiências como homossexualidade, sexo anal heterossexual, sexo heterossexual sem fins procriativos figuram enquanto pecado de sodomia, oque, no sentido lato, significa imoralidade sexual.

As pregações na igreja eram sempre muito fervorosas e efervescentes, algo muito característico de igrejas pentecostais, assim não era raro que, em meio às explicações e à doutrina ministrada, escutássemos pastores e demais ministros gritando e bradando enquanto explicavam que homossexualidade era pecado ou que ser gay era abominação. Foram anos escutando que havia algo de errado comigo e, como abordado anteriormente, tais diretrizes foram sendo internalizadas na minha relação com a igreja sem sequer eu ter uma consciência mais integral sobre o que é homossexualidade ou ainda sobre como eu me sentia com relação a tudo isso.

Vigotski (2010) explica que, sobretudo durante a nossa infância e adolescência, mudanças importantes na forma como nos relacionamos com nós mesmos e com o mundo se processam e se objetivam, de modo que nossos interesses, motivações e necessidades são construídos na relação com o social. Seguindo essa ideia, Anaute e Glozman (2017) afirmam a ideia do psicólogo bielorrusso ao dizer que, durante a infância e adolescência, vivemos períodos sensíveis do nosso desenvolvimento. Assim, a depender da qualidade dos fatores mediadores que atravessam a constituição do nosso psiquismo, poderemos ter uma identidade alienada e resignada.

Crescer com a ideia de que meu comportamento feminino ou que meu interesse, ao assistir a filmes onde havia um príncipe e uma princesa, de ser a princesa eram errados guardam, em minha análise, uma íntima relação com o conjunto de aprendizagens homofóbicas mediadas pela Igreja. Pesquisas no campo da homofobia internalizada (CERQUEIRA-SANTOS *et al*, 2016; CORTES *et al*, 2021) apontam que gays e lésbicas com maior envolvimento religioso cristão costumam também ter maiores índices de homofobia internalizada. Foram muitos os textos bíblicos com os quais eu fui tendo contato e que foram me confirmando o que quanto eu precisavamudar para me encaixar naquilo que era correto e que eu estava aprendendo.

Eu me lembro de sempre ter sido curioso e investigador, tendo sempre um afeto enorme pelos estudos e pela escrita, o que, sem sombra de dúvida, iria se manifestar na minha relação com a igreja. E assim foi: na minha adolescência, eu comecei a ler a Bíblia e passei a me deparar, agora na experiência da leitura, com os textos condenatórios da homossexualidade transmitidos a mim via oralidade. Talvez, lá no fundo, eu quisesse atestar se ser gay era pecado

mesmo. Nesse cenário, um dos textos me foi muito emblemático: “Não se deite com um homem como quem se deita com uma mulher; é repugnante (Levítico 18:22). Algumas versões, como a que eu li, substituem “é repugnante” por “é abominação”; lembro que, adolescente, ao me deparar com o texto foi como se, de fato, me fosse imposta uma sentença. Lembro que estava, de joelhos, lendo a Bíblia na minha cama e pensei; “É... de fato, é errado, não tem pra onde correr.”

Naquele momento, muito ávido por soluções, continuei a mergulhar nos textos para buscar respostas. Nesse movimento, encontrei mais versículos que tratavam a homossexualidade como pecado, abominação e impossibilidade saudável para o desenvolvimento da sexualidade, como também encontrei textos que me apontaram possíveis causas e justificativas para “Deus ter feito aquilo comigo”. Encontrei desde textos que falavam sobre a homossexualidade como desvio – reforçando a ideia do texto anterior – até excertos que recomendavam uma vida de castidade e celibato (ausência de relações sexuais) para aqueles que tinham os descritos “desejos e condutas abomináveis”.

Todos esses discursos construíram minhas vozes internas, de modo que cresci com sensações de medo e de alarme frente a quaisquer situações que me sinalizassem a homossexualidade, e elas, naturalmente, aconteceram, por exemplo: quando criança me apaixonando pelos príncipes dos desenhos e contos de fada; quando adolescente me sentindo atraído por meninos da minha sala ou ainda quando me deparava com meninos sem camisas na educação física. Eu recordo que era uma sensação péssima, pois eu não me sentia nem sequer convidado a falar confiadamente com alguém sobre o assunto. Como pontuam Silva e Barbosa (2016), a homossexualidade, por vezes, caracteriza-se como uma vivência de solidão tendo em vista todo o estigma e o preconceito que a envolvem.

Para além das vozes internalizadas, as quais foram regulando meus pensamentos, meus comportamentos e minhas emoções, forças (opressões) externas também se somaram a esse peso psicológico. Ocorre-me, por exemplo, que, em uma peça da igreja sobre a criação do mundo na qual eu precisava interpretar Adão, pude ouvir algumas vozes que repetiam em alto e bom som que eu estava mais parecido com Eva. Okita (2015) explica que processos de opressão frente à homossexualidade vêm se estruturando ao longo dos séculos, inviabilizando um cenário saudável para o desenvolvimento de gays e lésbicas, sendo assim necessário que pensemos práticas para além da homofobia e da dominação social a que ela serve.

Por vezes, sendo abordado por outros meninos da igreja, era-me cobrado constantemente que eu começasse a namorar (com meninas) para eu me parecer mais com “um homem de Deus”, uma vez que, na interpretação deles, um homem de Deus não poderia ser

feminino na sua expressão de gênero. A essa altura, eu já tinha uma compreensão de que me atraía afetivamente e sexualmente por meninos, não por meninas. Apesar disso, eu havia vestido a roupa do celibato, prometendo a mim, a Deus e à comunidade em que eu estava inserido não me envolver afetivo- sexualmente com ninguém. Esta foi uma alternativa da época para barrar as cobraças quanto a me relacionar com meninas. Na relação com minha antiga comunidade, eu costumava ser muito cobrado, uma vez que sempre fiz parte de muitos departamentos e grupos, de modo que de alguns deles eu era líder, como o departamento de música, por exemplo. Assim, eu sempre estava a frente de projetos, o que me fazia ficar bastante ansioso com a possibilidade de “cair em tentação” e ceder a ela.

Mas a adolescência passou, e novos processos pessoais aconteceram, como passar na faculdade. Aos dezoito anos, fui aprovado no vestibular para o curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coelho e Barros (2021) apontam que a experiência com a universidade pode ser transformadora na forma como gays e lésbicas se veem e performam sua sexualidade, uma vez que, apesar dos desafios que a cercam, a universidade tende a ser um locus mais plural e acolhedor à diversidade sexual. O primeiro ano do curso de Psicologia na UECE foi fundamental para que, em contato com teorias críticas, eu começasse a produzir as primeiras rupturas com perspectivas acríticas e desestoricizadas do protestantismo tradicional. Com tudo isso em vista, decidi mudar de igreja, uma vez que pra mim minha primeira igreja passou a ser muito autoritária e impositiva.

Mudei de uma igreja mais fechada para uma igreja, na minha perspectiva, mais aberta e moderna. Pois bem, já fazia por volta de cinco meses que eu estava nessa nova igreja, já estava inserido no departamento de música, cantando praticamente em todos os cultos. Aquele dia era uma noite ordinária, havia cumprido com meus serviços de culto; após o culto, como de costume, eu e outros jovens nos reunimos para conversar um pouco. Nessa situação duas pessoas, mulheres, achegaram-se e me abordaram para conversar sobre o que meu comportamento e voz mais femininos estavam denunciando: uma possível homossexualidade.

Foi quando eu escutei uma frase que mudaria tudo dentro de mim: “Neto, você é a aparência do mal!”. Este foi um daqueles momentos de filme em que você escuta um zumbido no ouvido, desfoca dos demais estímulos externos e se fixa naquilo que lhe foi dito. Eu me senti atordoado com essa frase. Durante esta partilha em forma de texto, paro e reflito em possíveis porquês: é muito provável que eu tenha me sentido sem chão – esta é uma excelente expressão para descrever como me senti – tendo em vista toda a energia que eu investia para me afastar do destino abominável que era a homossexualidade. Em outros termos, o que eu escutei foi: “Não importa o quanto você se esforce, nós sempre iremos te

odiar!”. Lágrimas me sobem aos olhos emeu corpo se arrepia enquanto escrevo.

Existe um texto bíblico que fala que a aparência do mal é pior do o próprio mal (1 Tessalonissenses 5:22), de modo que há uma explícita orientação de que nós fuçamos de ter essa aparência. Estava colocado: eu era pior do que o próprio mal, e isso pesa muito para quem é ensinado sobre todas as qualidades que o mal carrega consigo. Eu fui para casa estarecido, muito ferido, sem referência até. Os próximos dias e meses foram marcados por dois processos concomitantes: 1) o desinteresse e desânimo para ir à igreja; e 2) uma reorientação do meu desejo no sentido de querer explorar minha sexualidade. Eu já estava no terceiro semestre do curso de Psicologia na UECE, e me lembro de estar tendo disciplinas como Psicologia Social, Antopologia Cultural e Sociologia aplicada à Psicologia, as quais, na visão de alguns, podem ser reais venenos para as construções homofóbicas que me haviam sido ensinadas até então. Mas, para mim, esse conhecimento apareceu como um bálsamo.

Santos (2019) afirma que o conhecimento, quando sistematizado de forma crítica e emancipadora, pode contribuir para o estabelecimento de relações transformadoras do indivíduo frente às reverberações do colonialismo e da colonialidade. Freire (2018) corrobora com essa perspectiva ao apontar que é no movimento ativo de transformação da realidade que podemos galgar níveis de consciência que nos permitam romper com os limites estruturais de uma sociedade desigual e normativa. Por sua vez, Fanon (2020) nos convoca à lembrança de que precisamos retomar nossa imagem e narrativa das mãos da colonialidade moderna. No meu caso, tendo acesso a essas reflexões e mediações críticas, pude principiar no caminho de deixar de ser uma *abominação* para ser uma *rainha* (ideia que irei desenvolver melhor no próximo subtópico).

Hoje, ao me deparar com minha autoimagem conquistada – e que seja lido com destaqueo termo *conquistada* –, penso da seguinte maneira: “Se o mal tem essa aparência, ele é bellissimo!”. A vivência com a igreja, em última instância, foi promotora de diversos arranjos homofóbicos internalizados, com os quais até hoje, vez por outra me deparo, mas, a cada dia que passa, mais fracos e sendo reinventados à luz de um conhecimento crítico sobre o mundo e sobre mim mesmo. Ademais, estar com semelhantes (gays e lésbicas) e com pares heterossexuais que não se submetem à reificação da colonialidade têm sido fundamental para continuar resistindo. Sigamos.

5.5 Afeto materno, conhecimento e arte: meus fatores de proteção frente à homofobia internalizada

Ter relações emocionais significativas e ter acesso a contextos ecológicos que potencializam a vida não são experiências comuns a gays e lésbicas (SMIGAY, 2002). Apesar dos fatores mediadores de homofobia internalizada ao longo da minha história de vida, não posso deixar de reconhecer elementos que me foram promotores de saúde. Algumas pesquisas apontam que a triangulação da pessoa homossexual com fatores de risco e de proteção é fundamental para que compreendamos os desfechos que a homofobia internalizada tomará na dinâmica de vida daquela pessoa, inclusive em termos dos desfechos em saúde mental (LIRA e MORAIS, 2018; LUIZ JÚNIOR, 2019; NATARELLI, 2015). Assim, a fim de contribuir para uma leitura integral do que, apesar da trajetória de exposição à homofobia, traz-me até aqui capaz de ressignificar a violência.

Minha relação com minha mãe teve muitas camadas, a maior parte delas positivas e pouquíssimas despontualizadoras, e isso desde os meus mais tenros anos até à sua morte. São muitas as memórias de situações em que me senti *afagado*, *defendido* e *apoiado* ao longo do meu desenvolvimento, inclusive no que diz respeito ao processo de descoberta e de reconhecimento da minha orientação afetivo-sexual. Pesquisas apontam que cuidadores (pais, mães, tios, avós etc.) os quais possuem maior abertura à diversidade sexual conseguem oferecer um ambiente mais acolhedor, amigável e protetor para o desenvolvimento de crianças dissidentes da heterossexualidade (RIBEIRO e GRANATO, 2021; ROSA *et al*, 2016). Eu me recordo de sempre ter tido um profundo medo do meu pai e de como ele reagiria aos meus interesses e preferências na infância; em contrapartida, quando o assunto era minha mãe, eu tinha a sensação de ter uma parceira, ainda que em alguns momentos tenha colhido olhares de reprovação, os quais talvez tenham tido a ver com sua preocupação quanto a como meu pai lidaria comigo ou ainda com a maneira como um mundo homofóbico me trataria.

Conforme mencionei anteriormente, amparado em Eliot (2013) e Baker (2013), existem crianças que não desempenham seus comportamentos em conformidade com as expectativas de gênero e de sexualidade. Eu sempre me encaixei e me interessei no e pelo universo tradicionalmente associado ao feminino; itens e atividades como bonecas, maquiagem, bordado e vestidos sempre estiveram no radar da minha percepção e do meu interesse. Lembro-me de, nos contatos com a vizinha que minha mãe tinha, descobrir o bordado e a costura, de modo que me interessei profundamente por aprender. Minha mãe

assentiu permitindo que eu aprendesse, mas, ao mesmo tempo, sinalizando que meu pai não poderia saber e que eu deveria praticar em horários em que ele estivesse no trabalho. Se, por alguma razão, ele chegasse mais cedo, era comum minha mãe tentar entrar em casa primeiro para me avisar e advertir que deveria guardar os materiais rapidamente.

Ortiz-Hernández (2005) descreve a experiência de se comportar fora das expectativas sociais de gênero como transgressão dos estereótipos de gênero (TEG). Estudos que foram efetuados no sentido de averiguar a relação entre sexualidade e estereótipos de gênero apontam que contextos homofóbicos podem ser estressores para indivíduos que não se comportam a partir da matriz de masculinidade e feminilidade heterossexual. Recordo-me de viver com muito medo de meu pai ou colegas de escola notarem esses comportamentos divergentes da norma, forçando-me, em alguns momentos, com fins de autopreservação, a andar e falar de forma a corresponder à imagem masculina que me era esperada. Hardin (2000) e Baker (2013) concordam com o fato de que crianças dissidentes da heterossexualidade deveriam poder encontrar um espaço de desenvolvimento o qual respeitasse sua singularidade, potencializando um desenvolvimento mais saudável.

Alguns outros eventos foram bem significativos no que toca à transmissão de afetos potencializadores como proteção e afago. Não era incomum que, sempre que eu enfrentasse problemas com pessoas no geral, minha mãe aparecesse em meu favor. Nesse conjunto de experiências, uma em particular aparece de forma sobressalente: eu estava voltando da igreja, eutinha por volta de catorze ou quinze anos, quando, de repente, na minha rua, surge um menino que se aproxima de mim e me chama de “viado”. Conforme explica Borges (2009; 2013), a identidade homossexual, em uma sociedade homofóbica e heterocentrada, desenvolve-se com muita negatividade, a qual, por sua vez, une-se às concepções, aos conceitos e às crenças que gays e lésbicas desenvolvem acerca de si e da homossexualidade. O episódio retratado aponta como a dinâmica interpessoal homofóbica figura no dia a dia da pessoa homossexual: sem avisoprévio e sem justificativas que a abonem, ela simplesmente salta aos nossos olhos e corpos, deixando-nos marcas, por vezes, indelévels (SAFFIOTI, 1995).

Nesse sobressalto de agressão sofrido, aparece minha mãe confrontando o garoto sobre o que ele estava me falando, solicitando-lhe respeito. Situações outras, como brigas com meu pai por me avaliar negativamente quanto à minha expressão de gênero (comportamentos, timbre, gostos etc.), também eram comuns. Parecia que ela sempre estava presente quando necessário; na verdade, a sensação que eu tinha é que ela ia além do necessário, preenchia todos os espaços com muita atenção e cuidado, como quando sofri bullying na escola durante o

sexto ano dos anos finais do fundamental. Lembro que ela, em uma postura quiçá autoritária, abordou a coordenação pedagógica na escola cobrando um posicionamento quanto à situação. Sobre isso, cabe ainda dizer que sempre me senti muito convidado a contar quaisquer que fossem as experiências para ela, e esse vínculo, sem sombra de dúvidas, foi um fator mediador de saúde para mim.

Nesse movimento de cuidado comigo, ela sempre se preocupou com minha educação formal, com as escolas em que eu iria estudar e com as oportunidades às quais eu teria acesso. Nós vivíamos uma situação social muito contraditória quando paro para avaliar: ao mesmo tempo em que morávamos em uma comunidade de alto risco de Fortaleza, sendo, assim, expostos à violência policial e do crime, a menor acesso à saúde pública e ao estigma relacionado a morar em uma periferia, minha mãe conseguia me prover acessos educacionais. Sobre esse cenário, amparado em Moura Jr *et al* (2014), compreendo a pobreza como uma condição limitadora de uma experiência humana integral e transformadora, uma vez que ela inviabiliza a capacidade de o indivíduo se gerenciar com maior autonomia e desenvolvimento, implicando em posturas menos ativas e transformadoras da realidade. Acredito que, preocupada com o cenário em que estávamos imersos, minha mãe sempre tentou me afastar dele, reforçando, por exemplo, minha conexão com a igreja protestante e matriculando-me em escolas particulares, as quais, segundo ela, afastavam-me da convivência com pares que poderiam ser fator de risco para meu envolvimento com a criminalidade, por exemplo.

É nesse contexto de investimento e produção de sentidos sobre o papel da educação, em que eu chego ao curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Como já destacado anteriormente, na minha experiência, a universidade foi uma mediadora de processos de transformação da minha consciência acerca da diversidade sexual, tanto no que diz respeito aos conhecimentos e conceitos subjacentes à área como no que diz respeito à revisitação da minha própria experiência como um homem gay. Paralelamente à violência homofóbica no cenário religioso a qual eu estava sofrendo na época, eu estava entrando em contato com um conjunto de teorias e ideias que punham em cheque as concepções e noções que, até então, eu tinha formadas sobre a homossexualidade. Eu me lembro de, ainda no primeiro semestre, um professor, na disciplina “Psicologia: ciência e profissão”, que é basicamente uma introdução à caminhada da construção da Psicologia como campo de atuação e ciência, dizer assim: “Eu quero ver travestis vestidas de noiva sentadas nessa sala de aula!”.

Na época, isso não me fez o menor sentido; inclusive, senti-me muito incomodado com alguém estar tornando possível e válida uma vivência LGBT, afinal ser LGBT para mim

tocava em significados como imoralidade, pecado, insucesso, fracasso, infelicidade, dentre outros. Essas construções, como coloca Borillo (2015), não são somente subjetivas, ou seja, não brotam do nada na percepção da pessoa sobre o mundo, mas são resultado de fatores multideterminados na história social, que resvela sobre a história individual. Assim, na universidade, além do contato cada vez maior com teorias críticas sobre a diversidade, tive também acesso a pessoas com performances que transgrediam as expectativas tradicionais de gênero. Deparei-me, por exemplo, no curso de Psicologia, com um colega que ia para as aulas de saia – algo impensável para mim na época. Eu me lembro de que, quando o vi pela primeira vez, em uma tonalidade cearense de pensamento, vir-me o seguinte questionamento ao me deparar com ele: “Que diab’ é isso?”. Pesquisas apontam que dois são os principais fatores que contribuem para a redução de condutas homofóbicas, a saber: o acesso ao conhecimento científico sobre o tema e a convivência com pessoas LGBT (DESSUNTI *et al*, 2008; ROWEN e MALCOM, 2003; WILLIAMSON, 2000).

De acordo com seus achados, tais elementos tendem a sensibilizar a experiência homofóbica para uma maior abertura quanto à diversidade sexual.

O conhecimento cumpriu um papel fundamental na reconfiguração da forma como eu me relacionava comigo mesmo e com a homossexualidade no geral. Intensificando-se os processos de preconceito e discriminação – e enfraquecendo-se o interesse por continuar em uma igreja homofóbica –, comecei a procurar materiais que falassem sobre experiências gays e lésbicas, sobretudo gays, considerando o tensionamento que estava vivendo com minha própria identidade. Esses materiais variaram desde conhecimento científico tradicional (livros, artigos, congressos e afins) até formatos menos formais, tais como filmes, vídeos no Youtube etc.

Um filme e dois vídeos do Youtube foram importantes nessa caminhada, acredito que pelo fato de terem me encontrado nesse período mais crítico da violência na igreja: 1) “Orações para Bobby”, um filme de Russel Mucalhy, que retrata a vivência de um jovem de família cristã- protestante, o qual se descobre gays em meados das décadas de 70/80 nos Estados Unidos; 2) “Imagine um mundo no qual ser gay é normal e ser hétero é estranho”, um vídeo disponível no Youtube que trata da homofobia estrutural e do seu impacto na saúde mental de gays e lésbicas, promovendo uma inversão dos processos de preconceito e discriminação; e 3) “Não sou nem curto afeminados”, um vídeo produzido no Youtube pela *drag queen* Lorelay Fox, o qual retrata a violência sofrida por homens que não correspondem às expectativas normativas de gênero. Ainda hoje essas produções ecoam; por vezes, retorno a elas, e os sentidos, misturados em muitas memórias, levam-me à consciência de que muito foi

construído de lá para cá, e de que mais coisas podem ser ainda construídas, e isso em uma atitude que toca no exercício ativo da esperança proposto por Freire (2014), o qual objetiva ser um caminho para o estabelecimento de posturas de resistência frente às práticas de opressão social, como a homofobia e sua forma internalizada. Sobre a relação com a arte, Vigotski (2006c) explica que ela carrega consigo a síntese de complexos processos humanos forjados no decorrer da história da humanidade, o que lhe garante um aspecto mediador potente, deflagrando novas conexões cognitivas sobre quem se é e sobre o mundo, bem como reorganização de processos afetivo-emocionais.

Lembro que, de certa forma, era chocante deparar-me com artigos e livros que me diziam que não havia nada de errado com a homossexualidade, mas sim com o contexto homofóbico. Era-me dito o oposto: o problema estava em mim, eu precisava adaptar cada desejo, fantasia, comportamento e perspectiva. Textos como “Homofobia: história e crítica de um preconceito”, de Daniel Borrillo, e “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista”, de Guacira Lopes Louro, foram grandes ponta-pés e estimuladores para uma compreensão mais crítica e ampliada por minha parte sobre diversidade sexual. Nesse sentido, convém lembrar que é fundamental que as pessoas tenham acesso precoce a informações corretas sobre vivências LGBT no geral, uma vez que uma relação harmoniosa com a ciência potencializa a diminuição da homofobia como sistema, além de despotencializar condutas e comportamentos preconceituosos e discriminatórios frente à diversidade sexual (COPPETE e FLEURI, 2012).

Por fim, cabe partilhar como a arte, para além do acesso a filmes e outras produções audiovisuais, fez parte (e tem feito parte) em meus processos de resistência frente à homofobia internalizada. Passados alguns semestres do curso de Psicologia, eu já tinha rompido com minha igreja de referência, que tinha um caráter tradicional e homofóbico, e incorporado novas concepções sobre ser gay, permitindo-me à vivência dos meus afetos. Assim, já me encontrava mais aberto também para algumas experimentações que envolvem a transgressão das fronteiras de gênero.

Nesse momento, eu já tinha entrado em contato também com elementos da cultura gay, como coletivos, música e art *drag*. O *drag* é uma experiência artística na qual a pessoa que o performa brinca e rompe com as fronteiras de gênero estabelecidas no cotidiano normativo de gênero; assim, nessa experiência, mulheres e homens podem performar e exagerar suas noções internalizadas sobre ser homem e ser mulher, sobre o que é masculino e sobre o que é feminino, aprendidas no contato com os aprendizados sociais acerca do gênero (CHIDIAC e OLTRAMARI, 2004). A esta altura, por volta do quarto semestre da faculdade

de Psicologia, eu já estava em contato com essa modalidade de arte. Aliás, já a tinha performado até, e mais uma vez aparece muito forte a figura da minha mãe.

No movimento de ruptura com os ideais da igreja tradicional, eu me filei a uma comunidade protestante inclusiva/pluralista. Natividade (2017) define igrejas inclusivas ou pluralistas como espaços de profissão de fé que enxergam e atuam com a diversidade sexual a partir de uma perspectiva outra que não a do pecado e da imoralidade, aceitando a experiência afetivo-sexual de seus membros de forma integral, podendo estes namorar, casar com pessoas do mesmo gênero e continuarem participando ativamente de cada um dos rituais e atividades da instituição. Nessa época de inserção e envolvimento com a referida instituição, organizaram um evento chamado “Chá Rosa”, que tinha basicamente o objetivo de celebrar o “Dia Internacional da Mulher”, para o qual eu fui convidado a fim de performar como *drag queen*, uma vez que eu era do departamento de música da igreja e cantava. Assim, aceitei performar como drag queen cantando.

Foi muito novo esse movimento, uma vez que eu não tinha uma persona drag formada. Fui pensar sobre tudo, escolhi um nome: Stacey Oliver – o primeiro nome porque me conectava com a meiguice e a docura com as quais a imagem feminina me foi apresentada na figura da minha mãe, e o segundo sendo uma forma “americanizada” do meu sobrenome, “Oliveira”. Há afetos muito positivos enquanto detalho esse processo, pois me lembro de que minha mãe me ajudou a comprar peruca, vestido, sapato etc. e, juntamente com uma tia, foi ver minha apresentação, explanando vários elogios. Esta, entretanto, não é a experiência por que passam gays e lésbicas quanto a possibilidade de se expressarem da forma que necessitam; estudos apontam vários cenários de violação intrafamiliar frente à descoberta da sexualidade de seus filhos e filhas. De certo, a relação com minha mãe foi um fator protetor para uma vivência mais integrada da minha sexualidade e da minha expressão de gênero (feminina).

E, assim, nasce uma rainha. Stacey Oliver começou a aparecer em outros cenários, como a universidade, em trabalhos das mais variadas disciplinas do curso de Psicologia na UECE; no meu instagram profissional, o @desconstroipsi, conversando com as pessoas e as psicoeducando sobre diversidade sexual e de gênero e saúde mental etc. Tornar-se uma rainha, entretanto, é uma experiência muito dolorida, pois significa, dentro dos limites concretos em que vivemos, superar discursos homofóbicos internos sobre quem somos e rebater as mensagens homofóbicas com as quais nos deparamos dia após dia, além do processo de negação e embotamento dos nossos direitos em um período político tão conturbado e desafiador como este em que estamos vivendo, para dizer o mínimo. Eu entendo que deve

haver uma infinidade de rainhas por aí despotencializadas na sua trajetória de vida e na sua narrativa, machucadas pelos alvejamentos que tomam formato e contorno na homofobia e na homofobia internalizada. Há fatores, entretanto, com os quais podemos contar para melhor lidar, como o conhecimento científico, inserção em grupos com semelhantes e a arte, por exemplo, os quais nos permitem e nos levam a criar potência com muito pouco, com o que nos resta após os golpes sistemáticos da colonialidade.

5.6 Considerações finais

Como nasce uma rainha? Diríamos que de muitos processos de resistência frente às feridas geradas pela homofobia internalizada em um funcionamento colonial e moderno que objetiva dirimir as diferenças ontológicas entre as pessoas, na tentativa de resigná-las à imagem do homem branco, europeu, heterossexual, masculino, cisgênero e cristão. Não é um processo simples se tornar uma rainha nesse contexto, pois os determinantes e as barreiras sociais interpostas em nossa trajetória de autorreconhecimento são inúmeros. Percebê-los e, em seguida, atuar ativamente frente a eles exige um conjunto de condições, inclusive, concretas, que não estão disponíveis a todas as pessoas, e isso pelo processo de aprofundamento das desigualdades sociais no capitalismo, no colonialismo e no patriarcado.

Ao longo do desenvolvimento, gays e lésbicas vivenciam experiências promotoras de homofobia internalizada. Pensando em uma realidade social que se organiza a partir de ideais como “homossexualidade é antinatural” ou “homossexualidade é pecado”, é inevitável que homossexuais aprendam a lidar consigo mesmos de uma forma não saudável. Obviamente, apesar desse assalto comum, a experiência de ser gay ou lésbica não é igual para todos tendo em vista os fatores de risco e de proteção específicos à história de vida e aos contextos microssociais em que estão envolvidos. Nesse sentido, a fim de que garantamos um desenvolvimento mais saudável para gays e lésbicas, é necessário que a homofobia internalizada e os fatores de risco associados a ela sejam combatidos.

A autoetnografia se provou neste estudo uma estratégia de pesquisa efetiva no que disser respeito a permitir o aprofundamento acerca de processos singulares que podem levar a níveis mais agudos de homofobia internalizada. Apesar de a experiência analisada, a saber, a relação que o pesquisador estabeleceu e estabelece com a homofobia internalizada não ser generalizável, ou seja, não traduzir a experiência de cada indivíduo homossexual no mundo, o registro autoetnográfico permitiu o detalhamento em zonas de sofrimento emocional

importantes, cuja descrição pode atuar para a construção de estudos que explorem outras facetas dessas dimensões. Ademais, esta ferramenta de pesquisa produziu assemelhamento de experiências, ampliando, ainda que minimamente, a partilha de conhecimento forjado em um corpo subalterno com pessoas heterossexuais e não heterossexuais.

Por fim, concluímos que a fala sobre si tem um poder reestabelecedor e curativo, possibilitando reorganização dos nossos processos cognitivos e afetivo-emocionais e talvez este seja o motivo para o movimento de apagamento sistemático das vozes subalternas na modernidade-colonialidade: distantes da intenção de propor uma solução subjetivista, mas reconhecendo a fala de si como um dos caminhos necessários nesse processo de desobediência colonial, reconhecemos que aqueles que falam – e falam sobre si – produzem um contra conhecimento, o qual, por sua vez, desafia com gana os limites impostos pelo colonialismo e pelacolonialidade na modernidade.

6 DIÁLOGOS FINAIS

A construção desta dissertação refletiu um conjunto de necessidades metodológico- político-pessoais as quais procuraram refletir a necessidade de transformar uma realidade regida pelo colonialismo e pela colonialidade, ambos manifestos em processos psicossociais de desigualdade e vulnerabilidade social, tais como a homofobia e a homofobia internalizada. Ao longo desta jornada de produção, ficou nítida a importância de explorar como o formato internoda homofobia afeta a vivência de jovens universitários brasileiros. Em conformidade com os achados dos estudos que compuseram este trabalho de dissertação, a homofobia internalizada é um problema de saúde pública que afeta todas as pessoas na modernidade, sejam elas heterossexuais, bissexuais ou homossexuais; obviamente, entretanto, são muito grandes os efeitos deletérios da HI sobre gays e lésbicas quando comparados aos efeitos sobre heterossexuais, por exemplo.

Não acreditamos em um projeto de ciência positivista, o qual costuma objetivar afastamento e neutralidade tanto dos processos investigados como da arena sócio-política em que eles se desenrolam; antes, reafirmamos, aportados nos Estudos Decoloniais e na Psicologia Histórico-Cultural, que a ciência responde a necessidades históricas. Nesse sentido, não podemos nos esquecer de que, na modernidade, tempo em que vivemos, a colonialidade coapta o funcionamento do mundo; assim, as relações sociais de produção, inclusive do conhecimento, são arquitetadas pela tríade colonialismo-capitalismo-patriarcado. Estudos que se debruçam sobre a visualização de formas de vida e de relacionamento interpessoal para além dos limites historicamente impostos pelo colonialismo e imperialismo são fundamentais. Só assim seguiremos avante.

Atualmente, no Brasil, fazer ciência – e uma ciência marcada pelo compromisso com populações em vulnerabilidade social – é uma atividade de árdua execução. Neste atual momento, enfrentamos um cenário político bastante contraditório: ao mesmo tempo em que conquistas importantes dentro do campo da diversidade sexual (e de gênero) foram alcançadas, a cada semana vemos tentativas de desestabilizar os poucos passos que conseguimos dar em rumo de uma sociedade mais igualitária. Existe uma agenda política – que, não por coincidência, é majoritariamente representada por homens brancos, heterossexuais e ricos – que marcha em um sentido contrário às contribuições desta pesquisa, que é atenuar os impactos do fosso de desigualdade estabelecido entre pessoas heterossexuais e pessoas não heterossexuais.

Objetivando maior circulação e democratização do conhecimento aqui construído,

a dissertação foi dividida, isto é, composta, não por capítulos, mas por artigos, cada um focando em temáticas específicas dentro da necessidade de analisar as relações entre colonialidade e homofobia internalizada, objetivo geral desta pesquisa. Apesar disso, cada um dos estudos se conectou com um ou mais dos objetivos específicos elencados como etapas do processo de responder a pergunta de partida deste estudo: “Como a homofobia internalizada afeta o comportamento de jovens universitários brasileiros?”. Assim, com fins de sistematização e no intuito de facilitar o acesso aos estudos operacionalizados, a dissertação foi dividida em cinco estudos menores, a saber: 1) Homofobia internalizada: um estado da arte (2000-2020); 2) Narrativas de jovens universitários sobre a homofobia internalizada: um estudo sob a luz da Psicologia Histórico-Cultural; 3) Homofobia internalizada nas tramas coloniais: notas para uma relação; 4) Retonalizando a colonialidade de gênero: novos aportes decoloniais para a compreensão da homofobia internalizada; e 5) Como nasce uma rainha? Notas autoetnográficas de um processo de subjetivação frente à homofobia internalizada.

O primeiro estudo, “Homofobia internalizada: um estado da arte”, tratou-se de uma revisão sistemática de literatura sobre o fenômeno da homofobia internalizada entre jovens universitários. Decidimos restringir a busca a artigos em três idiomas: português, inglês e espanhol. A pesquisa se deu em duas bases de dados: Scielo (nacional) e Scopus (internacional). Os artigos deveriam necessariamente contar com o termo homofobia internalizada em seu título, resumo e corpo do texto, podendo falar sobre HI com jovens, HI em contexto universitários ou HI com jovens universitários. O processo de busca nos levou a achar vinte e três produções que se encaixavam nos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos. Durante nossas análises, percebemos que as produções encontradas não partiam de uma mesma definição de homofobia internalizada, o que, por um lado, pode ser enriquecedor, pois múltiplas facetas do processo são levadas em consideração, mas que, por outro lado, pode dificultar uma estruturação mais sólida desse campo de pesquisa e atuação.

Outro fator importante é que, dentro dos recortes estabelecidos, a maior parte das pesquisas tinham um carácter prático e/ou propositivo frente às implicações psicossociais da homofobia internalizada, não se atendo a uma análise de nível teórico, o que é importante do ponto de vista dos caminhos alternativos que podem ser recomendados para populações com altos níveis de HI. Por fim, cabe-nos salientar que, malgrado o crescimento de produções na América Latina, sobretudo no Brasil e no México, sobre homofobia internalizada, são poucas as iniciativas de pesquisa que vertem interesse sobre o tema quando comparadas a processos de pesquisa no norte global, principalmente nos Estados Unidos e em alguns países da Europa. Vale lembrar, como bem exposto na introdução desta dissertação, que, tendo em vista

encaminhamentos de submissão e publicação do primeiro estudo, decidiu-se retirá-lo da versão final deste documento.

O segundo estudo, “Narrativas de jovens universitários sobre a homofobia internalizada: um estudo sob a luz da Psicologia Histórico-Cultural”, tratou-se de um estudo empírico com jovens universitários brasileiros, de período etário entre 18 (dezoito) e 29 (vinte e nove) anos de idade, matriculados em um curso superior de uma IES pública ou privada brasileira. Quatro jovens foram participantes dos estudos: uma jovem lésbica e três jovens gays. Foi conduzida a aplicação de um instrumento, a saber: a Linha do Tempo, que se trata de um recurso clínico da Psicologia Histórico-Cultural. Em carácter complementar, também se aplicou um questionário sociodemográfico. Os dados produzidos em conjunto aos jovens foram interpretados tendo como base o referencial teórico da Psicologia Histórico-Cultural de L. S. Vigotski, sendo triangulados considerando duas categorias teóricas dessa abordagem psicológica, a saber: sentido e vivência. O estudo foi elucidativo das elocubrações, particularidades e singularidades envolvidas nos processos de internalização da homofobia por parte desses jovens, revelando camadas importantes desse processo de estruturação da violência homofóbica. Entretanto, apesar das riquezas dos achados, entendemos que estudos futuros devem investigar uma amostra mais significativa de jovens a fim de que ações mais direcionadas a esse público possam ser devidamente estruturadas.

O terceiro estudo “Homofobia internalizada nas tramas coloniais: notas para uma nova relação” teve como proposta estabelecer uma aproximação teórico-epistemológica entre os conceitos de homofobia internalizada, pertencente ao campo de estudos sobre diversidade sexual, e colonialidade de gênero, o qual, por sua vez, insere-se dentro do escopo dos Estudos Decoloniais. Enxergando a quase ausência de discussões sobre processos de violação que tivessem por base a orientação sexual, apontamos a homofobia internalizada como um mecanismo da colonialidade de gênero, um dos braços estruturantes da experiência colonial na modernidade. Assim, na perspectiva construída, enquanto a homofobia, conectada com os padrões rígidos de gênero esperados das pessoas, refere-se à regulação externa do comportamento esperado – ser masculino para homens e ser feminina para mulheres –, a homofobia internalizada é o sistema de vigilância de gênero interiorizado, o qual, além de também fazer essa regulação da performance social, objetiva diminuir o potencial transformador das pessoas homossexuais sobre o mundo, tendo em vista seus efeitos psicológicos deletérios.

No quarto estudo, “Retonalizando a colonialidade de gênero: novos aportes decoloniais para a compreensão da homofobia internalizada”, propusemos a revisitação da

categoria colonialidade de gênero dentro dos Estudos Decoloniais. Essa proposição surgiu de dois aspectos identificados: 1) a quase ausência de estudos decoloniais que tratassem de processos de violação que tivessem como base a orientação sexual (o que também originou o estudo número dois); e 2) a compreensão nos Estudos Decoloniais que a sexualidade é uma dimensão da vida humana que se restringe, em termos de compreensão, à seara do gênero. Assim, sinalizamos nesse estudo processos históricos, que paralelamente aos processos de gênero, untam um caminho particular para tudo aquilo que toca ao campo da sexualidade. Nesse sentido, denunciemos que talvez essa falta de sistematização dessa relação se deva ao próprio mecanismo de apagamento de vivências heterodivergentes, uma vez que, até onde temos conhecimento, não há muitas pessoas LGBT* encabeçadoras das reflexões decoloniais.

O quinto estudo, “Como nasce uma rainha? Notas autoetnográficas de um processo de subjetivação frente à homofobia internalizada”, ilustrou, a partir de atravessamentos pessoais da história de vida do pesquisador, contextos promotores de adoecimento via homofobia internalizada, assim foram separados alguns blocos de análise referentes a episódios que despotencializaram, em alguns campos, a dinâmica subjetiva do pesquisador enquanto homem gay. Em contrapartida, houve também um foco sobre contextos promotores de saúde frente aos impactos da HI, os quais potencializaram posturas de enfrentamento e de resistência frente aos processos psicossociais homofóbicos vivenciados pelo pesquisador ao longo da sua história de vida.

Avaliamos que os objetivos deste estudo de dissertação foram alcançados com êxito, tanto geral como os específicos, contribuindo, em uma perspectiva multimétodo, para o desvelamento de uma das faces da homofobia internalizada no Brasil, a saber: sua manifestação entre jovens universitários brasileiros em sua relação com a colonialidade. Devemos ressaltar que, tendo em vista o transcurso da pandemia da Covid-19, os caminhos desta dissertação precisaram ser repensados. Nesse sentido, o que no início se assemelhava mais a um estudo quantitativo, com carácter qualitativo complementar, passou a figurar como um estudo eminentemente qualitativo, com enfoque em explorar os sentidos e as vivências relacionados à internalização da homofobia por jovens universitários brasileiros, como também em construir um assaolho teórico decolonil que nos permitisse situar a compreensão sobre homofobia internalizada para além de teorias e perspectivas mais achegadas ao norte global positivista.

Por fim, concluímos que a fala sobre si tem um poder reestabelecedor e curativo, possibilitando reorganização dos nossos processos cognitivos e afetivo-emocionais e talvez este seja o motivo para o movimento de apagamento sistemático das vozes subalternas na

modernidade-colonialidade: distantes da intenção de propor uma solução subjetivista, mas reconhecendo a fala de si como um dos caminhos necessários nesse processo de desobediência epistêmica colonial, reconhecemos que aqueles que falam – e falam sobre si – produzem um contra conhecimento, o qual, por sua vez, desafia com gana os limites impostos pelo colonialismo e pela colonialidade na modernidade. Seguimos e avançamos em direção da construção de processos de resistência.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: MEC, 2007.

ABRANTES, Angelo Antonio; EIDT, Nadia Mara. Psicologia histórico-cultural e a atividade dominante como mediação que forma e se transforma: contradições e crises na periodização do desenvolvimento psíquico. **Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, [S.l.], p.1-36, 2019.

ADAID, Felipe. Genealogia da homofobia na modernidade: misoginia e violência. **Bagoas- Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S.l.], v. 10, n. 14, 2016.

AGUIRRE, Felipe Quintero; CASTELAR, Andrés Felipe. Performatividad y lenguaje de odio: expresiones de la homosexualidad masculina en la ciudad de Cali. **Revista CS**, [S.l.], n.10, p.207-240, 2012.

ALBUQUERQUE, Grayce Alencar. *et al.* Homossexualidade e o direito à saúde: um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil. **Saúde em Debate**, [S.l.], v.37, p.516-524, 2013.

ALBUQUERQUE, Paloma Pegolo de; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Homofobia na escola: relatos de universitários sobre as piores experiências. **Temas em Psicologia**, [S.l.], v.23, n.3, p.663- 676, 2015.

ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Sociedade e Estado**, [S.l.], v.31, p.129-143, 2016.

ALENCAR, Gedeon Freire de. Um país laico com um governo terrivelmente cristão? **Interações**, [S.l.], v.14, n.25, p.13-28, 2019.

ALMEIDA, Ângela Mendes de. Sexualidade e casamento na colonização portuguesa no Brasil. **Análisesocial**, [S.l.], v.22, n.92/93, p.697-705, 1986.

ALMEIDA, Melissa Rodrigues de. **A formação social dos transtornos de humor**. 2018. 416 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual Paulista, “Júlia de Mesquita Filho”, Botucatu, 2018.

ALMEIDA NETO, Luiz Mello de. Um olhar sobre a violência contra homossexuais no Brasil. **Revista Gênero**, [S.l.], v.4, n.1, 2003.

ALVES, Cândida Beatriz; DELMONDEZ, Polianne. Contribuições do pensamento decolonial à psicologia política. **Revista Psicologia Política**, [S.l.], v. 15, n. 34, p. 647-661, 2015.

ALVES, Raquel Ávila Kepler *et al.* Alterando crenças centrais: um relato de caso de homofobia internalizada. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, [S.l.], v.13, n.1, p.12-19, 2017.

AMARAL, Julião Gonçalves. Lutas por reconhecimento, desrespeito e universidade: a atuação dos coletivos universitários de diversidade sexual para o enfrentamento à homofobia

institucional. **Revista Teoria & Sociedade**, [S.l.:s.n.], 2013.

ANAUATE, Carla; GLOZMAN, Janna. **Neuropsicologia aplicada ao desenvolvimento humano**. São Paulo: Mommon, 2017.

ANDRÊO, Caio. *et al.* Homofobia na construção das masculinidades hegemônicas: queerizando as hierarquias entre gêneros. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S.l.], v.16, n.1, p.46-67, 2016.

ANTÓNIO, Raquel. *et al.* Bullying homofóbico no contexto escolar em Portugal. **Bullying homofóbico no contexto escolar em Portugal**, [S.l.], n.1, p.17-32, 2012.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo**. São Paulo: Annablume, 2017.

ANDRADE, Ana Carolina. Mídia contribui para manter a opressão. **Contraponto. Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo**, [S.l.], v.1, n.76, 2012.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. A diferença trans no gênero para além da patologização. **Revista Periódica**, [S.l.], v.1, n.5, p.87-100, 2016.

BAKER, Jean M. **How homophobia hurts children: nurturing diversity at home, at school, and in the community**. Routledge, 2013.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**, [S.l.], n.11, p. 89-117, 2013.

BARRETO, Wanderson; RIBEIRO, M. R. Homossexualidade, coerção e homofobia em "orações para Bobby". **Skinner Vai ao Cinema**, [S.l.], v.2, p.90, 2014.

BASTOS, Gustavo Grandini; GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. A homofobia em discurso: Direitos Humanos em circulação. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v.17, p.11-24, 2017.

BELIZÁRIO, Fernanda. Por uma teoria queer pós-colonial: colonialidade de gênero e heteronormatividade ocupando as fronteiras e espaços de tradução. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS CULTURAIS, 5. 2016. Aveiro, Portugal. **Anais [...]**. Aveiro, Portugal: Grácio, 2016.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, [S.l.], v.31, p.15-24, 2016.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BENTO, Berenice. As famílias que habitam "a família". **Sociedade e cultura**, [S.l.], v.15, n.2, p.275-283, 2012.

BEZERRA, Carina Bandeira. *et al.* Impacto psicossocial do isolamento durante pandemia de

covid-19 na população brasileira: análise transversal preliminar. **Saúde e Sociedade**, [S.l.], v.29, p.e200412, 2020.

BÍBLIA. Português. **Bíblia da liderança cristã**. Tradução de Almeida. 2.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Violência e religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo**. São Paulo: Loyola, 2002.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. O ato de narrar e as teorias do ponto de vista. **Cerrados: revistado Programa de Pós-Graduação em Literatura**, Brasília, DF, v.8, n.9, p.107-124, 1999.

BLAIS, Martin; GERVAIS, Jesse; HÉBERT, Martine. Internalized homophobia as a partial mediator between homophobic bullying and self-esteem among youths of sexual minorities in Quebec (Canada). **Ciencia & saúde coletiva**, [S.l.], v.19, p.727-735, 2014.

BLAIS, Martin. *et al.* Desfechos de Saúde de Jovens de Minorias Sexuais no Canadá: um panorama. **Adolescência e Saude**, [S.l.], v.12, n.3, p.53-73, 2015.

BOBBE, Judith. Treatment with lesbian alcoholics: Healing shame and internalizes homophobia for ongoing sobriety. **Health & Social Work**, [S.l.], v.27, n.3, p.218, 2002.

BONICALZI, Francesca. **Passioni della scienza: Descartes e la nascita della psicologia**. Roma: Editoriale Jaca Book, 1990.

BORGES, Klecius. **Muito além do arco-íris: amor, sexo e relacionamentos na terapia homoafetiva**. São Paulo: Edições GLS, 2013.

BORGES, Klecius. **Terapia afirmativa: uma introdução à psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais**. São Paulo: Edições GLS, 2009.

BORGES, Zulmira Newlands; MEYER, Dagmar Estermann. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, [S.l.], v.16, n.58, p.59-76, 2008.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BOSI, Alfredo; CAPINHA, Graça. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. A constituição social do desenvolvimento. **Revista Educação. História da Pedagogia**, [S.l.], v.2, 2010.

BRAGA, Iara Falleiros. *et al.* Rede e apoio social para adolescentes e jovens homossexuais no enfrentamento à violência. **Psicologia Clínica**, [S.l.], v.29, n.2, p.297-318, 2017.

BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura.

Revistade Educação do Vale do Arinos-RELVA, [S.l.], v.3, n.2, 2016.

BUESSO, Thayna Santos. **Sofrimento psíquico, consumo de risco de álcool e uso de drogasilícitas em mulheres que fazem sexo com mulheres**. 2020. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Botucatu, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 3.ed. São Paulo: José Olympio, 2018.

CAMINOS, Mariam; QUENTREQUEO, Antonella Amichetti. Heteronormatividade, autoestima ybullying homofóbico en Argentina. **PSOCIAL**, [S.l.], v.1, n.2, 2015.

CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Gênero e diversidade sexual na escola: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas. **Ciência & Educação**, Bauru, v.21, n.4, p.1-4, 2015.

CANGUÇU-CAMPINHO, Ana Karina; BASTOS, Ana Cecília de Sousa Bittencourt; LIMA, IsabelMaria Sampaio Oliveira. O discurso biomédico e o da construção social na pesquisa sobre intersexualidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [S.l.], v.19, n.4, p.1145-1164, 2009.

CANO, Wilson. Notas sobre o imperialismo hoje. **Crítica marxista**, [S.l.], v.1, n.3, 1996.

CANZI, Idir. Estudo das instituições na experiência jurídico-política das cidades gregas, de Roma edas cidades medievais. **Profanações**, [S.l.], v.6, n.esp., p.5-26, 2019.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versusanálise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, [S.l.], v.15, n.4, p.679-684, 2006.

CARRANO, Paulo. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Movimento-Revista de Educação**, [S.l.], n.1, 2000.

CARRARA, Sérgio; SAGGESE, Gustavo. Masculinidades, violência e homofobia. **Saúde do Homem em Debate**, Rio de Janeiro, p.201-225, 2011.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. A violência letal contra homossexuais no município do Riode Janeiro: características gerais. **Ciudadanía sexual en América Latina: abriendo el debate**. Lima: Universidad Peruana Cayetano Heredia, 2004.

CARREIRAS, Luis Miguel Coelho. **Autoestima sexual, identidade LGB e homofobia internalizada numa população de lésbicas, gays e bissexuais**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) – Departamento de Psicologia e Ciências da Educação, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, Faro, 2014.

CARROLL, Aengus; MENDOS, Lucas Ramón. **Homofobia de Estado: estudio jurídico mundial sobre la orientación sexual en el derecho: criminalización, protección y reconocimiento**. Genebra: ILGA, 2017.

CASSAL, Luan Carpes Barros. Homofobia e cidade: um ensaio sobre lâmpadas,

segurança emedo. **Revista Polis e Psique**, [S.l.], v.3, n.3, p.24, 2013.

CASTANHO, William Glauber Teodoro. **Nem sempre foi assim**: uma contribuição marxista ao reconhecimento da união homoafetiva no STF e à autorização do casamento lésbico no STJ. 2013. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) - Faculdade de Direito, Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino- americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p.87-95.

CASTRO-SILVA, Carlos Roberto de; IANNI, Aurea; FORTE, Elaine. Desigualdades e subjetividade: construção da práxis no contexto da pandemia de covid-19 em território vulnerável. **Saúde e Sociedade**, [S.l.], v.30, 2021.

CASTRO, Ricardo Dias de; MAYORGA, Claudia. Decolonialidade e pesquisas narrativas: contribuições para a Psicologia Comunitária. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [S.l.], v.14, n.3, p.1-18, 2019.

CAVAZZA, Nicoletta. **Psicologia das atitudes e das opiniões**. Sao Paulo: Edições Loyola, 2008.

CEARÁ, Alex de Toledo; DALGALARRONDO, Paulo. Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo, v.37, n.3, p.118-123, 2010.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. **Bagoas-Estudos gays: gênero e sexualidades**, [S.l.], v.2, n.02, 2008.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder; AZEVEDO, Hanna Valença Pereira; RAMOS, Mozer de Miranda. Preconceito e Saúde Mental: Estresse de Minoria em Jovens Universitários. **Revista de Psicologia da IMED**, [S.l.], v.12, n.2, p.7-21, 2020.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder. *et al.* Homofobia internalizada e religiosidade entre casais homoafetivos. **Trends in Psychology**, [S.l.], v.25, n.2, p.691-702, 2016.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder. *et al.* Homofobia internalizada e satisfação conjugal em homens e mulheres homossexuais. **Contextos Clínicos**, [S.l.], v.9, n.2, p.148-158, 2016.

CÉZAR, Marília de Camargo. **Entre a cruz e o arco-íris**: a complexa relação dos cristãos com a homoafetividade. Belo Horizonte: Gutenberg, 2013.

CHAMPLIAU, Renata Bastos dos Santos. Uma herança comum: efeitos da colonização na África. **Revista Teias**, [S.l.], v.9, n.16-17, p.5, 2008

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.9, p.471-478, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista portuguesa de educação**, [S.l.], v.16, n.2, p.221-236, 2003.

CIDADE, Elívia Camurça; MOURA JÚNIOR, James Ferreira; XIMENES, Vêronica Moraes. Implicações psicológicas da pobreza na vida do povo latinoamericano. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v.30, n.68, 2017.

COELHO, Gilson Gomes; BARROS, João Henrique Oliveira. A “saída do armário” de homens cis gays: uma revisão sistemática de produções brasileiras. **Sociedade em Debate**, [S.l.], v.27, n.1, p.150- 165, 2021.

COLAÇO, Veriana de Fátima Rodrigues. Processos interacionais e a construção de conhecimento esubjetividade de crianças. **Psicologia: reflexão e crítica**, [S.l.], v.17, n.3, p.333-340, 2004.

CONDE, Miriam. O arco-íris de luto: homofobia internalizada e suicídio. 2016. In: CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília: CNS, 2012. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 07 jul. 2021.

COPPETE, Maria Conceição; FLEURI, Reinaldo Matias; STOLTZ, Tania. Educação para a diversidade numa perspectiva intercultural. **Revista Pedagógica**, [S.l.], v.14, n.28, p.231-262, 2012.

CORINO, Luiz Carlos Pinto. Homoerotismo na Grécia antiga–homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. **Biblos**, [S.l.], v.19, p.19-24, 2006.

CORTES, Helena Moraes *et al.* Sexualidade e Religiosidade: uma revisão integrativa de literatura. **Research, Society and Development**, [S.l.], v.10, n.2, p.e37910212540-e37910212540, 2021.

COSTA, Angelo Brandelli; BANDEIRA, Denise Ruschel; NARDI, Henrique Caetano. Avaliação dopreconceito contra diversidade sexual e de gênero: construção de um instrumento. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.32, n.2, p.163-172, 2015.

COSTA, Ângelo Brandelli; NARDI, Henrique Caetano. Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. **Temas em psicologia**, [S.l.], v.23, n.3, p.715-726, 2015.

COSTA, Ângelo Brandelli. *et al.* Preconceito contra gênero e diversidade sexual e de gênero em uma universidade pública brasileira: prevalência, o seu reconhecimento, e os efeitos da educação. In: MACHADO, Frederico Viana; Barnart, Fabiano; Mattos, Renan de (Orgs.). **A diversidade e a livre expressão sexual entre as ruas, as redes e as políticas públicas**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2017.p.97-106.

COSTA, Frederico Alves; MACHADO, Frederico Viana; PRADO, Marco Aurélio Maximo. Participação política e experiência homossexual: dilemas entre o indivíduo e o coletivo. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, [S.l.], v.42, n.2, p.325-337, 2008.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Crianças e infâncias (im) possíveis na escola: dissidências em debate. **Revista Periódicus**, [S.l.], v.1, n.9, p.55-74, 2018.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRESWELL, John W; CLARK, Vicki L. Plano. **Pesquisa de métodos mistos**: série métodos de pesquisa. São Paulo: Penso, 2015.

CROSBY, Richard A. *et al.* Associations between internalized homophobia and sexual risk behaviors among young black men who have sex with men. **Sexually transmitted diseases**, [S.l.], v.43, n.10, p.656-660, 2016.

CRUZ, Uilmer Rodrigues Xavier da. Os caminhos metodológicos da pesquisa mista participante. **Revista Tocantinense de Geografia**, [S.l.], v.9, n.17, p.139-153, 2020.

CUNHA, Luiz Antônio. A luta pela ética no ensino fundamental: religiosa ou laica?. **Cadernos de Pesquisa**, [S.l.], v.39, p.401-419, 2009.

CURY, Cláudia Engler. **Entre lembranças e esquecimentos**: contar a própria história. Editora do CCTA-UFPA, 2020.

DAFERMOS, Manolis. **Rethinking cultural-historical theory**: a dialectical perspective to Vygotsky. Texas: Springer, 2018.

DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DAMETTO, Jarbas; SCHMIDT, Júlia Cristina. Entre conceitos e preconceitos: a patologização da homossexualidade em psychopathia sexualis de Richard Von Krafft-Ebing. **Erechim: Perspectiva**, [S.l.:s.n.], 2015.

DAVI, Edmar Henrique Dairell. Intolerância e homossexualidade: as marcas da homofobia na Cultura Ocidental. **Caderno Espaço Feminino**, [S.l.], v.13, n.16, p.119-137, 2005.

DAWSON, Erica L. *et al.* Resilience, condom use self-efficacy, internalized homophobia, and condomless anal sex among black men who have sex with men, New York City. **PloS one**, [S.l.], v.14, n.4, p.e0215455, 2019.

DELARI JÚNIOR, Achilles. **Consciência, linguagem e subjetividade**. Campinas: Alínea, 2013.

DELGADO, Jaime Eduardo Barrientos. *et al.* Identidad sexual en jóvenes gay del norte de Chile. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, p.118-139, 2016.

DELONGA, Kathryn *et al.* Loneliness, internalized homophobia, and compulsive internet use: Factors associated with sexual risk behavior among a sample of adolescent males seeking services at a community LGBT center. **Sexual Addiction & Compulsivity**, [S.l.], v.18, n.2, p.61-74, 2011.

DESSUNTI, Elma Mathias *et al.* Convivendo com a diversidade sexual: relato de experiência. **Revista brasileira de Enfermagem**, [S.l.], v.61, p.385-389, 2008.

DIAS, Fernanda Vasconcelos; SILVA, Natalino Neves da. Juventude e relações étnico-raciais. **Presença Pedagógica**, [S.l.], v.16, n.96, 2010.

DIAS, Maria Helena Soares Souza Marques. A psicologia sócio-histórica na clínica: uma concepção atual em psicoterapia. **Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro-SPTM**, [S.l.], v.9, n.1, p.67-77, 2005.

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em revista**, [S.l.], n.39, p.39-50, 2011.

DINIZ, Ana Paula Rodrigues *et al.* Políticas de diversidade nas organizações: as relações de trabalho comentadas por trabalhadores homossexuais. **Revista Economia & Gestão**, [S.l.], v.13, n.31, p.93-114, 2013.

DIMENSTEIN, Magda *et al.* A presença dos estudos decoloniais na pós-graduação em psicologia no Brasil. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v.39, n.104, p.339-363, 2021.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do “mito da modernidade”**. Rio de Petrópolis: Vozes, 1993.

DUSSEL, Enrique. **Método para uma filosofia da libertação superação analética da dialética hegeliana**. São Paulo: Loyola, 1986.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Sociedade e Estado**, [S.l.], v.31, p.51-73, 2016.

DUTTA, Urmitapa. *et al.* From rhetorical “inclusion” toward decolonial futures: Building communities of resistance against structural violence. **American Journal of Community Psychology**, [S.l.], 2021.

ELIOT, Lise. **Cérebro azul ou rosa: o impacto das diferenças de gênero na educação**. Porto Alegre: Penso, 2013.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 3.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ENGELS, Friederich. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1876). **Revista Trabalho Necessário**, [S.l.], v.4, n.4, 2009.

ESTANISLAU, Maria Aparecida. *et al.* Apoio social: modo de enfrentamento às vivências de humilhação e de vergonha em contextos de pobreza. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [S.l.], v.13, n.2, p.1-17, 2018.

FACCHINI, Regina. Direitos humanos e diversidade sexual e de gênero no Brasil: avanços e desafios. **Jornal da UNICAMP**, [S.l.:s.n.], jun. 2018.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. 2.ed. São Paulo: Ubu, 2020.

FARIA, Miguel Nuno Pereira Silva. **Homofobia: medo de quê, medo de quem?: análise dos componentes das atitudes homofóbicas.** 2011. 482 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Aberta, Lisboa, 2011.

FEITOSA, Cleyton. As diversas faces da homofobia: diagnóstico dos desafios da promoção de direitos humanos LGBT. **Revista Periódicus**, [S.l.], v.1, n.5, p.300-320, 2016.

FERNANDES, Estevão Rafael. A colonização das sexualidades indígenas: um esboço interpretativo. **Enfoques**, [S.l.], v.15, n.1, p.50-56, 2016.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Decolonizando sexualidades: enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos.** 2015.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Decolonizando sexualidades: enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos.** 2015. 383 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

FERNANDES, Estevão Rafael. Homossexualidade Indígena no Brasil: um roteiro histórico-bibliográfico. **ACENO-Revistade Antropologia do Centro-Oeste**, [S.l.], v.3, n.5, p.14 a 38-14 a 38, 2016.

FERNANDES, Estevão Rafael. O que a homossexualidade indígena pode ensinar sobre colonialismo—e como resistir a ele. **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**, [S.l.], v.17, n.1, p.103-118, 2017.

FERNANDES, Thiago. **Desvendando a homossexualidade na Grécia e Roma Antiga através da pintura e literatura.** 2014. Tese (Doutorado em Cultura Política Homoerótica) - Escola de Belas Artes, Centro de Letras e Artes, Departamento de História e Teoria da Arte, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009

FERNÁNDEZ, Jesica Siham. *et al.* Dissident women's letter writing as decolonial plurilogues of relational solidarities for epistemic justice. **American Journal of Community Psychology**, [S.l.:s.n.], 2021.

FERREIRA, Breno de Oliveira; PEDROSA, José Ivo dos Santos; NASCIMENTO, Elaine Ferreira do. Diversidade de gênero e acesso ao Sistema Único de Saúde. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [S.l.], v.31, n.1, p.1-10, 2018.

FERREIRA, Ciro Fernandes de *et al.* Homofobia entre estudantes universitários. **Psicologia.pt: oportal dos psicólogos**, [S.l.:s.n.], 2013.

FLEER, Marilyn; GONZÁLEZ REY, F; VERESOV, Nikolai. **Perezhivanie, emotions and subjectivity.** Singapore: Springer, 2017.

FRANCISCO, Leilane Camila Ferreira de Lima *et al.* Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, [S.l.], v.69, p.48-56, 2020.

FREIRE, Paulo. **Conscientização.** São Paulo: Cortez, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 3.ed.

São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, Emanuel Diogo Nunes. **O papel mediador do sentimento de segurança e pertença no efeito do bullying homofóbico na vida académica e no self dos/as jovens estudantes LGB.** 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores) - Departamento de Psicologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2019.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar Edições, 1982.

GAINES JR, Stanley O. *et al.* Cultural value orientations, internalized homophobia, and accommodation in romantic relationships. **Journal of Homosexuality**, [S.l.], v.50, n.1, p.97-117, 2005.

GALANO, Mônica H. Família e história: a história da família. **Família e**, [S.l.], v.2, p.115-148, 2006.

GAMA, Maria Clara Brito da. Cura Gay? Debates parlamentares sobre a (des) patologização da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, p.4-27, 2019.

GARCÍA, Ricardo Hernández; ORTEGA, Lucía Caudillo; ARIAS, María Luisa Flores. Efecto del consumo de alcohol y homofobia internalizada en la conducta sexual en hombres que tienen sexo con hombres. **Jóvenes en la Ciencia**, [S.l.], v.3, p.373-376, 2017.

GOMES, Irene Santos; SERÔDIO, Rui Guedes. A homofobia perspectivada à luz da abordagem da identidade social: Níveis de autodefinição identitária e atitude em relação a pessoas homossexuais. **Análise Psicológica**, [S.l.], v.32, n.2, p.215-230, 2014.

GONÇALVES, Alexandre Oviedo. Cura gay? Uma análise de narrativas públicas de indivíduos que se auto apresentam como ex-homossexuais. In: WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 13. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11. 2017. Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: MM, 2017,

GOMES, Fábio da Silva. O escravo sodomita na colônia. **Khóra: Revista Transdisciplinar**, [S.l.], v.2, n.2, 2015.

GREEN, Donald P. *et al.* Measuring gay populations and antigay hate crime. **Social Science Quarterly**, [S.l.], v.82, n.2, p.281-296, 2001.

GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Unesp, 2019.

GREEN, James N. **História do movimento LGBT no Brasil.** 4.ed. São Paulo: Alameda, 2018.

GREGÓRIO, David Miguel Teresa. **Papéis de género, homofobia internalizada e autoestima sexual numa amostra de lésbicas e gays.** 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Algarve, Gambelas, 2015

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, [S.l.], v.31, n.1, p.25-49, 2016.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil-2019**. Bahia: Grupo Gay da Bahia, 2020.

GUAREZI, Giliani Nandi. Bullying: conceitos e implicações no processo ensino-aprendizagem. **Pedagogia-Tubarão**, [S.l.:s.n.], 2018.

GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. **Temas em Psicologia**, [S.l.], v.17, n.2, p.553-567, 2009.

HABOWSKI, Adilson Cristiano; SANTOS, Guilherme Mendes Tomaz dos. Análise hermenêutica nas passagens bíblicas do antigo testamento: o paradigma cristão-religioso frente à homossexualidade em foco. In: **SOCIOLOGY OF LAW**, 2017. Canoas. **Anais [...]**. Canoas: Unilasalle, 2017.

HARDIN, Kimeron N. **Auto-estima para homossexuais: um guia para o amor-próprio**. São Paulo: Edicoes GLS, 2000.

HELMINIAK, Daniel A. **O que a Bíblia realmente diz sobre homossexualidade**. São Paulo: Edicoes GLS, 1998.

HERNÁNDEZ, Luis Ortiz; TORRES, María Isabel García. Opresión internalizada y prácticas sexuales de riesgo en varones homo-y bi-sexuales de México. **Revista de Saúde Pública**, [S.l.], v.39, p.956-964, 2005.

INGOGLIA, Sonia *et al.* Secure attachment and individual protective factors against internalized homophobia. **Journal of Gay & Lesbian Mental Health**, [S.l.], v.24, n.2, p.136-154, 2020.

ISAY, Richard A. **Tornar-se gay**. São Paulo: Edições GLS, 1998.

JESUS, Alexandro S. **Corupira: mau encontro, tradução e dívida colonial**. Recife: Titivillus, 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Homofobia: identificar e prevenir**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Transfeminismo: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S.l.], v.1, n.1, 2007.

KELLEY, Thomas M; ROBERTSON, Richard A. Relational aggression and victimization in gay male relationships: The role of internalized homophobia. **Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression**, [S.l.], v.34, n.5, p.475-

485, 2008.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. Homofobia, cultura e violências: a desinformação social. **Interacções**, [S.l.], v.9, n.26, 2013.

KOLLONTAI, Alexandra. A Família e o estado Socialista. **A crise da família**: marxismo e revolução sexual. São Paulo: Global, 1982.

KUBICEK, Katrina. *et al.* “God made me gay for a reason” young men who have sex with men’s resiliency in resolving internalized homophobia from religious sources. **Journal of Adolescent Research**, [S.l.],v.24, n.5, p.601-633, 2009.

LANDER, Edgardo. *et al.* **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

LANE, S.; CODO, Wanderley. **Psicologia Social**: o homem em Movimento. 13.ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.

LAPA, Raphael Santos. O fatalismo como estratégia colonial. **Revista Epistemologias do Sul**, [S.l.], v.2,n.2, p.144-161, 2018.

LASAITIS, Cristina. **Aspectos afetivos e cognitivos da homofobia no contexto brasileiro**: um estudo psicofisiológico. 2009. Dissertação (Mestrado em Medicina) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2009.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. A grande mídia brasileira e identidades LGBT: um retrato em 2008. **Diálogos de la Comunicación**, En línea, v.84, p.1-24, 2012.

LEITE, Madalena; CATELAN, Ramiro Figueiredo. Terapia familiar afirmativa com lésbicas, gays e bissexuais. **Pensando famílias**, [S.l.], v.24, n.1, p. 239-254, 2020.

LEONTIEV, Alexei Nicolaevich. O homem e a cultura. In: LEONTIEV, Alexei Nicolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 1978, p.259-284.

LIMA, Wallas Jefferson de; SILVA, Edson Santos. Intolerância e Sexualidade: A Inquisição em Pernambuco Colonial (1593-1595). **Revista Trilhas da História**, [S.l.], v.2, n.4, p.5-23, 2013.

LIRA, Aline Nogueira de; MORAIS, Normanda Araujo de. Estratégias metodológicas de investigação da resiliência em lésbicas, gays e bissexuais (LGBs): revisão integrativa de literatura. **Trends in Psychology**, [S.l.], v.26, p.1427-1445, 2018.

LIRA, Aline Nogueira de; MORAIS, Normanda Araujo de. Validity evidences of the internalized homophobia scale for Brazilian gays and lesbians. **Psico-USF**, [S.l.], v.24, p.361-372, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOPES, Pablo de Oliveira. Racismo, homofobia e reprodução de estereótipos: mídia e história. **Brazilian Journal of Development**, [S.l.], v.5, n.10, p.21592-21604, 2019.

LOZANO-VERDUZCO, Ignacio; FERNÁNDEZ-NIÑO, Julián Alfredo; BARUCH-DOMÍNGUEZ, Ricardo. Association between internalized homophobia and mental health indicators in LGBT individuals in Mexico City. **Salud Mental**, [S.l.], v.40, n.5, p.219-225, 2017.

GARCÍA, Ricardo Hernández; ORTEGA, Lucía Caudillo; ARIAS, María Luisa Flores. Efecto del consumo de alcohol y homofobia internalizada en la conducta sexual en hombres que tienen sexo con hombres. **Jóvenes en la Ciencia**, [S.l.], v.3, p.373-376, 2017.

LUGONES, María. Colonialidad y género: hacia un feminismo decolonial. In: MIGNOLO, Walter; LUGONES, María; JIMÉNEZ-LUCENA, Isabel; TLOSTANOVA, Madina. **Gênero y descolonialidad**. 2.ed. Buenos Aires: Del Signo, 2014. p.15-35.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamentos feministas hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p.15-35.

LUIZ JÚNIOR, Edisio Pereira da Silva; SILVA, Débora Evelyn M.; DE ALMEIDA, Odilza Lines. **Percepção dos fatores de risco e proteção da população lgbt dentro e fora da universidade: existem diferenças?**. Colóquio do Museu Pedagógico, [S.l.], v.13, n.1, p.2320-2324, 2019.

LURIA, Aleksandr Romanovich. **A construção da mente**. São Paulo: Ícone, 1992.

LURIA, Aleksandr Romanovich. **Fundamentos de neuropsicologia**. São Paulo: USP, 1981.

LYKES, M. Brinton; FARIÑA, Juan Jorge Michel. Re-storying violence and its aftermath throughfilm. **Visual Studies**, [S.l.], v.32, n.2, p.178-182, 2017.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Discursos pentecostais em torno do aborto e da homossexualidade na sociedade brasileira. **Revista Cultura & Religião**, [S.l.], v.7, n.2, p.48-68, 2013.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Sociedade e estado**, [S.l.], v.31, p.75-97, 2016.

MARALDI, Everton de Oliveira. *et al.* Experiências anômalas e dissociativas em contexto

religioso:uma abordagem autoetnográfica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, [S.l.], v.26, n.2, p.147-161, 2020.

MARANHÃO, Joyce Hilário *et al.* Violência, risco e proteção em estudantes de escola pública. **Fractal: Revista de Psicologia**, [S.l.], v.26, p.429-444, 2014.

MARINHO, Carla de A. *et al.* Adaptação da escala de homofobia implícita e explícita ao contexto brasileiro. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.14, n.29, p.371-379, 2004.

MARQUES, Luciana. Homossexualidade, cultura e representações sociais: Um breve percurso sobre a história de sua (des) patologização. **Poliantea**, [S.l.], v.10, n.18, p.227-267, 2014.

MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Processo grupal e a questão do poder em Martín- Baró. **Psicologia & Sociedade**, [S.l.], v.15, p.201-217, 2003.

MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Angelo Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas: Autores Associados, 2016.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Hacia una psicología de la liberación. **Psicología sin fronteras: revista electrónica de intervención psicosocial y psicología comunitaria**, [S.l.], v.1, n.2, p.1, 2006.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do psicólogo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.2, p.7-27, 1997.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio; LACERDA JR, Fernando. Processos psíquicos e poder. **Revista Psicologia Política**, [S.l.], v.14, n.31, p.591-608, 2014.

MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Angelo Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas: Autores Associados, 2016.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MATOS, Vitor José Araujo *et al.* Bullying, preconceito e autoestima: discutindo as principais relações e distinções. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v.38, n.102, p.647-668, 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Melusina, 2020.

MENDANHA, Ana Cláudia Tibães; BERNARDES, Luiz Antonio. Transtorno de ansiedade social ea não aceitação da homossexualidade: revisão narrativa. **PUCMINAS**, [S.l.], v.3, p.133-52, 2018.

MENDES, Thiago Meneses de Castro. **A homofobia na Universidade de Brasília: discriminação, expressões e representações entre estudantes**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

MENDONÇA, Guido Arruda. Terra Brasilis sine Inquisitione: da questão LGBT e das suas manifestações no Brasil Colônia. In: MOREIRA, Luciana; WIESER, Doris. **A flor de**

cuero: representaciones del género y de las disidencias sexo-genéricas en Latinoamérica. Madrid: Editorial Vervuet, p. 331-351, 2021.

MENDOS, Lucas Ramón; PEÑA, Enrique Lopes de la. **Homofobia de Estado:** actualización del panorama global de la legislación. Ginebra: ILGA, 2019.

MENDOS, Lucas Ramon *et al.* **Homofobia de Estado:** actualización del panorama global de la legislación. Ginebra: ILGA, 2020.

MENEZES, Jaileila Araújo; LINS, Saiane Silva; SAMPAIO, Juliana Vieira. Provocações pós-coloniais à formação em psicologia. **Psicologia & Sociedade**, [S.l.], v.31, 2019.

MESQUITA, Daniele Trindade; PERUCCHI, Juliana. Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. **Psicologia & Sociedade**, [S.l.], v.28, n.1, p.105-114, 2016.

MEZZADRI, Fernando Marinho *et al.* Desenvolvimento de um método para as pesquisas em políticas públicas de esporte no Brasil: uma abordagem de pesquisa mista. **Motrivivência**, [S.l.], v.27, n.44, p.49-63, 2015.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: MIGNOLO, Walter. **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p.71-103.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Por uma razão decolonial: Desafios ético-político-epistemológicos à cosmologia moderna. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, [S.l.], v.14, p.66-80, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de saúde pública**, [S.l.], v.9, p.237-248, 1993.

MOITA, Gabriela. A patologização da diversidade sexual: Homofobia no discurso de clínicos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S.l.], n.76, p.53-72, 2006.

MOLINA, Luana Pagano Peres. A mídia e as imagens de pais de homossexuais: o exemplo da série Glee. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S.l.], v.7, n.10, 2013.

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vigotski**. Petrópolis: Vozes: 2003.

MONGIOVI, Vita Guimarães; ARAÚJO, Ednaldo Cavalcante de; RAMOS, Vânia Pinheiro. Implicações da homofobia sobre a saúde do adolescente. **Rev. Enferm. UFPE**, [S.l.], p.1772-1780, 2018.

MONTERO, Maritza. Construcción del otro, liberación de sí mismo. **Utopía y praxis latinoamericana: revista internacional de filosofía iberoamericana y teoría social**, [S.l.], n.16, p.41-52, 2002.

MORAES, Alexandre Gustavo Melo Franco de *et al.* Sobre a (in) capacidade do direito de lidar com a gramática da diversidade de gênero. **Revista Jurídica da Presidência**, [S.l.], v.18, n.116, p.481-506, 2017.

MOREIRA, Vivian Lemes; BASTOS, Gustavo Grandini; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Discurso homofóbico em blogs: tessituras da violência e (m) rede. **Calidoscópio**, [S.l.], v.10, n.2, p.161-170, 2012.

MORELL-MENGUAL, Vicente *et al.* Prevalencia e influencia de la violencia homofóbica sobre la sintomatología depresiva y el nivel de autoestima. **Informació psicològica**, [S.l.], n.120, p.80-92, 2020.

MOSCHETA, Murilo dos Santos; FÉBOLE, Daniele da Silva; ANZOLIN, Bárbara. Visibilidade seletiva: a influência da heterossexualidade compulsória nos cuidados em saúde de homens gays e mulheres lésbicas e bissexuais. **Saúde & Transformação Social/Health & Social Change**, [S.l.], v.7, n.3, p.71-83, 2016.

MOTT, Luiz. A revolução homossexual: o poder de um mito. **Revista USP**, [S.l.], n.49, p.40-59, 2001.

MOTT, Luiz. Anti-Homossexualidade: a gênese da homofobia. **Revista de Estudos de Cultura**, [S.l.], n.2, p.15-32, 2015.

MOTT, Luiz. A inquisição no Ceará. **Revista de Estudos de Cultura**, [S.l.], n.3, 19-37, 1985.

MOTT, Luiz. **A inquisição no Maranhão**. São Luís: Edufma, 1995.

MOTT, Luiz. Feiticeiros de Angola na América portuguesa vítimas da Inquisição. **Revista Pós Ciências Sociais**, [S.l.], v.5, n.9/10, 2008.

MOTT, Luiz. Meu menino lindo: cartas de amor de um frade sodomita, Lisboa (1690). **Luso-Brazilian Review**, [S.l.], p.97-115, 2001.

MOURA, Herbert César de; EMÉRITO, Maria de Fátima Barbosa. A homofobia na escola e as consequências psicossociais. **Revista FSA, Centro Universitário Santo Agostinho**, [S.l.], v.8, n.1, 2014.

MOURA JR, James Ferreira. *et al.* Concepções de pobreza: um convite à discussão psicossocial. **Temas em Psicologia**, [S.l.], v.22, n.2, p.341-352, 2014.

MOURA JR, James Ferreira; SARRIERA, Jorge Castellá. Vergonha e Humilhação Relacionadas com a Estigmatização da Pobreza: Um Estudo Qualitativo. **Revista de Psicologia da IMED**, [S.l.], v.12, n.2, p.108-125, 2020.

MOURA JR, James Ferreira; XIMENES, Verônica Moraes. A identidade social estigmatizada de pobre: uma constituição opressora. **Fractal: Revista de Psicologia**, [S.l.], v.28, n.1, p.76-83, 2016.

MOURA JR, James F.; XIMENES, Verônica M.; SARRIERA, Jorge C. Práticas de discriminação às pessoas em situação de rua: histórias de vergonha, de humilhação e de violência em Fortaleza, Brasil. **Revista de Psicologia**, [S.l.], v.22, n.2, p.18-28, 2013.

MOUNTIAN, Ilana; ROSA, Miriam Debieux; CATROLI, Viviani. Pesquisas críticas em psicologia. **Revista Psicologia Política**, [S.l.], v.17, n.40, p.429-430, 2017.

MURTA, Sheila Giardini; DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda AP. Prevenção ao sexismo e ao heterossexismo entre adolescentes: contribuições do treinamento em habilidades de vida e habilidades sociais. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, [S.l.], v.1, n.2, p.73-85, 2013.

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo? Athenea Digital. **Revista de pensamento e investigación social**, [S.l.], n.17, p.227-239, 2010.

NATARELLI, Taison Regis Penariol *et al.* O impacto da homofobia na saúde do adolescente. **Escola Anna Nery**, [S.l.], v.19, n.4, p.664-670, 2015.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Cantar e dançar para Jesus: sexualidade, gênero e religião nas igrejas inclusivas pentecostais. **Religião & Sociedade**, [S.l.], v.37, p.15-33, 2017.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S.l.], v.21, p.115-132, 2006.

NEGREIROS, Daniele Jesus *et al.* Risco e vulnerabilidade: pontos de convergência na produção brasileira sobre juventudes. **DESIDADES: Revista Electrónica de Divulgación Científica de la Infancia y la Juventud**, [S.l.], n.18, p.20-33, 2018.

NEVES, Sofia *et al.* Bullying homofóbico: Crenças e práticas de estudantes do Ensino Superior em Portugal. **Psicologia**, [S.l.], v.33, n.2, p.47-59, 2019.

NIGRO, Isabella Silva; BARACAT, Juliana. Masculinidade: Preciosa como diamante, frágil como cristal. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia: Olhares da psicologia sobre questões da atualidade, Garças**, São Paulo, v.30, n.1, p.4-19, 2018.

NOGUEIRA, Simone Gibran; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Psicologia Africana: diálogos com o sul global. **Revista Brasileira de Estudos Africanos**, [S.l.], v.1, n.2, 2016.

NUNAN, Adriana. Preconceito internalizado e comportamento sexual de risco em homossexuais masculinos. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v.28, n.62, 2017.

OKITA, Hiro. **Homossexualidade**: da opressão à libertação. São Paulo: Sundermann, 2015.

OKUTAN, Nur; SUNAL, Ayda Buyuksahin; UGURLU, Nuray Sakalli. Comparing heterosexuals' and gay men/lesbians' responses to relationship problems and the effects of internalized homophobia on gay men/lesbians' responses to relationship problems in Turkey. **Journal of Homosexuality**, [S.l.], v.64, n.2, p.218-238, 2017.

OLIVEIRA, Diana Ramos de; MAGNAVITA, Pilar; DE OLIVEIRA, Felipe Santos. Aspectos sociocognitivos como eventos estressantes na saúde mental em grupos étnicos e minoritários no Brasil. **Summa Psicológica UST**, [S.l.], v.14, n.1, p.43-55, 2017.

OLIVEIRA, Douglas Casarotto de; ALMEIDA, Lúcia; OLIVEIRA, Rafael Wolski de. Pesquisa participativa decolonial: movimentos de pensamento entre Terra e Marte. **Rev. polis psique**, [S.l.], p.107-127, 2019.

OLIVEIRA, João Felipe Zini Cavalcante de; PORTO, Tauane Caldeira. A transfobia e a negação de direitos sociais: A luta de travestis e transexuais pelo acesso à educação. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 2016. **Anais [...]**. São Leopoldo, RS: Faculdades EST, 2016.

OLIVEIRA, Luana Lima de. **Homofobia e gestão da diversidade na Universidade de Brasília**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Universitária) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de; MAIO, Eliane Rose. Divergências, congruências e reticências: uma análise comparativa entre produtos dos programas escola sem homofobia e saúde e prevenção na escola. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [S.l.], v.8, n.2, p.452-468, 2013.

OLIVEIRA, L. Diversidade sexual, gênero e família: notas sobre o problema da superioridade moral da heterossexualidade. In: PASSAMANI, G. (org.). **Contra pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual**. Campo Grande: UFMS, 2011. p.53-65.

OLIVEIRA SANTOS, José Victor de; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. A homossexualidade para idosos gays: suas representações sociais. **Gênero, Violência e Saúde: Processos de Envelhecimento**, [S.l.:s.n.], 2021.

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de; SOARES, Mayana Rocha. Literatura gay: manual para se tornar um homossexual respeitável. **Humanidades & Inovação**, [S.l.], v.4, n.6, 2017.

OLIVEIRA, Marilene de *et al.* Invisibilidade, percalços e nuances da homossexualidade feminina. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar**, [S.l.], v.2, n.8, p.e28647-e28647, 2021.

OLIVEIRA NETO, José da Silva. *et al.* Entre o azul e o rosa: Marx como possibilidade na Psicologia Social. In: CONGRESSO DE PSICOLOGIA BRASILEIRA, 1. 2018. Parnaíba. **Anais [...]**. Parnaíba: ICPBR, 2018.

OLIVEIRA NETO, José da Silva; LIMA, Ana Ignez Belém. Cartas para Vigotski: ensaios em Psicologia clínica Histórico-Cultural. In: OLIVEIRA NETO, José da Silva; LIMA, Ana Ignez Belém. **A clínica histórico-cultural com adultos: desafios e descobertas**. Fortaleza: EdUECE, 2020.

OLIVEIRA NETO, José da Silva; VASCONCELOS, Francileuda Farrapo Portela e; MOURA JR, James Ferreira. A categoria “sentido” em Vigotski: um caminho para a práxis decolonial. In: ROCHA, Paulo Henrique Borges da; MAGALHÃES, José Luiz Quadros de; OLIVEIRA, Patrícia Miranda Pereira de. **Decolonialidade a partir do Brasil**, Belo Horizonte: Dialética, 2020. v.1.

ORELLANO, Claudia Marcela; GONZÁLEZ, Sergio Gabriel. Acerca de la opción decolonial en el ámbito de la psicología. **Perspectivas en Psicología**, [S.l.], v.12, n.2, p.1-8, 2015.

ORTIZ-HERNÁNDEZ, Luis. Influencia de la opresión internalizada sobre la salud mental de bisexuales, lesbianas y homosexuales de la Ciudad de México. **Salud mental**, [S.l.], v.28, n.4, p.49-65, 2005.

ORTIZ-HERNÁNDEZ, Luis; TORRES, María Isabel García. Opressão internalizada y prácticas sexuales de riesgo en varones homo-y bi-sexuales de México. **Revista de Saúde Pública**, [S.l.], v.39, p.956-964, 2005.

OSORIO, Juan Manuel PIÑA; AGUAYO ROUSELL, Hilda Berenice. Homofobia en estudiantes universitarios de México. **Región y sociedad**, [S.l.], v.27, n.64, p.05-35, 2015.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; KOLB-BERNARDES, Rosvita. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. **Pro-Posições**, [S.l.], v.26, p.161-178, 2015.

PAES, Paulo Cesar Duarte. Funções psicológicas superiores e o enraizamento da cultura na individualidade. **Brazilian Journal of Development**, [S.l.], v.6, n.7, p.43489-43500, 2020.

PAVELTCHUK, Fernanda Oliveira de; BORSA, Juliane Callegaro. Homofobia internalizada, conectividade comunitária e saúde mental em uma amostra de indivíduos LGB brasileiros. **Avances en Psicología Latinoamericana**, [S.l.], v.37, n.1, p. 7-61, 2019.

PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira; BORSA, Juliane Callegar; DAMÁSIO, Bruno Figueiredo. Indicadores de bem-estar subjetivo e saúde mental em mulheres de diferentes orientações sexuais. **Psico**, [S.l.], v.50, n.3, p.e31616-e31616, 2019.

PAVÓN-CUÉLLAR, David. Rumo a uma descolonização da psicologia latino-americana: condição pós-colonial, virada decolonial e luta anticolonial. **Brazilian Journal of Latin American Studies**, [S.l.], v.20, n.39, p.95-127, 2021.

PEREIRA, Graziela Raupp; BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco. Direito fundamental à educação, diversidade e homofobia na escola: desafios à construção de um ambiente de aprendizado livre, plural e democrático. **Educar em Revista**, [S.l.], p.51-71, 2011.

PEREIRA, Graziela Raupp; VARELA, Cristina Monteggia; SILVEIRA, Guilherme Pereira. O fenômeno do bullying homofóbico nas instituições de ensino: o direito à igualdade sexual e o princípio da dignidade da pessoa humana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [S.l.], v.10, n.2, p.1489-1506, 2015.

PEREIRA, Henrique; LEAL, Isabel. A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais. **Análise Psicológica**, [S.l.], v.20, n.1, p.107-113, 2002.

PEREIRA, Henrique; LEAL, Isabel. Medindo a homofobia internalizada: a validação de um instrumento. **Análise Psicológica**, [S.l.], v.23, n.3, p.323-328, 2005.

PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune Coelho; VIEIRA, Hortênsia Isabela dos Santos. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, [S.l.], v.19, n.1, p.67-76, 2014.

PERUCCHI, Juliana; CORRÊA, Carla Gomes. Uma análise psicossocial de experiências de violência homofóbica vividas por jovens LGBT no período escolar. **Nova Perspectiva Sistêmica**, [S.l.], v.22, n.46, p.81-99, 2013.

PETERSON, Trica L; GERRITY, Deborah A. Internalized homophobia, lesbian identity

development, and self-esteem in undergraduate women. **Journal of Homosexuality**, [S.l.], v.50, n.4, p.49-75, 2006.

PINEDA-ROA, Carlos Alejandro. Factores de riesgo de ideación suicida en una muestra de adolescentes y jóvenes colombianos autoidentificados como homosexuales. **Revista Colombiana de Psiquiatria**, [S.l.], v.48, n.1, p.2-9, 2019.

PINHEIRO, Guilherme Galhardo. **Isso é tão gay! Micro-agressões, homofobia internalizada, stress emecanismos psicofisiológicos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Crianças e Jovens em Risco) - Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, Centro de Investigação e Intervenção Social, Programa Operacional Regional do Norte, Portugal 2020.

PRADO, Marcos Aurélio Máximo; MARTINS, Daniel Arruda; ROCHA, Leonardo Tolentino Lima. O litígio sobre o impensável: escola, gestão dos corpos e homofobia institucional. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S.l.], v.3, n.04, 2009.

PRETES, Érika Aparecida; VIANNA, Túlio. História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo. **Iniciação científica: destaques**, [S.l.], v.1, p.313-392, 2007.

PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa**. Tradução de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. São Paulo: Autores Associados, 2021.

PUCKETT, Jae A. *et al.* Examining the conditions under which internalized homophobia is associated with substance use and condomless sex in young MSM: The moderating role of impulsivity. **Annals of Behavioral Medicine**, [S.l.], v.51, n.4, p.567-577, 2017.

PUCKETT, Jae A. *et al.* Internalized homophobia and perceived stigma: a validation study of stigma measures in a sample of young men who have sex with men. **Sexuality Research and Social Policy**, [S.l.], v.14, n.1, p.1-16, 2016.

PUCKETT, Jae A. *et al.* The impact of victimization and neuroticism on mental health in young men who have sex with men: Internalized homophobia as an underlying mechanism. **Sexuality Research and Social Policy**, [S.l.], v.13, n.3, p.193-201, 2016.

QUIJANO, Anibal. Coloniality of power and Eurocentrism in Latin America. **International Sociology**, [S.l.], v.15, n.2, p.215-232, 2000.

RAGO, Margareth. Sexualidade e identidade na historiografia brasileira. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, [S.l.], v.6, n.1, p.59-74, 1997.

REA, Caterina Alessandra. Descolonização, feminismos e condição queer em contextos africanos. **Revista Estudos Feministas**, [S.l.], v.26, 2018.

REA, Caterina Alessandra; AMANCIO, Izzie Madalena Santos. Descolonizar a sexualidade: Teoria Queer of Colour e trânsitos para o Sul. **Cadernos Pagu**, [S.l.], n.53, 2018.

REIS, Toni. **Homofobia: o silêncio está gritando**. Curitiba: Appris, 2015.

RIBEIRO, Letícia Jóia; GRANATO, Tania Mara Marques. Preconceito e parentalidade? Experiências decasais homoafetivos: experiences of homoaffective couples. **Vínculo**, [S.l.], v.18, n.2, p.1-11, 2021.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. **Sexualidade e infância**, [S.l.], p.17-34, 2005.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. **Iuminuras: sériede publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS**. Porto Alegre, RS, n.21, n.23, p.2008, 2008.

ROSA, Jéssica Moraes. *et al.* A construção dos papéis parentais em casais homoafetivos adotantes. **Psicologia: ciência e profissão**, [S.l.], v.36, p.210-223, 2016.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, [S.l.], v.20, n.2, p.v-vi, 2007.

ROWEN, Christopher J.; MALCOLM, James P. Correlates of internalized homophobia and homosexualidentity formation in a sample of gay men. **Journal of Homosexuality**, [S.l.], v.43, n.2, p.77-92, 2003.

RUBIA, José Moral de la; O., Adrian Valle de la *et al.* Dimensionalidad, consistencia interna y distribución de la Escala Homonegatividad Internalizada en estudiantes mexicanos de Ciencias de la Salud. **Acta de investigación psicológica**, [S.l.], v.3, n.1, p.986-1004, 2013.

RUBIA, José Moral de la *et al.* Evaluación del rechazo hacia la homosexualidad en estudiantes de medicina y psicología con base en tres escalas conceptualmente afines. **Psicología desde el Caribe**, [S.l.], v.30, n.3, p.526-550, 2013.

RUBIA, José Moral de la *et al.* Modelos predictivos de homonegatividad internalizada en estudiantes de ciencias de la salud. **Acta de investigación psicológica**, [S.l.], v.3, n.3, p.1248-1263, 2013.

RULL, Marco Antonio Pulido *et al.* Homofobia en universidades de la Ciudad de México. **Revista Intercontinental de Psicología y Educación**, [S.l.], v.15, n.2, p.93-114, 2013.

RZONDZINSKI, Daniel. Modelo psicoterapéutico complejo para el diagnóstico y tratamiento de la homofobia internalizada. **Revista de Psicoterapia**, [S.l.], v.30, n.113, p.275-292, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **Violência de gênero: poder e impotência**. São Paulo: Revinte, 1995.

SALAZAR, X. *et al.* A influência do contexto sociocultural na percepção do risco e a negociação da proteção em homens homossexuais pobres da costa peruana. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.22, n.10, p.2097-2104, out. 2008.

SAMPAIO, Mylla Maria Sousa; VIANA, Thiago G. A LGBTIfobia na Universidade: algo cheira a podre no reino da Dinamarca. **Revista Três Pontos**, [S.l.:s.n.], 2014.

SANTOS, Anierika; DA FRANCA, Carolina; MENEZES, Valdenice. Fatores associados aos comportamentos de risco de jovens de minorias sexuais. **Revista de Extensão da UPE**, [S.l.], v.6, n.supl.1, p.64-65, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, Daniel Kerry dos. As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia. **Revista Epos**, [S.l.], v.4, n.1, 2013.

SANTOS, Hugo M.; DA SILVA, Sofia Marques; MENEZES, Isabel. **Para uma visão complexa do bullying homofóbico: desocultando o cotidiano da homofobia nas escolas**. 2017.

SANTOS, I. S.; MARIANO, T.; PIMENTEL, Carlos Eduardo. **Psicologia da pandemia: informação, confiança e afetos durante o enfrentamento do COVID-19**. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Tailson-Mariano/publication/341575564_Psicologia_da_Pandemia_Informacao_Confianca_e_Afetos_durante_o_Enfrentamento_do_COVID-19/links/5ec7e40b458515626cc141a9/Psicologia-da-Pandemia- Informacao-Confianca-e-Afetos-durante-o-Enfrentamento-do-COVID-19.pdf. Acesso em: 06 jul. 2021.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, [S.l.], v.24, n.1, p.214-241, 2017.

SANTOS, Victor Emmanuel Fernandes Apolônio dos *et al.* Prevalência da homofobia entre alunos da Universidade de Pernambuco em 2012. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, [S.l.], v.11, n.6, p.66-83, 2017.

SARTORI, Thiago Luiz. Políticas Públicas, educação para os direitos humanos e diversidade sexual. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, [S.l.], v.3, n.3, p.e335484-e335484, 2021.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. São Paulo: Vozes, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SEVERINO, Antonio Joaquim; TAVARES, Manuel. Por um projeto insurgente e resistente de decolonialidade da universidade latino-americana. **Revista Lusófona de Educação**, [S.l.], v.48, n.48, 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, [S.l.], v.20, n.2, 1995.

SEGATO, Rita Laura. **Alteridades históricas/Identities políticas: uma crítica a las certezas del pluralismo global**. **Anuário Antropológico, Universidade de Brasília**, Brasília, [S.l.], v.22, n.1, p.161-196, 1998.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-cadernos ces**, [S.l.], n.18, 2012.

SILVA, Alessandro Soares da. Políticas públicas, educação para os direitos humanos e diversidade sexual. **Trivium-Estudos Interdisciplinares**, [S.l.], v.3, n.2, p.58-72, 2011.

SILVA, Ana Rosa Cloquet da; BARROS, Douglas Ferreira; BARSALINI, Glauco. Religião e Decolonialidade | Religion and Decoloniality. **Reflexão**, [S.l.], v.45, p.1-6, 2020.

SILVA, Flávia Gonçalves da. O adoecimento psíquico na psicologia histórico-cultural: a patopsicologia. **Interação em Psicologia**, [S.l.], v.25, n.2, 2021.

SILVA, Jeferson Neri da. *et al.* A construção das identidades LGBTQ+ como desviantes: uma análise da (re) patologização da homossexualidade no Brasil. **InterSciencePlace**, [S.l.], v.16, n.1, 2021.

SILVA, Laionel Vieira da; BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira. Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBTQ em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. **Estudos de religião**, [S.l.], v.30, n.3, p.129-154, 2016.

SILVA FILHO, Derli de Castro; KOEHLER, Sonia Maria F. **A percepção de jovens universitários frente ao fenômeno homofóbico**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO, 1. 2011. Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: EDUCERE, 2011.

SILVA, F. P; BALTAR, Paula; LOURENÇO, Beatriz. Colonialidade do saber, dependência epistêmica e os limites do conceito de democracia na América Latina. **Revista de estudos e pesquisas sobre as Américas**, [S.l.], v.12, n.1, p.68-87, 2018.

SILVA JÚNIOR, Assis Moreira. As minorias sexuais e as políticas públicas do governo federal: entre avanços e retrocessos. **Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas UNIFAFIBE**, [S.l.], v.1, n.2, p.21-54, 2014.

SIQUEIRA, Marcus Vinicius Soares. *et al.* Homofobia e violência moral no trabalho no Distrito Federal. **Organizações & Sociedade**, [S.l.], v.16, n.50, 2009.

SMIGAY, Karin Ellen Von. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. **Psicologia em revista**, [S.l.], v.8, n.11, p.32-46, 2002.

SOBRINHO, Gilberto Alexandre; CURTOLO, Caio. Modos de representação do HIV/AIDS no documentário queer nos Estados Unidos (1980/1990). **Revista GEMInIS**, [S.l.], v.11, n.3, p.4-30, 2020.

SOLOVIEVA, Yulia *et al.* Neuropsicología Histórico-Cultural: una concepción sistémica e integral acerca de fenómenos psicológicos y sus bases cerebrales. **Estudios de Psicología**, Natal, v.24, n.1, p.65-75, 2019.

SOUSA, Victor Pereira de. Desconstruindo a cis-heterossexualidade: uma perspectiva decolonial. **ARTEFACTUM-Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia**, [S.l.], v.16, n.1, 2018.

SOUZA, Daniel Cerdeira; HONORATO, Eduardo Jorge Sant'Ana; BEIRAS, Adriano. Discriminação contra homossexuais no mercado de trabalho. **Revisão da literatura. PSI UNISC**, [S.l.], v.5, n.1, p.127-143, 2021.

SOUZA, Eloisio Moulin de; PEREIRA, Severino Joaquim Nunes. (Re) produção do heterossexismo e daheteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. RAM. **Revista de Administração Mackenzie**, [S.l.], v.14, p.76-105, 2013.

SOUZA, Daniel Cerdeira de *et al.* A produção literária sobre homofobia internalizada. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S.l.], v.2, n.5, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SPINOZA, Baruch de. **A ética**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STOLKE, Verena. O enigma das interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade: a formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. **Revista Estudos Feministas**, [S.l.], v.14, p.15-42, 2006.

SZWARCWALD, Célia Landmann; CASTILHO, Euclides Ayres de. A epidemia de HIV/AIDS no Brasil: três décadas. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.l.], v.27, p.s4-s5, 2011.

TAYLOR, Catherine; PETER, Tracey. **Every class in every school**: final report on the first national climate survey on homophobia, biphobia, and transphobia in Canadian schools. 2011.

TAKAKURA, Sandra Mina. Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. **Equatorial–Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, [S.l.], v.3, n.4, p.97-124, 2016.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. **Saúde e Sociedade**, [S.l.], v.21, p.651-667, 2012.

TOASSA, Gisele. Conceito de liberdade em Vigotski. **Psicologia: Ciência e profissão**, [S.l.], v.24, p.2-11, 2004.

TOASSA, Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski**: investigação para uma perspectiva histórico-cultural. 2009. 125f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TOCABENS, B. E. Psicoterapia y enfoque histórico-cultural: aportes y desafios. **Santiago**, Santiagode Cuba, n.133, p.85-98, jan./abr. 2013.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; BECKER, Simone. A violência normativa e os processos de subjetivação: contribuições para o debate a partir de Judith Butler. **Fazendo Gênero**, [S.l.], v.9, p.1-8, 2010.

TONELLI, Maria José; ZAMBALDI, Felipe. Pesquisa e disseminação de conhecimento na pandemia. **Revista de Administração de Empresas**, [S.l.], 2020, v.60, n.6, p.383-384, 2020.

TORRES, Marco Antônio. Os significados da homossexualidade no discurso moral-religioso da Igreja Católica em condições históricas e contextuais específicas. **Revista de Estudos da Religião**, [S.l.], v.1, p.142-152, 2006.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. Aspectos do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [S.l.], v.11, n.2, p.278-294, 2016.

TRAUMANN, Andrew Patrick; MENDES, Fernanda Celli Correa. A partilha da África e o holocausto que o mundo não reconheceu. **Relações Internacionais no mundo atual**, [S.l.], v.1, n.18, p.253-274, 2015.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TULESKI, Silvana Calvo. A Unidade do Psiquismo Humano para Vigotski e a Desagregação destana Esquizofrenia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.l.], v. 35, 2019.

UNGER, Roberto Mangabeira. **Depois do colonialismo mental: repensar e reorganizar o Brasil**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

VAINFAS, Ronaldo. A problemática das mentalidades e a inquisição no Brasil colonial. **Revista Estudos Históricos**, [S.l.], v.1, n.1, p.167-173, 1988.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VERDUZCO, Ignacio Lozano. Violencia institucional homofóbica y emociones de hombres gay dela ciudad de México. **Revista puertorriqueña de psicología**, [S.l.], v.25, n.2, p.298-312, 2016.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. **Letras de hoje**, [S.l.], v.37,n.4, 2002.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

VIEIRA, Rafael Porto; GHERARDI, Sandra Regina Marcolino; SEVERO, Mirlene Fátima Simões Wexell. Causas e consequências da homofobia na escola: uma revisão bibliográfica. **Multi-Science Journal**, [S.l.], v.1, n.10, p.69-77, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A questão do meio na pedologia. **Psicologia USP**, São Paulo v.21, n.4, p.681-701, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica. **Teoria e método em psicologia**, [S.l.], v.3, p.203-417, 2004.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras escogidas. Tomo 3: el desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Madrid:Visor, 2016.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Paidología del adolescente. In: VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras escogidas. Tomo 4: paidología del adolescente y problemas de la psicología infantil**. Madrid: Visor, 2006.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Psicologia concreta do homem. Manuscrito de 1929. **Educação e Sociedade, Revista quadrimestral de Ciência da Educação**. Centro de Estudos Educação e Sociedade, Cedes, [S.l.], ano.20. jul. 2006.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicología del arte**. Barcelona: Paidós, 2006c.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico**. Madrid: Ediciones Akal, 2004b.

VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *et al.* **Desenvolvimento, linguagem e aprendizagem**. São Paulo: Ícone,2005.

XIMENES, Verônica Morais *et al.* Análise da pobreza, fatalismo e resiliência em comunidades rurais nas regiões Nordeste, Norte e Sul do Brasil. **Sociedade em Debate**, [S.l.], v.25, n.3, p.136-152, 2019.

XIMENES, Verônica Morais; CIDADE, Elívia Camurça. Juventude e pobreza: implicações psicossociais do fatalismo. **Revista Interamericana de Psicologia, Interamerican Journal of Psychology**, Porto Alegre, RS, v.50, n.1, p.128-136, 2016.

XIMENES, Verônica Morais; MOURA JR, James Ferreira; CASTRO, Sara. Pobreza e suas relações com a psicologia comunitária na 5a Conferência Internacional de Psicologia Comunitária. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, [S.l.],v.5, n.2, p.7-7, 2015.

WARRINER, Katrina; NAGOSHI, Craig T; NAGOSHI, Julie L. Correlates of homophobia, transphobia, and internalized homophobia in gay or lesbian and heterosexual samples. **Journal of homosexuality**, [S.l.], v.60, n.9, p.1297-1314, 2013.

WATKINS, Mary. Psychosocial accompaniment. **Journal of Social and Political Psychology**, [S.l.], v.3,n.1, p.324-341, 2015.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, [S.l.], v.9, n.2, p.460-482, 2001.

WILLIAMSON, Iain R. Internalized homophobia and health issues affecting lesbians and gay men. **Health education research**, [S.l.], v.15, n.1, p.97-107, 2000.

WIRTH, Lauri Emílio. Religião e epistemologias pós-coloniais. In: WIRTH, Lauri Emílio **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2013. p.129-142.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

ZANELLA, Andréa Vieira. Zona de desenvolvimento proximal: análise teórica de um conceito em algumas situações variadas. **Temas em Psicologia**, [S.l.], v.2, n.2, p.97-110, 1994.

ZEIGARNIK, Bluma Wolfonna. **Introducción a la patopsicología**. Ciudad de la Habana: Editorial científico-técnica La Habana, 1979.

ZEIGARNIK, Bluma Wolfonna. **Patopsicología**. Ciudad de la Habana: Editorial científico-técnica La Habana, 1981.

ZIZEK, Slavoj. Coloniality od being and the phenomenon od violence. In: NDLOVU-GATSHENI, Sabelo J. **Coloniality of power in postcolonial Africa**. African Books Collective, 2013.

APÊNDICES A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Nome/Apelido: _____

Cidade: _____ Bairro: _____
 Estado: _____

Email: _____ Telefone/Whatsapp: _____

Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino () Intersexual/Ambíguo

Etnia/Cor: Negra () Branca () Parda () Outra () Qual? _____ Graduação em: _____

Pós-graduação em: _____

Renda média mensal: _____

1. Pensando nas pessoas por quem você se apaixona, como você se define?

- 0. () Heteroafetivo
- 1. () Biafetivo
- 2. () Homoafetivo
- 3. () Panafetivo
- 4. () Arromântico

2. Considerando sua orientação sexual, com qual (quais) palavra (s) você mais se identifica?

- 0. () Entendido
- 1. () Heterossexual
- 2. () Lésbica
- 3. () Assexual
- 4. () Gay
- 5. () Bissexual
- 6. () Homem que faz sexo com Homem
- 7. () Mulher que faz sexo com Mulher
- 8. () Nenhum
- 9. () Todos
- 10. () Outro. Qual? _____

3. Pensando na sua vida sexual, você costuma fazer sexo com:
0. Homens
 1. Mulheres
 2. Homens e mulheres
 3. Pessoas não-binárias
 4. Todos os anteriores
 5. Não tenho necessidade de fazer sexo
4. Considerando sua identidade de gênero, com qual (quais) palavra (s) você mais se identifica?
0. Homem cisgênero
 1. Mulher cisgênero
 2. Homem Trans
 3. Mulher Trans
 4. Gênero fluido
 5. Não-binária
 6. Travesti
 7. Agênero
 8. Não consegui me definir ainda
 9. Nenhum
 10. Outro. Qual? _____
5. Pensando na sua filiação política, escolha a (s) palavra (s) que melhor define (m) como você se sente:
0. Direita
 1. Centro-direita
 2. Esquerda
 3. Centro-esquerda
 4. Sem filiação definida
 5. Outro. Qual? _____
6. Pensando na sua filiação religiosa, escolha a (s) palavra (s) com a qual você mais se identifica:
0. Católico

1. Protestante
2. Espírita
3. Umbandista
4. Candomblecista
5. Ateu
6. Budista
7. Agnóstico
8. Outro. Qual? _____

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



CENTRO DE HUMANIDADES DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você, _____

RG: _____, a participar da pesquisa “Relações entre colonialidade e homofobia internalizada: um estudo com jovens universitários brasileiros”. Os dados obtidos nesta investigação servirão à construção da dissertação de mestrado do pesquisador José da Silva Oliveira Neto, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob a orientação do professor Dr. James Ferreira Moura Júnior. A pesquisa não dá direito a qualquer retorno financeiro ao participante.

Caso aceite, você participará de uma atividade. Nela, será realizada a aplicação da técnica Linha do Tempo, a qual consiste na construção verbal da sua história de vida, com enfoque para os episódios que, na sua opinião, tenham sido promotores de homofobia internalizada no contexto universitário. Com a sua permissão, esse momento será gravado por meio do Zoom, plataforma que será utilizada para a atividade. Ressaltamos que seu nome não será identificado, bem como não serão fornecidas informações a terceiros que possam lhe identificar. Assim, seu nome não será citado na dissertação, artigos, relatórios ou qualquer outro meio de divulgação da pesquisa.

A pesquisa não oferece riscos à integridade física dos participantes, no entanto poderá gerar desconforto ao responder perguntas sobre pensamentos, comportamentos e sentimentos relacionados à homofobia internalizada, que não são prejudiciais aos participantes nem impedem o andamento da pesquisa.

A aceitação ou recusa em participar desta pesquisa não acarretará qualquer contratempo, desconforto ou prejuízo físico, mental ou material a você. Você também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, solicitando que suas informações sejam retiradas, sem que isto implique qualquer prejuízo para você. Além disso, você terá acesso, a qualquer momento, às informações relacionadas à pesquisa. Em caso de dúvidas e desistência, você poderá entrar em contato com o pesquisador por meio do e-mail netooliveirapsi@gmail.com, pelo telefone (85) 9.98419974 ou pela Coordenação do Mestrado Acadêmico em Psicologia da

UFC, situada à Avenida da Universidade, 2762 – Benfica, CEP: 60.020-180, telefone: (85) 3366-7661 ou (85) 3366-7651.

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ: Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 -Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira). O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Caso aceite participar, solicitamos que assine esse documento, que será expedido em duas vias, ficando uma com o pesquisador e outra com você.

Fortaleza, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador

**APÊNDICE C – TABELA DA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA SOBRE
HOMOFOBIA INTERNALIZADA NOS ÚLTIMOS 20 (VINTE) ANOS**

Revista	Autor	Título	Delineamento	Ano	Localidade
Revista Colombiana de Psiquiatria	Carlos Alejandro Piñeda-Roa	Fatores de riesgo de ideación suicida em uma muestra de adolescentes y jóvenes autoidentificados homosexuales	Quantitativo	2019	Colômbia
Salud Mental	Ignacio Lozano-Verduzco, Julián Alfredo Fernández e Ricardo Baruch-Domínguez	Association between internalized homophobia and mental health indicators in LGBT individuals in Mexico City	Quantitativo	2017	Cidade do México
Sexualidad, Salud Y Sociedad	Jaime Eduardo Barrientos Delgado <i>et al</i>	Identidad sexual em jóvenes gays del norte de Chile	Qualitativo	2016	Chile
Ciência e Saúde Coletiva	Martin Blais, Jesse Gervais e Martine Hébert	Internalized homophobia as a partial mediator between homophobic bullying na self-esteem among youths of sexual minorities in Quebec (Canada)	Quantitativo	2014	Canada
Acta de investigación psicológica	José Moral de la Rubia, Adrian Valle de la O e Cirilo Humberto García Cadena	Modelos predictivos de homonegatividad internalizada em estudiantes de Ciencias de la Salud	Quantitativo	2013	Coahuila, Monterey e Nuevo León
Psicología desde el Caribe	José Moral de la Rubia, Adrian Valle de la O e Enrique Martínez Gómez	Evaluación del rechazo hacia la homosexualidad em estudiantes de medicina y psicología com base em tres escalas conceptualmente afines	Quantitativo	2013	México
Acta de investigación psicológica	José Moral de la Rubia e Adrian Valle de la O	Dimensionalidad, consistencia interna y distribución de la Escala de Homonegatividad Internalizada em estudiantes mexicanos de Ciencias de la Salud	Quantitativo	2013	México
CS Journal	Andrés Felipe Castelar e Felipe Quintero Aguirre	Performatividad y lenguaje de odio: expresiones de la homosexualidad masculina em la ciudad de Cali	Qualitativo	2012	Cali
Journal of Homosexuality	Nur Okotan, Ayda Buyuksahin Sunal e Nuray Sakalli Ugurlu	Comparing heterosexuals' and gay men/lesbians' responses to relationship problems and the effects os internalized homophobia in gay men/lesbian' responses to relationship problems in Turkey	Quantitativo	2017	Turquia
Journal of Homosexuality	Katrina Warriner, Craig Nagoshi e Julie L. Nagoshi	Correlates of homophobia, transphobia and internalized homophobia in gay or lesbian and	Quantitativo	2013	Texas

		heterosexual samples			
Ann. Beh. Med.	Jae A. Puckett <i>et al</i>	Examining the conditions under which internalized homophobia is associated with substance use and condomless sex in young MSM: the moderating role of impulsivity	Quantitativo	2017	Não informado
National Association of Social Workers	Judith Bobbe	Treatment with lesbian alcoholics: healing shame and internalized homophobia from ongoing sobriety	Qualitativo	2002	Não informado
Journal of Homosexuality	Trica L. Peterson e Deborah A. Gerrity	Internalized homophobia, lesbian identity development and self-esteem in undergraduate women	Quantitativo	2006	Não informado
Journal of Homosexuality	Stanley O. Gaines Jr. <i>et al</i>	Cultural value orientations, internalized homophobia and accommodation in romantic relationships	Quantitativo	2005	Não informado
Aggressive Behavior	Thomas M. Kelley e Richard A. Robertson	Relational aggression and victimization in gay male: the role of internalized homophobia	Misto	2008	Sudeste dos Estados Unidos
Journal of Adolescent Research	Katrina Kubicek <i>et al</i>	God made gay for a reason	Misto	2009	Los Angeles
Sexually Transmitted Diseases	Richard A. Crosby <i>et al</i>	Association between internalized homophobia and sexual risk behaviors among young black men who have sex with men	Quantitativo	2016	Sudeste dos Estados Unidos
Sexual addiction and compulsivity	Kathryn DeLonga <i>et al</i>	Loneliness, internalized homophobia and compulsive internet use: factors associated with sexual risk behavior among a sample of adolescent males seeking services at a community LGBT center	Quantitativo	2011	Wisconsin
Sex Res Soc Policy	Jae A. Puckett <i>et al</i>	Internalized homophobia and perceived stigma: a validation study of stigma measures in a sample of young men who have sex with men	Quantitativo	2017	Chicago
Sex Res Soc Policy	Jae A. Puckett <i>et al</i>	The impact of victimization and neuroticism on mental health in young men who have sex with men: internalized homophobia as a mediating mechanism	Quantitativo	2016	Não informado
PLOS ONE	Erica L. Dawson <i>et al</i>	Resilience, condom use self-efficacy, internalized homophobia and condomless anal sex among black men who have sex with, New York City	Quantitativo	2019	Nova York
Journal of gay & lesbian mental health	Sonia Ingoglia <i>et al</i>	Secure attachment and individual protective factors against internalized homophobia	Quantitativo	2019	Itália

Fonte: Elaborada pelo autor.

APÊNDICE D – TABELA DOS CONCEITOS DE HI UTILIZADOS NOS ARTIGOS ENCONTRADOS

Autor	Título	Conceito de HI
Carlos Alejandro Piñeda-Roa	Fatores de riesgo de ideación suicida em uma muestra de adolescentes y jóvenes autoidentificados homosexuales	Sentimentos negativos face à própria homossexualidade, o que provoca um conflito entre o querer ser e o dever ser sobre a forma como experimenta a própria sexualidade.
Ignacio Lozano-Verduzco, Julián Alfredo Fernández e Ricardo Baruch-Domínguez	Association between internalized homophobia and mental health indicators in LGBT individuals in Mexico City	A relação que uma pessoa LGBT estabelece com as premissas e crenças negativas acerca da diversidade sexual.
Jaime Eduardo Barrientos Delgado <i>et al</i>	Identidad sexual em jóvenes gays del norte de Chile	Aprendizagem e internalização dos significados negativos associados à homossexualidade e à transgressão dos papéis de gênero, o que poderia provocar recusa da sua própria orientação sexual.
Martin Blais, Jesse Gervais e Martine Hébert	Internalized homophobia as a partial mediator between homophobic bullying and self-esteem among youths of sexual minorities in Quebec (Canada)	Direcionamento do estigma anti-LGBT para o self.
José Moral de la Rubia, Adrian Valle de la O e Cirilo Humberto García Cadena	Modelos predictivos de homonegatividad internalizada em estudiantes de Ciencias de la Salud	-
José Moral de la Rubia, Adrian Valle de la O e Enrique Martínez Gómez	Evaluación del rechazo hacia la homosexualidad em estudiantes de medicina y psicología com base em tres escalas conceptualmente afines	É a homofobia presente em pessoas com condutas homossexuais dirigida para o próprio desejo interno.
José Moral de la Rubia e Adrian Valle de la O	Dimensionalidad, consistencia interna y distribución de la Escala de Homonegatividad Internalizada em estudiantes mexicanos de Ciencias de la Salud	Conjunto de sentimentos negativos que o indivíduo tem em relação a si mesmo por ter fantasias, sonhos ou desejos de relacionar-se íntima e afetivamente com pessoas do próprio sexo. É um processo mediante o qual o ódio cultural face a pessoas não heterossexuais é internalizado.
Andrés Felipe Castelar e Felipe Quintero Aguirre	Performatividad y lenguaje de odio: expresiones de la homosexualidad masculina en la ciudad de Cali	-
Nur Okotan, Ayda Buyuksahin Sunal e Nuray Sakalli Ugurlu	Comparing heterosexuals' and gay men/lesbians' responses to relationship problems and the effects of internalized homophobia in gay men/lesbian responses to relationship problems in Turkey	Sentimentos negativos sobre quem se é. É a internalização das crenças sociais negativas em direção à homossexualidade por parte de homens gays e lésbicas.
Katrina Warriner, Craig Nagoshi e Julie L. Nagoshi	Correlates of homophobia, transphobia and internalized homophobia in gay or lesbian and heterosexual samples	Atitudes homofóbicas da sociedade que são internalizadas por lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros.
Jae A. Puckett <i>et al</i>	Examining the conditions under which internalized homophobia is associated with substance use and condomless sex in young MSM: the moderating role of impulsivity	Internalização das visões negativas acerca da própria sexualidade em uma sociedade heterossexista.

Judith Bobbe	Treatment with lesbian alcoholics: healing shame and internalized homophobia for ongoing sobriety	Medo de ser visto como lésbica. É a sensação de ser o outro em uma sociedade heterossexista.
Trica L. Peterson e Deborah A. Gerrity	Internalized homophobia, lesbian identity development and self-esteem in undergraduate women	Internalização de atitudes negativas face à homossexualidade e a pessoas homossexuais por gays e lésbicas.
Stanley O. Gaines Jr. <i>et al</i>	Cultural value orientations, internalized homophobia and accommodation in romantic relationships	Conjunto de atitudes negativas face à própria homossexualidade ou do outro.
Thomas M. Kelley e Richard A. Robertson	Relational aggression and victimization in gay male: the role of internalized homophobia	Internalização do preconceito experienciado em uma sociedade heteronormativa e de cultura ocidental.
Katrina Kubicek <i>et al</i>	God made gay for a reason	Atitude social anti-gay orientada para o self, levando à desvalorização do self, conflitos internos e auto-confiança empobrecida.
Richard A. Crosby <i>et al</i>	Association between internalized homophobia and sexual risk behaviors among young black men who have sex with men	-
Kathryn DeLonga <i>et al</i>	Loneliness, internalized homophobia and compulsive internet use: factors associated with sexual risk behavior among a sample of adolescent males seeking services at a community LGBT center	Crenças negativas sobre a atração por pessoas do mesmo sexo.
Jae A. Puckett <i>et al</i>	Internalized homophobia and perceived stigma: a validation study of stigma measures in a sample of young men who have sex with men	Quando uma pessoa de minoria sexual tem sentimentos negativos e atitudes homofóbicas face a si mesma ou a outras pessoas dessa minoria.
Jae A. Puckett <i>et al</i>	The impact of victimization and neuroticism on mental health in young men who have sex with men: internalized homophobia as a mediating mechanism	É a internalização de repertórios negativos por pessoas que fazem parte de uma minoria sexual acerca da própria vivência como minoria.
Erica L. Dawson <i>et al</i>	Resilience, condom use self-efficacy, internalized homophobia and condomless anal sex among black men who have sex with, New York City	-
Sonia Ingoglia <i>et al</i>	Secure attachment and individual protective factors against internalized homophobia	-

Fonte: elaborada pelo autor.

**APÊNDICE E – TABELA DOS IMPACTOS DA HI SOBRE JOVENS
UNIVERSITÁRIOS RELATADOS NOS ARTIGOS ENCONTRADOS**

Autor	ítulo	Impacto da HI na população estudada
Carlos Alejandro Piñeda-Roa	Fatores de riesgo de ideación suicida em una muestra de adolescentes y jóvenes autoidentificados homosexuales	Quando os níveis de HI são mais altos, o risco de cometer suicídio é duplicado quando comparados a níveis mais baixos.
Ignacio Lozano-Verduzco, Julián Alfredo Fernández e Ricardo Baruch-Domínguez	Association between internalized homophobia and mental health indicators in LGBT individuals in Mexico City	Quando a conectividade comunitária está reduzida, a violência e a discriminação homofóbicas estão positivamente correlacionadas com sintomas depressivos e uso de álcool.
Jaime Eduardo Barrientos Delgado <i>et al</i>	Identidad sexual em jóvenes gays del norte de Chile	A construção e a internalização de papéis rígidos de gênero está ligada à homofobia internalizada, o que sustenta práticas de autodiscriminação entre jovens homossexuais.
Martin Blais, Jesse Gervais e Martine Hébert	Internalized homophobia as a partial mediator between homophobic bullying and self-esteem among youths of sexual minorities in Quebec (Canada)	A relação entre bullying homofóbico verbal/psicológico e autoestima é parcialmente mediada pela homofobia internalizada.
José Moral de la Rubia, Adrian Valle de la O e Cirilo Humberto García Cadena	Modelos predictivos de homonegatividad internalizada em estudiantes de Ciencias de la Salud	As variáveis que predisseram menor homonegatividade foram não ser heterossexual, ter amigos homossexuais e não participar de religiões cristãs e católicas.
José Moral de la Rubia, Adrian Valle de la O e Enrique Martínez Gómez	Evaluación del rechazo hacia la homosexualidad em estudiantes de medicina y psicología com base em tres escalas conceptualmente afines	O nível de homofobia é baixo, porém uma atitude de rejeição persiste em uma grande parte do público.
José Moral de la Rubia e Adrian Valle de la O	Dimensionalidad, consistencia interna y distribución de la Escala de Homonegatividad Internalizada em estudiantes mexicanos de Ciencias de la Salud	No que diz respeito à manifestação pública da homofobia, homens (heterossexuais e homossexuais) pontuaram mais alto.
Andrés Felipe Castellar e Felipe Quintero Aguirre	Performatividad y lenguaje de odio: expresiones de la homosexualidad masculina en la ciudad de Cali	A linguagem de ódio é uma sucessão de atos performativos que constitui sujeitos idealizados, uma vez que reafirma uma masculinidade desejada, porém ameaçada, o que permite a defesa da perseguição da rejeição por ser homossexual.
Nur Okotan, Ayda Buyuksahin Sunal e Nuray Sakalli Ugurlu	Comparing heterosexuals' and gay men/lesbians' responses to relationship problems and the effects of internalized homophobia in gay men/lesbian' responses to relationship problems in Turkey	A homofobia internalizada está relacionada com respostas destrutivas de gays e lésbicas em relacionamentos afetivo- amorosos.
Katrina Warriner, Craig T Nagoshi e Julie L. Nagoshi	Correlates of homophobia, transphobia and internalized homophobia in gay or lesbian and heterosexual samples	Gays e lésbicas têm construções menos conversadoras em torno da homossexualidade. Gays têm índices mais elevados de homofobia internalizada que lésbicas.

Jae A. Puckett <i>et al</i>	Examining the conditions under which internalized homophobia is associated with substance use and condomless sex in young MSM: the moderating role of impulsivity	Há uma relação significativa entre homofobia internalizada, uso de álcool e sexo anal sem uso de preservativo no sentido de dificuldades respostas para a saúde.
Judith Bobbe	Treatment with lesbian alcoholics: healing shame and internalized homophobia following sobriety	Vergonha e homofobia internalizada encorajam o uso abusivo de álcool na experiência de uma mulher lésbica.
Trica L. Peterson e Deborah A. Gerrity	Internalized homophobia, lesbian identity development and self-esteem in undergraduate women	Quanto mais altos são os níveis de homofobia internalizada, menor é a autoestima e menos provável é o desenvolvimento de uma identidade saudável.
Stanley O. Gaines Jr. <i>et al</i>	Cultural value orientations, internalized homophobia and accommodation in romantic relationships	A homofobia internalizada está positivamente associada a atitudes de acomodação nos relacionamentos amorosos de gays e lésbicas.
Thomas M. Kelley e Richard A. Robertson	Relational aggression and victimization in gay male: the role of internalized homophobia	A homofobia internalizada está positivamente correlacionada com vitimização e permanência em relacionamentos agressivos entre homens gays.
Katrina Kubicek <i>et al</i>	God made gay for a reason	A homofobia internalizada se relaciona com menores habilidades para lidar com conflitos relacionados à religião.
Richard A. Crosby <i>et al</i>	Association between internalized homophobia and sexual risk behaviors among young black men who have sex with men	A homofobia internalizada está relacionada com comportamentos sexuais de risco.
Kathryn DeLonga <i>et al</i>	Loneliness, internalized homophobia and compulsive internet use: factors associated with sexual risk behavior among a sample of adolescent males seeking services at a community LGBT center	Uso compulsivo da internet está associado com homofobia internalizada e com sensação de solidão.
Jae A. Puckett <i>et al</i>	Internalized homophobia and perceived stigma: a validation study of stigma measures in a sample of young men who have sex with men	No que diz respeito à dimensão percepção do estigma da homofobia internalizada, essa percepção do estigma está relacionada com maior prevalência de ISTs.
Jae A. Puckett <i>et al</i>	The impact of victimization and neuroticism on mental health in young men who have sex with men: internalized homophobia as a mediating mechanism	Vitimização e neuroticismo afetam a saúde mental via homofobia internalizada.
Erica L. Dawson <i>et al</i>	Resilience, condom use self-efficacy, internalized homophobia and condomless anal sex among black men who have sex with, New York City	A homofobia internalizada afeta a resiliência e a probabilidade de fazer sexo anal sem uso de preservativo
Sonia Ingoglia <i>et al</i>	Secure attachment and individual protective factors against internalized homophobia	A homofobia internalizada está correlacionada negativamente com segurança no relacionamento com o pai e com a autoestima.

Fonte: Elaborada pelo autor.

APÊNDICE F – APLICAÇÃO DA LINHA DO TEMPO EM JOVENS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

Entrevista com o Interlocutor 1 - Turing

Pesquisador: Turing, fala um pouco sobre você: qual a sua idade, cidade, onde você estuda, qual o seu semestre e curso de graduação...

Interlocutor 1: Eu me chamo (informação omitida) e moro em uma cidade do centro-oeste. Eu tenho 23 anos e eu estou finalizando psicologia em uma universidade privada do centro-oeste, terminando o curso de psicologia já com especialização em Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) e queria também fazer uma especialização em terapia afirmativa para público LGBTQIA+. Acho muito bacana, por isso eu achei muito interessante o seu tema de mestrado. Engajei-me bastante nisso, porque me identifico e quero seguir essa carreira de mestrado, doutorado e contribuir para pesquisa no Brasil.

Pesquisador: Você disse que quer se especializar com terapias afirmativas... Na sua cidade, você conta com curso na área de terapias afirmativas, especializações, programas...

Interlocutor 1: Penso em fazer no SÍNTESE na turma de 2022, presencialmente não tem na minha cidade e de qualquer forma eu e meu marido estamos se mudando para João Pessoa no ano que vem. Então, vamos pensar em fazer alguma coisa por João Pessoa.

Pesquisador: Vocês vão por trabalho, estudo...

Interlocutor 1: Isso mesmo, vamos iniciar nossa carreira em João Pessoa, de

certa forma vamos continuar atendendo online, mas depois vamos montar nosso consultório lá, pois vimos que é um local com um custo-benefício melhor, sendo que aqui na nossa cidade é tudo muito caro. Então, passamos uma temporada de lazer lá e vimos que: caramba que lugar incrível. Vimos que tinha essa demanda do público LGBT e estamos pensando em ir para lá.

Pesquisador: O que levou você a cursar psicologia?

Interlocutor 1: Na época, o que me levou para psicologia foi querer entender o comportamento humano, queria entender como as pessoas pensam e porque que as elas fazem o que fazem. Nisso eu fui me engajando em diversas outras áreas e entendi essas questões lá em psicologia social, entendendo como o ser humano se comporta dentro da sociedade. Consegui compreender nos primeiros semestres.

Depois dessa demanda sanada eu fiquei: — E agora? O que eu vou fazer? Vou seguir psicologia institucional porque eu não me via atendendo na clínica. Fiquei nessa de que eu ia continuar o curso, mas não sabia o que eu ia fazer. Mas de início minha demanda era essa de entender porque que as pessoas fazem o que elas fazem e porque existem pessoas que tomam um caminho e outras que tomam outro. Decorrendo disso eu acabei fazendo estágio da clínica de psicoterapia e me apaixonei e vou seguir essa área agora totalmente diferente do que imaginava no início.

Pesquisador: Você falou que tem interesse em se especializar na saúde mental da população LGBT, caminhando pela terapia afirmativa. Quais foram os caminhos que levaram você a essa escolha, a esse interesse durante a graduação em Psicologia?

Interlocutor 1: Bem recente na verdade, porque o estágio em psicoterapia eu fiz

no início desse ano, eu comecei a entender a clínica, a psicoterapia individual e dentro desse mesmo viés, como eu estava pesquisando especializações e iniciando realmente os estudos mais aprofundados, eu me vi nessa questão de que eu poderia usar o meu conhecimento e usar meus cinco anos de graduação para ajudar também demandas que eu precisei vivenciar. A questão do estresse de minorias - tudo que a gente sofre - da comunidade LGBT. Vimos também que tinha uma falta porque na nossa graduação existem muitos psicólogos, estudantes de Psicologia que tem um *gap* nisso. Então, a gente falava nos estágios, por exemplo, sobre pessoas trans e as pessoas não sabiam ou até falavam baboseira porque não conhecem o básico da comunidade LGBTQIA+.

Pesquisador: Isso os colegas ou os professores...?

Interlocutor 1: Ambos falavam coisas de desconhecimento e dentro disso começamos a mudar esse sistema, mostrando que dá para você conhecer mesmo você não sendo parte da comunidade LGBT. Você precisa conhecer o básico e, a partir disso, eu e meu marido, nos vimos engajado em conseguir ajudar essas pessoas que passam pelo mesmo que nós.

Iniciamos um grupo de terapia LGBTQIA+ um estágio de psicoterapia de atendimento coletivo e nisso nos realizamos. Por que a gente recebeu pessoas da comunidade LGBT que se inscreveram justamente para resolver demandas vivenciadas pela comunidade LGBT como questão de autoestima, segurança, homofobia internalizada, essas coisas.

Conseguimos ajudá-los e então a gente fica caramba a gente pode fazer isso né? Tanto é que alguns pacientes da terapia coletiva estão sendo atendidos agora individualmente por mim e pelo meu marido no estágio de psicoterapia individual, pois eles viram que puderam ser ajudados. Em contrapartida, a gente vê que os outros colegas da gente, estudantes, já receberam críticas em relação ao atendimento em relação a alguns pacientes. Tem um paciente do meu marido, por

exemplo, que foi atendido por um colega da clínica, mas relatou que sofreu transfobia e então ele teve que parar esse atendimento com esse colega da faculdade e quis ser atendido de novo pelo meu marido, pois não se sentiu acolhido naquele momento. Então, a gente viu que essa demanda ela tá muito grande ainda na faculdade, na graduação... Para você ter ideia a gente não teve nenhuma matéria específica em relação à questão LGBT ou pautas sociais sobre minorias. Apenas um estágio que meu marido fez com uma professora específica que usava a teoria histórico-crítica e por aí vai e ela falou bastante sobre essa questão, mas quem não fez estágio com ela, o restante, passou sem essa bagagem. Então, a gente viu nessa questão que você perguntou sobre o que levou a gente a iniciar essa questão da comunidade LGBT foi isso, percebemos essas coisas, essas demandas que estavam surgindo e também o interesse em ajudar pessoas iguais a nós.

Pesquisador: Particularmente você se identifica no campo da orientação sexual como...

Interlocutor 1: Eu sou gay.

Pesquisador: E como é para você ser um estudante de psicologia gay numa universidade brasileira hoje? Como é essa experiência para você?

Interlocutor 1: Desafiadora, sempre foi desafiadora, mas eu não percebia como eu falei para você eu comecei a perceber essas questões estudando a fundo a questão do estresse de minorias, da homofobia internalizada, questão de jeitos, trejeitos que a gente contém para conseguir se encaixar na sociedade, etc.

Antes aconteciam coisas que eu não percebia como discriminação, por exemplo, eu e meu marido nos conhecemos nas primeiras aulas da graduação em psicologia e estamos juntos até hoje. Ele relatava olhares, comentando...

mesmo que nossa sala tivesse muito público LGBT, existiam pessoas também que não eram parte do público LGBT. Eles faziam essa discriminação velada de não de chegar e cometer um ato agressivo, mas sim aquela agressividade velada com um olhar, um comentário no fundo da sala, algo do tipo. Eu não percebia isso e hoje eu vejo meu marido me falando eu fico percebendo: — Nossa é mesmo né? Isso acontecia. Então, como que é para mim ser um homossexual dentro da faculdade eu admito que a experiência foi boa, foi positiva, mas eu acho que muito mais porque eu não percebia que existiam fatores de discriminação externos. Então, eu consegui viver com meu marido coisas incríveis, a gente brincava na sala, tínhamos uma liberdade muito boa durante a graduação. Até os professores chamavam a gente, éramos reconhecidos de certa forma, porém não anulava a questão de que pessoas do Fundão, por exemplo, sempre estavam comentando ou olhando.

Então, para mim a graduação foi tranquila. Não sofri nenhum ato de homofobia ou algo do tipo nem de aluno nem de professor. Foi muito tranquila em relação a isso, mas a gente percebeu essa questão do preconceito velado.

Pesquisador: Você acredita que se a sua apreensão sobre essa situação velada, a discriminação, o preconceito tivesse sido maior desde o início do curso... Você acredita que essa opressão social teria regulado o seu comportamento, teria ficado mais alarmado, preocupado.

Interlocutor 1: Na verdade eu sou muito de provar para o outro e tentar... Vamos supor: uma pessoa fala alguma coisa e eu sou muito de ir em cima e falar que ela está errada ou que não é assim. Eu confrontaria e educaria a pessoa nesse momento. Então eu acho que nesse quesito, se eu tivesse percebido mais essas questões, acho que teria era feito o efeito contrário.

Eu acho que tentaria ainda mais ficar com meu namorado, ficar com ele e fazer ainda mais me sentir mais livre e ainda provaria para aquelas pessoas

que estavam com os olhares de discriminação que aquilo ali era normal, que ia acontecer independentemente delas quererem ou não.

Então eu acho que seria o oposto ao invés de me resignar em relação a isso, ficar quietinho eu acho que eu ia beijar ainda mais ele na sala, ficar no colo dele, brincar, falar e ser extravagante e para mostrar as pessoas que a gente tá ali, que temos aquela presença.

Até nos estágios que a gente está fazendo atualmente na supervisão de atendimento coletivo que eu falei para você que a gente instaurou o grupo de LGBT. Na supervisão tem algumas pessoas ainda, na verdade uma pessoa, que ela sempre está com preconceito velado. Então, a gente é de ir muito em cima. Na última vez que ela falou alguma coisa em relação à discriminação - não vou lembrar exatamente o que é que era- eu infelizmente tava lavando roupa e meu marido estava na supervisão e ele foi lá e bateu de frente. Falou com ela e educou. Mudou? Não, não vai mudar a pessoa porque muitas vezes isso é do caráter, mas pelo menos agente educa a pessoa um pouquinho em relação a isso.

Respondendo resumidamente o que você perguntou se essa apreensão em relação à questão da discriminação teria feito algum efeito, eu acho que não. Na época, com a mentalidade que eu tinha, eu acho que não. Atualmente se eu vivenciasse tudo isso de novo, talvez fosse um pouquinho diferente, talvez eu me controlasse um pouquinho mais ou algo do tipo, mas na época talvez não tivesse efeito.

Pesquisador: Wesley, pensando nesses eventos que você relatou, percebidos tanto por você quanto pelo seu marido... Você consegue colocar para mim uma linha do tempo com esses eventos homofóbicos, os principais eventos que impactaram graduação.

Interlocutor 1: Sim. Eu vou poder falar para você, mas no sentido que eu percebo hoje, que poderia ter impactado, porque como falei eu não percebia

esses eventos, mas o meu marido sim. Então, depois que ele falou para mim, hoje eu consigo voltar atrás e perceber...

No quarto semestre, eu não notei, mas o meu marido fala que existiam essa questão de olhares do fundão para a gente quando estávamos nos abraçando na sala ou algo do tipo. Então, nesse semestre tiveram essas pessoas com preconceito velado, de olhar e comentar alguma coisa e por mais que a gente não consiga ouvir dá para ler o lábio, ver a expressão da pessoa olhando para você com desprezo.

Por volta do quinto semestre teve algo que não aconteceu comigo, mas com meu marido. Logo, me impacta diretamente. Essas mesmas pessoas que estavam no fundão comentando, dessa vez estavam saindo da sala, mas o meu marido estava esperando uma colega nossa que ia junto com a gente para parada de ônibus. Ele estava na porta, encostado, e essas pessoas elas falaram mais ou menos assim: — Olha aquele lá, eu nem vou passar perto desse tipo de gente. Então, eles não saíram da sala porque ele estava na porta e, assim que meu marido saiu, eles saíram da sala também. Então teve essa questão de que eles não quiseram nem passar perto dele justamente por ser gay.

Nós temos esses comportamentos na sala de demonstrar o afeto. Então, teve esse relato e das últimas vezes, depois mudou para online por causa da pandemia. Aí nesse tempo, 2020 para cá, teve um *gap*, uma lacuna em relação a esses relatos. Isso porque no modo online não tem muito que fazer todo mundo está com a câmera desligada e falando o que realmente precisa. Entretanto, no último semestre, no estágio de atendimento coletivo a gente teve essa pessoa, que posso dizer foi no mês passado, outubro. Estávamos brincando com um professor nosso que é bem legal, bacana e brincalhão. Nós falamos: — Ah, você é muito “héreto top” e ele brincou também, não sentiu ofendido nem porque ele é muito bacana e dá essa liberdade para brincadeiras. E aí essa aluna ela perguntou assim: — Gente, o que é esse negócio de “hétero top”? Eu não sei por que as minhas filhas estavam chamando meu marido disso, mas acho que é

um termo pejorativo. Ela não sabia ou fingiu que não sabia. E aí a gente explicou para ela: — Olha, “hétero top” não é bom, é um macho escroto, chato, ele é um hétero que só quer ser um machão e acaba sendo escroto. Então ela falou que depois ia anotar... que as filhas estavam chamando meu marido assim.

Depois aconteceu algo no chat naquele momento que eu fui lavar a roupa. Meu marido ficou no chat e ela perguntou se existe também LGBT top no sentido de militante. Nessa mesma supervisão eu e meu marido falamos sobre a questão dos pacientes da clínica os quais nossos colegas estão sendo transfóbicos e que é preciso ter um olhar mais apurado para isso... Nessa mesma supervisão, nesse mesmo dia, a gente falou em relação a essa questão desses colegas - que a gente não conhece e não sabe quem é - mas que os próprios alunos daquele professor estavam sendo homofóbicos e transfóbicos dentro do atendimento da clínica.

Nesse contexto ela perguntou se existe LGBTQIA+ top, ou seja, militante. Aí o marido falou que não porque seria mais um nome para nos estigmatizar, mais um nome para nos reduzir, mais um além de viadinho, bicha, bichinho que a gente já recebe e tem que sempre está se apropriando desses nomes para conseguir se empoderar e eles não serem pejorativos. Eles continuaram o debate e depois ela comparou a questão da cor de pele e religião falou assim: — A cor de pele não se escolhe, já nasce - ela deu a entender que a gente escolhe orientação sexual - aí nisso ele já ficou estressadíssimo né e falou várias coisas, que ela estava errada, que não é assim, para ela pesquisar sobre estresse de minorias porque passamos por coisas que os heterossexuais não passam e que ele não precisava de mais um nome para ser chamado por ela. Ela falou que entendeu, mas foi mais ou menos naquele sentido: — Quero ti atacar, mas quero passar por quem esta aprendendo. Sabe? Algo como vou ti atacar, mas nossa eu não sabia que não podia falar “feito nas coxas” por que é racismo, passando por quem está aprendendo. Nisso ela se saiu e acabou.

Isso foi mês passado e aí na última supervisão, que foi semana

passada, quarta-feira, a gente falou sobre a questão da transfobia porque sempre a gente é chamado para falar em nosso grupo. Aí nosso grupo tinha acabado, as sessões de psicoterapia em grupo e estávamos falando como foi bom e comentamos em relação a uma notícia em que o banco Inter foi multado em R\$ 10000 reais por se recusar por três vezes modificar o nome de uma mulher trans. Então, a mulher falou que eles estavam sendo transfóbicos e a justiça condenou o banco mudou o nome dela. Falamos sobre essa situação e aí ela ligou o microfone para defender o banco que ele também tem a questão da segurança. Eu estava nessa hora e falei: — Não, foi transfobia mesmo. Ela ficou dizendo que achava que era a questão da segurança do banco e eu: — Não, não... Foi aí o professor viu que a gente ia começar a discutir, que eu queria começar a discutir com ela, e ele puxou mudou o assunto. Deu para perceber que ela só ligou o microfone para falar e defender o banco, porque ela não defendeu a pessoa trans que foi humilhada e teve que passar três vezes por uma humilhação. A pessoa ter que recorrer na justiça por conta de uma coisa simples, que é legalizada, ser atendida pelo seu nome, o nome que você quer. Não é transfobia?

Teve essa questão com ela na foi semana passada e, agora na segunda semana de outubro, estávamos com paciente da terapia em grupo e esse paciente relatava que estava com um amigo no quarto - eles não estavam fazendo nada - mas o padrasto dele que é muito abusivo chegou na janela e ficou olhando os dois, ficou batendo na janela do quarto dele. Nisso meu paciente ficou sem saber o que fazer porque o padrasto já bate na mãe dele. Nesse contexto, levamos o caso para supervisão e falamos que a gente estava trabalhando com o paciente formas de enfrentamento para que ele consiga lidar com aquele ambiente abusivo. Nessa mesma hora, essa mesma mulher ligou microfone e falou assim: — Gente, mas eu entendo o lado dos Pais também porque os eles querem cuidar dos filhos. Nesse momento a gente só falou: — Ta bom, deve ser isso mesmo.

Eu não tava com paciência para discutir no dia e ele também, demos a

mínima. Mas depois a gente fica pensando poxa podia ter dado uma resposta porque ela falou isso dos pais. Sempre tem essa autorização para o pai ser abusivo, autorização da família ser abusiva e tóxica. Estamos sempre olhando para o lado das famílias e do pai e nunca olhando para o lado da vítima, aquela que está sofrendo. Ficamos pensando e discutindo que devíamos ter dado uma boa resposta nela. A gente percebe que não é uma coisa genuína como:

—Nossa, nós precisamos olhar para os pais. Com genuinidade sabe? A questão aqui é de invalidar o paciente que está sofrendo e olhar para o pai e a mãe porque ela também é mãe de certa forma, ela tem esse cuidado maior em olhar para os pais da mesma forma que ela teve cuidado de olhar para o banco.

Então, ela não tem esse cuidado de olhar para o agredido, para quem está sendo humilhada... Ela olha para o agressor e gente percebe que isso é sim preconceito e discriminação, mas que é de uma forma tão assim baixinha como se fosse uma coisa assim de: — “Estou aprendendo, eu estou sendo eu mesmo, eu estou falando que eu quero e expressando minha opinião.” Acaba saindo como certa.

Nós temos batido nessa tecla, sabemos que configura preconceito porque a gente fica estressado, fica chateado de ter que ouvir isso, é mais uma pessoa defendendo os pais abusivos, isso é chato, isso não é legal... E aí já vem toda a questão de estresse de minorias. A gente já fica tão chateado na próxima supervisão já tem essa expectativa que ela fale alguma coisa e aí você fica a semana inteira pensando no que falar para conseguir debater com ela. Isso também se configura como um estresse porque a gente não precisaria disso. Uma pessoa heterossexual não precisa se preocupar com que ela vai falar na supervisão em relação a debater com outra pessoa sobre sua sexualidade, não acontece, mas com a gente acontece e acaba que o meu marido já tem um ódio enorme por essa mulher. Apenas dela está na supervisão ele já fica chateado, o humor dele já baixa porque tem ela falando essas coisas.

Eu relevo, não ligo muito e não tô nem aí. Eu tenho é dó dela. Na

verdade, nas últimas vezes que ela fez esses relatos eu fiquei tipo: — Nossa, poxa que pessoa infeliz. Porque para ela defender o agressor ao invés de defender a vítima realmente não deve ter muito amor no coração. Eu fico pensando assim e consigo sair bem na situação. Você perguntou em relação à discriminação que a gente viveu e foram mais ou menos essas que eu consigo lembrar.

Pesquisador: Na sua avaliação, esse tipo de vivência ao longo da faculdade afeta o teu percurso como estudante universitário...

Interlocutor 1: Com certeza, afeta sim. Se tivesse uma matéria no início da faculdade ou no meio apenas para falar sobre acolhimento de minorias sociais como pessoa indígenas, pretas, LGBTQIA+... Se tivesse essa matéria pelo menos para conscientizar as pessoas e quebrar algumas barreiras porque existem algumas pessoas que estão com um pé aqui e outro lá e elas de certa forma podem ser conscientizadas. Na minha perspectiva tem pessoas que é questão de caráter, não adianta você conscientizar. Nesse caso você tem que definir limites. Já as pessoas que estão pelo menos com um pé aqui e outro lá, elas conseguem ser conscientizados e mudar um pouquinho. Até para conseguir acolher pessoas de minorias sociais de forma mais empática. Se tivesse acontecido isso, por exemplo, a gente se sentiria muito melhor porque não teria que enfrentar esses estresses no decorrer da graduação. Teríamos pessoas um pouco mais empáticas que olhariam para o ser humano como igual e não precisaria ficar com essas atitudes discriminatórias. Então, afeta sim.

Pesquisador: A sua IES é privada ou pública? Ao conversar com pessoas de universidades públicas, você identifica diferenças na maneira como assuntos relacionados à comunidade LGBT chegam e afetam o currículo?

Interlocutor 1: Olha a universidade pública mais famosa que tem aqui é a (informação omitida) e pelo que eu vejo sim lá pessoal é um pouco mais... Não vou dizer tranquilo como é que eu posso comparar vamos dizer assim... Na universidade privada a maior parte do público, maior parte das matérias... As pessoas são brancas, heterossexuais, cisgênero e elite, classe alta. Então, essas pessoas constituem a maior parte do público da (informação omitida) que é a universidade que eu estudo. Na (informação omitida) a maior parte do público são pessoas pretas, baixa renda e tem um pouco mais de diversidade pelo que eu percebo. Então tem pessoas trans, gays, lésbicas, pretas, brancas, povos indígenas... Pelo que eu vejo lá, por ter mais essa diversidade, acho que devem ter uma questão de mais acolhimento. Tanto é que vejo que tem mais programas voltados para o público LGBTQIA+ na (informação omitida), vejo que tem *instagram*, por exemplo, sobre a liga psicologia LGBT.

Na (informação omitida), eles instituíram isso esse ano. Então, de certa forma está começando a ter. Você me perguntou em relação a diferença e eu acho que sim: tem uma diferença da universidade pública UnB, que é a que eu posso falar em relação à universidade privada (informação omitida).

O público da (informação omitida) tem essa questão de ser um público de elite, que já tem uma autorização social para diminuir quem já está abaixo. Então tem muito isso inconscientemente, automaticamente as pessoas se sentem nessa autorização de diminuir as outras pessoas que não estão na mesma classe que elas, que não têm o mesmo carro... Já na UnB não acontece porque todo mundo que entra na lá não paga, todo mundo entrou pelo esforço, pelo ProUni ou Enem. Lá, o público é bem diferente, acho que o preconceito, a discriminação é menor.

Pesquisador: Pensando no desenvolvimento de um ambiente mais acolhedor para pessoas LGBT, o que você alteraria na universidade onde você estuda?

Interlocutor 1: Muita coisa, primeiro o que eu falei: uma matéria, um semestre inteiro voltado para minorias sociais para que as pessoas possam compreender e entender melhor o que passa uma pessoa que vivencia uma minoria. Que isso não é “mimimi” como algumas pessoas acham. Que existem sim estresses específicos que só as minorias sociais vivenciam e que isso não pode ser negligenciado. Tem a questão da invisibilidade porque o opressor, de certa forma, ele tem essa invisibilidade de que ele é opressor. É muito difícil o opressor entender que ele é quem é até que alguém vai lá e realmente mostre a verdade para ele. Muitas vezes nem mostrando isso, é o caso de relacionamentos abusivos você fala para pessoa que ela está sendo abusiva, mas a pessoa não percebe.

Então, acho que isso poderia diminuir nem seja 1%. É o que falei, têm pessoas que podem ter essa flexibilidade, essa maleabilidade para seres psicoeducadas de certa forma a essa questão. Tem pessoas que não e beleza, tudo bem não tem problema sempre vai existir. Eu acho que se você criar um programa pra educar essas pessoas de forma obrigatória, não de forma optativa - um programa que você pode ir lá e escolher participar – Assim não, tem que ser uma matéria obrigatória, valendo ponto e que você precisa fazer.

Acredito que seria muito mais agregador para nossa formação em relação às minorias sociais. Eu acho que toda universidade, a (informação omitida) também, já deveria ter iniciado há muito tempo um programa de liga acadêmica em relação a minorias sociais, específica para povos indígenas, específica para comunidade LGBTQIA+, liga acadêmica da mulher que sofre agressão...

Criar ambientes específicos pautados nessas minorias, nessas comunidades, com certeza vamos mover mais pessoas e nem que seja pessoas que observem aqui e falem: Ó, aquilo é importante, está sendo mostrado. Porque quando a gente acaba em invisibilizando isso, não tem nada, nenhuma matéria que fala sobre isso, as pessoas continuam achando que elas estão certas. E aí,

achando que elas estão certas, acontece o que acontece na nossa supervisão a pessoa. A pessoa vem e faz a pergunta sobre se pode existir LGBTQIA+ top ou LGBTtóxico, mas não pode. Porque o LGBT já é estigmatizado há séculos e isso não deveria acontecer, essas perguntas nem deveriam ter sido feitas.

Talvez se ela tivesse sido educada antes em relação a isso, ela tivesse um pouco mais consciência e mesmo que ela continue com preconceito dela, as pessoas continuem com seus preconceitos, pelo menos teriam o controle inibitório de não difamar as pessoas e não produzir comentários que podem ser interpretados de umamaneira discriminatória.

Além disso, a questão da matéria, de um clube, uma liga... Acho que a faculdade deveria promover mais encontros em relação a isso e mais a divulgação na própria página. O que eu vejo página da (informação omitida) é que você entra na aba do aluno e em *post* do *instagram* são pessoas... Assim, eu sou branco, mas eu entendo que existe essa hegemonia branca e mesmo sendo branco eu estudo pautas sociais pretas, sei que existe essa questão. Então, eu acho que poderia não apenas pessoas brancas na página da UDF, não ter só heteros, não ter apenas um homem ao lado de uma mulher, só da universidade colocar uma página inicial que tem um arco-íris, por exemplo, e dois homens se beijando, com certeza quebraria bastante esse estigma. As pessoas pensariam: — Poxa, a própria (informação omitida) tá colocando ali um papel de parede LGBT. Outra coisa: no dia da comunidade LGBT a (informação omitida) não postou nada em relação a isso... Poderia ter postado, mas eu entendo que existe todo um sistema por trás disso. A nossa reitora e coordenadores são heterossexuais, a maioria do sistema são pessoas da elite, que estão nesse patamar de pessoa hétero e elas não dão importância para isso. A passo de que eu acho que tudo isso envolve uma questão lá de trás porque mesmo falando em relação à questão de você criar programas e outras coisas. Seria muito difícil porque os alunos da faculdade (informação omitida) já estão no sistema. São alunos que moram aqui, na nata de Brasília, que é na Asa Sul, Asa Norte do

Plano Piloto.

O Plano Piloto de Brasília, aquele que tem formato do aviãozinho que sempre mostra na TV, são pessoas ricas, que têm condições. Então, são alunos que vão para a faculdade de carro sedan, por exemplo, eu vou para faculdade de ônibus porque eu moro na periferia. Então, essas pessoas elas entram na faculdade com um sistema já formado na cabeça, com todo o raciocínio embutido. Acho que muito mais do que a (informação omitida) criar esses programas para quebrar essas questões na graduação, seria mais interessante também alguma coisa na forma que antes do aluno entrar na (informação omitida) ter essa imagem de a universidade apoia as pautas sociais, apoia minoria porque dessa forma as pessoas já entrariam na faculdade sabendo que ela apoia LGBTQIA+... Por exemplo, você ver bandeira LGBT em vários corredores, em vários lugares... As pessoas já entrariam com uma consciência, pelo menos um pouquinho de consciência em relação a essa questão.

Agora como a faculdade não se posiciona, não tem nenhuma questão em relação a essa pauta é diferente da UnB que eu vejo sempre eles postando em relação a essa questão, os próprios alunos postam em relação a essas pautas LGBT, mulheres... Acho que tem essa diferença.

Pesquisador: Dentro desse seu relato acerca das experiências homofóbicas enquanto estudante universitário gay brasileiro, você acrescentaria mais alguma coisa?

Interlocutor 1: Acrescentaria. Como eu falei para você eu acho público de psicologia bastante acolhedor. Então, foi uma graduação que eu tive acolhimento de 90% da turma. Todos nos elogiavam, conheciam a gente - porque éramos o casalzinho que ficava na sala - nos conhecemos no início da faculdade e estamos indo até o final juntos, morando juntos... Éramos namorados e nos casamos. Então, eu tive um acolhimento muito bacana, nós

dois tivemos. Nossos amigos, colegas, todo mundo elogiava, prestigiava em relação a nós sermos um casal gay. Eles tinham essa mente aberta, mas ao mesmo tempo não é o que eu vejo nos outros cursos como de TI, informática, tem muito mais essa questão do estigma de meninos héteros dentro da sala, curso de Direito pelo que eu vejo também lá na (informação omitida) é muito mais essa questão de pessoas de terno, heterossexuais e que andam com as meninas no corredor para mostrar que pode e que é machão.

Então, tem muito essa questão nos outros cursos, mas pelo que eu vi na psicologia, como estudante homossexual, que conseguiu ter um relacionamento com o marido e que durante a graduação inteira eu me senti bastante acolhido... Entretanto, tem aquela questão que existe sim, isso não anula o preconceito, mesmo numa turma de Psicologia o qual é bastante acolhedora, bastante legal. São pessoas de mente aberta, existiu preconceito, existiam pessoas e ainda existem essas pessoas, continua existindo o preconceito e de forma velada porque elas sabem que a turma era acolhedora.

Então, acho que se elas deferissem qualquer ataque homofóbico não seria bom para elas já que a turma era acolhedora, mente aberta. Acho que essas pessoas ficaram em minoria ali, mas essa minoria importa porque é como uma faca pequena, uma faca pequenininha, mas faca continua cortando. Então, mesmo diante de todo esse acolhimento, ainda existiu essa faca que ficou cortando a gente durante a graduação.

Entrevista com a Interlocutora 2 – Anna K.

Pesquisador: Anna K., fala um pouco sobre você: qual a sua idade, de onde você fala, onde você estuda, qual a sua identidade afetivo-sexual?

Interlocutora 2: Sou (informação omitida) e tenho 23 anos. Moro em uma cidade do centro-oeste e a minha faculdade fica na mesma região, que é uma

cidade vizinha. Quando estávamos no período presencial, eu levava duas horas para ir e mais duas horas para voltar de ônibus, fazendo esse deslocamento todos os dias. A minha faculdade passou por uma série mudanças de nome por conta da pandemia, já que cada dono ia vendendo. Hoje, ela se chama (informação omitida) que é uma rede de faculdades que se chama assim só porque fica em (informação omitida).

Eu sou estudante de psicologia e estou no 8º período do curso. Sobre a orientação afetivo-sexual, foi um processo e hoje entendo que sou uma mulher lésbica. Entretanto, por muito tempo não foi assim e faz pouco tempo que tenho me visto e entendido dessa forma. Eu cresci e fui por muitos anos da igreja evangélica e isso barrou por muito tempo que eu entendesse minha sexualidade e, então, quando eu comecei a explorar, saí da igreja, eu me entender como bissexual e hoje em dia eu vejo que não é por aí.

Atualmente eu tenho uma namorada e a gente está junto há um tempo. Eu percebo que às vezes ela até brinca comigo: – Você não é bissexual? (risos). Respondo: – Não! (risos)

Pesquisador: Pelo que eu entendi, a (informação omitida) é uma instituição privada...

Interlocutora 2: Isso, ela é uma instituição privada e oferece alguns cursos. O atual dono tem uma rede de faculdades em diversas cidades e o polo central dela fica em (informação omitida), mas tem outros como, por exemplo, em (informação omitida) e em (informação omitida), que é onde eu estudo.

Pesquisador: Você falou que um dos fatores que barrou a sua sexualidade foi a igreja. Você pode contar um pouco sobre isso?

Interlocutora 2: Eu cresci em lar evangélico e os meus pais ainda são muito

evangélicos. Desde muito novinha... Tem até vídeo, fotinha minha falando versículo da Bíblia...

Então, durante muitos anos da minha vida, desde quando eu nasci me entendia e participava dessa instituição igreja. Os meus pais ficaram durante 23 anos numa igreja daqui da minha cidade que a Igreja de Cristo e aí só depois de 20 e poucos anos eles saíram e foram para outra que hoje é a Assembleia. Eu fiz essa mudança junto com eles. Por volta dos 18 anos quando eu comecei a questionar... Na verdade 17-18 anos que eu comecei afastar-me um pouco da igreja, mas eu fiz essa transição. Era da Igreja de Cristo e fui com eles para igreja Assembleia de Deus. Com o tempo eu fui me afastando, mas até então, durante esse processo de infância e adolescência, quase toda adolescência, eu não questionava minha sexualidade.

Eu sempre fui muito interessada em saber da vivência das pessoas e usava a questão da religião como um local de acolhimento e era de falar: – Não tem problema nenhum de ser. Mas também não me identificava como tal, relacionava-me e tinha interesse apenas por homens. Todos os meus primeiros relacionamentos foram com homens, eu realmente nunca tinha tido interesse de ficar com mulher. Nunca tinha tido vontade, desejo, não passei por esse processo.

Aí quando eu saí da igreja, que eu coloquei todos os anos da minha vida a prova e comecei a me perguntar se eu tinha vontade, se eu queria. Comecei a conversar com algumas pessoas: – Ah, vamos ver qual é.

Então, acabei tendo as primeiras experiências por volta dos 18 ou 19 anos. Digo 19 anos porque aos 18 foi a fase de transição, nesse período eu ainda não tinha muita coragem de ficar com outras pessoas e aí parei de ficar com homens e também não me interessava em ficar com mulheres. Eu queria ficar um tempo sozinha. Aí por volta de 19 anos que eu comecei a pensar sobre isso.

Pesquisador: Pelo que entendi, esse seu processo de conhecimento da

sexualidade foi meio que concomitantemente a entrada na faculdade...

Interlocutora 2: Então, quando eu entrei na universidade pela primeira vez - pois eu tranquei a faculdade durante um tempo, ficando um ano afastado - nesse momento, os primeiros seis meses que eu fiquei lá, foi quando percebi que eu não tinha nenhuma admiração por homem. Nem intelectual, nem nada.

Pesquisador e interlocutora 2: Nem sexualmente (sobreposição de vozes).

Interlocutora 2: Isso. Normalmente no meu curso da faculdade são poucos homens na sala. Na psicologia a turma é majoritariamente formada por mulheres. Então, tinha no máximo três ou quatro homens e aí, com o passar do tempo, temos apenas um homem fazendo a graduação com a gente.

Foi lá o processo que eu fui reconhecendo, por exemplo, que intelectualmente eu não admirava homens, os posicionamento, eu via também o desempenho. Percebo que isso é um fator importante para mim, que eu comecei a me interessar por mulheres pensando na lógica, da forma com que elas pensavam que eu achava interessante, *sexy*...

Eu falava: – Gente, mas mulher falando é um trem bonito demais, o que é que é isso?

Foi nesse processo que eu comecei a perceber que não admirava homens do jeito que eu acreditava que era necessário, por exemplo, para você se envolver com uma pessoa. Lembro-me que muita gente dava em cima de mim dentro ônibus. Todos os caras querendo sentar ao meu lado, como disse, eram duas horas para ir e duas para voltar.

Então, normalmente as pessoas saem daqui da minha cidade para estudar lá, apesar de ter duas faculdades aqui: o Instituto Federal e a (informação omitida). Isso porque não tem muitos cursos aqui. Então, pensando em direito, que é um curso que tem muitos homens, a maioria vai fazer lá nessa minha

faculdade. Aí eu conversava e eram sempre as mesmas coisas, a forma de cantar não era algo que me interessava.

Lembro-me que sentava muito atrás e vendo a forma como eles falavam das mulheres, comecei a observar que não admirava mesmo aquilo. Isso vem muito também do curso de psicologia que me fez parar para escutar mais as coisas e percebê-las com uma lógica diferente.

Antes, recordo que quando eu ficava com homem - eu já fiquei com um cara terrível - mas não tinha essa percepção, na verdade não escutava, não olhava para isso dessa forma e foi com tempo que eu fui percebendo. Foi com a entrada na graduação sim, mas até então também não me interessava por mulheres e só tinha esse afastamento dos homens tanto considerando o desejo sexual quanto a admiração intelectual, afetivo.

Pesquisador: Como é para você hoje ser uma mulher lésbica em uma universidade brasileira hoje?

Interlocutora 2: A minha instituição em particular tem algumas características que eu acho que fazem serem marcadores na forma com que eu me sinto, por exemplo, lá a grande maioria das pessoas...

Lá tem três mulheres que recebem uma contribuição da igreja para fazerem o curso de psicologia. A maioria do público da minha sala são pessoas que não tem condição financeira para morar, por exemplo, em Goiânia que é uma cidade central, a maior do estado, mas tem uma grana para estudar em São Luís porque o curso é mais em conta.

São pessoas que normalmente vem com um cunho religioso muito forte e com a perspectiva de serem psicólogos para realizar serviços para a igreja. Já a outra parcela são pessoas normativas, na minha sala a única hoje, pois eu tenho feito aulas em duas salas diferentes... São duas pessoas: eu e outro colega, que é o (informação omitida), que eu acredito que ele vai fazer o

processo com você também, que se entende com uma sexualidade diferente e aí é muito doido porque fica parecendo que você é um animal de exposição. As pessoas ficam curiosas para saber da sua vida. Lembro-me que quando tranquei meu curso de graduação e fiquei um ano afastada que eu descobri...

Pensei: – Vou fazer o que eu quiser... vou experimentar o que é bom... vou fazer o que eu quiser...Entrei em grupos mais alternativos que permite, por exemplo...

Eu fui conhecida como lésbica primeiramente por outra pessoa, uma amiga:

– Você não acha que gosta de mulher não?Eu assustei e falei: – O que é isso?

Eu sempre performei, sempre fui feminina. Então, com essa performance de gênero as pessoas jápressupunham que a minha sexualidade era heterossexual.

Ela foi uma das primeiras pessoas... – Amiga você fala que fulano é diferente, você não acha que gosta deficar com mulher não, porque você não tenta?

Pensei: – Cara é mesmo! Porque não?

Por ser um grupo era um pessoal da yoga muito bacana era tudo muito naturalizado e aí para quando eu voltei para graduação foi um processo mais difícil e eu falava: – Meu Deus estou no meio desse povo aqui... E agora?

Até então eu me entendia como de bissexual e eu ficava assim: – Falo ou não falo? Deixo para lá?

Aí as amigas mais próximas como a (informação omitida), que foi a que mais me acolheu, porque eu já cheguei ao curso sofrendo muito pelas roupas que eu usava. Eu sempre gostei de usar saia longa, uma coisa mais tranquilona... Tem essa questão do dispositivo que você se mostra. Todo mundo tem *iphone* e eu nunca me importei com isso tinha meu *samsung* ótimo, todo quebrado, colocava na tomada para ele ligar e as pessoas já ficavam meio

assim... Todo mundo com a garrafinha da *tupperware* eu com qualquer garrafa:
– Dar um copo que eu vou beber uma água...

As pessoas da minha sala já não gostavam muito de mim por conta disso, minha chegada foi um pouco marcante, porque era uma pessoa que tinha um estilo muito diferente do padrão da sala. Além disso, já cheguei sendo amiga da professora, porque eu tinha feito o curso anteriormente. Ela já chegou me elogiando... Foi uma rejeição quase que total da sala. Como se: – Ah, é inteligente, eles pensavam: – Hum, acha que sabe. Fiquei nesse processo. Primeiro que ninguém conversava comigo, então fiquei excluída. Isso sem eles imaginarem a questão da sexualidade. Tinha duas pessoas, que são as pessoas que mais conversaram comigo: a Karina e outra menina que era casada. Ela até teve que trancar o curso. Ela era casada com um homem e muito evangélica, mas tinha muito desejo sexual com mulheres. Fomos ficando próximas e eu não sabia, não fazia ideia na verdade. Ela acabou confundindo as coisas e achando que tava apaixonado por mim e pessoal da sala logo começou a falar muito. Ela em um sofrimento psíquico muito grande teve que sair da graduação, na verdade retiraram ela da graduação.

Então, uma professora chegou para mim e perguntou: – Renata, você e a fulana ficam? E eu falei que não. Ela continuou: – Porque não tem problema, vejo que vocês ficam para cima e pra para baixo, vejo o jeito que ela te olha... Foi a primeira vez que eu falei que ficava com mulheres, mas disse que com ela não, que éramos amigas.

Sempre existia isso de que estou com todos... Como se qualquer ser humano da minha sala que eu falasse e fosse do sexo feminino eu estaria ficando... Eu lembro que a primeira vez foi essa professora.

Depois de um tempo nessa exclusão, essa minha amiga (informação omitida), muito tranquila comigo, gente boa, heterossexual... Comecei a fazer como forma de enfrentamento, eu estava no processo de psicoterapia em quase todos esses períodos, aí eu vi que na verdade independente da roupa que usasse

e da questão da intelectualidade, as pessoas não iam gostar muito de mim porque foi o jeito que elas me olharam desde o início. Comecei a falar sobre homossexualidade muito no lugar de enfrentamento. – Gente, eu sou mesmo e se vocês estão com problema, os problemas é de vocês!

Lembro-me da primeira vez que eu falei em um bate-papo de conteúdo, a gente sempre soltando um caso ou alguma coisa assim: – Ah! Eu conheço alguém que passa por isso... Aí uma professora, inclusive essa mesma que me perguntou, foi dar uma aula e perguntaram para ela sobre uma criança trans e ela foi explicar tudo errado: como se trans fosse sexualidade, trans era uma pessoa que ficava com o gênero... Aí eu intervi e falei que não era isso. A professora é doutora em psicologia e eu pensei: – Não gente, não tem condição falar uma asneira dessas. Pedi para professora que deixasse explicar e aí conversei com os meninos dizendo que não está correto, que não é assim e aí expliquei do jeito que eu poderia explicar. Isso foi um alvoroço porque se existia algum um processo de desconfiança, agora estava escancarado.

Depois disso, lembro que começaram a me perguntar... Mandaram uma mensagem, era uma evangélica, uma dessas pessoas que o pastor tem pagado a faculdade. Enviou de forma educada, mas fiquei chocada. Perguntou se ser bissexual era estilo de vida e pensei: – O que responder senhor? E foi isso, até o momento me entendia como bissexual.

Não ia falar que era lésbica porque vai que eu quisesse beijar um menino, ficar com um menino, mas nunca mais aconteceu.

Hoje esse processo é mais tranquilo porque as pessoas já entenderam... Depois que você sai desse processo de ter que se reafirmar... Hoje em dia na verdade eu nem preciso falar muito porque não é mais um questionamento das pessoas. No começo era: – Ah, é porque você é? Já não passo mais por esse processo porque estou com essa turma há muito tempo. Estou no oitavo período e pelo que sei as pessoas do curso já sabem. Normalmente eu tenho alguns amigos professores e quando ando com eles

pressuponho que todos já sabem. Então eu fico mais tranquila.

Uma coisa que percebo é uma questão super compensatória da inteligência. No início era comum demais as pessoas duvidarem da minha capacidade intelectual pela minha orientação sexual. Teve uma professora que eu admirei muito e ela por estar passando por esse processo de perceber que as pessoas achavam que se você fala que fica com mulher parece que é uma “desvalidação” como se não vamos escutar nada a partir daí, ou fica parado, chocado com a informação ou que nada que falar depois é interessante. É igual posicionamento político como alguém dizer que é bolsonarista, já não dar pra escutar, deve ser algum merda... Então acho que as pessoas fazem muito isso em relação à sexualidade.

Aí, por exemplo, essa professora que apresentou a abordagem que eu gosto, por muito tempo eu tive receio de comentar com ela porque eu pensava: ela gostava muito de mim, temos uma troca muito boa de conteúdo e ela é evangélica. Então, se eu falasse ela podia excluir qualquer possibilidade e esquecer que eu sou uma das melhores alunas. Pensava: – Será q isso vai acontecer.

Um dia ela passou um artigo para lermos eu falei: – Cara, pelo amor de deus, que artigo é esse? Eu beijaria na boca dessa mulher. Ela olhou e riu. Depois eu fui ver a foto dela no Google... – Não quero não, obrigada(risos).

Depois de muito tempo, fui conversar com ela, já tinha até saído da minha faculdade, tinha parado de ser professora de lá. Então, ela disse: – Mas eu sempre soube, seu jeitinho, eu sempre soube, só não sabia que você também ficava com homens. Mas foi um processo meio que de medo de falar.

Ela era a professora que me apresentou a psicologia histórico-cultural e a única referência que eu tinha próximo então eu falava: – Eu não posso perder isso, não é possível que por conta da minha sexualidade eu vá perder isso e ficava com um pouco de receio. Hoje, como eu disse, vejo muito num lugar diferente. Os meninos amadureceram muito também durante o curso você não

vê falando atrocidades como falavam no começo por desconhecimento e também uma naturalidade minha na forma de ser porque é o que eu sou como das pessoas da sala. Eles já veem de forma muito natural, é mais tranquilo.

Pesquisador: Então você entende seu ambiente de sala de aula da faculdade como um ambiente seguro hoje?

Interlocutora 2: Acho que seguro não, mas eles vivem um processo de menos estranhamento e, por exemplo, eu não sei se eu me sinto sempre segura na sala de aula para falar tudo, mas eu também já não sinto mais esse medo de que se caso tem alguém lá perdido que vá se sentir ofendido, que vai falar alguma atrocidade... Eu já não tenho mais esse medo. Mas sei que é muito provável que aconteça comentários homofóbicos, perguntas que você pensa: – Meu Deus porque eu estou passando por isso?

Acredito ainda tem potencialidade de acontecer, será muito menos do que no começo com toda certeza, mas também não é um lugar que eu tenha medo de falar. É um lugar que eu falo porque eu sei que eu posso discutir e se a pessoa fala alguma coisa para mim, eu sei que hoje em dia eu não importo de falar que não é assim, que o que ela está dizendo não pode falar.

O seguro é com minhas amigas que pode falar absurdo e não tem problema. Estamos juntas independente disso. Já no processo da sala é mais um mascaramento, aceitação e ou pelo menos de silenciamento frente a coisas que eles talvez não concordem. E aí para mim tá tudo bem.

Pesquisador: Pensando nos eventos que estão construindo sua trajetória acadêmica, você identifica alguma situação como homofóbica?

Interlocutora 2: Darei alguns exemplos. Normalmente, tem professores que quando vamos falar de qualquer exemplo que seja em relação à discussão da

sexualidade eles olham para mim como se eu fosse a representante, porta-voz do mundo. Aí eu penso: – Você é o professor, tem que saber o que você tá falando e não vou ficar te ensinando ou corrigindo... falando qualquer coisa sempre. Ainda em relação a eles é como se ficasse sempre predito que tudo em relação à sexualidade vou estar interessado. Então, quando eles vão fazer a divisão de trabalho por tema, é clássico eu saber que eles vão querer me dar o tema de sexualidade como se só eu pudesse falar do processo de sexualidade em relação aos colegas.

Acredito que no início, muito no início, as pessoas ficavam olhando com uma cara muito estranha para mim e essa colega que começou a gostar de mim. Eu não entendia, via ela como casada, não entendia muito, achava que a gente era sua amiga e pressupunham que a pessoa que eu estou conversando...

Tenho uma professora que eu acabei ficando amiga dela e quando eu vou para (informação omitida) e preciso fazer estágio, fico na casa dela. Somos amigas e as pessoas comentavam perguntando se a gente estava ficando, sendo que ela é casada. Eu ficava: Meus deus porque?

Em relação aos colegas eu acredito que hoje eu vivo uma mistura de admiração e medo. Esse processo de admiração, de quem eu sou intelectualmente, de entender, por exemplo, que eu me afirmo enquanto pessoa... Tem colega que fala: – Ah, Renata, porque você é aluna mais inteligente da sala... Existe isso de quererem saber sobre conteúdo das matérias, discutir teoricamente, conversar com você, mas não são pessoas que ficam andando comigo no corredor ou qualquer coisa assim. Você ver que existe um afastamento por conta da sexualidade.

Acho que quase sempre quando eu por algum motivo falo em lugar aberto: – Ah aqui minha namorada... Por exemplo, uma vez eu entrei na aula logada com o email da Tay. E quando são pessoas novas falam: – Nossa, mas você nem parece.

Pesquisador: Você estuda numa IES privada. Você identifica na relação com as pessoas que você conhece e estudam numa IES pública uma diferença no que diz respeito ao tratamento com a diversidade, identidade de gênero?

Interlocutora 2: Demais, é gritante. Porque aqui em (informação omitida) tem a Faculdade Federal de (informação omitida), a Universidade Estadual de (informação omitida) e ainda tem um Instituto Federal que as pessoas fazem o curso técnico junto com ensino médio. Neto, a diferença é demais tanto que quando eu saio aqui em (informação omitida), quando podia sair, eu ficava normalmente com eles e é uma galera muito diferente.

E tem promoção também de evento que a federal faz aqui. Lembro que o Conselho Federal de Psicologia faz, por exemplo, lançamento de livro direto. Um deles foi sobre sexualidade e foi feito aqui na minha cidade. Eles convidam todos os alunos e é muito interessante. Enquanto eu falo que na minha sala só tem duas pessoas com sexualidade diferente que sou eu e o (informação omitida), na federal é raro quando você ver um hétero, você fica chocado. Inclusive o [inintendível] que eu acredito que também vá fazer com você o processo da entrevista, ele é da federal. Somos amigos porque eu fiquei com amiga dele e ela acabou me colocando no grupo e a gente continua amigo mesmo depois de eu parar de ficar com ela.

É coisa incrível. Você senta num lugar... Eu lembro que ia para casa do [inintendível] era a república e chegava e já tinha uma bandeira na porta e gente de tudo que era jeito e você ficava: – Meu Deus é o paraíso a federal pelo amor de Deus é paraíso!

Mas lembro de escutar, por exemplo, assim que é um processo muito diferente para eles. Nós temos uma amiga que ela se chama [inintendível] e é do interior, uma cidade perto de (informação omitida)– bem menor que (informação omitida).

Ela dizia: – Eu não entendi o que aconteceu comigo, comecei a ficar

com homem e não era isso, que eu ficava com mulher, eu gostava, mas não era isso... E na federal eles têm muitas palestras com pessoas que não são como minha professora que tem doutorado, mas quando vai falar de sexualidade não sabe de nada. Lá, são pessoas que se debruçam muito na questão da sexualidade, do gênero e ela teve uma palestra com uma mulher falando de transexualidade e disse que saiu de lá como se tivessem jogado um balde de água nela e agora estivesse limpa e agora eu entendia. Fiquei admirada escutando ela falar.

Eu entendo que é um processo que eles possibilitam e às vezes eu acho que até incentivam você a se questionar, se perguntar, se entender para além do que é nos permitido em outros ambientes. Na minha faculdade eu não conheço, pois acredito que eu conheceria se tivesse já que tem isso dos professores falarem:

– Sabia que fulano também é sapatão? Sabia que fulano também é trans... Na minha faculdade não tem nenhuma pessoa trans e eu conheço uns “gatos pingados” de outras mulheres que ficavam com mulheres. Na minha graduação toda fiquei com uma menina da minha faculdade. Por que se tem está muito escondido. Eu acho que é isso, é muito diferente a Federal. O Instituto daqui que atua com o pessoal do ensino médio, se você ver que gracinha, é um negócio de doido e é uma gracinha demais. Quando estudei seis meses no instituto a minha mãe morria de medo de eu ir para lá porque tem esse discurso do *legalise* todo mundo que vai pra lá começa a fumar maconha. O pessoal de lá é tudo beija homem e beija a mulher. O que em partes, na verdade é muito bom, mas eles veem de maneira pejorativa.

Pesquisador: É muito bacana poder acessar essas informações através da sua história, das suas ilustrações. É sempre de fato uma experiência desafiadora você construir uma pessoa LGBT: gay, lésbicas, bissexual, pessoa T, dentro de um contexto que nem sempre é favorável quanto a sua existência vivencia e como a gente se sente e performa....

Interlocutora 2: Neto, me deixa eu falar uma coisa que talvez seja importante, que é outra coisa que passou durante a graduação em relação a isso da sexualidade...

Que é se ver tentando se construir como psicóloga sendo uma pessoa lésbica, que é outro processo que não tem sido na verdade fácil. Porque pelo menos é vendido, é o que eu percebo, que não dá para ser, como se meu corpo não coubesse na clínica Não dá para ser.

Tanto que os meninos falam: – Interlocutora 2, existe um rigor na forma que a pessoa é, na vestimenta e eu acho que foi um processo que me causou medo durante muito tempo porque os relatos das minhas professoras em relação aos casos, aos estudos de Psicologia, era sempre muito sobre pais que levam os adolescentes para terapia porque eles estão tendo problemas com a sexualidade. Aí como que é isso como que eles vão levar esses adolescentes para uma pessoa que é lésbica.

Pesquisador: Dificilmente eles irão, Interlocutora. Esse tipo de caso chega ao terapeuta afirmativo, ao terapeuta que é LGBT porque a necessidade da família é outra, não é a afirmação da sexualidade, é uma necessidade de correção ””” intervenções terapêuticas “”” que sejam corretivas. Então, esse tipo de caso não costuma chegar, exceto se for uma família mais consciente que tenham percebido a homossexualidade no filho e que tenham percebido um sofrimento psíquico referente à homofobia relacionado à escola e leve esse adolescente para cuidar da saúde mental, mas geralmente a demanda que chega não é essa é de uma necessidade de transformação e essas pessoas fecharão com terapeutas homofóbicos.

Interlocutora 2: Isso. E aí outra coisa que me dar muita angústia na graduação é perceber, por exemplo, que achar que minha sala de aula era um lugar seguro eu não sei se era a palavra porque, por exemplo, por muitas vezes eu ficava em

debates na sala, olhando e pensando angustiada em perceber que aquelas pessoas que estão comigo são as pessoas que vão atender um dia, e aí eu ficava pensando: Cara como que é uma pessoa vai chegar e escutar...

Tenho um professor que eu sei que ele se relaciona com homem, mas tem o processo de rejeição muito sério com pessoas que se denominam gay. E aí ele fez, por exemplo, um debate um dia na sala de aula de psicologia social que era assim: uma pessoa que precisava defender que a homossexualidade era uma doença e a outra pessoa precisaria defender que não era. Eu fui uma das pessoas que me negou fazer parte desse debate, poisera sem condições.

Ele queria que achassem estudos comprovando que a homossexualidade é uma doença. Nós sabemos que nascência achamos de tudo, mas não quer dizer que seja o mais correto ou o que seja usado hoje e o que é entendido como melhor.

Ele vivia falando na sala de aula que eu era uma questão na terapia dele e eu pensava: – Será que é porque eu sou sapatão assumida e ele não consegue passar por esse processo? Tudo que eu ia falar virava uma discussão e ele falava: – Renata você é muito difícil. Eu não engolia tudo que ele falava calado...

Era muito forte essa questão com ele e é até hoje. Há poucos dias eu falei que tenho vontade de trancar todas as matérias com ele porque é muito difícil. Eu e o Fábio, nós dois conversamos mais abertamente sobre sexualidade. Fábio brincava: – Renata pelo amor de Deus ele tem que sair do armário logo porque está difícil conviver.

Eu sinto que ele ver que uma pessoa fez o processo - porque ele é muito evangélico - e acho que ver que eu também era muito evangélica e passei por esse processo parece que incomoda ele a ponto de fazer de tudo para que me incomode também e para que eu seja de alguma forma violentada. Desde o posicionamento político, ele batendo no peito na sala de aula e defendendo o Bolsonaro e você via que na verdade era de fato um enfrentamento querendo

causar e incomodar. Na minha sala acha plateia porque é o que é há e é o que tem. Essas questões de querer colocar esses debates acho que não enriquece o curso, nem as pessoas que estão ali. Além desse processo com esse professor que foi difícil.

Pesquisador: Você acrescentaria alguma experiência, alguma vivencia nesse *hall*?

Interlocutora 2: Acrescentaria uma contrapartida desses horrores que é quando você encontra, por exemplo, uma professora igual a (informação omitida) que te acolhe, aceita, que fala e explora principalmente a questão de não te desvalidar intelectualmente e isso faz com que eu tenho tido partilhas muito ricas como, por exemplo, com o pessoal da psicologia crítica. São pessoas que já olham para minha existência de um jeito muito diferente dessas pessoas que estão ali tentando suportar e que estão nesse processo ainda de só: eu escuto, não concordo, mas fico calada. Eu acho que esses momentos de afeto, professores e pessoas assim que possibilitam que a vivencia na graduação seja possível.

Quando essa amiga que foi uma das primeiras pessoas que me acolheu, me chamou para ir para casa da irmã dela eu entendi tudo: a irmã dela é casada com uma mulher e eu me senti em casa. Hoje em dia a gente passanatal juntas, eu saio daqui de (informação omitida) e vou para (informação omitida) para passarmos juntas. Ela sempre fala que quando eu vou é o melhor natal das nossas vidas. Por fim, também encontrei nesse processo a (informação omitida), sendo heterossexual... Pessoas que te oferecem uma rede de apoio incrível. Então, acho que seria essa contrapartida que eu diria.

Entrevista com o Interlocutor 3 – Lil Na X

Pesquisador: Para começarmos, me fala um pouco sobre você: sua idade, onde você mora, onde estuda, quala sua orientação afetivo-sexual.

Interlocutor 3: Eu tenho 22 anos e sou de (informação omitida), interior de São Paulo. Estudo na (informação omitida) e curso engenharia ambiental. Estou no 5º ano, mas atrasarei dois anos para me formar.

Pesquisador: Enquanto orientação afetivo-sexual, você identifica-se como homem gay, bissexual...

Interlocutor 3: Pelas minhas experiências, eu me considero um homem gay. Eu tive apenas uma experiência com uma menina e nós somos amigos até hoje. Entretanto, não foi algo que aconteceu posteriormente. Todos os meus relacionamentos, envolvimento afetivo-sexual, sempre foram com homens.

Pesquisador: Como é para você ser um estudante gay em uma universidade brasileira hoje?

Interlocutor 3: Eu não posso falar que é extremamente difícil. Até porque eu tive acesso a muitas coisas, meus pais sempre me incentivaram a estudar. Então, ingressar na faculdade não foi algo com muitos obstáculos. Mas acho que a carga psicológica de estar dentro de um ambiente como a universidade por si só já é densa. Principalmente para mim que concluí o ensino médio e, em seguida, ingressei na faculdade e por às vezes não sentir que existam pessoas que se assemelham a mim de alguma forma. Isso é triste até para construção de laços, de entendimento em várias nuances dentro da faculdade.

Pesquisador: Fala-me um pouco sobre essa sua percepção de que estar na faculdade é algo denso e sobre a falta de laços com pessoas semelhantes...

Interlocutor 3: Quando eu ingressei na faculdade, lembro-me do primeiro dia. Todos pareciam estar bem mais enturmados e os veteranos interagiam tranquilamente com as outras pessoas. Recordo que tive um coffeebreak no intervalo das palestras e eu fiquei isolado até alguém vir conversar comigo. Por um bom tempo foi assim que as coisas se desenrolaram, as pessoas tiveram que vir até mim, perceber que eu estava sendo o outsider da turma para que eu pudesse ser incluído de alguma forma e desenvolver alguma relação de amizade ou coleguismo.

Isso já me deixava um pouco arredio e também até para compartilhar conhecimento, às vezes alguém está mais avançado ou tem um entendimento melhor num determinado assunto... Por conta disso eu não conseguia, essa cortina entre eu e as pessoas atrapalhava um pouco em progredir no curso.

Pesquisador: Você percebe que a sua orientação sexual atrapalhou essas relações?

Interlocutor 3: Acho que um pouco, pois em diversos momentos, por exemplo, quando tinha alguma festa na faculdade, se fosse para contar com a minha presença as pessoas me procuravam, mas se fosse algo mais sério como estudar ninguém me procurava. De certa forma me contatava apenas quando percebiam que teriam vantagem com isso, por exemplo, caso eu estivesse mais avançado em alguns tópicos da matéria. Mas depois ninguém procurava... Como: - Ah! Vamos resolver uma lista de exercícios juntos? E isso acontece até hoje próximo de concluir o curso.

Pesquisador: Então, você sente que seus colegas costumam se relacionar com

você de uma forma utilitarista...

Interlocutor 3: Exatamente.

Pesquisador: É como se eles não ti enxergasse como pessoa de fato?

Interlocutor 3: Sim, como se talvez meu rendimento acadêmico não fosse visto e as pessoas não dessem valor as coisas que eu consigo produzir.

Pesquisador: Você também falou que sente falta de uma maior conectividade, de construir laços com pessoas semelhantes. Na sua sala tem outras pessoas LGBT: gays, lésbicas, bissexuais...

Interlocutor 3: Na minha turma tinham dois rapazes bissexuais, mas eles não demonstravam isso. Tanto que um deles faz bullying comigo por eu ser abertamente homossexual e o outro sempre foi super tranquilo, inclusive até ficamos uma vez, mas tinha que ser algo escondido, pois ele tinha receio das reações de outras pessoas – porque poderiam perseguir ele por ter beijado outro menino ainda mais na faculdade. Então, não são pessoas que expõem isso. O que é totalmente respeitável e entendível. Mas acho que da minha sala a única pessoa com uma orientação sexual diferente de heterossexual... as pessoas olhariam para mim de alguma forma.

Pesquisador: A sua orientação sexual na faculdade é pública? As pessoas sabem que você é gay...

Interlocutor 3: Sim, todos sabem.

Pesquisador: Você diria que o seu curso é um ambiente seguro para um menino

gay e uma menina Lésbicaestar?

Interlocutor 3: Não posso falar que não é seguro, mas também não posso dizer que é confortável. Uma amiga minha bissexual, veterana, saiu do curso por não saber lidar com a carga psicológica e eu sentia isso que, para nós era mais denso, difícil de progredir. Por várias vezes pensei em desistir, por me sentir destoante do ambiente pelo rendimento ou por não ter características semelhantes aos meus colegas. Assim, poderia dizer que tem limites de segurança...

Pesquisador: Quais são essas características que ti afastam desses colegas?

Interlocutor 3: Agora é difícil de listar, parece que às vezes me enxergam como uma pessoa “descomportada”: que fala alto o tempo todo, leva tudo na brincadeira e eu vejo que tem gente com um viés muito mais sério.

Pesquisador: Mas você se identifica como essa pessoa mais extrovertida, menos séria...

Interlocutor 3: Existem momentos. Com aqueles que têm proximidade sou mais extrovertido, porque o aprofundamento da relação dar esse espaço, mas também tem momentos que fico mais na minha, que não sou extremamente comunicativo, risonho. Eu sei dosar, não que eu seja esse tipo de pessoa todo o tempo.

Pesquisador: Porque você acha que apesar de você ter essa compreensão, consciência sobre você como uma pessoa que na verdade transita... Porque você acha que seus colegas de turma tem essa visão de que você é barulhento e extrovertido demais?

Interlocutor 3: Não sei... Acho que a partir de certo momento, que eu percebia

que se eu não impuser-me de certa forma, eu poderia ficar na “berlinda” aos olhos de muita gente... Então, eu fui levando as coisas de uma forma caricata e as pessoas conseguiam me enxergar. Entretanto, parece que num momento de descontração elas só enxergavam aquilo, esqueciam o resto e não queriam aprofundar mais a relação.

Pesquisador: Você acha que essa percepção tem relação com homofobia?

Interlocutor 3: Acho que sim. Óbvio que eu sei que muitas vezes é inconsciente, mas acredito que tenha uma ligação. Por exemplo: quando uma menina queria um amigo gay para parecer descolada eu era aceito, mas em outras situações nem tanto.

Pesquisador: Você consegue dar exemplo dessas situações em que você não costuma ser aceito?

Interlocutor 3: Sim, quando não era uma coisa ligada a parte acadêmica, de estudos, uma amiga minha recorria a mim convidando para ir a festas e quando eu a procurava para fazer grupos de estudos ela dizia que já tinha. Teve situações que eu fui retirado do grupo dela sem ser informado. Esses certos boicotes por parte dela e outras pessoas foi muito significativo, pois eu acabava restando principalmente em atividades em grupo.

Pesquisador: O seu curso é mais heterossexual?

Interlocutor 3: Sim, percebo que a maioria se identifica assim. A maioria dos casais que vemos na faculdade é heterossexual. Então, posso falar que pessoas os que não são hétero são minoria.

Pesquisador: Quando você olha para o cenário da universidade - estendendo o olhar para fora do seu curso

- como é essa vivência universitária na sua avaliação? Como é ser gay na UNESP para além do curso de engenharia ambiental...

Interlocutor 3: Dentro do meu curso vejo que não é tão diverso, não tem tanto espaço. Mas em outros cursos vejo que tem pessoas que se identificam mais como nas áreas humanas, não sei se seria um estereótipo, mas percebo que esses ambientes pelo menos demonstram ser mais acolhedores com trocas com outras pessoas.

Pesquisador: Mas as suas relações não se estendem para além da engenharia ambiental... Você não está em nenhum grupo?

Interlocutor 3: Eu tentei entrar, mas pelo tempo não consegui ir e participar efetivamente. Tanto é que depois dessa curta participação, eu nunca mais voltei. Aqui em São José dos Campos são dois campi: engenharia, no extremo leste da cidade e odontologia no centro. Eu moro próximo ao da engenharia (zona leste) e na época não tinha carro. Além disso, eu tinha problemas com o horário porque ficava muito tempo no ônibus e, por isso, acabei não participando.

Pesquisador: Parece-me que tendo em vista esse cenário e as situações que você vive especificamente no seu curso, às vezes você se sente desmotivado emocionalmente, desfortalecido. Minha dúvida seria entender se isso afeta o seu percurso acadêmico: desempenho, engajamento com as disciplinas do curso. Se nesses momentos que você se sente mais excluído, você tira notas mais baixas... Como é isso para você?

Acho que você acertou bem na parte de desmotivação emocional. Em momentos que eu estava muito descarregado emocionalmente, por vezes eu

faltava com mais frequência. Eu sentava para estudar e não conseguia focar, estudava para as provas e tinha crises de ansiedade. Das 8 horas que precisamos dormir por dia, ficava 6h acordado durante a noite e no dia seguinte ter provas finais...

Então, isso sempre me prendeu muito na questão do desenvolvimento e eu sempre pensava que esse momento fosse chegar e geralmente era quando as coisas acirravam como em períodos de encerramento de notas, semestre... muitas vezes ou eu desaparecia da faculdade ou chegava muito atrasado, parecendo um “caco” dentro da sala de aula e foi assim por um bom tempo.

Só começou a melhorar nesse ano quando comecei a terapia e, então, vamos aprendendo a identificar e lidar com esses momentos e trabalhar melhor nisso.

Pesquisador: O que você tem aplicado para lidar com essas situações? O que você vem aprendendo para enfrentar os desafios da universidade?

Interlocutor 3: Principalmente não me comparar tanto com os outros. Porque muitas vezes por não ter aprofundamento com as pessoas e só ver o mínimo que eles mostravam dentro da sala de aula, parecia que eu era um fracasso, uma farsa que não devia está ali.

Sendo que eu vi que não. À medida que eu fui conseguindo ter uma relação mais saudável com isso, vi que todos estavam apanhando. A questão era algumas pessoas não demonstravam tanto.

Outra coisa foi saber respeitar meu tempo. Porque que muitas vezes achava que tinha que demonstrar uma eficiência maior que as pessoas para mostrar que era capaz e merecedor de está ali e, agora, tenho gerido melhor isso tudo e me dado mais descanso entre as tarefas e não entrado num ritmo tão intenso de entrega ou de trabalho.

Pesquisador: Sobre a possibilidade de voltar a fazer parte de grupos é algo que te apetece?

Interlocutor 3: Eu até tenho interesse, mas eu ainda fico com um pouco dessa mentalidade de que não devia está ali ou que minha contribuição não vai ser suficiente ou boa o bastante.

Pesquisador: Isso sobre os grupos do seu curso, das pessoas da sua sala... Mas você ainda tem interesse de fazer parte dos coletivos LGBT da sua universidade?

Interlocutor 3: Tenho muita vontade, mas ainda acho que mesmo nesses espaços em que o acolhimento possa ser maior eu ainda ia me sentir mal. Porque acharia que minha participação seria boa.

Pesquisador: Você acrescentaria mais algum acontecimento nessa sua percepção e avaliação sobre como é ser gay na universidade?

Interlocutor 3: Acho que tudo que eu poderia falar, eu já falei.

Pesquisador: Renan, a sensação que eu fui tendo com o decorrer da entrevista. Ao passo que fomos entrando em algumas restrições emocionais, você ficou desconfortável. Queria saber como você está se sentindo agora depois de me contar todas essas vivências que eu sei que são doloridas...

Interlocutor 3: Por várias vezes deu pra perceber que eu queria chorar, mas me segurei. Agora vejo com outros olhos e acho que consigo ver que superei de certa forma. Agora é recompensador ver que consegui transpor tudo e seguir em frente do meu jeito, apesar de alguns entraves.

Entrevista com o Interlocutor 4 - Marsha

Pesquisador: Marsha, qual a sua idade, de que onde você fala, que curso você faz e qual a sua orientaçãoafetivo-sexual?

Interlocutor 4: Eu tenho 27 anos e eu sou de (informação omitida), interior de (informação omitida). Curso psicologia e atualmente eu estou no terceiro ano indo para o quarto. Já sou formado em letras e sou professore me considero uma pessoa homossexual. Então, sou gay. Além disso, recentemente compreendi que sou uma pessoa não binária.

Pesquisador: Eu me refiro a você por qual pronome?

Interlocutor 4: Qualquer pronome: ele, ela, dele, dela. O que vier na sua cabeça.

Pesquisador: Como é ser uma pessoa gay dentro de uma universidade brasileira hoje?

Interlocutor 4: É algo bem complicado, principalmente quando nós vamos pensar em questão dos cursos. Há cursos que nós nos sentimos um pouco mais acolhidos, bem-vindos. Então, na psicologia foi esse o caso, me senti mais acolhido, mais respeitado. Acho que por ser esse universo em que nós vamos lidar com o outro.No curso de letras também. Lá, eu tinha mais colegas mulheres, então acho que há uma maior aceitação nesse caso, mas é sempre de fato uma questão, ainda mais por eu ser uma gay afeminada. Então, essas coisas acabam influenciando. Sempre vai ter aquela pessoa que pode olhar para você porque você está maquiado ou não e sempre vai ter alguém que pode olhar de uma forma diferente. Eu percebo isso em toda minha vivência, de que sempre parece que é necessário que a gente comprove um pouco mais do que pessoas héteros,

cis...

Mas principalmente pessoas héteros. Parece que nós temos que comprovar um pouco mais como, por exemplo, — Olha, também sou capaz e minha orientação sexual não tem nada a ver com a minha inteligência ou com a minha capacidade. Enfim, no ambiente universitário depende bastante.

Pesquisador: A sua performance de gênero é mais feminina na universidade?

Interlocutor 4: Depende. Como me entendo como uma pessoa não binária, então é muito do dia. Enquanto em um dia eu posso estar performando uma imagem um pouco mais masculino em outro pode ser um pouco mais feminina. Então, depende muito do dia, mas geralmente é mais voltada para a feminilidade. Nunca estou naquelas naqueles moldes da masculinidade de fato, sempre tem alguma performance apontada para a feminilidade.

Pesquisador: Você ver alguma diferença na maneira de como as pessoas se relacionam com você devido essa variação de performance?

Interlocutor 4: Com certeza! As pessoas costumam ter diferentes olhares para a gente. Se eu estou performando algo mais masculino, é um tipo de olhar, tratamento, pessoa e público que vai falar comigo. Agora se estou performando algo mais feminino é outro tipo de pessoa e olhar. Quando estou performando essa “área do feminino” ocorrem desde olhares mais curiosos com: — O que é isso? Esse homem vestido de mulher e, ao mesmo tempo, é uma questão de preconceito. Há olhares de julgamento principalmente de héteros e pessoas mais velhas.

Então, é um lugar muito complicado e existe sim uma diferença de tratamento muito grande, por isso que eu faço questão de impor-me e exigir o mínimo de respeito.

Pesquisador: E como é essa exigência de respeito?

Interlocutor 4: Ao longo da minha vida eu nunca passei por uma agressão física, por exemplo, por ser uma pessoa LGBT, mas eu já passei por diversos abusos verbais e psicológicos:

- Olha, você é tão bonito por que você tá usando maquiagem?
- Você é tão bonito por que sua unha está grande e pintada?
- Você é tão bonito, não precisa usar tal roupa.
- Nossa, e esse anel?

Já encrencaram comigo por causa de um anel, por causa de uma coisa muito simbólica, muito pequena. Então, a partir desses lugares, eu construí em mim essa exigência de que eu vou me fazer ser respeitada, não interessa. Isso é confundido até muitas vezes com um lugar de prepotência ou nariz empinado e não é! Isso é uma defesa da pessoa LGBT, de quem performa uma feminilidade em um ambiente hetero cis normativo. Logo, eu me imponho, não aceito que falem ou façam piadas.

É lógico que isso depende. Caso eu esteja em um bar lotado de pessoas héteros, claro que eu vou ficar bem mais recluso, com medo. Mas em ambientes que eu sei que posso me afirmar enquanto pessoa LGBT, sem correr tanto risco de vida, pois infelizmente isso ocorre... Há ambientes em que a gente corre sim risco de vida, que nós podemos morrer devido alguma intolerância seja homofobia, transfobia, ou seja, o que for...Então, nesses ambientes eu me imponho, exijo respeito, corrijo pessoas devido à falas homofóbicas ou LGBTfóbicas... Enfim, são nesses lugares que eu exijo respeito.

Pesquisador: A instituição de ensino que você cursa psicologia é pública ou privada?

Interlocutor 4: Privada

Pesquisador: O curso de letras foi na instituição privada também?

Interlocutor 4: Sim, na mesma instituição.

Pesquisador: Em contato com seus amigos que estudam em universidades públicas, você sente diferença entre a experiência de ser homossexual em uma IES pública e privada?

Interlocutor 4: Sim. Eu percebo que nas universidades públicas, com amigos e amigas que estudam lá, existe muito mais essa aceitação, há esse trabalho de compreender o lugar do outro, de pessoas LGBT, pretas, Trans, PCD... Enfim, há muito mais esse lugar de empatia, de olhar para o outro do que em universidade particular. Como estou no meu segundo curso nessa universidade, vejo que não há tanta essa preocupação, não só por parte dos alunos como também por parte do corpo docente. É o que eu percebo, por exemplo, ainda há pessoas que usam o termo homossexualismo na psicologia. — Como assim utilizando o termo homossexualismo em 2021 e fazendo psicologia... Pessoas essas que se formarão psicólogas! Então, como que é isso?

Quando eu falo uma pessoa, estou me referindo tanto aos alunos como professores. Percebo que as dúvidas dessas pessoas ainda são, a meu ver, muito básicas. Não é sobre não compreender direito uma pessoa não binária, pessoas trans e outras dúvidas mais pontuais e que está tudo bem em tê-las. Até nós, pessoas LGBT, às vezes falamos: — Calma aí, deixa eu entender melhor o que é isso para poder explicar.

Muitos colegas ainda não entendem, por exemplo, o que é uma bissexualidade. Elas partem de um preconceito de que uma bissexualidade vem de um lugar de indecisão. Como eu disse ainda usam o termo homossexualismo e pensam que se uma pessoa que é gay cis quer ser mulher apenas por que

pintou a unha. E não é isso! Então, ainda há essas dúvidas, esses lugares ainda muito confusos e de muito incômodo na universidade particular. Pelo menos na que eu faço e que sinto que ao conversar com os colegas das universidades públicas as discussões já estão um pouco mais aprofundadas, já estão indo para outros lugares.

Pesquisador: Pensando na sua experiência, enquanto pessoa homossexual na universidade brasileira, você consegue citar exemplos específicos que você tenha interpretado e avalie como homofóbicos?

Interlocutor 4: Claro. Uma vez, uma professora de letras olhou para mim na frente da sala. Era uma sala pequena de 10 pessoas, e disse: — É um desperdício você ser gay porque as mulheres poderiam... Você é tão bonito e as mulheres poderiam... Enfim... Ela falou isso na frente de várias pessoas, ela chegou a falar na frente da minha antiga orientadora de letras, a minha orientadora ficou extremamente desconfortável com isso e eu diante dessa situação, dessa violência porque que eu considerei isso uma violência, apesar de eu conseguir confrontar... Há certas violências que a gente realmente fica estagnada que a gente não consegue...

...a gente se pergunta: — Isso está acontecendo mesmo em um ambiente Universitário? Isso partiu mesmo da professora para mim?

Então, a professora considerar que eu sou um desperdício e que a minha orientação sexual é um desperdício... e que tem a ver com ela? Porque eu sou bonito ou não, tanto faz... Enfim... Isso eu não quis levar a frente, pensei em levar a para coordenação, direção, mas eu preferi deixar isso para lá. Esse é um fato que ocorreu e que ficou marcado. Eu não percebo outros assim tão marcantes, mas esse foi um que realmente me marcou porque eu achei um extremo absurdo uma professora graduada e que se diz super feminista, estudante de Pagu e de todas as correntes feministas, “pró da causa LGBT” e

dizer algo como isso. Então, é realmente chocante.

Pesquisador: Alguma cena específica com seus colegas? Não apenas dos cursos de psicologias ou letras, mas dos corredores, do cotidiano da faculdade?

Interlocutor 4: Isso eu já não percebo tanto porque como eu disse eu exijo respeito e eu faço questão de me relacionar e ter alguma espécie de um relacionamento com pessoas que vão me aceitar e de que tenham um mínimo de respeito com quem eu sou e com o que eu performo. Então, eu acabo desligando a chavinha de que se têm pessoas falando ou não de mim, sejam colegas, não me interessa essa opinião deles porque se eles estão distantes e se são apenas colegas, estão apenas na mesma sala que eu, pouco me importa.

Como eu disse se são ainda colegas que ainda usam o termo homossexualismo apesar de ser professor e ser futuro psicólogo, tem momentos que eu falo assim: — Eu não vou perder meu tempo com isso, eu não vou, me recuso... E, então, eu simplesmente não perco meu tempo e aí quando as pessoas que estão mais próximas a mim eu não me lembro de nenhuma cena específica, por enquanto, mas sempre pode acontecer infelizmente.

Pesquisador: Eu não pude deixar de notar que você tem um trabalho ligado a maquiagem... Você traz essa relação com a maquiagem para a faculdade? Você vai maquiado para a universidade?

Interlocutor 4: Vou. Não sempre porque “bate” a preguiça, mas sempre que tem alguma ocasião ou que eu fale assim: — Hoje eu estou a fim. Eu vou maquiada sem o menor problema e é muito gostoso, eu me sinto muito bem quando estou maquiada, me sinto muito feliz. Mas eu tenho plena ciência de que quando vou maquiada é um lugar diferente. Como eu já disse anteriormente, eu sei que atrairei olhares espantosos, curiosos, atrairei elogios também...

Então, para ir maquiada a universidade eu preciso estar num dia muito bem comigo porque acontece que, por mais que eu tenha uma força, que eu consiga resistir...

Existem dias que eu consigo ir maquiada e, caso alguém fale algo, nem ouço e está tudo bem, mas há dias que se eu for minimamente maquiada e uma pessoa olhar um pouco estranho para mim isso já me desmorona e eu não tenho condições de ficar naquele ambiente, pois eu começo a me sentir incomodado.

Então, eu vou maquiada, mas sempre que eu saio de casa é sabendo que tudo pode acontecer. Logo, eu vou preparado para isso. E como eu disse, depende do dia. Tem dia que eu posso sair maquiado e nem perceber se alguém olhou estranho para mim ou não ou de alguma forma diferente e tem dia que cada olhar parece que é para mim, acho que é uma defesa natural de uma pessoa LGBT, principalmente da pessoa que é afeminado ou que usa dessa performatividade feminina.

Pesquisador: Na sua percepção existem fatores positivos na sua relação com a universidade pensando em parte que você é uma pessoa homossexual? Tem situações que ti protegem?

Interlocutor 4: Primeiro tem eu mesmo que me protejo e tem amigades que me auxiliam nessa proteção e que de certa forma protege. A universidade em si, não sinto, não é que a universidade também vai estar conivente com alguma forma de preconceito, LGBTfobia, mas eu não sinto uma prática, uma política voltada para o conhecimento e reconhecimento de pessoas LGBT tanto que como eu disse ainda existem docentes que usam do termo homossexualismo.

Então, como é que eu vou esperar de um docente que diz homossexualismo que vá de alguma forma me proteger ou conscientizar outras pessoas sobre. Então, eu não me sinto amparada pela universidade, mas eu

também não me sinto desamparada. Mas como boa parte das pessoas LGBT somos nós por nós mesmos. Então, se a gente não se proteger primeiro, se a gente não tiver uma corrente de amigos, familiares, colegas até que a gente possa se afiliar e falar assim: — Olha, estamos todas juntas aqui. Se for depender somente de um sistema como a universidade principalmente particular eu acho que eu não dependeria.

Pesquisador: Caio, pensando nesses relatos, você acrescentaria mais alguma experiência, alguma sensação, alguma descrição?

Interlocutor 4: Na verdade, com essas perguntas que você me fez, eu fico pensando se a universidade é de fato para todos e eu percebo que não, que não é, que tem todo um recorte social-político e não é um ambiente para todos mesmo. Para pessoas LGBT, ainda estamos desbravando estes caminhos e eu sei que ainda há na universidade colegas que começam a se compreender como bissexuais, por exemplo, e ainda é um caminho para eles, então é ser uma pessoa gay, uma não-binária afeminada... Enfim... - gêneros e rótulos - é de fato algo muito revolucionário. Porque pelo menos na minha sala, que eu saiba, até porque a gente não sabe da subjetividade do outro, eu sou a única pessoa gay assumida. Eu não sei se há outra pessoa não binária próxima a mim, no meu curso de psicologia, pode existir e eu também não saiba, mas eu sei que na minha universidade enquanto uma pessoa que usa de vestimentas femininas, maquiagem, um menino que se maquia, um homem que se maquia – tanto faz – eu só vi a mim nesses últimos três anos. Eu não vi outro homem maquiado, só mulheres e eu já fui com roupas femininas, maquiagem e unha pintada e eu só percebi a mim... Isso tanto em letras quanto em psicologia. Então, realmente esse recorte da Universidade é para Todos, depende, eu acho que é para todos principalmente se fizerem parte da questão branca, heterocisnorma.

Pesquisador: Você falou que mora em (informação omitida)... Qual o nome da instituição que você estudaem (informação omitida)?

Interlocutor 4: Universidade de (informação omitida).